LERY

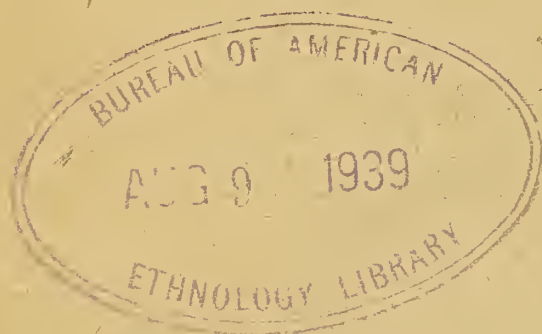
VIAGEM
AO BRASIL

LIVRARIA J. LEITE

(Jean)
JOÃO DE LERY

Historia de uma Viagem feita á Terra do Brasil

Traduzida por
TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

RIO DE JANEIRO
1889

ISTORIA DE UMA VIAGEM FEITA Á TERRA DO BRAZIL

POR

JOÃO DE LERI

TRADUZIDA EM LINGUAGEM VERNACULA

POR

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

E OFERECIDA AO

Instituto Istorico e Geografico Brazileiro

ADVERTENCIA

A obra de João de Leri foi publicada em 1578, sendo por isso escrita em francez do antigo estilo ; dahi vem, que está em linguagem antiquada, xeia de termos obsoletos, de transpozições repetidas, e periodos longos.

A leitura pois da obra exige frequentemente o uzo dos dicionarios antigos para os termos dezuzados, e é penoza por necessitar o leitor de constante atenção para compreender o sentido d'esses periodos interrompidos por continuados ipérbatos.

Esta obra é um dos primeiros monumentos graficos da nossa istoria primitiva, e convem encorporal-a ao nosso peculio istorico d'esses tempos do primevo descobrimento da nossa terra, e essa encorporação convem fazer na lingua nacional.

Por isso pareceo-me, que faria serviço aproveitavel, traduzindo em linguagem vernacula a *Istoria de uma viagem feita á terra do Brazil* por João de Leri.

Alem dos termos obsoletos e das transpozições, o estilo irregular do autor dificulta a inteligencia do testo, e exige acurada atenção e a repetição da leitura para combinar os periodos e perceber o sentido das orações.

Quem duvidar do que dizemos procure o original francez, e leia ; e estou certo, que terá repetidamente de parar na leitura para refletir, organizar a locução, e comprehender o sentido d'essa frazeologia antiquada e d'esse estilo incorreto e xeio de continuadas transpozições, que perturbam a clareza do pensamento, e interrompem a propozição principal com incidentes e circunstancias numerozas, cuja multiplicidade escurece e baralha as idéas, que se vam deduzindo no discurso.

A tradução facilita ao leitor nacional a leitura, e ficarei satisfeito do enfadonho trabalho, a que me dei, si com efeito assim suceder.

Procurei seguir o testo com escrupulo, e ser exáto na interpretação do pensamento do autor.

Si alguem de futuro quizer confrontar a tradução e o original, corrigirá qualquer desvio, que eu tenha porventura cometido, fazendo serviço ás letras patrias.

Darei tambem a tradução das obras de Hans Staden, Andre Tevet, e Alvaro Nunes Cabeça de Vaca como documentos primitivos da nossa istoria.

Varias cronicas temos dos primeiros vizitantes da nossa terra escritas em lingua estranha, e parece-me, que util seria passal-as todas para a linguagem patria. Ja o nosso prestimozo consocio doutor Cezar Augusto Marques traduzio e publicou os trabalhos de Claudio de Abeville e Ivo d'Ivreux, padres francezes, que vieram ao Maranhão nos primeiros tempos de seo descobrimento, e bom seria, que outros imitassem tam louvavel empenho.

O primeiro escreveo a *Istoria da missão dos padres capuxinhos na ilha do Maranhão ;* o segundo publicou a *Viagem ao norte do Brazil.*

O doutor Jozé Igino Duarte Pereira, nosso ilustrado consocio, tem feito bom serviço ao estudo da istoria patria, traduzindo varios documentos relativos ao tempo do dominio olandez em Pernambuco, e fazemos votos para que ele prosiga em tão meritoria empreza.

Os escritores primitivos tem maior graça, e nos dam melhor idéa das couzas, que viram e descreveram, do que os subsequentes expozitores, que ja escreveram extratando das obras originaes.

Falta sensivel é ainda não termos no idioma nacional obras como a de Gaspar Barleo sobre o governo do Conde de Nassau em Pernambuco (*Res Brasiliæ imperante Comite Joanne Mauritio*) e outras de incontrastavel merecimento e valor para o conhecimento da istoria de nossa patria.

Rio 5 de Agosto de 1887.

T. Alencar Araripe.

Istoria de uma viagem feita á terra do Brazil

POR JOÃO DE LERI

CAPITULO I

Motivo e ocazião, que nos fez empreender esta longinqua viagem á terra do Brazil

§ 1. Como alguns cosmografos e outros istoriadores do nosso tempo já escreveram sobre o comprimento, largueza, formozura e fertilidade d'esta quarta parte do mundo, xamada America ou terra do Brazil, e tambem sobre as ilhas proximas e terras adjacentes inteiramente desconhecidas dos antigos, e sobre diversas navegações, que para ahi se fizeram n'estes primeiros 80 annos depois do seo descobrimento, não me demorarei em tratar d'este argumento com extensão e generalidades ; minha intenção e meo objeto será n'esta istoria sómente declarar o que pratiquei, vi, ouvi e observei, quer no mar e em terra, indo e vindo, quer entre os selvagens americanos, no meio dos quaes andei e vivi quazi um anno.

E afim de que tudo seja melhormente conhecido e entendido de cada leitor, começando pelo motivo, que nos levou a empreender tam penoza e longinqua viagem, direi brevemente qual foi a ocazião d'ela.

§ 2. No anno de 1555 um fulano Nicoláo de Villegagnon, cavaleiro da ordem de Malta, tambem conhecida por ordem de São João de Jeruzalém, desgostozo da França, e axando-se tambem descontente da Bretanha, onde então rezidia, manifestou em diversos lugares do reino

de França a varios personagens notaveis de todas as graduações, que desde muito tempo não só tinha extremo dezejo de retirar-se para algum paiz longinquo, onde podesse livre e puramente servir a Deus, conforme a reforma do Evangelho, mas tambem que dezejava ahi preparar pouzo para todos aqueles que quizessem para ahi retirar-se com o fim de evitar perseguições; as quaes de fato eram taes, que n'esse tempo muitas pessoas, de todos os sexos e condições, eram em todos os lugares do reino, por edictos do rei e por decizões dos parlamentos, queimadas vivas, sendo seos bens confiscados, por cauza de religião.

Declarava além d'isso Nicoláo de Villegagnon, tanto vocalmente a aqueles que viviam perto d'ele, como por cartas que dirigia a alguns particulares, que tinha ouvido falar e referir tam bôas noticias da formozura e fertilidade da parte da America xamada terra do Brazil, que, para abituar-se ahi e efectuar o seo dezignio, tomaria de bôamente este caminho.

§ 3. E de fato sob este pretesto conseguio a vontade de alguns grandes senhores da religião reformada, os quaes dominados pelo mesmo aféto, que ele dizia ter, dezejavam axar similhante refugio: entre estes figurava o finado senhor Gaspar de Coligni, de feliz memoria, almirante de França, o qual, bem visto e bem aceito, como era, do rei Enrique Segundo, então reinante, reprezentou, que si Nicoláo de Villegagnon fizesse essa viagem, poderia descobrir muitas riquezas e outras comodidades em proveito do reino; em vista do que mandou-lhe o rei dar dois bons navios aparelhados e providos de artilharia, e dez mil francos para os gastos da viagem.

Assim Nicoláo de Villegagnon, antes de partir de França, prometeo a alguns onrados personagens, que o acompanharam, que estabeleceria puro serviço de Deus no lugar em que rezidisse, e depois de prover-se de marinheiros e artistas, que trouxe comsigo, no mez de Maio do dito anno de 1555, sahio ao mar, onde sofreo muitas tormentas; mas emfim, não obstante todas as dificuldades, em Novembro seguinte xegou ao dito paiz.

§ 4. Xegado alli, dezembarcou e tratou primeiramente de alojar-se em um roxêdo na embocadura de um braço de mar ou rio d'agua salgada, xamado pelos indigenas *Guanabára*, o qual (como em lugar competente descreverei) fica aos 23 gráos alem do equador, isto é, quazi debaixo do tropico do Capricornio; porem as ondas do mar dali o expeliram.

Assim foi constrangido a retirar-se dali, avançou quazi uma legoa buscando as terras, e acomodou-se em uma ilha antes dezabitada, na qual, tendo dezembarcado a artilharia e demais bagagem, começou a construir uma fortificação, afim de ficar em maior segurança, tanto contra os selvagens como contra os Portuguezes, que viajam e já têm fortalezas n'esse paiz.

§ 5. Ora dahi, fingindo sempre arder em zelo por adiantar o reino de Jezus Cristo, e persuadindo-o com empenho á sua gente, quando os seos navios ficaram carregados e prestes para regressar á França, escreveo e mandou em um d'eles expressamente uma pessoa a Genebra, requizítando igreja e ministros do dito lugar para o ajudarem e socorrer, quanto lhes fosse possivel, n'esta sua tam santa empreza.

Mas sobretudo afim de proseguir e avançar com diligencia na obra, que empreendera, e que dezejava, conforme dizia, continuar com todas as suas forças, pedia instantemente não só que lhe enviassem ministros da palavra de Deos, mas tambem que, para melhormente reformar a si e a sua gente, e para xamar os selvagens ao conhecimento da sua salvação, algumas outras pessoas bem instruidas na religião cristan acompanhassem os ditos ministros, afim de virem ter com ele.

§ 6. A igreja de Genebra, recebidas as suas cartas e ouvidas as suas noticias, rendeo primeiramente graças a Deos pela amplificação do reino de Jezus Cristo em paiz tam longinquo, em terra estranha e no meio de uma nação, que inteiramente ignorava o verdadeiro Deos.

Depois, para satisfazer a requizição de Nicoláo de Villegagnon, o finado senhor almirante, a quem para o mesmo efeito tambem escrevera, solicitou por cartas

a Filipe de Corguillerai, senhor Dupont (que avia-se retirado para perto de Genebra, e fôra seo vizinho em França, perto de Chastillon sur Loing)para empreender a viagem, afim de dirigir aqueles que se quizessem encaminhar para Nicoláo de Villegagnon n'essa terra do Brazil. O dito senhor Dupont foi tambem solicitado pela igreja e pelos ministros de Genebra, embora já fosse velho e caduco; mas ainda animado pelo grande dezejo que tinha de empregar-se em tam boa obra, e pospondo e abandonando todos os outros seos negocios, e até deixando seos filhos e sua familia para ir para tam longe, accedeo em fazer o que lhe requeriam.

§ 7. Feito isto, tratou-se em segundo lugar de axar ministros da palavra de Deos. Portanto depois que Dupont e outros seos amigos falaram a alguns escolares, que então estudavam teologia em Genebra, os ministros Pedro Richier, já idozo, tendo então 50 annos, e Guilherme Chartier lhe prometeram, que, no cazo de se conhecer por via ordinaria da igreja, que eles eram aptos para esse encargo, estavam prontos para dezempenhal-o.

Assim depois que estes dous sacerdotes aprezentaram-se aos ministros de Genebra, que os ouviram sobre a expozição de certas passagens da Escritura-santa, e os exortaram acerca dos demais deveres, voluntariamente aceitaram, com o seo condutor Dupont, transpor o mar para irem ter com Nicoláo de Villegágnon, afim de anunciarem o Evangelho n'America.

§ 8. Ora, faltava ainda axar outros personagens instruidos nos principaes pontos da fé, e tambem artistas peritos nas suas artes, como Nicoláo de Villegagnon pedia; mas para a ninguem iludir, Dupont alem de declarar o longo e fastidiozo caminho, que convinha fazer, a saber, quazi 150 legoas por terra, e mais de 2.000 por mar, acrecentava, que, xegando a essa terra da America, cumpria contentar-se com o alimento de certa farinha feita de raizes, em lugar de pão, e quanto a vinho, nem noticias d'ele, pois ahi não crece a parreira; emfim dizia, que como em novo mundo (conforme advertia a carta de Nicoláo de Villegagnon) conviria uzar ahi de modo de vida e de viandas inteiramente diferente dos da nossa Europa:

todos aqueles, digo eu, que amavam mais a teoria do que a pratica d'essas couzas, e não apeteciam mudar de ares, nem suportar as ondas do mar e o calor da zona torrida, nem ver o pólo antartico, não quizeram entrar em liça, nem alistar-se, nem embarcar-se em tal víagem.

§ 9. Todavia depois de muitos convites e solicitações por todos os lados, alguns, como me parece, mais corajozos do que os outros, aprezentaram-se para acompanhar a Dupont, Pedro Richier e Guilherme Chartier, e esses foram: Pedro Bordon, Mateos Verneuil, João du Bordel, André Lafon, Nicoláo Denis, João Gardien, Martin David, Nicoláo Raviquet, Nicoláo Carmeau, Tiago Rousseau, e eu João de Leri, que, tanto pela bôa vontade que Deos me déra para servir á sua gloria, como por curiozo de ver o novo mundo, fiz parte da comitiva ; de sorte que fômos em numero de 14 os que partimos da cidade de Genebra aos 16 de Setembro do anno de 1556.

Seguimos e fômos passar por Chastillon sur Loing, no qual lugar axamos o senhor almirante, e este não só nos encorajou cada vez mais a proseguir na nossa empreza, mas tambem fez promessa de nos coadjuvar pelo lado da marinha ; e aprezentando muitas razões, deu-nos esperança de que Deos nos concederia a graça de vermos o fruto do nosso trabalho.

§ 10. Encaminhamos-nos dahi para Paris, onde, durante um mez em que ahi permanecemos, alguns gentis omens e outras pessoas, advertidas do motivo da nossa viagem, reuniram-se á nossa companhia.

Dahi passamos a Rouen, e dirigindo-nos a Onfleur, porto de mar, que nos era assinalado no paiz da Normandia, ahi fizemos os nossos preparativos, esperamos, que se aprestassem os nossos navios para a partida, e demoramos-nos quazi um mez.

CAPITULO II

Nosso embarque no porto de Onfleur, paiz da Normandia, tormentas, encontros, prezas de navios, primeiras terras e ilhas que descobrimos.

§ 1. Depois que o senhor de Bois le Conte, sobrinho de Nicoláo de Villegagnon, que antes de nós estava em Onfleur, ahi mandou, á custa do rei, aparelhar em guerra trez excelentes navios, fornecidos, como foram, de viveres e outras couzas para a viagem, aos 19 de Novembro embarcamos n'eles.

O dito senhor de Bois le Conte, que com cerca de 80 pessoas entre soldados e marujos estava em um dos navios xamado *Petite Roberge*, foi eleito nosso vice-almirante.

Eu embarquei em outro navio xamado *Grand Roberge*, no qual eramos ao todo 120 pessoas, e tinhamos por capitão o senhor de Santa Maria, apelidado Espine, e por mestre um tal João Humbert, de Onfleur, bom piloto, e experimentado na arte da navegação, como mostrou satisfatoriamente.

No outro barco, que xamava-se *Rosée*, em razão do nome de quem o conduzia, iam quazi 90 pessoas, incluzive seis rapazes, que levavamos para aprender a lingua dos selvagens, e cinco raparigas com uma matrona para as dirigir, as quaes foram as primeiras mulheres francezas vindas á terra do Brazil, cuja xegada cauzou extrema admiração aos selvagens d'esse paiz, que, como adiante veremos, nunca tinham visto damas vestidas.

§ 2. Assim n'esse mesmo dia quazi ao meio-dia damos vélas ao vento na sahida do porto de Onfleur; e as salvas belicas, trombetas, tambores, pifanos, e outras demonstrações festivas, que se costumam fazer aos navios de guerra, quando vam viajar, não nos faltaram.

Fomos primeiramente ancorar na enseada de Caulx, que está no mar uma legoa além de Havre de Grace; e la, conforme o costume dos marujos empreendedores de viagens em paizes remotos, depois de terem os mestres e

capitães feito revista e verificado o numero certo dos soldados e marinheiros, mandaram levantar ancora, e podemos á tarde penetrar no mar. Todavia como partio-se a amarra do navio, em que eu estava, por isso suspendeo-se a ancora com grande dificuldade, e sómente no dia seguinte podemos dezaferrar.

§ 3. No dito dia 20 de Novembro, deixando terra, começamos a navegar n'esse grande e impetuozo mar Oceano, e descobrimos e costeamos a Inglaterra, que deixamos á destra: e desde então perseguio-nos grande agitação das ondas por doze dias, durante os quaes, não obstante estarmos todos infermos da molestia abitual aos que andam no mar, nenhum de nós dirá, que não se sentisse muito assustado com tamanho movimento.

E de fato principalmente os que nunca tinham experimentado ares maritimos, nem dansado tal dansa, vendo o mar tam altaneiro e agitado, pensavam a cada golpe das ondas e a todo o momento, que as vagas nos fariam submergir. Na verdade é couza admiravel vêr, que um navio de madeira, por mais forte e maior que seja, possa assim rezistir ao furor de tam terrivel elemento.

§ 4. Pois embora os navios sejam construidos de madeira grossa, bem ligada, cavilhada e bem alcatroada, tendo aquele em que eu estava quazi oito toezas de comprimento e trez e meia de largura, o que é isso em comparação d'esse báratro, e d'essa largueza, profundidade e abismo d'agua, como é esse mar do poente?

Portanto sem amplificar mais este assunto, direi apenas de passagem, que não poderemos assás apreciar tanto em geral a arte da navegação como em particular a invenção da agulha de marear, com a qual nos dirigimos, e cujo uzo todavia não passa além de 250 annos, como escrevem alguns autores.

Fomos pois assim inquietados, e navegamos com grandes dificuldades até o decimo terceiro dia depois do nosso embarque, quando Deos aplacou as ondas e a tempestade do mar.

§ 5. No domingo seguinte encontramos dois navios mercantes de Inglaterra, que vinham da Espanha; os nossos marinheiros os abordaram, e como n'eles avia preza, por

pouco o deixaram de saquear. Conforme o que já dice, os nossos trez navios estavam bem providos de artilharia e outras munições de guerra ; por isso os nossos marinheiros mostravam-se altivos e fortes, quando navios mais fracos apareciam á sua dispozição, e não tinham por tanto segurança alguma.

E cumpre (pois vem a propozito), que eu diga aqui de passagem, que, n'este primeiro encontro de navio, vi praticar no mar o que mais frequentemente tambem se pratica em terra; a saber, que aquele que tem armas em punho e é mais forte, supera e dá leis ao companheiro.

Verdade é,que os senhores marinheiros, fazendo arriar velas, e aproximar os mizeros navios mercantes, alegam ordinariamente, que andam por muito tempo, forçados pelas tempestades e calmarias, sem poder tomar terra nem porto, e estam no mar necessitados de viveres, de que pedem para ser supridos, mediante pagamento.

§ 6. Si porém sem este pretesto podem pôr pé a bordo do vizinho, não pergunteis, si vam impedir o navio de afundar-se ; ali o descarregam de tudo quanto lhes parece bom e proveitozo.

E si por ventura alguem adverte (como de fato sempre o faziamos),que nenhuma ordem existe para assim saquearem indiferentemente amigos e inimigos, respondem com o estribilho comum dos nossos soldados de terra em cazo similhante, dizendo ser da guerra e de costume, e que portanto dezempenha o seo oficio quem segue os estilos.

§ 7. Além d'isso direi, á maneira de prefacio, bazeado em exemplos adiante expostos, que os Espanhóes, e ainda mais os Portuguezes, gabando-se de serem os primeiros descobridores da terra do Brazil, e tambem de todo o continente desde o estreito de Magalhães, que fica aos 50 gráos do lado do pólo antartico, até o Perú, e ainda áquem do equador, sustentam, que sam senhores d'esse paiz, e alegam, que os Francezes, que por ele viajam, sam uzurpadores; e por isso si os encontram no mar, e contam vantagem, fazem-lhes tal guerra, que xegam a ponto de os esfolar vivos, e dar-lhes outros generos de morte cruel.

Os Francezes, sustentando o contrario, afirmam, que têem parte n'esses paizes novamente conhecidos, e não cedem voluntariamente aos Espanhóes e menos aos Portuguezes, mas defendem-se valentemente, e muitas vezes dam o troco aos seos inimigos ; os quaes (falando sem jatancia) não ouzariam abordal-os nem atacal-os, si não se considerassem muito mais fortes e em maior numero de navios.

§ 8. Ora, voltando á nossa viagem, direi, que o mar continuou empolado, e esteve por espaço de seis ou sete dias tam rude, que não só vi por muitas vezes as vagas altearem-se e correrem por cima do convés do nosso navio, mas tambem rezamos todos nós o salmo 107 por cauza do furor das ondas, tinhamos desfalecidos os sentidos, cambaleavamos como ebrios, e o navio abalava tanto que não avia marinheiro, por mais veterano que fôsse, que se podesse conservar de pé.

E com efeito (como diz o mesmo salmo) quando d'este modo em tempo de tormenta no mar somos repentinamente levados ácima d'essas espantozas montanhas d'agua, que parece subirmos até o céo, entretanto subitamente decemos tam baixo, que parece querermos submergir-nos nos mais profundos abismos, subzistindo assim, digo eu, no meio de um milhão de sepulcros, não é vêr as grandes maravilhas de Deos ? E' bem certo, que sim.

§ 9. Como em consequencia de tal agitação das furiozas ondas o perigo muitas vezes aproxima-se dos embarcadiços tanto quanta é a espessura das taboas, de que sam construidos os navios, lembrei-me do poeta, que dice, que aqueles que andam no mar apenas distam da morte quatro dedos, e ás vezes menos ; por isso parafrazeei e amplifiquei, para mais expressa advertencia aos navegantes, os seguintes versos :

Quoy que par la mer par son onde bruyante,
Face herisser de peur cil qui la hante,
Ce nonobstant l'homme se fie au bois,
Qui d'espesseur n'a que quatre ou cinq doigts

De quoy est faict le vaisseau, que le porte
Ne voyant pas qu'il vit en telle sorte
Qu'il a la mort á quatre doigts de luy.
Reputer fol on peut donc bien celuy
Qui va sur mer, si en Dieu ne se fie,
Car c'est Dieu seul qui peut sauver sa vie.

§ 10. Depois de cessar a tempestade, aquele que torna o tempo calmo e tranquilo, quando-lhe apraz, mandou-nos vento galerno, xegamos ao mar de Espanha, e no quinto dia de Dezembro axamos-nos na altura do cabo de São-Vicente.

N'este logar encontramos um navio da Irlanda, no qual os nossos marinheiros, sob o pretesto já dito de falta de viveres, tomaram seis ou sete pipas de vinho de Espanha, figos, laranjas, e outras couzas, de que vinha carregado.

§ 11. Passados sete dias aproximamos-nos de trez ilhas, xamadas pelos pilotos da Normandiá Gracioza, Lancerote, e Forteaventura, que sam as ilhas Afortunados.

Prezentemente sam em numero de sete, conforme julgo, todas abitadas por Espanhóes; e embora marquem alguns nas suas cartas e ensimem nos seos livros, que estas ilhas Afortunadas estam situadas apenas em 11 gráos aquem do equador, e por consequencia, no entender d'eles, estariam dentro da zona torrida, eu digo por ter visto tomar altura com o astrolabio, que elas com certeza ficam aos 28 gráos na direção do pólo artico. Por tanto cumpre confessar, que existe erro de 17 gráos, e que esses autores, enganando a si e aos outros, as afastam de nós.

§ 12. N'esses lugares, em que puzemos bateis ao mar, 20 pessoas nossas, entre soldados e marinheiros, meteram-se nos bateis com falconetes, mosquetes, e outras armas, e tratavam de ir prear n'essas ilhas Afortunadas; quando porem estavam a bordo, os Espanhóes, que já os tinham descoberto, os repulsaram de tal modo, que em vez de saltarem em terra, apressadamente retiraram-se para o mar.

Todavia voltearam, e tanto giraram, que por fim encontraram uma carayela de pescadores (os quaes, vendo os nossos dirigirem-se a eles, salvaram-se em terra, e abandonaram a sua embarcação), e depois de terem-se

apossado d'ela, não só tomaram grande quantidade de lixa seca, bussolas, e tudo quanto axaram, incluzive algumas velas,que trouxeram,mas tambem, não podendo fazer maior mal aos Espanhoes, dos quaes pretendiam vingar-se, meteram a pique com golpes de maxado uma barca e um batel, que estavam proximos.

§ 13. Durante trez dias,por que nos demoramos perto d'estas ilhas Afortunadas,emquanto o mar esteve calmo, apanhamos tamanha quantidade de peixe com redes de pescaria e com anzoes, que, depois de comermos á farta, fomos obrigados a lançar ao mar mais de metade do pescado, porque não tinhamos agua doce com abundancia para nos saciar a sede.

As especies eram dourados, lixa, e varias outras qualidades, cujos nomes ignoramos ; todavia algumas eram das que os marinheiros denominam sardas, que é uma especie de peixe, que não so tem corpo tam pequeno que parece estarem juntas a cabeça e cauda (a qual não obstante é proporcionalmente larga), mas ainda a cabeça imita a um capacete de crista, e é de forma assás estraordinaria.

§ 14. Na quarta feira pela manhan, 16 de Dezembro, o mar agitou-se repentinamente e as vagas enxeram tam subitamente a barca, que desde o regresso das ilhas Afortunadas estava amarrada ao nosso navio, que não so submergio-se e perdeo-se, mas tambem dois marinheiros, que n'ela estavam para guarnecel-a, ficaram em tamanho perigo,que apenas os podemos salvar e recolher ao navio,atirando-lhes cabos apressadamente.

E alem d'isso direi tambem,como couza notavel, que quando o nosso cozinheiro durante essa tempesdade (que durou quatro dias) poz pela manhan toucinho em uma grande celha de madeira para tirar o sal, veio um golpe de mar, que deo com impeto sobre o convés, e lançando a celha fora do navio na distancia de mais do comprimento de um dardo, outra vaga veio subtimente do lado oposto,e sem entornar a vazilha atirou-a sobre o convés com o conteúdo, de modo que isso restituio-nos o jantar, o qual, como se costuma dizer, já ia por agua abaixo.

§ 15. Ora, na quinta-feira, 18 do dito mez de Dezembro, descobrimos a Gran-Canaria, da qual no domingo seguinte nos aproximamos até muito perto ; mas por cauza do vento contrario, embora tivessemos deliberado tomar refrescos ali, não nos foi possivel por pé em terra.

E' uma formoza ilha abitada prezentemente por Espanhóes, na qual crece muita cana de assucar, e bom vinhedo ; e é ela tam alta, que a podemos ver da distancia de 25 ou 30 legoas. Alguns a xamam por outro nome Pico de Tenerife, e pensam ser a que os antigos denominavam monte Atlas, donde procede a denominação do mar Atlantico.

Todavia afirmam outros, que a Gran-Canaria e o Pico de Tenerife sam duas ilhas separadas ; mas eu refiro-me ao que na verdade é.

§ 16. N'este mesmo dia domingo descobrimos uma caravéla de Portugal, a qual ficava ao nosso sotavento ; e vendo por isso os que n'ela estavam, que não poderiam rezistir nem fugir, arriaram vélas, e vieram entregar-se ao nosso vice-almirante.

Assim os nossos capitães, que já muito antes tinham combinado entre si arranjar-se (como oje se diz) com algum navio, que sempre esperaram tomar dos Espanhóes ou dos Portuguezes, meteram gente nossa na caravéla, sem licença, afim de melhor dominal-a, e assegurar-se d'ela.

Todavia por considerações que tiveram para com o mestre d'esta, diceram, que no cazo de que ele podesse rapidamente descobrir e aprezar outra caravéla n'essas paragens, lhe restituiriam a sua, e que por sua parte ele antes dezejaria, que a perda recahisse sobre o vizinho do que sobre ele ; depois do que, conforme o seo pedido, deo-se-lhe uma das nossas xalupas armada de mosquetes com 20 dos nossos soldados e parte da sua gente, e por ser verdadeiro pirata, como eu creio que o era, seguio muito adiante dos nossos navios, afim de melhormente dezempenhar o seo papel e não ser descoberto.

§ 17. Ora, costeamos então a Barbaria, abitada por Mouros, da qual estavamos afastados mais de duas leguas, e conforme foi cuidadozamente observado por muitos d'entre nós, é terra plana e tam baixa, que, quanto nossa

vista podia estender-se, sem divulgar montanhas nem outros objétos, parecia-nos, que estavamos superiores a toda essa região, a qual devia incontinente submergir-se, e que nós e os nossos navios iamos passar por cima d'ela.

E na verdade, parecendo á inspeção vizual ser assim em quazi todas as praias do mar, n'este lugar ainda mais notavel tornava-se o espectaculo, contemplando-se do outro lado o mar agitado, erguido em grande e espantoza montanha ; e recordando-me do que a este respeito diz a Escritura, eu contemplava esta obra de Deus com suma admiração.

§ 18. Volto aos nossos piratas, os quaes, como já dice, nos tinham precedido na barca, e aos 25 de Dezembro, dia de natal, encontraram uma caravéla espanhola, e dirigindo-lhe alguns tiros de mosquete, a tomaram á força e a trouxeram para junto dos nossos navios.

E como era bonita embarcação, e estava carregada de sal, isto agradou muito aos nossos capitães, e conforme a combinação, que já mencionei, de pretenderem arranjar algum navio, a trouxeram comnosco para a terra do Brazil ás ordens de Nicoláo de Villegagnon.

Verdade é, que manteve-se a promessa feita aos Portuguezes, autores da preza, de se lhes entregar a sua caravéla ; mas os nossos marinheiros (crueis como o foram n'esse lugar), pondo os Espanhóes esbulhados do seo navio de mistura com os Portuguezes, não só não deixaram a essa pobre gente um pedaço de biscouto nem de outros viveres, como tambem (o que ainda é peior) rasgaram-lhes as velas, e até tiraram-lhes o escaler, sem o qual não poderiam aproximar-se de terra nem dezembarcar ; e assim, creio eu, melhor seria então afundal-os do que deixal-os em tal estado.

Com efeito, ficando assim á mercê das ondas, si algum barco não sobreveio para socorrel-os, é certo, que por fim ou submergiram-se ou morreram de fome.

§ 19. Depois de praticada esta barbara proeza, realizada com grande pezar de muitos, fomos impelidos por vento de lessuéste, que nos era propicio, e penetramos assás no mar alto.

E afim de não ser enfadonho ao leitor, referindo particularmente todas as tomadias de caravélas, que fizemos,

direi, que no dia seguinte e depois a 29 do dito mez de Novembro aprezamos mais duas embarcações, as quaes nenhuma rezistencia ofereceram.

A primeira era de Portugal, e embora os nossos marinheiros e principalmente os que estavam na caravéla espanhola, que conduziamos, tivessem grande dezejo de saqueal-a, em razão de terem dado alguns tiros de falconete na ocazião do encontro, os nossos mestres e capitães, depois de falarem com a gente de bordo, a deixaram seguir sem lhe cauzar dano.

A outra era de um Espanhol, e d'ela tomaram vinho, biscoutos e outras victualhas. Mas o dono sobretudo lamentava a perda de uma galinha, que lhe tiraram; pois, como ele dizia, por maior tormenta que ouvesse, ela não deixava de pôr, fornecendo-lhe todos os dias um ovo fresco no seo navio.

§ 20. No domingo seguinte o omem, que estava de vigia no mastro grande do nosso navio, gritou na fórma do costume: *Vela, Vela.* Descobrimos então cinco caravelas ou navios grandes (pois os não podemos bem distinguir), e os nossos marinheiros, que se descontentaráõ, si aqui relato as suas façanhas, não perguntavam sinão onde está? isto é, entoavam canticos ante o triunfo, e já pensavam ter os navios seguros em suas mãos; mas como os ditos navios iam adiante de nós, e nós tinhamos vento contrario, e eles no entretanto singravam, e fugiam quanto podiam, não nos foi possivel alcançal-os, nem abordal-os, não obstante a violencia feita aos nossos navios, que, por amor da preza e com perigo de submergir-nos e virar de crena, armaram todas as velas.

E para que ninguem considere extraordinario o que digo aqui, e em que já antes toquei, a saber, que aprezentando-nos assim bravamente no mar, indo para a terra do Brazil, todos fugiam ou amainavam vélas diante de nós, direi mais, que embora so tivessemos trez navios (alias bem providos de artilharia, pois aquele em que eu ia trazia 18 peças de bronze e mais de 30 falconetes e mosquetes de ferro, fóra as outras munições de guerra) todavia os nossos capitães, mestres, soldados e marinheiros, a mor parte Normandos, nação tam valente e belicoza no mar como

qualquer outra que oje navegue no Oceano, tinham rezolvido n'esta jornada atacar e combater o exercito naval do rei de Portugal, si o encontrassemos, lizongeando-se de poder alcançar vitoria.

CAPITULO III

Bonitos, albacores, dourados, golfinhos, peixes-voadores, e outros de varias especies que vimos e apanhamos na zona torrida.

§ 1. Desde então tivemos mar xam, e vento tam bonançozo que fomos impelidos até 3 ou 4 gráos aquem da linha equinocial.

N'estas paragens apanhamos muitos golfinhos, dourados, albacores, bonitos e grande quantidade de outras especies de peixes; e como eu sempre julgára, que os marinheiros, dizendo que avia uma especie de peixes voadores, contavam petas, a experiencia então mostroume, que o fato era verdadeiro.

Começamos pois a ver sair do mar e levantar-se no ar cardumes de peixes voando fóra d'agua (como em terra vemos as cotovias e estorninhos) quazi da altura de uma lança, e algumas vezes na distancia de perto de 100 passos; e acontecendo frequentemente baterem alguns d'eles nos mastros dos nossos navios e cahirem no convés, nós assim facilmente os apanhavamos ás mãos.

§ 2. Para descrever este peixe, conforme o que observei n'uma infinidade, que vi e examinei, indo e regressando da terra do Brazil, direi, que é de fórma mui similhante ao arenque, embora um pouco mais comprido e mais redondo ; tem pequenas barbatanas nas fauces, azas como as do morcego, e quazi tam extensas como o corpo, e é de muito bom gosto e sabor ao paladar.

Alem d'isso, como os não vi aquem do tropico de Cancer, penso (sem todavia pretender afirmar o contrario), que, amando o calor e vivendo sob a zona torrida, não ultrapassam para uma e outra banda dos polos.

Outra couza ainda observei ; e é, que esses pobres peixes voadores, quer estejam n'agua, quer no ar, nunca ficam em socego ; pois estando no mar os albacores e outros peixes grandes os perseguem para os comer, e fazem-lhes continua guerra ; e si para evitar o dano, buscam salvar-se no vôo, certas aves marinhas os pream e d'eles se alimentam.

§ 3. E para dizer tambem alguma couza d'estas aves, que assim vivem de preza no mar, sam tão mansas, que muitas vezes acontecia pouzarem nas bordas, cordas e mastros dos nossos navios, deixando-se apanhar com a mão; e por tel-as comido, e tel-as visto por fóra e por dentro, dou aqui a descrição d'elas.

Sam de plumagem parda, como os gaviões ; mas quanto ao esterior parecem tamanhas como gralhas, acontecendo todavia que quando depenadas não aprezentam mais volume do que um pardal ; de sorte que maravilha serem tão diminutas no corpo, e poderem prear e comer peixes maiores e mais volumozos do que elas; alem d'isso possuem apenas uma tripa,e têem pés xatos como os adens.

§ 4. Voltando agora a falar dos outros peixes,de que já fiz menção, direi, que o bonito, que é dos melhores no paladar, é quazi da feição das nossas carpas comuns ; todavia não tem escamas, e em nossa viagem vi muitos, que por espaço de quazi seis semanas não sahiam de roda dos nossos navios,aos quaes verosimilmente assim acompanhavam por cauza do breo e alcatrão,de que sam untados.

§ 5. Quanto aos albacores, embora sejam mui similhantes aos bonitos, todavia, tendo eu visto e comido bem boa porção d'eles, que tinham perto de cinco pés de comprimento, e tão grossos como o corpo de um omem, posso dizer,que não existe comparação entre uma e outra especie a respeito da grandeza.

Alem d'isso como este peixe albacor não é fibrozo, e pelo contrario se esmigalha e tem a carne tão friavel como a truta, aprezentando apenas uma espinha em todo o corpo e mui poucas visceras, devemos colocal-o entre os melhores peixes do mar.

Com efeito como não tinhamos com suficiencia as couzas precizas para bem preparal-o (como não têem todos

os passageiros de longas viagens) nós o preparavamos simplesmente com sal, para assar grandes postas em brazas, e o axavamos estremamente bom e saborozo guizado d'este modo.

Portanto si os senhores gulozos, que não se querem arriscar no mar e todavia (como geralmente se diz, que fazem os gatos sem molhar as patas) querem comer bom peixe, terão em terra tam facilmente como no mar, mandando-o preparar com molho da Alemanha, ou de qualquer outro modo; e duvidareis, que não lamberiam bem os dedos? Digo, si por ventura o tivessem em terra; pois, como referi do peixe voador, não penso, que estes albacores, que têem os seos pouzos principalmente entre os dois tropicos e no alto mar, aproximem-se tanto das praias, que os pescadores os possam trazer sem se estragarem e corromperem.

O que digo todavia é em relação a nós, abitantes d'este clima; porque emquanto aos Africanos, que vivem nas praias do lado de léste, e emquanto aos moradores do Perú e vizinhanças do lado do oéste, bem póde suceder, que os tenham facilmente.

§ 6. O dourado, que no meo intender é assim xamado, porque n'agua parece amarélo, e reluz como ouro puro, aproxima-se na configuração algum tanto do salmão; todavia difere d'este em ser como deprimido no dorso.

No demais porém, por tel-o provado, reputo, que esse peixe não só é melhor do que todos os supramencionados, mas tambem que nem na agua salgada nem na agua doce axar-se-á outro mais delicado.

§ 7. Emquanto aos golfinhos, sam de duas qualidades, pois quando uns têem o focinho quazi tam xato como bico de pato, outros ao contrario o têem tam redondo e rombo, que, quando põem as ventas fóra d'agua, parece-nos ver uma bóla.

Por isso em razão da similhança, que estes ultimos têem com os capuxinhos, quando estavamos no mar, os xamavamos *cabeça de frade*.

Quanto ao resto da fórma das duas especies, vi alguns de cinco a seis pés de comprimento, os quaes tinham a cauda mui larga e aprezentavam todos um furo na cabeça, por

onde não só recebiam ar e respiravam, mas tambem, nadando no mar, lançavam algumas vezes agua por essa abertura.

Mas sobretudo quando o mar começa a agitar-se, esses golfinhos, surgindo repentinamente á tona d'agua mesmo de noite, no meio das ondas e das vagas encrespadas, tornam o mar quazi verde, e parecem verdes.

Apraz ouvil-os soprar e roncar de tal modo que dirieis serem realmente porcos terrestres. Quando os marinheiros os vêem d'esta sorte nadar e mover-se presagiam e asseguram proxima tempestade;o que muitas vezes vi acontecer.

E assim em tempo regular, isto é, estando o mar simplesmente ondulado, os viamos algumas vezes em tamanha abundancia, que todo o mar em redor de nós, quanto a vista podia alcançar, parecia constar de golfinhos ; e como não se deixavam apanhar tam facilmente como muitas outras especies de peixes, nem sempre os tinhamos, quando queriamos.

§ 8. Para melhor satisfazer ao leitor n'este ponto, vou ainda declarar o meio, de que vi uzarem os nossos marinheiros para os apanhar.

Um d'eles, mais acostumado e déstro em tal pescaria, conservava-se de espreita junto ao mastro do gurupés na prôa do navio, tendo na mão um arpão de ferro, encabado em uma vara da grossura e comprimento de uma lança, e amarrado em quatro ou cinco braças de corda ; e quando via aproximarem-se os bandos, escolhia o golfinho, que lhe ficava ao alcance, e arremessava esta machina com tal vigor, que, si acertava o golpe, não deixava de ferral-o.

Ficando assim ferida a preza, o arpoador solta e deixa correr a corda, cuja ponta retem firme ; depois do que o golfinho, debatendo-se e visgando-se cada vez mais, perde n'agua o sangue, e debilita-se. Então os outros marinheiros vêem em auxilio do companheiro com um ganxo de ferro, a que xamam *gafe* (tambem encabado em comprido varapáo) e á força de braços o puxam para bordo. Na nossa ida, apanhámos talvez 25 por este modo.

§ 9. A respeito das partes interiores e do intestino do golfinho, direi, que si como ao cerdo, em lugar das quatro

pernas, se separarem as quatro rebarbas, e tirarem-se as tripas (ou a fressura, si o quizerem) e as costelas, aberto e pendurado, direis ser um verdadeiro porco terrestre: tem figado com o mesmo gosto; verdade é, que a carne fresca é muito adocicada, e não é saboroza.

Quanto ao toucinho, todos os que eu vi, não tinham mais de uma polegada de gordura, e creio, que nenhum excederá de dois dedos.

E ninguem se engane, quando os negociantes e peixeiros de Paris e de outros lugares apregoam o seo toucinho de quaresma, que tem mais de quatro dedos de espessura; pois com certeza o que vendem é toucinho de balêia.

Como no ventre de alguns golfinhos, que apanhamos, axaram-se filhotes (os quaes assámos como leitões) sem nos determos no que outros já escreveram em contrario, penso, que os golfinhos, como as porcas, geram seos fetos, e não se reproduzem por meio de ovos, como quazi todos os outros peixes.

Entretanto si alguem me quizesse arguir, louvando-se para este fato antes n'aqueles que viram a experiencia, do que n'aqueles que somente leram os livros, eu não quereria outra decizão; e ninguem me impedirá de crer no que vi.

§ 10. Apanhamos igualmente muitos tubarões, que emquanto estam no mar, embora esteja este tranquilo e socegado, parecem verdes; e vê-se, que têem mais de quatro pés de comprimento com grossura proporcional; todavia por não ser a carne boa, os marinheiros só a comem em cazo de necessidade e na falta de peixe melhor.

Quanto ao mais esses tubarões têem a péle tão rija e aspera como uma lima, a cabeça xata e larga, e a boca tam rasgada como a do lobo, ou do dogue d'Inglaterra; e não só sam por isto monstruozos, mas tambem por terem os dentes cortantes e mui aguçados sam tam perigozos, que, si apanham algum omem pela perna ou por outra qualquer parte do corpo, levam o sacabocado, ou o arrastam para o fundo d'agua.

§ 11. Por isso quando os marinheiros algumas vezes banhavam-se no mar em tempo de calma, os temiam muito;

e acontecia, que quando os pescavamos (e varias vezes o fizemos com anzóes de ferro da grossura de um dedo) e estavamos no tombadilho do navio, não nos descuidavamos menos do que em terra fariamos entre cães bravios e perigozos.

Como pois esses tubarões não sam bons para alimento, e quer estejam prezos, quer estejam n'agua, não fazem sinão mal, depois de termos, como a brutos nocivos, pungido e atormentado aqueles que podiamos apanhar, como si fossem mastins raivozos, ou os matavamos com golpes de vergas de ferro, ou então cortavamos-lhes as barbatanas, e amarrando-lhes na cauda um arco de pipa, os atiravamos ao mar ; e porque, antes de poderem mergulhar, ficavam por muito tempo flutuando e debatendo-se em cima d'agua, tinhamos assim bom divertimento.

§ 12. Embora muito falte ás tartarugas, que vivem n'esta zona torrida, para serem tam exorbitantemente grandes e monstruozas que com um só casco d'elas se possa cobrir uma caza abitavel, ou fazer um barco navegavel, como Plinio diz axarem-se taes nas costas das Indias e nas ilhas do Mar-vermelho, todavia encontram-se algumas tam compridas, largas e grossas, que não é facil fazel-o acreditar a quem as não vio ; por isso de passagem aqui farei menção d'elas.

E sem fazer longo discurso, deixarei por um exemplo o leitor julgar quaes elas podiam ser, dizendo que entre outras uma foi apanhadada no navio do nosso vice-almirante de tal grandeza, que 80 pessoas, que estavam no dito navio, jantaram d'ela fartamente (vivendo como no mar se costuma em taes viagens).

A conxa oval superior, que foi tirada para mimozear ao senhor de Santa Maria, nosso capitão, tinha mais de dois pés e meio de largura, sendo forte e espessa correspondentemente. No demais a carne aproxima-se muito da do vitélo ; e sobretudo quando é lardeada e assada, oferece ao paladar o mesmo gosto d'esse animal.

§ 13. Eis pouco mais ou menos como vi apanhal-as no mar.

Em tempo bom e calmo (pois do contrario pouco aparecem) elas sobem e permanecem em cima d'agua, e apenas o sol aquece-lhes as costas e o casco, e elas não podem mais suportar o calor, viram-se e voltam ordinariamente o ventre para cima afim de refrescar; então os marinheiros, vendo-as d'este modo, aproximam-se na sua barca o mais placidamente possivel, e quando estam perto, as suspendem pelos dois cascos com esses ganxos de ferro, de que falei, e então á força de braços ás vezes de quatro e cinco omens as puxam e trazem comsigo no batel.

§ 14. Eis aqui sumariamente o que pretendi dizer das tartarugas e dos peixes, que então apanhamos ; pois adiante ainda falarei dos golfinhos, das balêias, e de outros monstros marinhos.

CAPITULO IV

Equador ou linha equinocial, e tambem tempestades, inconstancia dos ventos, calôres, sêde e outros incomodos, que tivemos e passamos nas vizinhanças e sob a mesma linha.

§ 1. Para voltar á nossa navegação direi, que, faltando-nos bom vento aos 3 ou 4 gráos áquem do equador, tivemos então não só tempo muito máo, e entremeado de xuvas e calmaria, mas tambem dificil e mui perigoza navegação nas proximidades da linha equinocial, e ahi observei, que, por cauza da inconstancia dos diversos ventos que sopram conjuntamente, não obstante andarem os nossos trez navios mui perto uns dos outros, não podiam os diretores do rumo e do leme seguir marxa uniforme e cada navio era impelido por vento diferente ; de tal sorte que, como em um triangulo, um ia para léste, outro para o norte, e outro para o oéste.

Verdade é, que isso não durava muito, pois subitamente levantavam-se tufões, a que os marinheiros da Normandia xamam *grains* (borrasca), os quaes depois de nos esbarrarem algumas vezes completamente, de repente davam com tal violencia sobre as nossas velas, que maravilhava não nos virarem cem vezes os mastros para baixo e a quilha para cima, isto é, revolverem tudo ás avessas.

§ 2. Além d'isso a xuva debaixo e nas vizinhanças d'esta linha não só é fetida e xeira mal, mas tambem é tam contagioza, que, si cáe nas carnes de alguem, levanta pustulas e grossas empôlas, e até manxa e estraga as roupas.

Ainda mais : o sol é ardentissimo, e além dos fortes calores, que padeciamos, ainda sucedia não termos, fóra das duas parcas comidas, agua doce nem outra bebida com suficiencia ; por isso eramos tam cruelmente vexados pela sêde, que por minha parte, e por têl-a experimentado, faltou-me quazi o folego e a respiração, e perdi a fala por espaço de mais de uma óra. E eis por que em taes necessidades n'essas longas viagens os marinheiros ordinariamente dezejam, como suprema ventura, ver o mar convertido em agua doce.

§ 3. Si alguem, para não imitar a Tantalo morrendo de sêde no meio d'agua, perguntar si não seria possivel em tal extremidade beber ou pelo menos refrescar a boca com agua do mar, responderei a quem inculcar a receita de fazel-a coar em cêra, ou destilal-a por outra qualquer fórma (acrecendo que os abalos e movimentos de navios flutuantes no mar não permitem fazer fornos, nem prezervar as garrafas de quebrarem-se), que a questão não é delibar e menos engolir, salvo si querem lançar as tripas e os intestinos logo depois de a ingerir no estomago.

Todavia quando a vemos em vidro, ela é tão clara, pura e limpida esteriormente, como nenhuma agua de fonte nem de róxa o será.

E alèm d'isso (couza que admiro, e entrego á disputa dos filozofos), si meteis n'agua do mar toucinho, ou outras carnes e peixes por mais salgados que sejam, perderão o sal melhormente e mais depressa do que se conseguirá n'agua doce.

§ 4. Ora, proseguirei no meo assunto dizendo, que o cumulo da nossa aflição n'essa zona ardente foi tal, que, por cauza das grandes e continuas xuvas, que tinham penetrado até os paióes, estragou-se e mofou a nossa bolaxa ; e como cada um de nós tinha mui pouca munição, e eramos obrigados não só a comel-a apodrecida, mas tambem a não esperdiçal-a, sob pena de perecer á fome, engoliamos os vermes (que constituiam metade da ração) fazendo de tudo migalhas ou bolas.

Além d'isso a nossa aguada estava tam corrompida, e por isso tam xeia de bixos, que, tirada a agua das vazilhas, onde estava depozitada a bordo, não avia quem a não repugnasse ; mas o que era muito peior era, que, quando a bebiamos, precizavamos ter a taça em uma das mãos, e tapar o nariz com a outra.

§ 5. O que porém direis vós, delicados senhores, que quando vos molesta o calor, depois de mudar a camiza e tervos penteado bem, tanto apreciaes repouzar em elegante sala fresca, sentado em boa cadeira, ou em leito macio, e que tambem não sabeis tomar a vossa refeição, si acazo não estiverem a louça bem luzidia, os copos bem enxaguados, os guardanapos brancos como a neve, o pão limpo da codea, a carne, por mais delicada que seja, bem preparada e servida, e o vinho ou outra qualquer bebida limpida como esmeralda ? Querereis embarcar para viver por tal maneira ?

Como não vol-o aconselho, e menos dezejos ainda tereis, quando ouvirdes o que nos aconteceo no regresso d'America, por isso eu vos pediria, que, quando se falasse de mar e sobretudo de taes viagens, não conhecendo vós as couzas sinão pelos livros, ou o que ainda peior é, tendo sómente ouvido falar aqueles que nunca as experimentáram, não vendaes os vossos cacaréos (como geralmente se diz) aos devotos de São Miguel, isto é, que n'este ponto vos demoreis um pouco, e deixeis discorrer aqueles que padeceram taes trabalhos e têem pratica das couzas, as quaes, a falar verdade, não se podem bem insinuar no cerebro nem no entendimento dos omens, sem que eles (como diz o proverbio) comam pão amassado pelo rabo do demo.

§ 6 Ao que acrecentarei tanto sobre o primeiro assunto, em que toquei relativamente á variedade dos ventos, tempestades, xuvas, insétos, calores, como relativamente ao que em geral se vê no mar, principalmente sob o equador, que vi um dos nossos pilotos xamado João de Meun, de Onfleur, o qual embora não soubesse A nem B, tinha-se todavia, por longa experiencia de suas cartas, do astrolabio, e da balestilha, aperfeiçoado tanto n'arte da navegação, que em qualquer momento, e especialmente durante as tormentas, faria calar um douto personagem (que não nomearei), o qual no nosso navio em tempo calmo triunfava no ensino da teoria.

Não se julgue por isso, que eu condene, ou queira de qualquer modo censurar as siencias, que se adquirem e aprendem nas escolas e pelo estudo dos livros ; não é esta a minha intenção ; pedirei porém, sem sugeitar-me á opinião de outrem, que jamais se me alegue razão contra a experiencia. Peço pois aos leitores, que me tolerem, si, recordando-me do nosso pão podre e das nossas aguas fétidas, e tambem dos outros incomodos, por que passamos, e comparando isto com a opipara meza d'esses grãos senhores, tenho-me um pouco exacerbado contra eles na prezente digressão.

§ 7. Por cauza das sobreditas dificuldades, e pelas razões adiante mais amplamente espostas, muitos navegantes, depois de consumirem todos os viveres n'essas paragens, isto é, na zona torrida, sem poderem ultrapassar o equador, viram-se forçados a arribar e regressar do ponto, a que tinham xegado.

Quanto a nós, depois da mizeria já relatada, parámos, volteámos e retrocedêmos por espaço de sete semanas nas adjacencias d'essa linha ; finalmente pouco a pouco d'ela nos aproximámos, e quiz Deos, a nossos rogos, mandar-nos vento de nordeste, e no quarto dia de Fevereiro investimos sobre ela.

§ 8. Esta linha denomina-se equinocial, não so por que em todos os tempos e estações os dias e as noites sam sempre iguaes, mas tambem por que, quando o sol está sobre ela, o que acontece duas vezes no anno, a saber, a 11 de Março

e a 13 de Setembro* os dias e as noites sam tambem iguaes em todo o mundo; de tal sorte que os abitantes dos dois pólos artico e antartico somente n'estes dois dias do anno partecipam do dia e da noite, e logo no seguinte dia uns e outros (cada um por sua vez) perdem o sol de vista por meio anno.

N'este sobredito dia pois, 4 de Fevereiro, em que passamos pelo centro, ou antes cintura do mundo, os marinheiros praticaram as ceremonias por eles costumadas em tam dificil e perigoza passagem.

Para lembrança dos que nunca passaram o equador, os amarram com cordas e mergulham no mar, ou com trapos passados no fundo das caldeiras lhes tisnam e sujam o rosto, si o paciente não se resgata e livra-se d'isso, como eu fiz, pagando-lhes o vinho.

§ 9. Assim sem interrupção singramos com bom vento nordeste até 4 gráos alem da linha equinocial. Dahi começamos a ver o pólo antartico, que os marinheiros da Normandia xamam estrêla do sul, perto da qual, como então observei, estam outras estrelas em cruz, a que xamam cruzeiro do sul.

Provavelmente por isso alguem já escreveo, que os primeiros navegantes, que em nossos tempos fizeram esta viagem, referiam, que perto d'este pólo antartico ao sul, avista-se quazi sempre uma nubecula branca e quatro estrelas em cruz com mais trez, que se assimilham ao nosso setentrião.

Ora, muito tempo já avia, que tinhamos perdido de vista o pólo artico; e aqui direi de passagem, que não so, conforme alguns pensam (e parece tambem provar-se pela esfera) não podemos ver os dois pólos, quando estamos debaixo do equador, mas tambem não podemos ver nem um, nem outro, e é precizo estar afastado quazi 2 gráos do lado do norte ou do sul para ver o artico ou o antartico.

§ 10. No decimo terceiro dia do dito mez de Fevereiro, quando o tempo estava limpo e claro, depois de terem os nossos pilotos e mestres de navio tomado altura

---

* O autor escrevia antes da reforma gregoriana do calendario. O equinocio oje é a 21 de Março e 22 de Setembro.

com o astrolabio, asseguraram-nos, que tinhamos o sol no zenit e a zona tam réta e diréta sobre a cabeça que mais não podia ser.

E de fato, embora por experiencia colocassemos no convés punhaes, facas, ponteiros e outros objétos, os raios solares davam por tal sorte a prumo, que n'esse dia, principalmente ao meio-dia, não vimos sombra alguma em nosso navio.

Quando xegamos aos 12 gráos, tivemos tormenta, que durou por trez ou quatro dias. E depois d'isto (caindo no extremo oposto) o mar ficou tam manso e calmo, que durante esse tempo os nossos navios pareciam fixos n'agua; e si o vento se não levantasse para nos fazer passar alem, nunca nos abalariamos dali.

§ 11. Ora, em toda a nossa viagem não tinhamos ainda visto balêias; mas n'essas paragens não so vimos balêias, como as tivemos assás perto para bem observal-as, e apareceo-nos uma, que, surgindo perto do nosso navio, cauzou-me tamanho susto, que realmente emquanto a não vi demover-se, pensei ser um roxedo, contra o qual o nosso navio ia bater e despedaçar-se.

Observei, que quando ela quiz mergulhar, levantou a cabeça fóra d'agua, e lançou ao ar pela boca mais de duas pipas d'agua; depois sumio-se, e fez tal e tam medonho redomoinho, que novamente temi, que, arrastados após ela, nos submergissemos n'essa voragem. E na verdade (como nos Salmos e em Job se diz) é um orror ver esses monstros marinhos folgar a belprazer n'essa imensidão das aguas.

§ 12. Vimos tambem golfinhos, que, acompanhados por varias especies de peixes, todos dispostos e ordenados como uma companhia de soldados em seguimento do seo capitão, pareciam de côr avermelhada dentro d'agua, e um ali esteve, que por seis ou sete vezes, como si nos quizesse comprazer e agradar, girou e volteou ao redor do nosso navio.

Em compensação d'isso fizemos toda a diligencia para apanhal-o; mas ele, fazendo déstra retirada com o seo regimento, impedio-nos de o aprezar.

CAPITULO V

Descobrimento e primeira vista que tivemos tanto da India ocidental ou terra do Brazil, como dos selvagens abitantes d'ela com tudo quanto nos aconteceo no mar até o tropico de Capricornio.

§ 1. Depois d'isto tivemos vento do oéste, que nos era propicio, e durou-nos tanto, que, no vigecimo-sesto dia de Fevereiro de 1557, cahido na festa da natividade, quazi pelas 8 óras da manhan, tivemos vista da India ocidental ou terra do Brazil, quarta parte do mundo, desconhecida dos antigos, tambem xamada America em razão do nome d'aquele que pelos annos de 1497 primeiramente a descobrio.

Ora, não é precizo perguntar, si, achando-nos tam proximos do lugar, que buscavamos na esperança de pormos brevemente pé em terra, alegramos-nos, e rendemos graças a Deos com boa vontade. De fato, como avia perto de quatro ou cinco mezes, que sem vêr porto nos moviamos e flutuavamos no mar, muitas vezes sobresaltou-nos a idéa de axarmos-nos como exilados, e de não podermos jamais sair de tal exilio.

§ 2. Portanto, depois de termos observado e percebido bem claramente, que o que descobriamos era terra firme (pois frequentemente enganamos-nos com nuvens que se desvanecem) tendo vento propicio e aproando a terra, no mesmo dia (indo adiante o nosso almirante) viemos surgir e ancorar meia legua perto de uma terra e lugar montuozo xamado Uassú * pelos selvagens; onde, depois de pormos n'agua o escaler, e de termos, conforme o costume de quem xega n'esse paiz, disparado alguns tiros de artilharia para advertir os abitantes, vimos repentinamente grande numero de omens e de mulheres na praia do mar.

Nenhum dos nossos marinheiros, que para ali tinham viajado, reconheceo bem o sitio; entretanto os selvagens eram da nação dos Maracajás, aliada dos Portuguezes, e

---

* O autor escreve :—*Huuassou.*

por consequencia inimiga dos Francezes, e si nos apanhassem, certamente não teriamos pago resgate algum, mas lhes teriamos servido de pasto, depois de mortos e espostejados.

§ 3. Começamos então por ver logo, mesmo n'este mez de Fevereiro (no qual por cauza do frio e do gelo todas as couzas estam ainda sumidas e ocultas no seio da terra aqui e em quazi toda a Europa) as florestas, arvores, e ervas d'esse paiz tam verdes como as da nossa França nos mezes de Maio e Junho : o que sucede em todo o anno e em todas as estações n'esta terra do Brazil.

Ora, não obstante essa inimizade dos nossos Maracajás com os Francezes, a qual eles e nós dissimulamos quanto podiamos, o nosso contra-mestre, que sabia engrolar a sua linguagem, meteo-se n'um escaler com alguns marujos, e dirigio-se para a praia, onde viamos os selvagens reunidos em grandes magotes.

§ 4. Todavia a nossa gente não se fiava n'eles sinão com muita cautela, afim de obviar o perigo de serem agarrados e moqueados, isto é, assados; por isso aproximando-se de terra, ficaram todavia fóra do alcance de suas frexas.

Assim os nossos marujos mostraram-lhes de longe facas, espelhos, pentes e outras bugiarias, com as quaes os xamavam e pediam viveres ; apenas alguns, que aproximaram-se o mais possivel, ouviram as nossas vozes, não fizeram-se mais rogados, e apressaram-se com outros a procurar os nossos companheiros.

D'este modo o nosso contra-mestre em seo regresso trouxe-nos farinha fabricada de certa raiz, que os nossos selvagens comem em lugar de pão, pernas e carne de certa especie de javali com outras victualhas e frutas, que o paiz produz em abundancia ; e n'esta ocazião seis homens e uma mulher não opuzeram dificuldade em embarcar para nos virem ver no navio, aprezentarem-se-nos, e darem-nos as boas vindas.

§ 5. E porque foram os primeiros selvagens, que vi de perto, deixo-vos pensar, si os olhei e contemplei atentamente ; e embora rezerve-me para descrevel-os e pintal-os minuciozamente em lugar proprio, todavia quero desde já dizer aqui de passagem alguma couza a respeito d'eles.

Primeiramente tanto os homens como as mulheres estavam tão completamente nús como quando sahiram do ventre materno : todavia para aprezentarem-se mais galhardos estavam pintados e manxados de preto por todo o corpo. Além d'isso os omens traziam a parte dianteira da cabeça tosqueada rente á maneira de uma corôa de frade, e tinham na parte posterior os cabelos compridos, que estavam aparados ao redor do pescoço, como entre nós fazem as pessoas que andam de cabeleira.

Ainda mais : todos tinham o labio inferior furado e fendido, e cada um trazia metida no beiço uma pedra verde, mui polida, convenientemente aplicada, e como engastada, a qual era da largura e redondeza de um tostão, e a tiravam e metiam, quando queriam.

Ora, eles trazem taes couzas, julgando ficar assim mais bem adornados; mas, para dizer a verdade, quando tiram a pedra, a grande fenda do labio inferior figura segunda bôca, e isso os afeia estremamente.

Quanto á mulher, além de não ter o beiço fendido, trazia, como todas as demais mulheres de lá, os cabelos compridos; mas em relação ás orelhas as tinha tam cruelmente furadas, que se poderia meter o dedo atravez dos buracos, e trazia n'elas grandes pendurezas de osso branco, as quaes batiam-lhe nos ombros.

Rezervo-me para a diante refutar o erro d'aqueles que nos quizeram fazer crer, que os selvagens sam cabeludos.

§ 6. Antes de se separarem de nós, aqueles de quem falo, os omens, e principalmente dois ou trez velhos, que pareciam ser os mais notaveis da sua freguezia (como cá dizemos) afirmavam, que avia nas suas terras o mais excelente páo-brazil, que se poderia encontrar no paiz, e prometiam ajudardar-nos a cortar e conduzir a madeira, e tambem a ministrar-nos viveres, fazendo todo o esforço para persuadir-nos a carregar o nosso navio.

Como porém eles eram nossos inimigos, como já fica dito, isto tendia a xamar-nos astuciozamente e fazer-nos pôr pé em terra, para terem vantagem sobre nós, e depois nos desbaratarem, e comerem ; e porque era nosso

intento dirigir-nos a outros lugares, não nos detivemos ali.

§ 7. Assim depois que os nossos Maracajás com grande admiração viram a nossa artilharia e tudo quanto quizeram no navio, por consideração a perigozas consequencias (como a possibilidade de pagarem o dano outros Francezes, que dezapercebidos ali aparecessem) não os quizemos molestar nem reter; e pedindo eles regresso para terra em busca dos seos companheiros, que na praia os esperavam, tratamos de pagar e satisfazer os viveres, que nos tinham trazido.

E porque entre eles não uzam de moeda, o pagamento, que lhes fizemos, foi de camizas, facas, anzóes de pescaria, espelhos e outras mercadorias e veniagas proprias para o trafico d'esse povo.

Mas, por fim de contas, assim como esta boa gente, totalmente nua, na sua xegada não tinha sido avára em mostrar-nos tudo quanto trazia, assim tambem ao partir já vestidos de camizas, que lhes deramos, quando iam sentar-se no escaler (não estando acostumados a trazer roupa, nem vestuario de qualquer especie) as arregaçaram até o embigo, afim de as não estragar, e descobriram o que antes convinha ocultar, querendo ainda, ao despedirem-se, que lhes vissemos as nadegas e o trazeiro.

Não temos aqui onestos cavalheiros e invejavel cortezia de embaixadores?

§ 8. Pois não obstante o proverbio tam comun na boca de todos nós, a saber, que a carne nos é mais conxegada e mais cara do que a camiza, eles ao contrario para mostrar, que assim não eram bem ospedados com a magnificiencia de seo paiz em nossa caza, aprezentavam-nos o sedeiro, prefirindo as camizas á propria péle.

Ora, depois de tomarmos alguns refrescos n'esse lugar, não obstante nos pareceram em principio ruins as viandas, que tinham trazido, não deixámos todavia de comel-as, atenta a necessidade: no dia seguinte, que era um domingo, levantámos ancora, e démos á vela.

§ 9. Assim costeando a terra na direção do ponto, para onde pretendiamos ir, apenas navegámos nove ou dez legoas, axámos-nos no lugar de um fortim dos Portuguezes

por eles denominado Espirito-Santo (e pelos selvagens Moab),os quaes reconheceram a nossa tripolação bem como a da caravéla, que traziamos (que julgaram termos tomado aos seos compatriotas) e dirigiram-nos trez tiros de canhão, aos quaes respondemos com trez ou quatro contra eles ; como porèm estavamos muito fóra do alcance da artilharia, eles não nos ofenderam, assim tambem nós, segundo creio, a eles não ofendemos.

Proseguimos pois em nosso caminho,e costeando sempre a terra passámos perto do lugar xamado Itapemirim, (1) onde, na entrada da terra firme e na embocadura do mar, estam pequenas ilhas ; e creio, que os selvagens abitantes d'esse lugar sam amigos e aliados dos Francezes.

Pouco mais adiante, aos 20 gráos, abitam os Parahibas, (2) outros selvagens, em cujas terras, como já observei, vêem-se pequenas montanhas ponteagudas e com a fórma de xaminé.

§ 10. No primeiro dia de Março estavamos na altura de pequenos baixos, isto é, escolhos e restingas entremeadas de pequenos roxedos prolongados para o mar, os quaes os marinheiros, com temor de bater n'eles, evitam, afastando-se quanto podem.

No lugar d'esses baixos descobrimos e avistámos bem claramente uma terra plana, a qual na extensão de quinze legoas é possuida e abitada pelos Goitacazes, (3) selvagens tam ferozes e bravios, que não podem viver em paz com outros, e têem sempre guerra aberta e continua não só com todos os seos vizinhos, mas tambem com todos os estrangeiros.

Quando sam apertados e perseguidos por seos inimigos (os quaes ainda os não poderam vencer nem domar) andam tam rapidos a pé,e correm tam ligeiros, que não só d'este modo evitam o perigo da morte, mas tambem no exercicio da caça apanham na carreira certos animaes silvestres, especie de veados e corsas.

---

(1) O autor escreve: —*Tapemeri.*
(2) O autor escreve:—*Paraibes.*
(3) O autor escreve:—*Ouetacas.*

Andam nús,assim como o fazem todos os Brazileiros, e trazem os cabelos compridos e pendentes até as nadegas, contra o costume mais ordinario dos omens d'esse paiz, os quaes (como já dice, e ainda mais amplamente direi) tonsuram o cabelo na frente, e o cerceam na nuca.

§ 11. Em suma esses diabolicos Goitacazes, invenciveis n'esta limitada região, comedores de carne umana como cães e lobos, e possuidores de linguagem não entendida pelos vizinhos, devem ser considerados e postos na ordem das nações mais barbaras, crueis e terriveis, que se possam axar em toda a India ocidental e terra do Brazil.

E como não têem, nem querem ter conhecimento nem trafico com os Francezes, Espanhóes e Portuguezes, nem com outras gentes tranzatlanticas, por isso ignoram em que consistem as nossas mercadorias.

§ 12. Todavia,conforme o que depois eu ouvi de um interprete da Normandia, quando os seos vizinhos os procuram e eles os querem agazalhar, eis o seo modo e maneira de permuta.

O Maracajá, Carijó, ou Tupinambá, * (que sam os nomes das trez nações vizinhas), ou outro qualquer selvagem d'esse paiz,sem fiar-se nem aproximar-se do Goitacaz, mostra-lhe de longe o que tem, quer seja fouce, faca, pente, espelho ou qualquer outra mercadoria ou veniaga, que traz, e dá-lhe a intender por sinaes,si quer trocar isso por outra couza. Si o convidado por seo lado concorda,mostra-lhe em reciprocidade plumas, pedras verdes, que põem nos beiços,ou outras couzas das que têem no seo territorio, e combinam o lugar a 300 ou 400 pés de distancia, onde o ofertante depozita em uma pedra ou pedaço de páo o objéto da permuta, e afasta-se para o lado ou para traz.

Depois d'isto o Goitacaz vem tomar o objéto, e deixa no mesmo lugar a couza, que mostrára, e arredando-se do lugar permitirá, que o Maracajá, ou quem quer que seja, venha buscal-a; entretanto mantem seos compromissos.

Feita porém a troca, apenas cada qual volta e ultrapassa os limites, em que a principio se aprezentára,

* O autor escreve:—*Margaiat, Cara ia, Tououpinambaoult.*

rompem-se as tregoas, e então cada um procura alcançar e agarrar o companheiro, afim de arrebatal-o com o que trazia; e deixo ao vosso criterio decidir, si o Goitacaz, corredor como o galgo, terá vantagem, e si, em perseguição do o seo competidor, acelerará a carreira.

Pelo que não sou de parecer, que vam negociar nem permutar com este gentio os coixos, ou gotozos, ou outros mal empernados, que não queiram perder as suas mercadorias.

§ 13. E' verdade, que, conforme se diz, os Biscainhos tambem têem linguagem especial, e por serem, como sabemos, facetos e ageis reputam-se os melhores lacaios do mundo; e assim como os poderiamos n'estes dois pontos comparar com os nossos Goitacazes, assim tambem parece, que seriam mui idoneos para jogar com eles a malha.

Tambem poderiamos pôr em paralélo certos omens moradores na região da Florida, perto do rio de Palmas, os quaes (como se tem dito) sam tam fortes e ligeiros na carreira, que acompanham um veado, e correm um dia inteiro sem descansar, bem como os grandes gigantes, que vivem no rio da Prata, os quaes tambem (diz o mesmo autor) sam tam ageis, que na carreira agarram com as mãos certos cabritos ali existentes.

Soltando porém rédeas ao pescoço e largando a tréla a todos esses corseis e cães corredores de dois pés, para deixal-os ir celeres como o vento e algumas vezes tambem (como é verosimil) dando furibundas cambalhotas, cair como xuva, uns em lugares diversos da America (distantes todavia uns dos outros, principalmente os das proximidades do Prata e da Florida, mais de 1.500 legoas) e outros na nossa Europa, passarei ao fio da minha istoria.

§ 14. Depois de termos assim costeado e deixado atrás de nós a terra d'esses Goitacazes, passámos á vista de outra região proxima, xamada Macahé *, abitada por outros selvagens, dos quaes apenas direi, que pelas couzas sobreditas cada qual póde julgar, si eles não fazem

---

* O autor escreve: — *Maq-he.*

gosto (como se costuma dizer), nem tratam de dormir perto de vizinhos tam brutaes e inquietos madrugadores, como sam os Goitacazes,

Nas suas terras e á borda do mar vê-se uma grande róxa erguida em fórma de torre, a qual, quando o sol lhe bate em cima, reluz e sintila tanto, que pensam alguns ser ela uma especie de esmeralda; e com efeito os Francezes e Portuguezes, que por ali viajam, a denominam Esmeralda de Macahé.

Dizem, que o lugar, onde ela está, fica rodeado de uma infinidade de pontas de pedra á flôr d'agua, que avançam pelo mar quazi duas legoas, e por isso ninguem póde ter ingresso por esse lado; e tambem consideram, que por parte de terra é inteiramente inaccessivel.

§ 15. Igualmente existem trez pequenas ilhas xamadas ilhas de Macahé, junto das quaes fundeámos, e dormimos uma noite; e velejando no dia seguinte, pensavamos n'esse mesmo dia xegar ao Cabo-frio, * mas em vez de progredirmos, tivemos vento tam contrario, que foi precizo arribar e voltar para o ponto, donde tinhamos partido pela manhan, e onde estivemos ancorados até quinta-feira á tarde; e como vereis, pouco faltou para ali ficarmos definitivamente.

Pois na quarta-feira 2 de Março, dia em que principiava a quaresma, depois de a terem os marinheiros festejado, como é costume, aconteceo, quazi pelas 11 óras da noite, quando começavamos a repouzar, levantar-se tam subita tempestade, que o cabo, que sustentava a ancora do nosso navio, não pôde rezistir ao impeto das vagas furiozas; e o nosso navio, assim combatido e agitado pelas ondas, impelido como era para o lado da praia, veio a ficar apenas em duas braças e meia d'agua (o menos que podia ter para flutuar descarregado), e pouco faltou para bater na areia e naufragar.

§ 16. E com efeito o mestre e o piloto, que sondavam á proporção que o navio descahia, em vez de serem os mais imperturbaveis e animarem os companheiros, quando

---

* O autor escreve: — *Cap de Frie.*

viram, que tinhamos xegado a tal ponto de perigo, clamaram duas ou trez vezes :— Estamos perdidos.

Todavia os nossos marinheiros com grande diligencia lançaram outra ancora, que permitio Deos ficar segura ; e isto impedio de sermos levados sobre os roxêdos de uma d'essas ilhas de Macahé, os quaes, sem duvida alguma e sem esperança de salvação nossa (tam violento estava o mar), teriam despedaçado o nosso navio.

Este temor e assombro durou quazi trez óras, durante as quaes de nada servia gritar—bombordo ! estibordo ! segura o leme ! mete de ló ! ala a bolina ! larga a escota! porque isto só se faz em pleno mar, onde os marinheiros não temem tanto a tormenta quanto temem perto de terra, como então estavamos.

§ 17. Ora, a nossa aguada, ja dice, estava corrompida, e vindo a manhan, e cessada a tormenta, alguns dos nossos marujos foram procurar agua fresca em uma d'essas ilhas dezabitadas, e axámos todo o terreno d'ela coberto de ovos e de aves de diversas qualidades, aliás diferentes das nossas, e por não estarem acostumadas a ver gente, eram tam mansas, que se deixavam apanhar á mão ou matar a pauladas ; por isso enxemos o nosso escaler com porção d'elas, e trouxemos para o nosso navio quanto podemos.

E embora fosse este o dia xamado de cinzas, os nossos marinheiros, aliás verdadeiros catolicos romanos, xeios de apetite em razão do trabalho da noite precedente, não ezitaram em comer de taes aves.

E certamente quem contra a doutrina prohibio em certos tempos e em determinados dias o uzo da carne aos cristãos, não tinha ainda penetrado n'esse paiz, onde não é nova a pratica das leis d'esta supersticioza abstinencia, e parece dever o lugar dispensal-os do preceito.

§ 18. Na quinta-feira, em que partimos d'estas trez ilhas, tivemos vento tam á feição, que no dia seguinte quazi pelas quatro óras da tarde xegámos ao Cabo-frio, enseada e porto dos mais afamados d'esse paiz para a navegação dos Francezes.

Ali, depois de fundeados, e depois de darmos alguns tiros de artilharia para sinal aos abitantes, o capitão e

mestre do navio com alguns de nós outros, dezembarcamos, e axamos na praia grande numero de selvagens xamados Tupinambás, * aliados e confederados da nossa nação, os quaes, alem do agrado e bom acolhimento, que nos fizeram, deram-nos noticia de Paicolás (assim xamavam eles a Nicoláo de Villegagnon) ; com o que mui contentes ficamos.

§ 19. N'este mesmo lugar (com rede e anzoes que traziamos) pescámos grande quantidade de peixe de variadas especies, todas diversas das nossas de cá. Entre outros peixes porém avia um todo sarapintado, disformissimo e monstruozo, o qual por esta cauza quero descrever aqui.

Era quazi tamanho como um vitélo de anno, e tinha focinho do comprimento de quazi cinco pés com largura de pé e meio, armado de dentes de uma e outra banda, tam afiados e cortantes como uma serra ; de modo que quando o vimos em terra mover tam rapido essa tromba mestra, coube prevenir-nos, sob pena de sermos maltratados, e clamar uns aos outros, que acautelassem as pernas.

A carne era tam dura que não obstante termos todos bom apetite, e a termos cozinhado por mais de 24 óras, não a podemos jamáis comer.

Além d'isso foi tambem ahi, que pela primeira vez vimos papagaios voando muito alto e em bandos, como fazem os pombos e gralhas na nossa França, e tambem, como então observei, andam sempre em cazaes e juntos, quazi á maneira das nossas rôlas.

§ 20. Ora, estando nós assim na distancia de 25 ou 30 legoas do lugar aonde pretendiamos xegar, nada dezejavamos mais do que ahi aportar com toda a brevidade; por esta cauza não tivemos em Cabo-frio detença tam longa, como queriamos.

Por isso na tarde d'esse mesmo dia, preparadas e desfraldadas as vélas, singrámos tam vantajozamente, que no domingo, 7 de Março de 1557, deixámos o alto mar á esquerda do lado de léste, e entrámos no braço

---

* O autor escreve :— *Tououpinambaults,* como sempre o faz.

de mar e rio d'agua salgada, xamado Guanabara pelos selvagens e Geneure * pelos Portuguezes, que assim o denominaram, em consequencia de o terem descoberto no primeiro dia de Janeiro, como dizem.

§ 21. Conforme já mencionei no capitulo primeiro d'esta istoria, e adiante ainda descreverei mais circunstanciadamente, axamos Nicoláo de Villegagnon rezidindo, desde o anno precedente, em uma pequena ilha situada n'este braço de mar ; e depois que na distancia de quazi um quarto de legoa o saudámos com tiros de canhão, e ele por sua parte nos correspondeo, viemos emfim surgir e ancorar junto á dita ilha.

Eis em suma qual foi a nossa navegação, e o que nos aconteceo e vimos, indo para a terra do Brazil.

CAPITULO VI

Nosso dezembarque no fortim de Coligni, na terra do Brazil; acolhimento que nos fez Nicoláo de Villegagnon, e comportamento tanto relativamente á religião como ás demais partes do seo governo n'esse paiz.

§ 1. Depois que os nossos navios entraram no porto d'este rio de Guanabara, mui perto da terra firme, cada qual arranjou e trouxe a sua pequena bagagem para os escaleres e fomos todos dezembarcar na ilha e fortim de Coligni.

E porque nos viamos então livres dos riscos e perigos, de que tantas vezes estiveramos cercados no mar, e tambem por termos sido conduzidos tam felizmente ao porto dezejado, a primeira couza que fizemos, depois de pòr pé em terra, foi todos juntos dar graças a Deos.

Feito isto, fomos ter com Nicoláo de Villegagnon, que esperava-nos em lugar conveniente, saudamos todos

---

* Os Portuguezes certamente diriam—*Rio de Janeiro*, que os Francezes converteram em—*Geneure*. O autor escreve sempre—*Ganabara*.

uns aos outros; e ele com semblante rizonho, como parecia, recebeo-nos, abraçando e fazendo mui bom acolhimento.

§ 2. Depois d'isto o senhor Dupont, nosso condutor, com Pedro Richier e Guilherme Chartier, ministros do Evangelho, declararam logo a cauza principal, que nos movera a fazer esta viagem, e passar o mar com tantas dificuldades para ir ter com ele, a saber, conforme as cartas por ele escritas para Genebra, que era para erigir n'esse paiz uma igreja reformada, concordante com a palavra de Deos; e ele respondendo ao esposto, uzou d'estas formaes palavras:

« Quanto a mim, tenho na verdade desde muito tempo, e de todo o meo coração dezejado tal couza, e recebo-vos de mui bôa vontade com estas condições; até porque dezejo, que a nossa igreja tenha fama de ser a mais bem reformada de todas. Desde já quero, que os vicios sejam reprimidos, que o luxo do vestuario seja reformado, e em suma que do meio de nós remova-se tudo quanto nos possa impedir de servir a Deos.»

Depois, levantando os olhos ao céo e juntando as mãos, dice:— Senhor Deos, rendo-te graças de me teres enviado o que desde tanto tempo tenho ardentemente pedido.

E de novo aos nossos companheiros dice: — Meos filhos (pois quero ser vosso pai), assim como Jezus Cristo n'este mundo nada fez para si, e tudo fez por nós, assim tambem eu (esperando que Deos me conserve a vida até que nos fortifiquemos n'este paiz e possaes despensar-me) tudo quanto pretendo fazer aqui é para todos aqueles que vêem ao mesmo fim que vós viestes. Delibero constituir aqui um refugio para os pobres fieis, que fôrem perseguidos em França, na Espanha, e em outra qualquer parte de além-mar, afim de que, sem temor do rei, nem do imperador ou de outros potentados, possam servir a Deos com pureza, conforme a sua vontade.

Eis as primeiras propozições, que Nicoláo de Villegagnon dirigio-nos por ocazião da nossa xegada, que foi n'uma quarta feira decimo dia de Março de 1557.

§ 3. Depois d'isto mandou logo reunir toda a sua gente comnosco em uma pequena sala, que avia no meio da ilha, e depois que o ministro Pedro Richier invocou a Deos e cantou-se em côro o salmo quinto nas palavras: — Quero dizer etc., o dito ministro, tomando por tema estas palavras do salmo vegesimo setimo : —Pedi ao senhor uma couza que ainda reclamarei, e é que eu abite na caza do Senhor todos os dias de minha vida — fez a primeira predica no fortim de Coligni na America.

Durante ela Nicoláo de Villegagnon, pretendendo espor a materia, não cessou de juntar as mãos, levantar os olhos para o céo, dar altos suspiros, e fazer varios outros gestos, com que cauzava admiração a todos nós

Por fim acabadas as preces solenes, conforme o ritual costumado das igrejas reformadas em França, e determinado para elas um dia em cada semana, dissolveo-se a reunião.

§ 4. Nós, os recem-xegados, ficamos e jantamos n'esse dia na mesma sala, onde por vianda tivemos farinha feita de raizes, peixe moqueado, isto é, assado á maneira dos selvagens, e outras raizes cozidas no borralho (das quaes couzas e dos seos prestimos, para não interromper agora a minha espozição, falarei em outro logar), e por bebida, porque não existe n'esta ilha fonte, poço, nem rio, agua de uma cisterna ou antes de um esgoto de toda a xuva, que cahia na ilha, a qual agua era tam esverdinhada, porca e suja, como é um xarco antigo coberto de rans.

Verdade é, que esta agua tam fetida e corrompida ainda axavamos bóa em comparação da que bebiamos no navio, como atraz fica dito.

Finalmente o nosso ultimo manjar, para refazer-nos dos trabalhos do mar, foi conduzirem-nos dali para carregar pedras e terra para esse fortim de Coligni, cuja construção proseguia.

Foi este o bom tratamento, que nos deo Nicoláo de Villegagnon desde o primeiro e grato dia da nossa xegada.

Além d'isso, á noite, quando tratou-se de arranjar apozento, o senhor Dupont e os dois ministros foram acomodados em uma camara tal qual no meio da ilha, e

afim de obzequiar a nós outros da religião, deram-nos um cazebre, que um selvagem escravo de Nicoláo de Villegagnon acabava de cobrir de ervas e construir ao seo modo á borda do mar, e ahi, na fórma do costume dos Americanos, penduramos lençóes e leitos de algodão para nos deitarmos suspensos no ar.

§ 5. Assim logo no dia seguinte e nos posteriores, Nicoláo de Villegagnon, sem necessidade forçoza, sem nenhuma atenção a estarmos mui debilitados pelo tranzito do mar, sem consideração ao calor que ordinariamente faz n'esse paiz, e sem atender á parca alimentação, que tinhamos, que era para cada um por dia duas taças de farinha dura, feita de raizes, de que acima falei (de parte da qual com essa agua turva da dita cisterna faziamos papa, como a gente do paiz, e o resto comiamos seca), obrigou-nos a carregar terra e pedras para o seo fortim e isto com tal diligencia que forçava-nos, apezar dos nossos incomodos e da nossa debilidade a rezistir ao labor desde a madrugada até a noite; e bem parecia, que ele tratava-nos um pouco mais rudemente do que o dever de bom pai (como dicera na nossa xegada querer tratar-nos) exigiria para com seos filhos.

Todavia tanto pelo dezejo, que tinhamos, de que se concluisse tal edificio e refugio, que ele dizia querer fabricar para os fieis n'esse paiz, como porque o nosso mestre Pedro Richier, nosso mais antigo ministro, afim de mais encorajar-nos, dizia, que tinhamos axado novo S. Paulo em Nicoláo de Villagagnon (como de fato nunca ouvi alguem falar melhor da religião e reforma cristan como ele então fazia), não ouve nenhum de nós, que alegremente se não empregasse, para assim dizer, além de suas forças, por espaço de quazi um mez, na execução de um mister, a que aliás não estavamos acostumados.

E posso afirmar, que Nicoláo de Villegagnon injustamente queixa-se; porque, emquanto professou o Evangelho n'esse paiz, tirou de nós todo o serviço, que exigio.

§ 6. Ora, para voltar ao assunto principal, devo dizer, que desde a primeira semana, em que xegamos, Nicoláo de Villegagnon não só constituio, mas tambem ele proprio

estabeleceo esta ordem, a saber, que além das preces publicas que faziam-se todas as noites, depois de findo o trabalho, os ministros pregariam duas vezes no domingo e nos dias de trabalho durante uma ora; declarando tambem expressamente, que ele queria e dezejava, que sem contemplações umanas fossem os sacramentos administrados conforme a palavra pura de Deos, e que no de mais fosse a diciplina ecleziastica aplicada contra os pecadores.

Conforme esta policia ecleziastica, no domingo 21 de Março, em que pela primeira vez celebramos a santa ceia de nosso senhor Jezus-Cristo no fortim de Coligni, na America, os ministros, com a devida antecedencia, prepara am e catechizaram todos aqueles que deviam comungar, porque não tinham bôa opinião de um tal João Cointa, que ora apelidava-se senhor Eitor, ora doutor da Sorbona, o qual tinha passado o mar comnosco: foi rogado, que, antes de aprezentar-se á comunhão, fizesse confissão publica da sua fé; o que ele fez, e por este modo perante todos abjurou o papismo.

§ 7. Igualmente quando terminou o sermão, Nicoláo de Villegagnon, apaıentando zêlo, levantando-se, e alegando que os capitães, mestres de navio, marujos e outras pessoas ahi prezentes ainda não tinham professado a religião reformada, nem eram capazes de tal misterio, os fez sahir, e não quiz, que vissem administrar o pão e o vinho.

Além d'isso ele proprio, conforme dizia, para dedicar o seo fortim a Deos e para fazer confissão de sua fé em face da igreja, ajoelhou-se em um coxim de veludo (que o pagem ordinariamente trazia atraz d'ele), e pronunciou em voz alta duas orações, das quaes obtive cópia; e afim de que cada um melhor compreenda quanto era ingrato conhecer o coração e o interior d'esse omem, aqui as ensiro palavra por palavra sem mudar uma só letra.

§ 8. «Meo Deos, abre os olhos e a boca do meo entendimento, prepara-os para te dirigir confissão, preces e ações de graças pelos excelentes bens, que nos tens feito! Deos onipotente, vivo e imortal, pai eterno de teo filho Jezus-Cristo, nosso senhor, que por tua providencia com teo filho governas todas as couzas no céo e na terra, assim

como por tua bondade infinita fizeste ouvir os teos escolhidos desde a creação do mundo, especialmente por teo filho, que enviaste á terra, pelo qual te manifestas, tendo dito em voz alta : Ouvi-o ;— e depois de tua acenção por teo espirito-santo difundido sobre os apostolos: — reconheço de coração ante a tua magestade e perante a tua igreja, plantada por graça tua n'este paiz, que nunca axei, pela prova que fiz e pelo ensaio de minhas forças e prudencia, sinão que o exito, que podemos ter é tudo obra pura das trevas, sapiencia da carne, poluta no zêlo da vaidade, tendente apenas ao fim e utilidade do meo corpo.

Portanto protesto e confesso francamente, que sem a luz do teo espirito santo não sou idoneo sinão para pecar ; e despojando-me de toda a gloria, quero, que se saiba de mim,que, si existe luz ou sentelha de virtude na obra pia, que por meo intermedio fizeste, a atribuo a ti só, fonte de todo o bem.

N'esta fé pois, meo Deos, te rendo graças de todo o meo coração, por te averes dignado xamar-me dos negocios mundanos, entre os quaes vivia por apetite de ambição, aprazendo-te por inspiração do teo espirito-santo colocar-me no lugar, onde com toda a liberdade eu possa servir-te com todas as minhas forças para aumento de teo santo reino.

E assim faço para preparar lugar e morada pacifica para aqueles que estam privados de invocar publicamente o teo nome para santificar-te e adorar o teo nome em espirito e verdade, reconhecer teo filho, nosso senhor Jezus Cristo, e ser o unico mediador, nossa vida e consolo, e o unico merito da nossa salvação.

Além d'isso eu te agradeço, oh! Deos de suprema bondade, porque, conduzindo-me a este paiz de ignorantes de teo nome e da tua grandeza, mas possuidos de Satan, como erança sua, tu me prezervaste da sua malicia, embora fôsse eu destituido de forças umanas ; mas tu lhes incutiste terror de nós por fórma tal que com a simples menção nossa tremem de medo, e os despersaste para alimentar-nos com o seo trabalho.

E para refrear a sua brutal impetuozidade, os afliges com trez crueis molestias, preservando-nos d'elas ; tiraste

da terra os que nos eram mais perigozos, e reduziste os outros a tal fraqueza, que nada ouzam enpreender contra nós.

Por cujo motivo tendo eu ocazião de lançar raizes n'este lugar e assim tambem a companhia, que te aprouve trazer aqui sem perturbação, estabeleceste o regimen de uma igreja para manter-nos em unidade e temor de teo santo nome, afim de guiar-nos para a vida eterna.

Ora, Senhor, pois que te aprouve estabelecer em nós o teo reino, peço-te por teo filho Jezus Cristo, de quem quizeste fazer ostia para confirmar-nos em tua predileção, que aumenteis as tuas graças e a nossa fé, fortificando-nos e iluminando-nos com teo santo espirito, para dedicar-nos ao teo serviço por tal fórma que todo o nosso esmero empregue-se em tua gloria; queiras tambem, senhor e pai nosso, estender a tua benção sobre este sitio de Coligni e paiz da França antartica para que seja inespugnavel refugio d'aqueles que com bôa consiencia e sem ipocrizia ahi se abrigarem para dedicar-se comnosco á exaltação da tua gloria, e possamos invocar-te no seio da verdade, sem a perturbação dos eréges.

Permití tambem, que o teo Evangelho reine n'este lugar, fortificando os teos servos para que não caiam no erro dos epicuristas e outros apóstatas; mas sejam constantes em perseverar na verdadeira adoração da divindade, conforme a tua santa palavra.

Praza a ti tambem, oh! Deos de suma bondade, proteger o rei, nosso soberano e senhor, segundo a carne, sua mulher, sua progenie e seo conselho, o senhor Gaspar de Coligni, sua mulher, e sua progenie, conservando-os na vontade de manter e favorecer esta tua igreja; e queiras a mim, teo umilissimo escravo, dar prudencia para dirigir-me, de sorte que me não desvie do verdadeiro caminho e possa rezistir a todos os obstaculos, que Satan me possa opor na auzencia do teo auxilio; que te reconheçamos perpetuamente por nosso Deos mizericordiozo, justo juiz, e conservador de todas as couzas com teo filho Jezus Cristo, reinante comtigo, e teo Espirito-Santo, baixado sobre os apostolos.

Cria pois em nós um coração réto, mortifica-nos com o

pecado, regenera-nos como omen interior para vivermos com justiça, sugeitando nossa carne para tornal-a idonea para as ações da alma inspirada por ti, e fazermos a tua vontade na terra, como no céo fazem os anjos.

Mas para que a urgencia de satisfazer as nossas necessidades nos não faça cair em pecado por desconfiança da tua bondade, queiras prover a nossa vida e conservar a nossa saude.

E assim como a carne terrestre com o calor do estomago converte-se em sangue e nutrimento do corpo, assim tambem queiras nutrir e sustentar as nossas almas com a carne de teo filho até consubstanciar-se ele em nós e nós n'ele; expelindo toda a malicia (pasto de Satan) e subrogando em lugar d'ela a caridade e fé, afim de sermos conhecidos de ti como teos filhos ; e quando te ouvermos ofendido, permiti, senhor de mizericordia, lavar os nossos pecados no sangue de teo filho, lembrando-te que somos concebidos na iniquidade, e que naturalmente pela dezobediencia de Adão em nós rezide o pecado.

Além d'isso conhece, que a nossá alma não póde executar o santo dezejo de obedecer-te pelo orgão do corpo imperfeito e rebelde.

Igualmente pelos merecimentos de teo filho Jezus Cristo não nos imputes as nossas faltas, antes nos imputes o sacrificio da sua morte e paixão, que pela fé temos sofrido com ele, tendo penetrado n'ele pelo recebimento do seo corpo no misterio da eucaristia.

Da mesma forma concede-nos graça para que perdoemos aos que nos ofenderam, e em vez de vingança procuremos o seo bem, como si fossem nossos amigos, seguindo assim o exemplo de teo filho, que pedio por aqueles que o perseguiram.

E quando formos instigados pela lembrança dos bens, esplendores; pompas e onras d'este mundo, estando aliás abatidos pela pobreza e pelo pezo da cruz de teo filho, seja a tua vontade exercer-nos para tornar-nos obedientes, e para que, engolfados na felicidade mundana, não nos rebelemos contra ti, sustenta-nos e adoça a agrura das aflições, afim de que estas não sufoquem a semente, que lançaste em nossos corações.

Nós te rogamos tambem, pai celestial, que nos guardes das tentações, com que Satanás busca desviar-nos; preserva-nos dos seos ministros e dos selvagens insensatos, no meio dos quaes te aprouve trazer-nos e conservar; livra-nos dos apostatas da religião cristan espalhados no meio d'eles; e sejas servido xamal-os á tua obediencia, afim de que se convertam, o teo Evangelho se publique por toda a terra, e em todas as nações se anuncie a tua bemaventurança.

Que vivas e reines com teo Filho e o Espirito-Santo por todos os seculos dos seculos. Amen.»

§ 9. « Jezus-Cristo, filho de Deos vivo, eterno e consubstancial, esplendor da gloria de Deos, sua imagem viva, por quem foram feitas todas as couzas, tu viste o genero umano condenado pelo infalivel juizo de Deos, teo pai, em consequencia da culpa de Adam, o qual poderia gozar da vida do reino eterno, tendo sido creado por Deos de terra não poluida por semente viril, donde se póde tirar necessidade de pecado, dotado de toda a virtude, com liberdade de amplo arbitrio de conservar-se na sua perfeição, todavia incitado pela sensualidade da carne, solicitado e movido pelos inflamados dardos de Satan, deixou-se vencer, e assim incorreo na ira de Deos; do que seguia-se a infalivel perdição dos omens sem ti, senhor nosso: tu, movido por tua immensa e indivizivel caridade, te aprezentaste a Deos, teo pai, umilhando-te a ponto de substituires a Adam para sofrer todas as ondas do mar da indignação de Deos, teo pai, para nossa purificação.

E assim como Adam fôra feito de barro não corrompido, sem semente viril, foste concebido do Espirito-Santo em uma virgem para ser feito e formado em verdadeira carne, como a de Adam, sugeita á tentação, e constantemente exercitada mais que a de todos os omens, sem pecado; e finalmente querendo admitir por ti em teo corpo o de Adam e toda a sua posteridade, alimentando as suas almas com a tua carne e o teo sangue, tu quizeste sofrer morte, afim de que, como membro de teo corpo, eles se alimentassem em ti, e agradassem a Deos, teo pai, oferecendo tua morte em satisfação das suas ofensas, como si fôssem seos proprios corpos.

E assim como o pecado de Adam se inoculára na sua posteridade, e pelo pecado a morte, tu quizeste e impetraste de Deos, teo pai, que tua justiça fôsse imputada aos crentes, os quaes, pela manducação da tua carne e do teo sangue, tu fizeste uns comtigo, e transfor maste em ti como alimentados por tua carne e substancia, seo verdadeiro pão, para viverem eternamente como filhos da justiça e não da ira.

Ora, pois que aprouve-te fazer-nos tantos bens, e sentado á mão direita de Deos, teo pai, és ahi eternamente constituido nosso intercessor e soberano sacerdote, conforme a ordem de Melchizedec, tem piedade de nós, conserva-nos, fortifica e aumenta a nossa fé, oferece a Deos, teo pai, a confissão que faço de coração e boca, em prezença da tua igreja, santificando-me por teo espirito, como prometeste, dizendo : — Não vos deixarei orfão.

Aumenta a tua igreja n'este lugar, de modo que em plena paz aqui sejas adorado com pureza.

Que vivas e reines com ele e com o Espirito-Santo por todos os seculos eternamente. Amen. »

§ 10. Findas estas duas preces, Nicoláo de Villegagnon aprezentou-se logo na meza do Senhor, e recebeo de joelhos o pão e o vinho da mão do ministro.

Entretanto verificamos logo o justo conceito de um antigo escritor, quando dizia, que é dificil simular a virtude por muito tempo;e assim percebiamos, que avia apenas ostentação no seo procedimento. Embora ele e João Cointa tivessem abjurado publicamente o papismo, tinham todavia mais dezejos de discutir e contender do que de aprender e aproveitar; por isso não tardaram muito em mover disputas relativas á doutrina.

E principalmente sobre o ponto da ceia: ambos regeitavam a transubstanciação da igreja romana, como opinião que eles diziam abertamente ser grosseira e absurda, e tambem não aprovavam a consubstanciação; por isso consentiam, que os ministros ensinassem e provassem com a palavra de Deos, que o pão e o vinho não se convertiam realmente em corpo e sangue do Senhor, o qual por isso não se encerrava n'essas duas especies materiaes assim

como Jezus Cristo está no céo, donde aliás, por virtude do seo Espirito-Santo, comunica-se em alimento espiritual aos que recebem os sinaes da fé.

Ora, como quer que seja, Nicoláo de Villegagnon e João Cointa diziam estas palavras : — Este é meo corpo, este é o meo sangue — e ellas não podem significar sinão que ali se contém o corpo e sangue de Jezus Cristo.

§ 11. Si perguntardes porem : como pois as entendiam eles, visto dizeres, que rejeitavam as duas sobreditas opiniões da transubstanciação e da consubstanciação ?

Como nada sei a esse respeito, por isso creio firmemente, que eles nada entendiam ; pois quando se lhes mostrava por outras passagens, que essas palavras e locuções sam figuradas, isto é, que a Escritura costuma xamar e apelidar os sinaes do sacramento com o nome da couza significada, embora eles não podessem refutar com argumentos procedentes para provar o contrario, nem por isso deixavam de continuar obstinados ; de tal sorte que sem saber como isto se fazia, queriam comtudo não só naturalmente, mas tambem espiritualmente comer a carne de Jezus Cristo ; e o que era peior, á maneira dos selvagens xamados Goitacazes, de que atraz falei, os quaes mastigam e engolem a carne crua.

§ 12. Todavia Nicoláo de Villegagnon, aprezentando sempre rosto alegre e protestando não dezejar sinão ser bem instruido, mandou para a França o ministro Guilherme Chartier em um dos navios (o qual, depois de carregado de páo-brazil e de outras mercadorias do paiz, partio a 4 de Junho com destino de voltar), afim de que sobre a contenda da ceia trouxesse as opiniões dos nossos doutores e principalmente a do mestre João Calvino, a cujo parecer dizia ele querer submeter-se.

E com efeito por muitas vezes o ouvi dizer e repetir estas palavras: — O senhor João Calvino é um dos mais doutos personagens, que tem aparecido depois dos apostolos, e não li doutor, que, no meo entender, tenha melhor e mais puramente esposto e tratado a Escritura Santa do que ele o tem feito.

§13. Por isso para mostrar, que ele o acatava, na resposta dada ás cartas, que lhe trouxemos, não só lhe participou

mui longamente qual o seo estado em geral, porém mui particularmente (como dice no prefacio e ainda se vê no fim do original da sua carta com data do ultimo de Março de 1557, que temos bem guardada) escreveo com tinta de páo-brazil e do seo proprio punho o seguinte:

« Acrecentarei o conselho, que me destes em vossas cartas, esforçando-me com toda vontade por não desviar-me d'ele em couza alguma. Pois de fato estou bem persuadido,que não póde aver outro mais santo,réto e perfeito. Por tanto mandamos lêr as vossas cartas em reunião do nosso conselho,e depois registal-as,afim de que,si nos desviarmos do bom caminho, sejamos pela leitura d'elas advertidos e apartados do estravio.»

Tambem um tal Nicoláo Carmeau, que foi portador d'essas cartas, e que partira no primeiro dia de Abril no navio *Rozee*, ao despedir-se de nós, dice-me, que Nicoláo de Villegagnon lhe determinára, que vocalmente dicesse ao senhor João Calvino,que ele lhe rogava,que acreditasse, que, para perpetuar a memoria do conselho, que lhe dera, ia mandar graval-o em cobre; como tambem encarregara o dito Nicoláo Carmeau de lhe trazer de França algumas pessoas, omens, mulheres e meninos, prometendo satisfazer e pagar todas as despezas, que os sectarios da religião fizessem com o arranjo d'essa gente.

§ 14. Antes porém de passar adiante, não quero omitir aqui a menção de 10 rapazes selvagens de idade de 9 a 10 annos, e de menos, tomados na guerra pelos selvagens amigos dos Francezes, e vendidos como escravos a Nicoláo de Villagagnon, os quaes depois que o ministro Pedro Richier, no fim de uma predica, impôz as mãos sobre eles, e todos rogamos a Deos lhes fizesse a graça de serem os primeiros d'esse pobre povo xamados ao conhecimento da sua salvação, foram embarcados nos navios, que, como dice, partiram a 4 de Junho para irem para a França, onde os ditos rapazes xegaram e foram aprezentados ao rei Enrique Segundo, então reinante, sendo depois dados de mimo a varios magnatas, e entre outros deo um d'eles ao falecido senhor de Passi, que o mandou batizar, e eu depois do meo regresso o reconheci em caza d'este senhor.

Além d'isso aos 3 dias de Abiil, dois mancebos, criados de Nicoláo de Villagagnon, despozaram na ocazião da predica, á maneira das igrejas reformadas, duas d'essas raparigas, que tinhamos trazido de França para este paiz.

§ 15. Do que aqui faço menção, não só porque foram as primeiras nupcias e cazamentos feitos e solenizados ao modo cristão na terra da America, mas tambem porque muitos selvagens, que nos tinham vindo vêr, ficaram mais admirados de vêr mulheres vestidas (pois antes nunca tinham visto) do que de vêr as ceremonias ecleziasticas, as quaes aliás lhes eram totalmente desconhecidas.

Igualmente aos 17 de Maio João Cointa despozou outra rapariga, parenta de um tal Laroquete de Rouen, a qual transpassára o mar comnosco; mas tendo este falecido algum tempo depois da nossa xegada ali, deixou esta sua parenta como erdeira de toda a fazenda, que trouxera e consistia em grande quantidade de facas, pentes, espelhos, frizas de côr, anzóes de pescaria, e outros insignificantes objétos proprios do trafico com os selvagens; o que conveio a João Cointa, que soube arranjar tudo.

As outras duas raparigas (pois, eram cinco, como vimos no nosso embarque) foram tambem logo depois cazadas com dois interpretes da Normandia (*truchemens*), de sorte que não ficaram mais entre nós mulheres nem raparigas cristans por cazar.

§ 16. E para não calar o que era louvavel nem o que era censuravel em Nicoláo de Villegagnon, direi de passagem, que, por cauza de certos Normandos, que muito tempo antes d'ele xegar a esse paiz tinham se salvado de um navio, que naufragára, e aviam ficado entre os selvagens, onde viviam sem temor a Deos, e se amaziavam com mulheres e raparigas (como vi alguns que tinham filhos já de 4 a 5 annos de idade), tanto para reprimir isso como para obviar, que d'aqueles que faziam sua rezidencia em nossa ilha e em nosso fortim não abuzassem por essa fórma, Nicoláo de Villegagnon, ouvido o parecer do conselho, prohibio sob pena de morte, que ninguem, que tivesse o titulo de cristão, abitasse com as mulheres dos selvagens.

E' certo, que a ordenança determinava, que, si algumas fossem atrahidas e xamadas ao conhecimento de Deos, seria permitido despozal-as, depois de serem batizadas.

Mas assim sendo, não obstante as admoestações por nós muitas vezes feitas a esse povo barbaro, não apareceo um só individuo, que deixasse o antigo vezo, e quizesse confessar Jezus Cristo como seo salvador; por isso em todo o tempo, em que lá estive, não vi Francez algum, que tomasse mulher selvagem.

§ 17. Todavia como esta lei tinha claro fundamento na palavra de Deos, foi por isso tam exatamente observada, que nenhum dos sequazes de Nicoláo de Vilegagnon, nem nenhum dos nossos companheiros a transgredio ; e embora depois do meo regresso eu tenha ouvido dizer, que ele, quando estava na America, poluia-se com as mulheres selvagens, darei testimunho, de que ninguem em nosso tempo d'isto o suspeitava.

E o que mais é: ele tam severamente recommendava a observancia da sua ordenança, que em certa ocazião, algumas pessoas da sua maior confidencia tiveram de interceder por um trugimão, que, indo á terra firme, fôra convencido de ter copulado com uma mulher, de que outr'ora abuzava, afim de que fôsse punido com a calceta no pé e posto entre os escravos, quando Nicoláo de Villegagnon, o queria enforcar.

Pelo que sei pois em relação a sua pessoa como a outros individuos, ele era louvavel n'este ponto ; e prouvera a Deos, que para o adiantamento da igreja, e para o fruto, que muita gente agora receberia, ele se tivesse portado tam acertadamente em todas as outras couzas.

§ 18. Guiado porém no mais, como era, por um espirito contraditorio, não pôde contentar-se com a simplicidade, que a Escriptura mostra aos verdadeiros cristãos deverem ter a respeito da administração dos sacramentos: xegou o dia de pentecostes seguinte, em que celebramos a ceia pela segunda vez, e ele (infringindo diré-tamente o que tinha dito, quando estatuio a ordem da igreja, como acima vimos, a saber, que queria, que todas as invenções umanas fôssem regeitadas) alegou, que

S. Cipriano e S. Clemente tinham escrito, que na celebração da ceia cumpria pôr agua e vinho, e não só pretendia obstinadamente, que isso se fizesse, mas tambem afirmava e queria, que crêssemos, que o pão consagrado aproveitava ao corpo e á alma.

Além d'isso sustentava, que cumpria pôr sal e oleo na agua do batismo, e que um ministro não podia cazar-se em segundas nupcias, citando a passagem de S. Paulo a Timoteo, quando diz, que o bispo seja marido de uma só mulher.

Em suma não querendo mais depender de outro conselho além do seo, aliás sem fundamento na palavra de Deos para o que dizia, rezolveo absolutamente mover tudo ao seo caprixo.

§ 19. Mas afim de que conheçam todos como ele argumentava tanazmente, aprezentarei aqui apenas uma d'entre muitas sentenças da Escriptura, que ele alegava, pretendendo com elas provar as suas propozições.

Eis pois o que um dia ouvi ele dizer a um dos seos sequazes : — Não leste no Evangelho do leprozo, que este dice a Jezus Cristo : Senhor, si quizeres, podes limparme, e que apenas Jezus dice : Quero, fica limpo, o leprozo ficou são ?

Assim (afirmava este bom espozitor) quando Jezus Cristo dice : Este é o meo corpo — cumpre crêr sem interpretação alguma, que ele ali está, e deixemos essa gente de Genebra falar.

Não é pois isto interpretar bem uma passagem por outra ? E' certamente tam cabido como o conceito d'aquele que nos debates de um concilio alegou, que como está escrito : Deos creou o omen á sua imagem— convém por isso ter imagens.

Portanto julguemos agora por este exemplo da teologia escolar de Nicoláo de Villegagnon, que tamanho rumor levanta sobre a sua pessoa, si, tendo siencia tam perfeita da Escritura, não era bastante (como jata-se depois da sua apostazia) tanto para fexar a boca de João Calvino, como para fazer frente nas disputas a todos quantos não quizessem aceitar a sua doutrina.

Poderia accrecentar muitas outras propozições tam ridiculas como a precedente, que o ouvi proferir

relativamente a esta materia dos sacramentos. Mas como, quando ele voltou á França, não só Pedro Richier (Petrus Richelius) o pintou com todas as suas côres, mas tambem outros depois o almofaçaram e escovaram completamente, temo enfadar os leitores, e agora nada mais direi.

§ 20. N'esse tempo João Cointa, querendo tambem mostrar a sua sapiencia, começou a dar lições publicas; mas tendo principiado pelo Evangelho de S. João (materia tal e tam sublime como o sabem os que professam teologia) descorria tam a propozito as mais das vezes como commumente se diz das *magnificat* para matinas; todavia era n'esse o paiz unico sustentaculo de Nicoláo de Villegagnon para impugnar a verdadeira doutrina do Evangelho.

E aqui dirá talvez alguem: — Como pois calava-se então o frade franciscano André Tevet, que na sua Cosmografia tanto se queixa de que os ministros enviados á America por João Calvino, invejozos de seos bens, e ambicionando-lhe o encargo, o impedissem de ganhar as almas desgarradas do pobre povo selvagem, conforme os seos proprios termos?

Era mais afeiçoado aos barbaros do que á defeza da igreja romana, de que faz-se fortissima coluna?

§ 21. A resposta a este embuste de André Tevet n'este lugar será, como já em outra ocazião o dice, que ele estava de regresso em França antes da nossa xegada a esse paiz; por isso peço de novo aos leitores para notarem aqui de passagem, que, si ainda não fiz nem farei menção alguma d'ele em todo o prezente discurso a respeito das disputas, que Nicoláo de Villegagnon e João Cointa tiveram comnosco no forte de Coligni na terra do Brazil, é porque ahi nunca ele vio os ministros, de que fala, nem estes tambem o viram.

Esse bom catolico André Tevet, como já provei no prefacio d'este livro, não esteve ahi no tempo em que la estivemos; por tanto existia um intervalo de 2.000 leguas de mar entre nós e ele para impedir, que os selvagens por nossa cauza caissem sobre ele e o matassem (como contra a verdade ouzou escrever), e não precizava alimentar o mundo com taes frioleiras para alegar outro exemplo do seo zelo além do que diz ter tido na conversão

dos selvagens, si os ministros o não tivessem impedido ; pois de novo digo, que isto é falso.

§ 22. Ora, volto ao meo assunto. Logo depois d'esta ceia de pentecostes, Nicoláo de Villegagnon declarou abertamente ter mudado da opinião outr'ora manifestada a respeito de João Calvino, e sem esperar por sua resposta mandada pedir em França por via do ministro Pedro Chartier, dice, que ele era um máo eretico transviado da fé ; e com efeito mostrou-nos desde então má vontade, e dizendo que queria, que a predica não durasse mais de meia óra do fim de Maio em diante, mui poucas vezes a ela assistia.

Direi em concluzão, que a dissimulação de Nicoláo de Villegagnon se nos patenteou tam clara, que, conforme vulgarmente se diz, conhecemos logo com que lenha ele se aquecia.

Agora si nos perguntarem o que motivou tal revolução direi, que alguns dos nossos sustentavam, que o cardeal de Lorena e outros personagens lhe aviam escrito de França pelo mestre de um navio, que n'esse tempo veio a Cabofrio, 30 legoas aquem da ilha, onde estavamos, censurando-o acremente em suas cartas por aver deixado a religião catolica romana, e que, receiozo da arguição, mudára subitamente de opinião.

§ 23. Todavia depois do meo regresso ouvi dizer, que Nicoláo de Villegagnon ainda antes de partir de França, para melhor servir-se do nome e autoridade do falecido senhor almirante de Chastillon, e tambem para poder mais facilmente abuzar da igreja de Genebra em geral e de João Calvino em particular (tendo como vimos no começo d'esta istoria escrito a uns e a outros afim de obter gente que o buscasse) aconselhara-se com o dito cardeal de Lorena para mascarar-se com a religião.

Como quer que seja porém, posso assegurar, que na ocazião da sua rebeldia, como si tivesse um carrasco na consiencia, tornou-se tam pezarozo, que jurava a cada momento pelo corpo de Santiago (seo juramento ordinario), que quebraria a cabeça, braços e pernas do primeiro que o importunasse, e ninguem ouzava mais buscar a sua prezença.

E porque vem a propozito, referirei a maldade, que n'esse tempo o vi praticar com um Francez xamado Laroche, que ele conservava prezo em grilhões.

Tendo-o pois feito deitar de costas no xão mandou por um dos seos satelites dar-lhe tanta pancada no ventre, que o paciente quazi perde o folego e a respiração; e depois que o pobre omen ficou assim maxucado de um lado, esse dezumano verdugo dizia :—Corpo de Santiago, frascario, faze outra!

E com incrivel piedade deixaria assim esse pobre corpo estendido, quebrantado e semi-morto, si d'ele não precizasse para trabalhar no seo oficio, pois era marcineiro.

Geralmente outros Francezes, que ele conservava prezos pelo mesmo motivo, porque prendera Laroche, a saber, por que em razão do máo tratamento, que lhes dava antes da nossa xegada a esse paiz, tinham conspirado entre si para lançal-o ao mar; e estando mais estragados do que si estivessem nas galés, alguns dentre eles, carpinteiros amestrados, abandonaram a ilha e preferiram antes ir para terra firme viver com os selvagens (que aliás os tratavam mais umanamente) do que permanecer com ele.

§ 24. Talvez 30 ou 40 omens e mulheres selvagens Maracajás, que os Tupinambás, nossos aliados, tinham aprezado na guerra, e tinham vendido como escravos, eram ahi tratados ainda mais cruelmente.

E com efeito uma vez o vi mandar amarrar a um d'eles, xamado Mingau, em uma peça de artilharia; e por uma couza que nem repreenção merecia, mandou derreter toucinho, e derramar bem quente nas nadegas do paciente : por isso esta mizera gente dizia repetidas vezes em sua lingua : — Si pensassemos, que Paicolá (assim xamavam eles a Nicoláo de Villegagnon) nos trataria d'este modo, deixariamos antes que os nossos inimigos nos comessem do que virmos procural-o.

Eis ligeiro traço da sua umanidade ; e eu aqui passaria sem falar mais d'ele, si já não tivesse mencionado, que, quando puzemos pé em terra na sua ilha, ele nos dice pozitivamente, que dezejava, que fôsse reformada a superfluidade dos vestuarios.

E' precizo pois,que eu ainda diga qual o bom exemplo e a boa pratica, que n'este ponto mostrou.

§ 25. Ele não só tinha grande quantidade de roupas de seda e lan, que antes queria deixar apodrecer nas suas arcas, do que com elas vestir a sua gente (parte da qual aliás estava quazi toda nua),mas tambem possuia camelões de todas as côres. Mandou fazer para si seis trages de muda para todos os dias da semana; a saber : cazaca e calções todos iguaes, vermelhos, amarelos, pardos, brancos, azues e verdes : de sorte que, si isso assentava bem á sua idade, profissão e proeminencia, que pretendia ter, cada qual o póde julgar. Nós conheciamos pouco mais ou menos pela côr do vestuario, que ele trajava, de que umor estaria n'esse dia; como quando vemos a verdura e a amarelidão dos campos, assim podemos dizer, si temos ou não bôa estação.

Sobretudo porêm quando vestia comprido cazaco de camelão amarélo, bandado de veludo preto, desvanecia-se com esse trage, e diziam os seos mais gracizos sequazes, que ele então parecia menino travesso.

Portanto si aquele ou aqueles que depois do seo regresso para cá o mandaram pintar nú como selvagem, em cima do fundo de grande marmita, tivessem noticia d'esse formozo cazaco, não duvidamos, que por joias e ornatos tambem lhe o dariam, como fizeram com a cruz e a flauta pendentes do pescoço.

Si alguem agora dicer, que não tenho razão para procurar couzas minimas (como na verdade confesso não valer a pena tocar principalmente n'este ultimo ponto), respondo a isto, que como Nicoláo de Villegagnon aprezentou-se qual Rolando furiozo contra os da religião reformada, especialmente depois do seo regresso á França, voltando-lhes assim as costas, parece-me dever cada um saber como ele portou-se em todas as religiões, que seguio ; e acrece, que, pela razão já mencionada no prefacio, muito convem, que eu diga tudo quanto sei.

§ 26. Ora, finalmente depois que por via do senhor Dupont lhe fizemos saber, que, visto ele repudiar o Evangelho, não eramos mais seos subditos, nem queriamos mais estar ao seo serviço, e menos queriamos continuar a

carregar barro e pedra para o seo fortim, julgou ele enxer-nos de pasmo, isto é, fazer-nos morrer de fome, si o podesse, e prohibio, que nos dessem mais de duas taças de farinha de raiz, que cada um de nós costumava receber por dia, como já dice.

Mas isto longe esteve de incomodar-nos, porque além de termos mais farinha por uma foice, ou por duas ou trez facas que davamos aos selvagens (os quaes frequetemente vinham nas suas pequenas barcas ver-nos na ilha, ou nós iamos procural-os nas suas aldeias) do que ele nos distribuia em meio anno, ficamos satisfeitissimos com tal recuza por ver-nos inteiramente fóra da sua sugeição. Entretanto si ele fosse mais forte, e si parte da sua gente e alguns dos nossos principaes companheiros não tomassem o nosso partido, não duvidamos, que ele então arranjasse mal os nossos negocios, isto é, teria tentado domar-nos por força.

§ 27. E com efeito para tentar, si o poderia conseguir, quando em certa ocazião um fulano João Gardien e eu xegamos de volta de terra firme (onde d'esta vez estivemos entre os selvagens quazi 15 dias), fingio ignorar a permissão, que antes da nossa partida pediramos ao senhor Barré, seo lugar-tenente, e pretendeo assim, que transgrediramos a ordenança, que fizera prohibindo, que ninguem saisse da ilha sem licença; por cuja cauza não só nos quiz prender, mas, o que peior era, ordenara, que nos pozessem grilhões aos pés, como aos seos escravos.

E estivemos em tanto maior perigo quanto o senhor Dupont, nosso diretor (o qual, como alguns companheiros nossos diziam, atenta a sua qualidade, muito abatia-se ante ele), em vez de nos sustentar e impedir o ato, pedia-nos, que por um dia ou dois sofressemos a pena, porque nos faria libertar, quando passasse a colera de Nicoláo de Villegagnon.

Mas declaramos formalmente, que não suportariamos o castigo, tanto por que não tinhamos infringido a ordenança, como principalmente porque já lhe tinhamos declarado, que nada dependiamos d'ele, por ter ele rompido a promessa de manter-nos no exercicio da religião evangelica, não obstante o exemplo de tantos outros que

ele conservava em grilhões, e viamos diariamente diante de nossos olhos ser tam cruelmente tratados.

Ouvindo ele esta resposta, e sabendo tambem que, si quizesse passar além, estavamos 15 ou 16 companheiros tam unidos e ligados pela amizade, que quem ofendesse a um ofenderia a todos, como se diz, não nos forçou, abrandou e dezistio do intento.

§ 28. E' além d'isto certo, como tantas vezes tenho mencionado, que os principaes da sua gente eram da nossa religião, e por consequencia estavam mal satisfeitos com ele por cauza da sua rebeldia; e si não temessemos, que o senhor almirante, que, sob a autoridade do rei (como em principio dice) o tinha mandado sem o conhecer tal qual agora se mostrava, se desgostasse, e si não atendessemos a outras considerações, alguns companheiros aproveitariam esta ocazião para acometel-o, e lançal-o ao mar, afim de que, diziam eles, a sua carne e largas espaduas servissem de alimento aos peixes.

Todavia a mor parte axava mais conveniente, que nos portassemos com moderação, desde que faziamos sempre e publicamente a predica (que ele não ouzava ou não podia impedir), e que, para obviar que ele nos perturbasse e embaraçasse, celebrassemos a ceia e fizessemos a predica dahi por diante de noite e sem sua siencia.

E porque depois da ultima ceia, que n'esse paiz celebramos, apenas ficou-nos um copo do vinho, que tinhamos trazido de França, e não tinhamos meio de aver esse licor de outra parte, moveo-se questão entre nós, a saber, si por falta de vinho poderiamos celebrar esta ceremonia religioza com outros licores.

§ 29. Alegavam alguns, entre outras passagens, que Jezus Cristo, na instituição da ceia, depois da ação de graças, dice expressamente: — Não beberei mais do fruto da vinha etc., e estes eram de opinião, que na auzencia do vinho, era melhor abster-se do sinal do que substituil-o.

Outros ao contrario diziam, que, quando Jezus Cristo instituio a ceia, estava no paiz da Judéa; por isso falava da bebida, que ali era uzual, e que, si estivesse em terra de selvagens, é verosimil, que tivesse não só feito menção da bebida, de que estes uzassem em vez de vinho, quando o

não podessem alcançar, mas tambem na falta d'ela não duvidariam celebrar a ceia com as couzas mais comuns (em substituição do pão e do vinho) no alimento dos omens do paiz, onde estivessem.

Embora porém muitos se inclinassem a esta ultima opinião, ficou a materia indeciza; porquanto não xegamos até essa extremidade.

Todavia o cazo apenas produzio alguma divergencia entre nós; e logo por graça de Deos ficamos todos sempre em tal união e concordia, que eu dezejava, que todos, que oje professam a religião reformada, marxassem no mesmo ton, como nós então o fizemos.

§ 30. Ora para concluir o que tinha de dizer a respeito de Nicoláo de Villegagnon, acrecentarei o seguinte. Aconteceo que ele, conforme o proverbio que diz, que quem quer desfazer-se de alguem procura ocazião, detestando cada vez mais a nós e a nossa doutrina, declarou que não nos queria mais sofrer nem tolerar no seo fortim nem na sua ilha, e ordenou no fim do mez de Outubro, que nos retirassemos.

Verdade é (como acima mencionei), que tinhamos meios suficientes para o expulsarmos, si o quizessemos; mas tanto para lhe tirar todo o motivo de queixar-se de nós, como por que, entre as razões já mencionadas, estando a França e outros paizes na espectativa de termos ido além-mar viver na observancia da reforma do Evangelho, tememos lançar macula sobre a nova doutrina, e preferimos obedecer a Nicoláo de Villegagnon, e sem mais contestação deixar-lhe a praça.

§ 31. Assim depois de termos estado quazi oito mezes n'esta ilha e fortim de Coligni, que tinhamos ajudado a construir, nos retiramos e passamos para terra firme, na qual estivemos dois mezes, esperando que um navio vindo do Havre de Graçe carregar páo-brazil, (com cujo mestre contratamos nosso transporte para França) se aprontasse para partir.

Acomodamos-nos na praia do mar do lado esquerdo da entrada d'este rio de Guanabara, no lugar xamado pelos Francezes Briqueterie (olaria), o qual apenas dista meia legoa do fortim.

E como de lá iamos e vinhamos frequentemente, comiamos e bebiamos entre os selvegens, os quaes foram para nós incomparavelmente mais umanos do que aquele que nos não pode suportar, sem lhe termos aliás feito agravo algum. Por isso eles, por sua parte, para nos trazerem viveres e outras couzas, de que careciamos, vinham frequentemente vizitar-nos.

§ 32. Ora, tendo sumariamente descrito n'este capitulo a inconstancia e variação, que descobri em Nicoláo de Villegagnon em materia de religião ; o tratamento, que nos deo a pretesto d'ela ; suas disputas e ocazião, que aproveitou para desviar-se do Evangelho ; seos gestos e assersões ordinarias n'esse paiz ; a dezumanidade, que empregava para com a sua gente, e como ele andava magistralmente trajado ; adiarei o que tenho de dizer do nosso embarque de regresso, quer em relação á licença, que nos concedeo, quer acerca da traição, que nos fez na ocazião da nossa partida da terra dos selvagens, afim de tratar de outros pontos.

Eu o deixarei por ora espancar e atormentar a gente do seo fortim, o qual, juntamente com o braço de mar, em que está situado, vou primeiramente descrever.

CAPITULO VII

Descrição do rio Guanabara, tambem denominado Geneure, na America, da ilha e do fortim de Coligni, que n'ela foi edificado, e juntamente das outras ilhas circumvizinhas.

§ 1. Este braço de mar e rio de Guanabara, assim xamado pelos selvagens, e Geneure pelos Portuguezes (pois assim o denomínam, porque, como dizem, o descobriram no dia primeiro de Janeiro) fica aos 23 gráos além da linha equinocial, e sob o tropico de Capricornio; e como tinha sido um dos portos de mar da terra do Brazil

mais frequentado em nossos tempos pelos Francezes, julguei não ser fóra de propozito fazer aqui particular e sumaria descrição d'ele.

Sem pois deter-me sobre o que outros já escreveram, começo por dizer (tendo estado e navegado n'ele quazi um anno), que penetra no interior das terras, e tem quazi dôze legoas de comprimento, e em alguns lugares sete ou oito de largura; e quanto ao mais, embora as montanhas, que por todas as partes o rodeiam, não sejam tam altas como as que cercam o grande e espaçozo lago d'agua doce de Genebra, todavia a terra firme aproxima-se por todos os lados, e o torna por sua situação assás similhante a este.

§ 2. Quem deixa o mar grande, preciza costear trez pequenas ilhas dezabitadas, contra as quaes os navios, si não sam bem dirigidos, correm grande perigo de bater e despedaçar-se, e a embocadura é bastante penoza.

Depois d'isto é precizo passar um estreito, que não xega a ter um quarto de legua de largura, e é limitado do lado esquerdo, ao entrar, por uma montanha e roxedo piramidal, que não é sómente de maravilhoza e excessiva altura, mas tambem, ao vel-a de longe, dir-se-ia, que é artificial; e com efeito por ser ela redonda, e similhante a uma grossa torre, nós os Francezes, por modo iperbolico, a denominavamos—Pote de manteiga (*Pot de beurre*).

Pouco adiante subindo o rio, está um roxedo bastante razo, que pode ter 100 ou 120 passos de circunferencia, ao qual tambem denominavamos Ratier, sobre o qual Nicoláo de Villegagnon em sua xegada, depois de dezembarcar as suas alfaias e sua artilharia, pensou em fortificar-se; mas dahi o expelio o fluxo e o refluxo do mar.

Uma legoa adiante está a ilha, onde estacionavamos, a qual, como alhures mencionei, era dezabitada antes de Nicoláo de Villagagnon xegar n'esse paiz; mas como aliás não tinha sinão meia milha franceza de circuito, e era seis vezes mais comprida do que larga, cercada, como era, de pequenos roxedos á flor d'agua, que impedem os navios de aproximar-se mais perto do que o alcance do canhão, é naturalmente fortissima.

E com efeito ninguem pode n'ela atracar, ainda em

pequenos barcos, sinão do lado do porto, o qual fica da parte oposta á entrada do mar alto ; e si fosse bem guarnecida, não seria possivel forçal-a nem surpreendel-a, como depois do nosso regresso os Portuguezes o fizeram, por culpa dos que lá deixamos.

§ 3. Além d'isso nas extremidades d'ela estam dois montes, em cada um dos quaes Nicoláo de Villegagnon mandou fazer uma cazinhola assim como tambem mandára edificar a sua caza de rezidencia em uma pedra de 50 ou 60 pés de altura, que fica no meio da ilha.

De um e outro lado d'este roxedo, tinhamos aplainado e preparado pequenos espaços, nos quaes estavam construidas não só a sala, onde nos reuniamos para a predica e para a refeição, como tambem varias camaras, nas quaes nos alojavamos, e nos acommodavamos quazi 80 pessoas (incluzive a comitiva de Nicoláo de Villegagnon), que rezidiamos n'este lugar.

Notai porém, que á excéção da caza situada sobre o roxedo, na qual algum madeiramento existe, e de alguns baluartes, nos quaes estava posta a artilharia, e que sam revestidos de alvenaria, tudo o mais consiste em cazebres ou antes camarotes, e como foram os selvagens os architetos d'eles, por isso os construiram ao se modo, isto é, de madeiras toscas com a cobertura de ervas.

Eis em poucas palavras qual era o artificio do fortim, que Nicoláo de Villegagnon denominou Coligni, na França antartica, pensando fazer couza agradavel ao senhor Gaspar de Coligni, almirante de França, sem o favor e auxilio do qual, como eu dice em principio, ele jámais teria meios de fazer a viagem, nem de edificar fortaleza alguma no Brazil.

§ 4. Mas intentando ele assim perpertuar o nome d'este excelente varão, cuja memoria na verdade será para sempre onrada entre os omens de bem, deixo ao criterio de todos avaliar, si Nicoláo de Villegagnon, além de rebelar-se contra a religião (com desprezo da promessa por ele feita antes de sair de França de estabelecer o puro serviço de Deos n'esse paiz), abandonando a praça aos Portuguezes, que agora sam possuidores d'ela, deo motivo para os seos triunfos, para onra do nome de Coligni, e para gloria do nome de França antartica dado a esse paiz.

Sobre tal assunto direi, que não cesso de admirar muito o procedimento de André Tevet no anno de 1558, quazi dois annos depois do seo regresso d'America ; pois provavelmente para agradar ao rei Enrique Segundo, então reinante, não só em uma carta, que mandou levantar d'esse rio Guanabara e do fortim de Coligni, fez pintar ao lado esquerdo d'ele, na terra firme, uma cidade, a que xamou *Ville-Henri*, mas tambem a inclue na sua *Cosmografia*, embora depois tivesse muito tempo para pensar, que isso era pura zombaria.

Pois quando partimos d'essa terra do Brazil, mais de 18 mezes depois de André Tevet, sustento, que não existia fórma alguma de edificios e menos qualquer aldeia, nem cidade no sitio, onde ele nos forjou e assinalou uma cidade inteiramente fantastica.

Por isso ele mesmo incerto como devia proceder a respeito do nome d' esta cidade imaginaria, á maneira dos que disputam, si convém dizer barrete vermelho, ou vermelho barrete, tendo apelidado *Ville-Henri* na sua primeira carta, e *Henriville* na segunda, leva-nos a conjeturar, que tudo quanto ele dice não passa de imaginação e couza por ele suposta ; de sorte que sem temor de equivoco póde o leitor escolher d'estes dois nomes o que quizer, e axará sempre a mesma couza, a saber, nada mais do que a pintura.

Assim concluo, que André Tevet desde então não só escarneceo do nome de rei Enrique Segundo, como fez Nicoláo de Villegagnon com o de Coligni dado ao fortim, mas tambem que com esta reiteração profanou a memoria do seo principe, quanto lhe foi possivel.

§ 5 E afim de prevenir quanto ele poderia alegar em contrario, negando formalmente que o lugar por ele inculcado não é o sitio denominado Briqueterie (olaria), no qual os nossos operarios construiram algumas xoupanas, confesso, que n'esse ponto existe uma montanha, a qual os Francezes, que primeiro ali se acomodaram, xamaram *Mont-Henri*, em lembrança do seo soberano senhor, assim como em nosso tempo denominamos outra montanha Corguillerai, em razão do sobrenome de Filipe de Corguillerai, senhor Dupont, que nos conduzira além-mar ;

si porém tanta diferença existe de uma montanha para uma cidade, como realmente existe entre um sino e uma igreja, segue-se que André Tevet, assinalando essa cidade Ville-Henri ou Henriville nas suas cartas, deslembrou-se, ou quiz exagerar a couza.

E para que ninguem pense, que falo diversamente da verdade, apelo novamente para todos aqueles que fizeram esta viagem; e até para a gente de Nicoláo de Villegagnon, muitos dos quaes ainda sam vivos, a saber, si avia aparencia de cidade, onde pretenderam situar aquela que eu despeço como as ficções dos poetas.

§ 6. Como André Tevet quiz sem cauza alguma, como fica dito no prefacio, escaramuçar com os meos companheiros e comigo, si ele axar esta especial refutação das suas obras sobre a America de dura digestão, e vir que, defendendo-me contra as suas calunias, lhe arrazei aqui uma cidade, saiba, que não estam notados todos os seos erros, os quaes bem me recordo, e os apontarei pelo miudo, si ele não se contentar com o pouco que menciono n'esta istoria.

Peza-me, que, interrompendo tantas vezes o meo assunto, seja ainda agora obrigado a fazer esta digressão; constituo porém os leitores por meos juizes, para decidirem em vista dos motivos sobreditos, si tenho razão ou não.

§ 7. Proseguirei pois no que resta escrever, tanto do nosso rio de Guanabara, como do que n'ele está situado.

Quatro ou cinco legoas adiante do fortim supramencionado, existe outra ilha formoza e fertil, com quazi seis legoas de circuito, a qual xamavamos Ilha-grande. E porque n'ela estam muitas aldeias abitadas por selvagens xamados Tupinambás, aliados dos Francezes, ordinariamente iamos em nossos escaleres ali buscar farinha e outras couzas necessarias.

Além d'esta existem n'este braço de mar outras pequenas ilhas dezabitadas, nas quaes entre outras couzas axam-se volumozas e mui sabore zas ostras: os selvagens mergulham nas praias do mar e trazem grandes pedras, ao redor das quaes está uma infimidade de pequenas ostras, a que xamam *leripés*, tam agarradas ou antes tam

coladas ao calháo, que precizo é arrancal-as á força. Ordinariamente mandavamos cozinhar grandes paneladas d'estas ostras, em algumas das quaes, quando as abriamos e comiamos, axavamos pequenas perolas.

§ 8 Este rio está xeio de varias especies de peixes, como adiante mais amplamente direi ; convindo desde já menccionar excelentes sargos, tubarões, arraias, golfinhos e outros peixes medios e miudos, alguns dos quaes descreverei minuciosamente no capitulo dos peixes.

Não quero principalmente deixar de fazer aqui menção das orriveis e espantozas baleias, as quaes mostrando-nos diariamente suas grandes barbatanas fóra d'agua, e folgando n'este vasto e profundo rio, aproximavam-se tanto da nossa ilha, que as podiamos alcançar com tiros de arcabuz.

Todavia, como têem o couro assás duro, e toucinho espesso, não creio, que as balas penetrassem a ponto de ofendel-as ; e assim elas proseguiam em seo caminho, e por certo não morreriam.

§ 9 Emquanto estivemos além-mar, apareceo um d'estes cetaceos na distancia de 10 ou 15 legoas do nosso fortim, na direção de Cabo-frio, e aproximou-se tanto da terra que não teve bastante agua para voltar ao alto mar, encalhou e ficou em seco na praia.

Mas ninguem animava-se a aproximar-se da baleia, antes de a verem morta ; e emquanto debatia-se, não só fazia estremecer a terra ao reder d'ela, mas tambem ouvia-se o arruido e estrondo por mais de duas legoas ao longo da costa.

Não obstante muitos selvagens e muitos dos nossos companheiros irem ali e trazerem quanto lhes aprouve, ainda assim ficaram mais de dois terços do cetaceo, que se perderam e apodreceram no lugar do encalhamento.

A carne fresca não era muito boa, e pouco comemos da que trouxeram para a nossa ilha; e afóra alguns pedaços de gordura, que derretiamos para nos servirmos do azeite, que produzia, para alumiar-nos de noite, deixamos a carne restante em pilhas exposta á xuva e ao vento, e a consideramos apenas como esterco. Todavia a lingua, que

era a melhor couza, foi salgada em barris e mandada para a França ao senhor almirante.

§ 10. Finalmente (como já indiquei) na terra firme circunvizinha d'este braço de mar existem na extremidade e no fundo mais dois formozos rios d'agua doce, afluentes d'ele, nos quaes naveguei com outros Francezes em bateis perto de 20 legoas pelo interior das terras, e estive em muitas aldeias entre os selvagens, que os abitam de um e outro lado.

§ 11. Eis abreviadamente o que observei n'este rio de Geneure ou Guanabara, da perda do qual e do fortim, que edificáramos, tanto mais me lastimo, quanto é certo, que,si tudo fosse bem acautelado, como podia sel-o, constituiria não só bom e aprazivel abrigo, mas tambem grande comodidade da navegação n'esse paiz para todos os viajantes da nossa nação franceza.

Em distancia de 28 ou 30 legoas para adiante, no rumo do Rio da Prata e do estreito de Magalhães, existe outro grande braço de mar, a que os Francezes xamam rio de Vases (lama), no qual aportam, quando viajam n'esse paiz ; o que tambem fazem na enseada de Cabo-frio, na qual, como já dice, aportamos e dezembarcamos primeiramente na terra do Brazil.

CAPITULO VIII

Indole, força, estatura, nudez, dispozição e ornatos do corpo, quer dos omens, quer das mulheres selvagens brazilienses, abitantes da America, entre os quaes permaneci quazi um anno.

§ 1. Tendo até aqui espendido tanto o que vimos no mar, indo para a terra do Brazil, como as couzas passadas na ilha e fortim de Coligni, onde rezidia Nicoláo de Villegagnon, emquanto ali permanecemos, e igualmente o que seja o rio Guanabara na America, a respeito do

qual assás adiantei em materia relativa aos fatos anteriores ao meo embarque em regresso para a França, quero tambem discorrer sobre o que observei acerca do modo de vida dos selvagens e sobre outras couzas singulares e desconhecidas aquem mar, que vi no seo paiz.

§ 2. Afim de começar pela couza principal e proseguir por ordem direi em primeiro lugar, que os selvagens da America, abitantes da terra do Brazil, xamados Tupinambás, entre os quaes rezidi e tratei familiarmente quazi durante um anno, não sam maiores, mais grossos ou mais pequenos de estatura do que somos na Europa; não têem corpo monstruozo nem desmedido em comparação comnosco; sam porém mais fortes, mais robustos, mais fornidos, mais bem dispostos, e menos sugeitos a molestias, e quazi não teem côxos, tórtos, aleijados, nem doentios.

Além de xegarem muitos até a idade de 120 annos (pois sabem muito bem contar e decorar as suas idades pelas lunações), poucos sam os que na velhice têem cabelos brancos ou grizalhos. Couzas que por certo demonstram não só os bons ares, e a boa temperatura do seo paiz, no qual, como algures dice, sem geadas nem grandes frios, as arvores, ervas e campos estam sempre verdejantes, mas tambem o pouco cuidado e nenhum desvélo, que têem pelas couzas d'este mundo, bebendo todos eles na fonte de Juvencia.

E de fato como eles não aurem por nenhum modo n'essas fontes lodozas ou antes pestilenciaes, de que dimanam tantos regatos, que nos corroem os ossos, sucam a medula, debilitam o corpo, e consomem o espirito, e em suma nos envenenam e matam nas nossas côrtes de ca, a saber, com a desconfiança e a avareza, que dahi procede, com os processos e intrigas, com a inveja e ambição, nada de tudo isso os inquieta, e menos os domina e apaixona, conforme mais amplamente adiante mostrarei.

§ 3. Quanto á sua cor natural, atenta a região quente que abitam, não sam negros ; sam porém apenas morenos, como dirieis dos Espanhoes ou dos Provençaes.

Couza não menos estranha quam dificil de crer para aqueles que o não viram, é que omens, mulheres e meninos

vivem e andam uzualmente tam nus como sahiram do ventre materno, não só sem ocultar parte alguma do corpo, como tambem sem mostrar sinal algum de pejo nem vergonha.

Entretanto não sam, como alguns pensam, e outros o querem fazer crer, cabeludos nem cobertos de pelos ; ao contrario não sam mais peludos do que somos n'este paiz aquem mar, e acontece, que apenas começa a apontar e sair o cabelo, que lhes aparece em qualquer parte do corpo,até mesmo no mento,nas palpebras e sobranselhas (o que torna-lhes a vista zarolha, vesga, transviada e feroz) ou o arrancam com as unhas,ou, depois que os cristãos os frequentam, com pinças que estes lhes dam : o que tambem se tem escrito, que praticam os abitantes da ilha de Cumana no Perú. Excetuo sómente quanto aos nossos Tupinambás os cabelos da cabeça, os quaes em todos os maxos, desde a juventude, sam tosquiados mui rentes na parte superior e anterior do craneo como corôa dos frades, e na nuca ao modo dos nossos antepassados e d'aqueles que deixam crecer a cabeleira e a aparam sobre o pescoço.

§ 4. E para nada omitir (si me é possivel) sobre esta materia, acrecentarei n'este lugar, que existem n'esse paiz certas ervas da largura de quazi dois dedos, as quaes crecem concavas e arredondadas, como sam os canudos que cobrem a espiga d'esse milho grosso, que em França xamamos trigo mourisco ; e conheci velhos (mas não todos, nem nenhum mancebo, e menos os meninos), que tomavam duas folhas d'estas ervas e as metiam e amarravam com um fio de algodão em roda do membro viril, como tambem o envolviam em lenços e outros pequenos panos, que lhes davamos.

Pareceria por isso á primeira vista, que ainda lhes restava algum resquicio de vergonha nutural, si por ventura fizessem isto em atenção ao pejo; pois embora não me tenha bem informado sobre este ponto, sou de opinião, que assim praticam para ocultar alguma infermidade, que na velhice tenham n'essa parte do corpo.

§ 5. Além d'isso todos os rapazes têem por costume desde a infancia furar o beiço inferior acima do mento, e cada um ordinariamente traz no buraco certo osso bem

polido, tam alvo como marfim, feito á similhança de um d'esses páozinhos com que na meza jogamos a carrapeta ; e como a parte despontada sae uma polegada ou dois dedos, e fica o osso detido por um esbarro entre o beiço e a gengiva, eles o tiram e metem, quando querem.

Mas só trazem este ponteiro de osso branco na adolecencia; quando sam grandes, os xamam *conomiuassú* * (isto é, rapaz grande) e em vez d'isto aplicam e encaixam no furo dos beiços uma pedra verde (especie de esmeralda falsa), a qual é retida por um esbarro interior, e no esterior parece da redondeza e largura do tostão e duas vezes mais grossa do que este ; e na verdade alguns trazem pedra tam comprida e roliça como um dedo. Uma d'estas pedras trouxe eu para a França.

Si por ventura os nossos Tupinambás tiram a pedra da fenda do beiço, e por divertimento metem a lingua n'esse operculo, aprezentam então duas bocas ao espectador; e deixo á vossa apreciação considerar, si esta feição lhes dá bonita aparencia, e si isso os deforma ou não.

Emquato a isto vi omens, que não contentes de trazer estas pedras verdes nos beiços sómente, as traziam tambem nas duas faces, que igualmente furavam para esse fim.

§ 6. Quanto ao nariz, quando as nossas parteiras de cá na ocazião do nacimento das crianças apertam as ventas com os dedos para tornal-as mais bonitas e maiores, bem pelo contrario os nossos Americanos fazem consistir a formozura de seos filhos em serem de nariz xato, e apenas estes saem do ventre materno (como vedes em França praticar com os cadelos e caxorrinhos), esmagam e axatam-lhes as ventas com o dedo polegar. No entretanto diz alguem existir certa região do Perú, onde os indios têem o nariz tam ultrajozamente grande, que n'ele penduram esmeraldas, turquezas, e outras pedras brancas e vermelhas seguras por filetes de ouro.

§ 7. Além d'isso os nossos Brazileiros pintam muitas vezes o corpo com diversos dezenhos e variadas cores ; mas sobretudo costumam empretecer tanto as coixas e as

---

* O autor escreve: — *conomiouassou*.

pernas com o suco de certo fruto, xamado *genipapo* [1], que, ao vel-os assim de longe, julgarieis estarem vestidos com calções de padre; e imprime-se tanto na carne essa tintura negra do fruto do genipapo, que embora estes selvicolas metam-se n'agua, e lavem quanto quizerem, não a podem apagar durante déz ou dôze dias.

Tambem têem crecentes de mais de meio pé de comprimento, feitos de ossos mui lizos, tam brancos como alabastro, aos quaes xamam *jaci*, do nome da lua, que assim denominam; e quando lhes apraz, os trazem pendentes ao pescoço seguros por um cordão feito de fio de algodão, e batendo de xapa no peito,

Provavelmente com grande consumo de tempo pulem em um pedaço de gré uma infinidade de pequenas peças de uma grande conxa marinha xamada *vignol*, as quaes arredondam e fazem tam primorozas, redondas e delgadas como um dinheiro tornez. Depois sam furadas no centro, e enfiadas em um cordão, e com elas fazem colares que xamam *boré* [2] e que enrolam no pescoço, quando bem lhes parece, como nos paizes europeos fazem os com os trancelins de ouro.

No meo entender é a isto, que algumas pessoas xamam porcelana, de que vemos muitas mulheres de cá trazerem cintos, de mais de trez braças de comprimento e tam bonitos, quanto é possivel, como observei, quando xeguei á França.

Os selvagens fazem tambem esses colares xamados boré de certa especie de madeira preta, que é mui idonea para esse mister, por ser quazi tam pezada e luzente como o azevixe.

§ 8. Afóra isso os nossos Americanos têem grande quantidade de galinhas comuns, cuja raça os Portuguezes lhes deram.

Depenam constantemente as galinhas brancas, e com instrumentos de ferro, depois que os tiveram, e antes de os terem, com peças aguçadas recortam o frouxel e as penas miudas, reduzindo tudo a particulas mais

1 O autor escreve:—*Genipat.*
2 O autor escreve:—*Boü-re.*

deminutas do que a carne de pasteis; depois do que fervem e tingem de vermelho com páo-brazil, e esfregando-se com certa rezina apropriada para isso, cobrem-se com o cotão, emplumam-se e sarapintam o corpo, os braços e as pernas ; de sorte que n'esse estado parecem ter penugem como os pombos e outras aves recem nacidas.

E' bem certo, que algumas pessoas d'estas nossas terras de ca, quando pizam nas regiões americanas, vêem os selvagens enfeitados d'este modo, e voltando sem maiores informações das couzas, divulgam e propalam o boato de serem cabeludos os selvagens; mas estes não sam taes por natureza, como acima já dice ; portanto foi ignorancia e couza mui levianamente recebida.

Alguem já escreveo, que os Cumanezes untam-se com certa rezina ou unguento glutinozo, e depois cobrem-se de penas de diversas côres, não ficando mal parecidos com similhante trage.

§ 9. Quanto ao ornato da cabeça dos nossos Tupinambás, além da corôa na frente e das guedelhas pendentes sobre as costas, de que fiz menção, atam e arranjam penas encarnadas, vermelhas e de outras côres, da aza de certas aves, das quaes fazem frontaes mui similhantes na feição aos cabelos verdadeiros ou falsos, a que xamam *raquetes* ou *ratepinades*, com que as damas e donzelas de França e de outros paizes de cá costumam adornar-se ; e diriamos, que elas receberam essa invenção dos nossos selvagens, que a esse aparelho denominam *jempenambi*.

Trazem tambem arrecadas nas orelhas, feitas de ossos brancos, quazi da mesma forma dos ponteiros, que eu dice acima, que os rapazes trazem nos beiços furados.

Possuem os selvagens no seo paiz uma ave, xamada tucano, a qual (como mais amplamente descreverei em lugar competente) tem toda a plumagem negra como o corvo, excéto no papo que tem quazi quatro dedos de comprido e trez de largo, e é todo coberto de pequenas e subtis penas amarelas orladas de encarnado na parte inferior. Esfolam o papo, ao qual tambem xamam tucano em razão do nome da ave, de que o tiram, juntam em grande quantidade, e depois que os secam, pregam com cêra, que eles denominam *ira-ietic*, um de cada lado do rosto,

abaixo das orelhas, de tal sorte que, vendo-se assim esses cartazes amarélos nas faces, parecem duas xapas de cobre dourado nas caimbas do freio ou brida dos cavalos.

§ 10. Além de tudo isso, si os nossos Brazileiros vam á guerra, ou si matam solenemente um prizioneiro para comer, pelo modo por que em outro lugar direi, querendo então adornar-se e mostrar-se mais bravos, enfeitam-se com vestes, carapuças, braceletes e outros ornatos de penas verdes, encarnadas, azues e de outras côres naturaes, singelas e de incomparavel beleza.

Depois que taes penas sam por eles diversificadas, mescladas e mui convenientemente ligadas umas ás outras em pequenas taliscas de madeira com fio de algodão, ficam por tal modo ajustadas que nenhum plumaceiro em França melhor as manejaria, nem mais destramente as arranjaria; e julgareis, que os vestuarios assim feitos sam de veludo felpudo.

Com igual artificio fazem as guarnições das suas espadas e clavas de madeira, as quaes, assim decoradas e enriquecidas com plumas bem ajustadas e bem applicadas a esse uzo, produzem deslumbrante aspecto.

§ 11. Para preparo dos seos vestuarios, obtêem dos vizinhos grandes penas de avestruz; o que mostra a existencia d'estas grandes e volumozas aves em alguns lugares d'esse paiz, onde todavia, para nada dissimular, as não vi. Estas penas de côr parda sam ligadas pelos tubos da aste central, ficando soltas as pontas, que espalham-se em roda á maneira de pequeno pavilhão, ou de uma roza, e formam um grande penaxo, a que xamam *arasoia*, o qual atam na cintura com um cordel de algodão; a parte estreita liga-se á carne e a parte larga afasta-se, e quando com ele se adornam (pois não lhes serve para outra couza) vós dirieis, que trazem uma capoeira de frangos atada na cintura.

Direi mais amplamente em outro lugar como os seos maiores guerreiros, afim de mostrarem valentia, e sobretudo quantos inimigos mataram e quantos prizioneiros sacrificaram para comer, retalham o peito, os braços e as coxas, e depois esfregam as incizões com certo pó negro, o qual as torna subzistentes por toda a vida;

de modo que, ao vel-os assim, parece estarem de calções, e gibões suissos, e com grandes gilvazes.

§ 12. Si tratam de dansar, beber, e *cauinar*, o que quazi constitue a sua ocupação ordinaria, procuram alguma couza, que lhes excite o animo, além do canto e da voz, de que uzam abitualmente em suas dansas; por isso colhem certo fruto, que é do tamanho da castanha d'agua, com ela um tanto parecido e de casca mui rija, e quando está bem seco, tiram-lhe o caroço, e metem em lugar d'este algumas pedrinhas, fazem uma enfiada d'eles e formam grevas, as quaes, atadas ás pernas, fazem tanta bulha como fariam conxas de caracoes, assim dispostas, isto é, quazi como os guizos europeos de que aliás sam mui cubiçozos, quando lhes os mostram.

Tambem existe n'este paiz uma especie de arvores, que dam fruto do tamanho do ovo do avestruz, e com a mesma figura. Os selvagens o furam no meio, como em França os meninos furaram grandes nozes para fazer molinetes; depois o ócam, metem-lhe pedrinhas redondas, ou caroços de milho, de que logo falarei, atravessam-lhe um páo de pé e meio de comprimento, e assim fazem um instrumento, a que xamam *maracá*, o qual estronda mais do que uma bexiga de porco xeia de grãos de ervilha, e os nossos Brazileiros o trazem ordinariamente na mão.

Quando eu tratar da sua religião, direi a opinião, que formam d'esse maracá, e da sua sonoridade, depois de o enfeitarem com lindas plumas, e dedicarem ao uzo, que logo veremos.

Eis em suma quanto sei relativamente á indole, vestuarios, e ornatos, com que os nossos Tupinambás costumam paramentar-se em seo paiz.

§ 13. Verdade é, que além de tudo isso, tendo nós trazido em nossos navios grande quantidade de fazendas vermelhas, verdes, amarelas e de outras côres, lhes mandavamos fazer cazacos e calções sarapintados, os quaes lhes davamos em troca de viveres, bugios, papagaios, páo-brazil, algodão, pimenta e outras couzas do seo paiz, com as quaes os nossos marinheiros ordinariamente carregam os seos navios.

Uns porém sem ter nada no corpo, vestindo algumas vezes calças largas de marujo, outros ao contrario sem calças vestindo saiotes, que apenas lhes xegavam ás nadegas, depois de contemplarem-se um pouco e passearem com similhante vestuario (que nos excitava gargalhadas), despiam esses trages, e os deixavam em caza até que lhes desse na vontade de os vestir de novo : outro tanto faziam com os xapéos e camizas, que lhes davamos.

§ 14. Tenho assim expendido amplamente tudo quanto se póde dizer a respeito do exterior do corpo, quer dos omens, quer dos meninos americanos. Si agora porem, acompanhando esta descrição, quereis figurar um selvagem, imaginai em vosso entendimento um omem nû bem conformado e proporcionado de membros, tendo arrancado todo o pelo, que lhes crece, trazendo tosqueados os cabelos, do modo por que já dice, aprezentando labios e faces fendidas com ossos despontados ou pedras verdes introduzidas nas aberturas, exhibindo orelhas perfuradas com arrecadas nos operculos, mostrando corpo pintado, e côxas e pernas enegrecidas com tinta extrahida do fruto genipapo já mencionado, e carregando, pendentes do pescoço, colares compostos de uma infinidade de pequenas peças d'essa grande conxa marinha, que eles xamam *vignol*, taes como já os descrevi; e então vereis tal qual é ordinariamente o selvagem no seo paiz, e tal como adiante o vereis retratado somente com a sua coleira ossea bem polida no peito e com a sua pedra no buraco do beiço, e garbozo com seo arco ao lado, e suas frexas na mão.

E' verdade, que para completar este quadro devemos pôr junto a esses Tupinambás uma das suas mulheres, a qual, na forma do seo costume, traz o filho em uma cinta de algodão, e em compensação o filho, conforme o modo porque o carregam, abraça com ás pernas as ilhargas da mãe ; e junto dos trez um leito de algodão, feito como rede de pescaria, suspenso no ar; pois assim deitam-se os selvicolas no seo paiz. Cumpre tambem aditar o fruto xamado ananás, cuja fórma logo descreverei, o qual é dos melhores que esta terra do Brazil produz.

§ 15. Para considerar um selvagem por novo aspecto, tirae-lhe todos estes aparelhos, untae-o com rezina

glutinoza, e cobri-lhe todo o corpo, braços e pernas de pequenas plumas recortadas e miudas, como crina tinta de vermelho, e estando assim artificialmente coberto d'essa penugem, podeis então idear, si tal figura reprezenta garbozo rapaz.

Tambem podemos consideral-o, quer fique na côr natural, quer seja pintado ou emplumado ; e assim revisti-o com os seos trages, carapuças e braceletes tam industriozamente fabricados com essas lindas e singelas penas de diversas côres, de que tenho feito menção, e podeis dizer, que está solenemente paramentado.

Ainda podemos encaral-o, pela maneira por que já vos dice que procedem os selvagens. Si deixando-o semi-nu e semi vestido, o calçaes, e vestis com as nossas frizas de cores, tendo uma das mangas verde e outra amarela, considerae, que apenas falta-lhe o cetro de palhaço.

Finalmente acrecentae todas as sobreditas couzas, pondo-lhe na mão, o instrumento xamado maracá, na na cintura, o penaxo de plumas xamado arasoia, e ao redor das pernas, as campainhas fabricadas de caroços, e o vereis então trajado do modo por que ele está, quando dansa, salta, bebe e cabriola, como adiante ainda o reprezentarei.

§ 16. Quanto ao demais artificio uzado pelos selvagens para adornar e enfeitar o corpo, conforme a descrição completa feita acima, além de ser precizo muitas figuras para bem reprezental-os, ainda assim os não fariamos parecer bem sem acrecentar-lhes a pintura ; o que requereria um livro especial.

Todavia afóra o que já dice, quando eu falar das suas guerras e armas, os descreverei mais furibundos, golpeando-lhes o corpo e pondo-lhes na mão a espada ou clava de madeira, o arco e a frexa.

§ 17. Deixando porém agora por um pouco os nossos Tupinambás em sua magnificencia medrar, e gozar do passatempo, que sabem procurar, cumpre ver si suas mulheres e filhas, que xamam *cunhan*, * e *Maria* em

* O autor escreve: — *Quoniam*

alguns lugares, depois que os Portuguezes os vizitam, andam mais bem ornadas e ataviadas.

Já dice no começo d'este capitulo, que as mulheres andam ordinariamente nuas, como os omens; agora convém acrecentar, que elas, como eles, arrancam todo pêlo que lhes aparece, incluzive pestanas e sobrancelhas.

E' verdade, que a respeito dos cabelos elas não os ungem ; pois ao passo que os omens, como já fica dito, os tosqueiam na frente, e os aparam na nuca, as mulheres ao contrario não só os deixam crecer e ficar compridos, mas tambem (como as mulheres de cá) os penteiam, e lavam mui cuidadozamente : os entrançam algumas vezes com um cordão de algodão tinto de vermelho; todavia andam quazi sempre desgrenhadas, deixando mais comumente fluctuar os cabelos sobre os ombros.

§ 18. Além d'isso tambem diferem dos omens em não furarem os labios nem as faces; por consequencia não trazem pedras no rosto : quanto porém ás orelhas, as furam orrivelmente para pôr arrecadas, e quando tiram, taes enfeites meteriam facilmente os dedos nos buracos. Estas arrecadas feitas d'essa grande conxa marinha xamada *vignol*, de que falei, sam brancas, redondas e tam compridas como uma vela de sebo meian; quando penteiam-se, batem-lhes as arrecadas nos ombros e tambem nos peitos, e parece, ao vel-as longe, que sam orelhas de sabujo, que lhes pendem de um e outro ladó.

A respeito do rosto, eis o modo por que elas o enfeitam. A camarada ou companheira com pequeno pincel na mão começa uma pequena roda no centro da face d'aquela que se quer pintar, contornea em fórma de caracol, e assim continúa até que com as cores azul, amarela e vermelha lhe tenha mosqueado e sarapintado todo o rosto; e tambem no lugar das palpebras e sobrancelhas arrancadas não deixa de dar pinceladas, como se diz, que em França praticam as mulheres impudicas.

§ 19. Elas fazem grandes braceletes, compostos de varias peças de ossos brancos, cortados e talhados á maneira de grossas escamas de peixe, que sabem reunir umas ás outras com cera e varias rezinas misturadas em guiza

de cola, combinando o artefacto com tal acerto que melhor não é possivel fazer.

Assim fabricam os braceletes do comprimento de quazi pé e meio,e só os podemos bem comparar aos braçaes, com que cá jogamos a péla.

Igualmente trazem colares brancos xamados *boré* * na sua linguagem, os quaes acima descrevi ; não os trazem porém pendentes do pescoço, como fazem os omens, pois os enrolam no braço.

E eis por que e para servir ao mesmo uzo, elas axavam tam lindas as pequenas contas de vidro amarelas, azues, verdes e de outras cores, enfiadas á maneira de rozarios, que elas xamam *morubi*, † dos quaes tinhamos levado grande quantidade para traficar ali.

E com efeito ou fossemos nós ás suas aldeias, ou viessem elas ao nosso fortim, para obter taes missangas, aprezentavam-nos frutas ou outra qualquer couza de seo paiz e com o modo de falar xeio de lizonjas, de que ordinariamente uzam, atordoavam-nos a cabeça, e estavam constantemente comnosco, dizendo : *Mair, deagotorem amabe morubi*, isto é : —Francez, tu és bom, dá-me dos teos braceletes de contas de vidro.

Elas faziam o mesmo para aver de nós pentes, que xamam *guap* ou *kuap*, espelhos, que xamam *aruá* ‡ e todas as demais veniagas e mercadorias, que tinhamos, e elas apeteciam.

§ 20. Mas entre as couzas duplamente anormaes e verdadeiramente maravilhozas, que observei n'essas mulheres brazileiras, é que não obstante não pintarem o corpo, os braços, as côxas e as pernas, como fazem os omens, nem cubrirem-se de penas, nem de outras couzas proprias da sua terra, todavia nunca podemos conseguir fazer com que se vestissem,embora por muitas vezes lhes dessemos vestidos de xita e camizas (como dice termos feito com os omens, que algumas vezes vestiam) ; de

---

* O autor escreve:—*Boure.*

† O autor escreve:—*Mauroubi.*

‡ O autor escreve:—*Aroua.*

sorte que estavam sempre rezolvidas a não sofrer nem ter sobre si qualquer objeto; e creio não terem ainda mudado de parecer.

Verdade é, que, como pretesto para izentar-se d'isso e ficar sempre nuas, alegavam o seo costume, conforme o qual em todasas fontes e rios claros,que encontram,acocoram-se na margem, ou entram n'agua, molham a cabeça, lavam-se e mergulham todo o corpo como caniços, e em alguns dias o fazem mais de dôze vezes.

Dizem elas,que lhes custaria muito trabalho despir-se assim tantas vezes.E não é isto mui boa e mui procedente razão? Mas tal qual é, a devemos aceitar; pois contestal-a seria baldado esforço, e nada conseguiriamos.

E com efeito esta gente bruta deleita-se tanto com a nudez, que não só, como já dice, as mulheres dos nossos Tupinambás, que vivem na terra firme em plena liberdade com seos maridos, paes e parentes, obstinavam-se em não querer vestir-se de modo algum, mas tambem as prizioneiras de guerra, que tinhamos comprado, e conservavamos como escravas para trabalhar no nosso fortim, embora as cobrissemos á força, apenas xegava a noite, despiam secretamente as camizas e outros andrajos, que lhes davamos, e por mero prazer, antes de deitar-se, passeavam nuas na nossa ilha.

Em suma si ficasse ao arbitrio d'essas mizeras creaturas, e não fossem obrigadas a xicotadas a vestir-se, prefeririam antes sofrer a calma e o calor do sol, e esfolar os braços e os ombros na condução continua da terra e pedras, do que suportar sobre o corpo qualquer objeto.

Eis sumariamente quaes sam os ornatos, aneis, e joias ordinarias das mulheres e raparigas americanas. E sem fazermos aqui outro epilogo, contemple-as o leitor por esta narração, como lhe aprouver.

§ 21. Quando adiante tratar do cazamento dos selvagens, direi como os seos filhos vestem-se na infancia; mas a respeito dos meninos acima de trez ou quatro annos, tinha eu grande prazer em ver os rapazes,a que xamam *curumimirim*, * os quaes, nadegudos, gorduxos e

---

* O autor escreve: *Conomis-miri.*

fornidos, muito mais do que sam os meninos europeos, aprezentavam-se enfeitados com seos ponteiros de osso branco nos beiços furados, com os cabelos tosqueados ao seo modo e algumas vezes com o corpo pintado, e nunca deixavam de vir em grupos dansar diante de nós, quando nos viam xegar em suas aldeias.

E para serem recompensados, afagando-nos e acompanhando-nos de perto, não se esqueciam de dizer e repetir constantemente na sua acanhada giria: *Cutuassá, amabê pinda*, * isto é, meo amigo e aliado, da-me anzoes para pescar.

E si para satisfazer o pedido (o que muitas vezes fiz), metiamos na areia ou na terra dez ou doze anzóes pequenos, eles abaixavam-se rapidamente, e era agradavel diversão ver essa turba de fedelhos nus, que na busca e apanhadura dos anzoes escavavam e esgravatavam a terra, como laparos de coelheira.

§ 22. Finalmente durante um anno, que passei n'esse paiz, fui curiozo em contemplar os individuos adultos e as crianças; por isso quando recordo-me de taes garotos, parece-me tel-os sempre diante dos olhos, e terei sempre no pensamento a idéa e imagem d'eles; todavia por cauza dos seos gestos e aspecto inteiramente diferentes do porte dos nossos rapazes, confesso ser dificil reprezentar bem os meninos selvagens, quer por escrito, quer mesmo pela pintura. Por esta razão para sentirmos verdadeiro prazer, precizo é vel-os e vizital-os no seo paiz.

Em verdade porém direis vós, que extensissima é a viagem. Isto é certo; portanto, si não tiverdes bom pé e olho bom, e temeis tropeçar, não vos arrisqueis a incetar o caminho.

Ainda veremos mais amplamente, conforme se aprezentarem as materias, de que eu tratar, como sam as cazas, os utensis domesticos, o modo de pernoitar e o teor de outros procedimentos dos selvagens.

§ 23. Todavia antes de encerrar este capitulo, pede a ocazião, que eu responda aos que escreveram, bem como aos que pensam, que a assistencia entre os selvagens nús

---

* O autor escreve:—*Coutouassat.*

e principalmente entre as mulheres, incita a lacivia e impudicicia.

Sobre isto direi em uma palavra, que, embora pareça dezoaestidade e incitamento á concupicencia ver mulheres nuas, todavia essa nudez grosseira da mulher é muito menos atraente do que se pensa, como então geralmente observamos.

Portanto sustento, que os atavios, rebiques, cabeleiras postiças, cabelos encrespados, pescocinhos enrugados, anquinhas, saias dobradas, e outras infinitas bagatelas, com que as mulheres e raparigas de cá se transfiguram, e de que nunca se fartam, sam cauza de males incomparavelmente maiores do que a nudez uzual das mulheres selvagens, as quaes entretanto, em relação ás feições, nada devem ás outras damas em formozura.

Si a decencia me permitisse dizer mais alguma couza, ufano de solver todas as objeções, que em contrario se oferecessem, daria razões tam evidentes, que ninguem as recuzaria. Sem proseguir pois n'este assunto, refiro-me no pouco que tenho dito áqueles que têem viajado á terra do Brazil, e que, como eu, viram umas e outras couzas.

§ 24. Não quero entretanto por este modo aprovar a nudez, contra o que a Escritura Santa refere de Adão e Eva, os quaes, depois do pecado, reconheceram estarem nús e envergonharam-se ; antes detestarei os criticos, que a quizeram introduzir entre nós, contra a lei natural, a qual todavia n'este ponto não é por fórma alguma observada pelos nossos mizeros selvagens americanos.

O que pois dice d'estes selvagens é para mostrar, que não somos talvez mais louvaveis, si os condenamos tam austeramente, porque sem pejo algum andam assim com o corpo inteiramente descoberto, quando alias os excedemos no vicio oposto, isto é, em nossas comezanas e superfluidades de vestuario.

E praza a Deos, para findar este ponto, que cada um de nós vista-se modestamente, mais por decencia e necessidade do que por vangloria e mundanidade.

CAPITULO IX

Grossas raizes e milho, de que os selvagens fabricam farinha, que comem em vez de pão; bebida xamada cauim.

§ 1. Depois de ter exposto no precedente capitulo como os nossos selvagens enfeitam-se e vestem-se no exterior, parece-me, deduzindo as couzas por ordem, não ser fóra de propozito tratar agora dos viveres, que lhes sam comuns e ordinarios.

Cumpre primeiramente notar, que embora os selvagens não tenham trigo, e por consequencia o não semeem, nem plantem vinha nas suas terras, comtudo nem por isso deixam de tratar-se bem e ter boa comida sem vinho, conforme vi e experimentei.

§ 2. Os indigenas americanos têem nas suas terras duas especies de raizes, a que xamam *aipim* e *mandioca*,* as quaes em trez ou quatro mezes crecem no solo e ficam tam grossas como a côxa de um omen, com o comprimento de pé e meio, mais ou menos: quando as arrancam, as mulheres (pois os omens não ocupam-se d'isso) secando-as ao fogo no *moquem*, † tal como logo descreverei, ou tomando-as ainda frescas, as ralam á força em pontas de pedras miudas fixadas e arranjadas em uma peça xata de madeira (como ralamos e raspamos o queijo e a noz moscada), e as reduzem a farinha alva como a neve.

Então esta farinha ainda crua, e a semea branca que d'ela sae, e de que logo falarei, aprezenta o verdadeiro odor do amido feito de trigo puro por muito tempo diluido n'agua, quando ainda está fresco e liquido; de sorte que, depois do meo regresso para cá, axando-me em lugar onde esta preparação se fazia, o xeiro d'ela recordou-me o xeiro ordinariamente sentido nas cazas dos selvagens, quando fazem farinha da raiz da mandioca.

---

* O autor escreve:—*Aipi* e *maniot*.
† O autor escreve:—*Boucan*.

Para preparal-a essas mulheres brazileiras têem grandes e amplas frigideiras de barro, com capacidade de mais de um alqueire, por elas mesmas fabricadas mui convenientemente para esse mister, e as põem ao fogo, com certa porção d'essa farinha dentro : e em quanto coze a massa, não deixam de mexel-a com cuias de cabaça, das quaes se servem como nós nos servimos das escudelas. Esta farinha assim cozida toma a fórma de granitos ou confeitos de botica.

§ 3. Ora, elas fazem a farinha de dois modos, a saber, farinha muito cozida e dura, a que os selvagens xamam *uhi-antan*, da qual se proveem, quando vam á guerra, por melhor se conservar ; e outra menos cozida e mais tenra, a que xamam *uhi-pon*, * a qual é muito melhor do que a primeira, porque, pondo-a na boca e comendo-a, quando está fresca, dirieis ser miolo de pão branco ainda quente. Ambas, sendo cozinhadas, mudam esse primeiro sabor, de que falei, em outro mais agradavel e delicado.

Comquanto essas farinhas, principalmente quando estam frescas, sejam de mui bom gosto, de facil digestão e bom alimento, comtudo não se prestam por fórma alguma ao fabrico do pão, como experimentei.

Verdade é, que d'elas fazem massa, a qual, inxando como a do trigo com o levêdo, é tam macia e branca como si fosse farinha de frumento ; porém assando-se, a crôsta e toda a parte superior séca e queima, e quando abre-se ou parte-se o pão, axareis o interior resequido e reduzido a farinha.

§ 4. Creio portanto, que quem referio, que os indios, que abitam aos 22 ou 23 gráos alem da linha equinocial, e que certamente sam os nossos Tupinambás, viviam de pão feito de páo ralado, equivocára-se por não ter bem observado o que eu digo, querendo falar das raizes, de que agora trato.

Todavia uma e outra farinha é boa para papas, a que os selvagens xamam *mingáo*, † principalmente

---

* O autor escreve:— *Oui-entan e oui-pon.*

† O autor escreve:— *Mingaut.*

quando a dissolvem em caldo gordo, pois torna-se então granulada como arroz, e assim preparada é de optimo sabor.

Como quer que seja porem, os nossos Tupinambás, quer omens, quer mulheres ou meninos, acostumados desde a infancia a comel-a sêca em vez de pão, estam por tal forma afeitos e acostumados a isso, que, tomando-a com os quatro dedos na vazilha de barro ou outro qualquer vazo, em que a conservam, ainda que a atirem de muito longe, acertam na bôca com tal destreza que não perdem um só farelo.

Si nós os Francezes os quizessemos imitar, e procurassemos comel-a por esse modo, não estando avezados como eles, em lugar de acertar na bôca, a espargiriamos nas boxexas, e sujariamos todo o rosto; por isso eramos obrigados a tomal-a com colheres, salvo aqueles que quizessem aprezentar-se como farcistas, principalmente tendo barbas compridas.

§ 5. Acontece algumas vezes, que depois que essas raizes do aipim e da mandioca sam raspadas ainda frescas (do modo por que já dice), as mulheres fazem grandes bolas da farinha fresca e umida, rezultante d'essa operação, apertam, comprimem bem nas mãos, e espremem o suco quazi tam branco e claro como o leite, o qual deitam em pratos e vazilhas de barro, e expõem ao sol, cujo calor o condensa e coagula como coalhada de queijo; e quando o querem comer, o derramam em outros alguidares de barro, o cozinham no fogo, como fazemos com as fritadas de ovos, e torna-se, assim preparado, mui bom manjar.

Ainda mais: a raiz do aipim não só é boa transformada em farinha, mas tambem pode comer-se assada inteira no borralho ou no fogo; pois assim fica tenra, abre-se, e torna-se farinacea como a castanha assada nas brazas, cujo gosto é quazi igual.

Entretanto o mesmo não acontece com a raiz da mandioca, pois serve somente para fazer farinha, e é venenoza, si a comermos de outro modo.

§ 6. Ainda mais: as plantas ou as astes de ambas sam pouco diferentes quanto á forma, crecem do tamanho de pequenos zimbros, e têem folhas mui similhantes á erva da peonia, ou *pivoine* em francez.

A circunstancia porém mais admiravel e digna de grande consideração n'estas raizes do aipim e da mandioca da nossa terra do Brazil é a multiplicação d'elas. Pois como os ramos sam quazi tam moles e frageis como bouceiras, basta quebral-as e enterral-as bem no xão, para sem mais cultura alguma termos grossas raizes no fim de dois ou trez mezes.

§ 7. Ainda mais: as mulheres d'esse paiz, infincando na terra um bastão pontudo, plantam assim duas especies de milho, a saber, branco e vermelho, que vulgarmente em França xama-se trigo sarraceno, e os selvagens xamam *avatí*, do qual igualmente fazem farinha, a qual coze-se e come-se do modo por que acima dice, que se pratica com a farinha de raizes.

E creio (aliás contra o que eu dicera na primeira edição d'esta istoria, onde eu distinguia duas couzas, as quaes todavia, quando pensei bem, reconheci fazerem uma só), que este *avati* dos Americanos é o que o istoriador indiano denomina *maiz*, o qual, conforme ele refere, serve tambem de trigo para os indios do Peru: e eis aqui a descrição, por ele aprezentada.

O talo do maiz (diz ele) crece da altura de um omem e mais, é bastante grosso, e lança folhas como as da cana das lagoas; a espiga é como uma glande do pinho silvestre, o caroço é grosso, e não é redondo nem quadrado, nem tam comprido como a nossa baga; amadurece em trez ou quatro mezes, e nas terras banhadas de ribeiros em mez e meio.

Por um grão produz 100, 200, 400, 500, e alguns multiplicam-se até 600; o que tambem demonstra a fertilidade d'essa terra agora possuida pelos Espanhóes.

Alguem já escreveo, que em alguns lugares da India oriental o terreno é tam bom, que o trigo, o centeio e o milho excedem a quinze covados de altura, conforme referem os que o viram.

§ 8. O que acima digo é a suma de tudo quanto vi uzar ordinariamente como especies diversas de pão dos selvagens na terra do Brazil, xamada America.

Entretanto os Espanhóes e Portuguezes, prezentemente estabelecidos em diversos pontos das Indias

ocidentaes, têem agora muito trigo e muito vinho, que essa terra do Brazil lhes produz, e deram prova de que não é por defeito do terreno, que os selvagens não possuem estas couzas.

Como tambem nós outros, os Francezes, por ocazião da nossa viagem levamos trigo em grão e cepas de vinha, vi por experiencia, que uma e outra couza dariam bem, si os campos fossem cultivados e laborados,como fazemos cá.

E de fato a vinha, que plantamos, pegou bem, lançou mui bonito tronco, deo folhas viçozas, e exhibia manifesta demonstração da excelencia e fertilidade do solo.

§ 9. E' verdade,que relativamente á frutificação,durante quazi um anno que lá estivemos, apenas produzio agraços,os quaes nem mesmo amadureceram,e antes empedraram e secaram; mas como agora sei por informação de bons vinhateiros,que regularmente as plantas novas só dam no primeiro e segundo anno frutos pecos e xôxos, de que ninguem faz cazo, sou de opinião, que si os Francezes e outros individuos que ficaram n'esse paiz continuaram, depois de nós, a beneficiar a nossa vinha, nos annos seguintes tiveram uvas bonitas e boas.

Quanto ao trigo e centeio, que semeamos, eis o defeito que apareceo ; e foi, que embora surdissem folhas viçozas e espigas, todavia o grão não se formou.

Mas como a sevada granulou, e amadureceo, e multiplicou muito, é verosimil, que a terra por substancioza apressasse e adiantasse com excesso o trigo e o centeio (os quaes pedem maior demora na terra antes de produzir, os frutos do que a sevada, como vemos cá na Europa) e assim subiram com demaziada rapidez ; pois o fizeram repentinamente,e não tiveram tempo para florar,e formar o grão.

§ 10. Na nossa França estrumam-se e estercam-se os campos para tornal-os mais ferteis; porem n'essa terra nova sou de opinião, que seria precizo cançal-a e enfranquecel-a com alguns annos de cultura, afim de que ela produzisse melhor o trigo e outros cereaes similhantes.

E como o paiz dos nossos Tupinambás com certeza é capaz de alimentar dez vezes mais gente do que atualmente nutre, eu, quando ali estive, podia gabar-me de ter

ás minhas ordens mais de mil geiras de terras melhores do que as de toda a Beausse; e quem duvidaria, que si os Francezes ali tivessem permanecido (o que teriam conseguido e agora já lá estariam mais de dez mil pessoas, si Nicoláo de Villegagnon não se tivesse rebelado contra a religião reformada) não teriam recebido e tirado o mesmo proveito, que colhem os Portuguezes, que ali estam bem acomodados ?

Seja isto dito de passagem para satisfazer aqueles que dezejarem saber, si o trigo e o vinho, sendo semeados, cultivados e plantados na terra do Brazil, podem prosperar.

§ 11. Ora, volto ao meo assunto, e afim de melhor distinguir as materias, que me incumbi de tratar, antes de falar das carnes, peixes, frutas e outros mantimentos inteiramente diversos dos da nossa Europa, de que se nutrem os selvagens, convem, que eu diga qual é a sua bebida e o seo modo de fazel-a.

A esse respeito cumpre logo notar, que, si os omens não se envolvem de maneira nenhuma na fabricação da farinha, antes deixam todo esse incargo ás mulheres, como acima declarei, a mesma couza fazem, e ainda com muito mais escrupulo, a respeito da preparação da bebida, na qual não tomam parte.

As raizes do aipim e da mandioca, preparadas pelo modo por que já expliquei, servem de principal alimento aos selvagens ; e eis como d'elas se servem para a fabricação da sua bebida uzual.

Depois de as cortarem em rodelas miudas, como cá fazemos com os rabanetes para pôr na panela, fervem os pedaços em grandes vazilhas de barro xeias d'agua até ficarem tenros e moles, e então os tiram do fogo, e os deixam esfriar.

Feito isto, acocoram-se algumas mulheres em torno d'essas grandes vazilhas, tomam as rodelas de raizes assim amolecidas e depois de as mastigarem bem e remexerem na boca sem engolir, retirando com a mão um pedaço e depois outro, os lançam em outros vazos de barro, já postos no fogo, e dam nova fervura.

Assim mexendo sempre esta salsada com um páo até

conhecerem, que está tudo bem cozido, tiram do fogo segunda vez sem coar nem peneirar, e antes derramam tudo em outros vazos de barro maiores, tendo cada um capacidade quazi igual á de meia pipa de vinho de Borgonha. Depois que isto escuma e fermenta, cobrem os vazos, e n'eles deixam essa bebida até que a queiram beber, como adiante direi.

E afim de melhor exprimir as couzas, direi, que estes grandes vazos ultimos, de que acabo de fazer menção, sam quazi do feitio das grandes cubas de barro, nas quaes, vi fazerem a lixivia em alguns lugares do Bourbonez e da Alvernia, sendo todavia mais estreitos na boca e na parte superior.

§ 12. Ora, os nossos Americanos tambem fervem e mastigam porção do milho xamado *avati* na sua linguagem, e assim fazem uma bebida pelo mesmo processo, porque fazem o das raizes supramencionadas, como acabo de indicar.

Repito especialmente, que sam as mulheres, que dezempenham este mister ; pois embora não tenha visto fazer distinção entre raparigas solteiras e mulheres cazadas (como alguem já escreveo), todavia os omens têem a firme opinião de que, si mastigarem as raizes, ou o milho para fazer a bebida, esta não sahirá bôa ; e reputam tam indecente ao seo sexo meter-se n'esse trabalho, como com toda a razão axariamos estranhavel vêr esses camponezes semi-nús de Bresse e de outros lugares nossos pegar na roca para fiar.

Os selvagens xamam esta bebida *cauim*, a qual é turva e espessa como borra, e tem quazi o gosto do leite azêdo; têem cauim vermelho e branco, como temos o vinho.

§ 13. Como essas raizes e o milho, de que falei, crecem em todo o tempo no seo paiz, os selvagens, quando lhes apraz, fazem essa bebida em qualquer estação ; e algumas vezes em tal quantidade, que em certa ocazião vi mais de 30 dos taes vazos grandes (os quaes vos dice conter cada um mais de 30 de canadas de Pariz,) * xeios

* O autor diz: — *Plus de 60 pintes de Pariz*. A *pinte de Paris* continha 48 polegadas cubicas.

e dispostos em fila no meio da caza, onde estam sempre cobertos até o momento de *cauinar*.

Antes porém de xegar ahi peço-vos (sem que eu todavia aprove o vicio), que seja-me permitido á maneira de prefacio dizer: — Fóra Alemães, Flamengos, soldados de infanteria, * Suissos e todos quantos fazeis brodios e bebedeiras ca em nossa terra ; por quanto, depois de saberdes como os nossos Americanos se dezempenham no oficio, confessareis, que nada entendeis da materia em comparação d'eles ; por isso cumpre, que n'este assunto lhes cedaes a preeminencia.

Quando pois querem divertir-se e principalmente quando com ceremonias, que logo veremos, matam solenemente um prizioneiro de guerra para o comer, o seo costume (inteiramente contrario ao nosso em materia de vinho, que apreciamos fresco e limpido) é beber esse *cauim* amornado, e a primeira couza, que as mulheres fazem, é um pequeno fogo ao redor dos potes de barro, para aquecer a bebida ahi depozitada.

§ 14. Feito isto, começam por uma das extremidades a descobrir o primeiro pote, e a remexer e turvar a bebida, que depois tiram dos potes com cuias de cabaça, algumas das quaes têem quazi trez quartilhos de Pariz, † e assim os omens, dansando, passam uns após outros por junto das mulheres, as quaes aprezentam, e dam a cada um na propria mão um d'esses copazios xeios, e no dezempenho do oficio de despenseiras não olvidam beberricar sofrivelmente, e quer uns quer outros não deixam de beber e embigar tudo de um só trago.

Sabeis porém quantas vezes ? Serão repetidas tantas vezes até que os potes, dos quaes ali está uma centena, se esvaziem, e não fique n'eles uma só gôta de *cauim*.

E com efeito eu os vi não só beber trez dias e trez noites continuas, mas tambem depois de saciados e bebados a mais não poder ser, vomitar quanto tinham bebido, e recomeçar ainda mais bem dispostos que d'antes;

---

* O autor emprega o vocabulo *Lansquenets* dado outr'ora aos soldados da infanteria aleman.

† O autor diz: *Trois chopines de Pariz*. Cada *chopine* continha metade da *pinte*, e equivalia a 5 decilitro.

pois deixar a função seria expôr-se a ser considerado efeminado, e mais que *schelm* entre os Alemães.

§ 15. E o que ainda mais estraordinario e notavel torna-se entre os Tupinambás é, que assim como não comem couza alguma durante as suas bebedeiras, assim tambem, quando comem em seos banquetes, não tomam bebidas : de sorte que, vendo-nos entremear uma e outra couza, axavam assás estranhavel o nosso costume.

Diremos pois, que eles fazem como os cavalos? A resposta dada a isto por um *quidam* galhofeiro da nossa companhia era, que, além de não ser precizo esfregal-os e conduzil-os ao rio para beber, estam fóra do perigo de se lhes arrancar o rabixo.

Cumpre entretanto notar, que embora não observem óras de jantar, ou ceiar, ou merendar, como nós cá fazemos, nem mesmo ponham duvida em comer á meia noite ou ao meio dia, si têem fome, todavia jamais comem sem ter apetite, e póde dizer-se, que tam sobrios sam no comer como excessivos no beber.

Alguns tambem têem o decente costume de lavar as mãos e a boca antes e depois da comida : o que todavia fazem a respeito da boca (creio eu), porque do contrario a teriam sempre viscoza em razão da farinha de raizes e de milho, de que dice uzarem ordinariamente em lugar do pão.

Quando comem, observam admiravel silencio, de sorte que, si têem alguma couza para dizer, esperam até acabar a comida. Quando nos ouviam tagarelar e galhofear na ocazião das refeições, como entre Francezes é costume, punham-se a motejar.

§ 16. Proseguindo no meo assunto, direi, que emquanto dura a *cauinagem*, os nossos patifes e bregeiros americanos, para esquentar o cerebro, cantam, assobiam, incitam-se, exortam-se uns aos outros para portarem-se valentemente e fazer muitos prizioneiros, quando fôrem á guerra, enfileiram-se como grous, e não cessam de dansar, entrar e sair na caza onde estam reunidos, até que tudo se conclua, isto é, não se retiram dahi emquanto nos potes existir bebida, como já relatei.

E certamente para melhor verificar quanto digo, isto

é, que sam os primeiros e os mais refinados beberrões, creio aver alguns, que por sua parte em uma reunião xupistam mais de vinte potes de *cauim*.

§ 17. Já os pintei no precedente capitulo, quando eles emplumam-se, e com este trage matam e comem um prizioneiro de guerra, fazendo assim bacanaes á maneira dos pagãos, e ebrios figuram como sacerdotes ; então os vereis de olhos torvos e cabisbaixos.

Acontece, algumas vezes sentarem-se em leitos de algodão suspensos no ar, e fronteiros uns aos outros, bebem de modo mais modesto ; mas é costume entre eles reunirem ordinariamente todos os omens de uma aldeia ou de muitas para beber (o que nunca fazem para comer), e esses beberetes especiaes não sam frequentes.

§ 18. Igualmente ou bebam pouco ou muito, além do que já dice, convem acrecentar, que como não sofrem de melancolia, costumam congregar-se todos os dias para dansar e folgar nas suas aldeias. Os mancebos cazados têem a singularidade de adornarem-se com um d'esses grandes penaxos, a que xamam *arasoia*. Atada a arasoia na cintura e empunhando algumas vezes o maracá e dispostos e amarrados nas pernas os frutos secos (de que acima falei) sonantes como conxas de caracol, quazi não fazem outra couza todas as noites sinão entrar e sair de caza em caza, dansando e saltando ; de sorte que quando eu os via e ouvia fazer tantas vezes a mesma couza, lembrava-me d'aqueles sugeitos, que em certas aldeias nossas sam conhecidos pela denominação de *valets de la feste*, os quaes no tempo do seo oficio e das festas, que fazem aos santos padroeiros de cada parochia, andam vestidos de bobos com cetro na mão e guizos nas pernas, brincando e dansando á mourisca nas cazas e nas praças.

Cumpre aqui notar, que todas as dansas dos nossos selvagens, quer sigam-se uns após outros, quer se disponham em roda, como direi, quando falar da sua religião, nunca as mulheres nem as raparigas misturam-se com os omens ; e si estas querem dansar, o fazem em grupo separado.

§ 19. Finalmente, antes de acabar o assunto relativo modo de beber dos nossos Americanos, de que agora trato,

convem, que os leitores se convençam, que si eles tivessem vinho á vontade, enxugariam galhardamente as taças; por isso contarei aqui uma istoria jocoza e todavia tragica, a qual um *mussacá*, * isto é, bom pai de familia, que dá comida aos viajantes, contou-me em sua aldeia.

Falando ele no seo idioma nativo dice-me: Nós sorpreendemos uma caravela de Peros (isto é, Portuguezes, os quaes, como em outro lugar já referi, sam inimigos mortaes e irreconciliaveis dos nossos Tupinambás), na qual, depois de termos morto e comido todos os omens n'ela encontrados, e termos recolhido as mercadorias existentes, axamos, entre estas, grandes *caramemos* (assim xamam eles os toneis e outras vazilhas de madeiras) xeios de bebida, e alçando-os e destampando-os, quizemos provar o que era tal beberagem.

Tadavia (dizia-me o velho selvagem), não sei de que qualidade de *cauim* estavam xeios, nem si o tendes no vosso paiz; só sei dizer, que, depois de bebermos o nosso codorio, ficamos por dois ou tres diaz por tal fórma prostrados e adormecidos, que não estava em nosso poder despertar.

Assim era verosimil ser toneis de bom vinho de Espanha, com os quaes os selvagens, sem o pensar, tinham festejado Baco; e não nos devemos admirar, si o nosso omem, depois de bem acordado, dizia, que tinham subitamente recobrado as forças.

§ 20. Pelo que nos respeita, quando xegamos a esse paiz, procuramos evitar a mastigação, que essas mulheres fazem na compozição do seo *cauim*, como acabo de espender, por isso pilamos raizes de aipim e mandioca com milho, e cuidando fazer tal bebida de modo mais decente, fervemos tudo; mas, para dizer a verdade, a experiencia mostrou, que assim feita a potagem não era boa; comtudo pouco a pouco nos acostumamos a beber o *cauim* da outra especie, embora o não bebessemos ordinariamente; pois como tinhamos bastantes potes de assucar, o faziamos e o deixavamos de infuzão n'agua por alguns dias para poder resfriar, por cauza dos calores ordinarios d'esse

* O autor escreve: —*Moussacat.*

lugar ; assim assucarado nós o bebiamos com grande satisfação.

Como as fontes e os rios sam de aguas claras e mui boas em razão da temperatura do clima (e direi, incomparavelmente mais sadias do que as nossas), essas aguas não fazem mal, embora bebamos á fartar. Nós bebiamos ordinariamente agua purissima, e sem compostura alguma.

Convem advertir, que os selvagens xamam a agua doce *uh-ete*, e a agua salgada *uh-eeu*. Esta é uma dição, que eles pronunciam na garganta, como os Ebreos fazem com as letras, que denominam guturaes, e era para nós a mais penoza de pronunciar entre todas as palavras do idioma indigena.

§ 21. Finalmente como eu não duvide, que algumas pessoas, ouvindo o que acima dice sobre a mastigação e revolvimento das raizes e do milho na boca das mulheres selvagens, quando preparam a bebida do *cauim*, enjoem e engulhem, por isso, afim de lhes diminuir de algum modo esse desgosto, peço-lhes, que lembrem-se do modo por que cá se procede na fabricação do vinho.

Pois si considerarmos, que nos sitios, onde crecem os bons vinhedos, os vinhateiros, no tempo da vindima, metem-se dentro das tinas e das cubas, nas quaes com lindos pés, e algumas vezes calçados de sapatos, maxucam as uvas, como tenho prezenciado, e ainda depois as enxuvalham na lagariça, veremos, que n'este mister passam-se muitas couzas, que não sam talvez mais apraziveis do que esse metodo de mastigar, abitual ás mulheres americanas.

Poder-se-á dizer, que o vinho, azedando e fermentando, lança fóra de si toda a impureza ; mas eu respondo, que o nosso *cauim* purga-se tambem, e por tanto n'este ponto existe a mesma razão para uma e outra couza.

CAPITULO X

Animaes, veação, lagartos, serpentes e outros animaes monstruozos da America

§ 1. Começando este capitulo, advertirei, que a respeito dos animaes quadrupedes em geral e sem exceção

não existe na terra do Brazil na America um só, que seja em tudo e por tudo similhante aos nossos, e direi tambem que os nossos Tupinambás mui raramente alimentam-se com animaes domesticos.

Para descrever pois os animaes silvestres do seo paiz, por eles genericamente xamados *sóo*, começarei pelos que servem de alimentação.

§ 2. O primeiro e mais comun é um, a que xamam *tapirussú*, * o qual tem o pêlo avermelhado e assás comprido; tem quazi a dimensão, grossura e forma de uma vaca, todavia não tem xifres; tem o pescoço mais curto, as orelhas mais longas e pendentes, as pernas mais finas e delgadas, e o pé inteiriço com a forma do casco do asno; e pode dizer-se, que, participando de uma e outra alimaria, é semi-vaca e semi-asno.

Todavia difere ainda inteiramente de ambos, quer na cauda, que é mui curta (e notae aqui, que na America axam-se muitas alimarias absolutamente descaudatas), quer nos dentes, que sam muito mais cortantes e agudos; entretanto não é animal perigozo, por isso que só tem rezistencia na fuga.

Os selvagens o matam a frexadas como o fazem a muitos outros viventes, ou o apanham com laços e outras armadilhas feitas com muita industria.

§ 3. Alem d'isso este animal é muito estimado entre os indigenas por cauza da péle; pois quando o esfolam, cortam em roda todo o couro do dorso, depois de estar bem seco, e fazem rodelas tamanhas como o tampo de um tonel médio, das quaes se servem para amparar os golpes das frexas inimigas, quando vam á guerra.

Com efeito esta péle assim sêca e preparada é tam rija, que não creio, que aja frexa, por mais violentamente expedida que seja, que possa fural-a.

Trazia por curiozidade para a França, dois d'esses broqueis; mas quando em nosso regresso a fome assaltou-nos no mar, depois de faltarem-nos os viveres, e servirem-nos de alimento os bugios, papagaios e outros animaes, que traziamos d'esse paiz, foi-nos ainda precizo comer as

* O autor escreve: — *Tapiroussou*.

nossas rodelas tostadas nas brazas, e tambem todos os couros e peles, que vinham no navio, como em lugar competente direi.

A respeito da carne do tapirussú, tem ela quazi o mesmo gosto que a do boi; mas quanto ao modo de cozinhal-a e preparal-a, os nossos selvagens a fazem moquear, na forma de seo costume

§ 4. E porque já falei n'isso, e ainda será precizo repetir muitas vezes a palavra moquear, quero declarar o modo de proceder a tal respeito, afim de não conservar o leitor suspenso, pois oferece-se agora ocazião oportuna de instruil-o.

Os nossos Americanos pois infincam em suficiente profundidade da terra quatro forquilhas de páo da grossura de um braço, em quadro, na distancia de trez pés, e com igual altura de dois pés e meio, atravessando n'elas varas com uma polegada ou dois dedos de distancia uma da outra, e d'este modo formam uma grande grelha de madeira, que na sua linguagem xamam *moquem*. *

Têem muitos em suas cazas, e quando têem carne, a colocam ali cortada em pedaços, e com lenha seca, que não faça muita fumaça, acendem fogo lento por baixo, volteam a carne, revirando-a de meio quarto em meio quarto de ora, e assim a deixam assar por todo o tempo necessario.

E por que não salgam suas viandas para guardal-as, como nós cá fazemos, não têem outro meio de as conservar sinão fazendo-as assar.

§ 5. Si em um dia apanham trinta animaes ferozes ou outros dos que descrevemos n'este capitulo, afim de evitar a putrefação, cortam logo todos em pedaços e colocam no moquem, de maneira que, virando e revirando a carne, como já dice, ahi ás vezes a deixam por mais de 24 oras, até que a parte media e a parte aderente aos ossos fique tam assada como a parte esterior.

Assim fazem com os peixes, quando os têem em grande porção, principalmente da especie denominada *piraparatí*, que sam verdadeiros sargos, de que adiante falarei; e depois de os secarem bem, os reduzem a farinha.

---

* O autor diz: — *Boucan* e *boucaner*.

Em suma esses moquens lhes servem de salgadeira, aparador e guarda-comida ; por isso não ireis ás suas aldeias sem vel-os-guarnecidos não só de veações ou peixes, como tambem mais frequentemente os axareis cobertos de coxas, braços, pernas e outras grandes postas de carne umana dos prizioneiros de guerra, que matam e costumam comer, como adiante veremos.

Eis aqui quanto cabe dizer sobre o moquem e a moqueação, isto é, sobre a caza de assados dos nossos Americanos ; os quaes aliás (salvo a reverencia devida a quem o contrario escreveo),quando lhes apraz, não deixam de cozinhar as suas viandas.

§ 6. Ora, afim de proseguir na descrição dos seos animaes, convem dizer, que os mais volumozos, que têem depois do asno-vaca, de que acabamos de falar, sam certas especies de veados e corsas, a que xamam *suasssú* * ; mas além de estarem longe de ser tamanhos como os nossos e de terem xifres muito menores, ainda se deferencíam em terem o pêlo tam comprido como o das cabras cá daEuropa.

Quanto ao javali d'esse paiz, que os selvagens xamam *taiassú*, † embora seja de fórma similhante ao das nossas florestas, e tenha parecidos a cabeça, orelhas, pernas e pés, comtudo os dentes sam mui compridos, curvos e ponteagudos, e por consequencia perigozissimos. E' muito mais magro e descarnado, tem grunhido e grito espantozo, e tem uma deformidade notavel, a saber, um operculo natural nas costas (como dice, que o golfinho tinha na cabeça), por onde sopra, respira e aspira, quando quer.

E para que não pareça isto extraordinario notese, que o autor da *Istoria geral das Indias* diz, que tambem no paiz de Nicaragua, perto do reino da Nova-Espanha, existem porcos, que têem o embigo no espinhaço; e por certo sam da mesma especie dos que acabo de descrever.

Os trez supramencionados animaes, isto é, tapirussú, suassú, e taiassú sam os maiores d'essa terra do Brazil.

---

* O autor escreve :—*Seouassous*.

† O autor escreve:— *Taiassou*.

§ 7. Passando pois a outras alimarias bravias dos nossos Americanos, têem eles um animal vermelho xamado *aguti*, * do tamanho de um porco de mez, o qual tem o pé fendido,a cauda mui curta,o focinho e as orelhas quazi como as da lebre, e é de sabor agradabilissimo.

Outros,de duas ou trez especies, xamados *tapitis*, sam todos mui similhantes ás nossas lebres, e quazi do mesmo gosto ; mas quanto ao pêlo, o têem mais avermelhado.

Apanham tambem nos bosques certos ratos do tamanho do esquilo e quazi do mesmo pêlo, os quaes têem a carne tam delicada como a do coelho.

Pag ou *pague* (pois não podemos bem distinguir a pronuncia) é animal da grandeza do cão perdigueiro mediano; tem a cabeça felpuda e mui mal feita, a carne oferece o mesmo gosto que a do vitelo, e quanto á pele é mui bonita e manxada de branco, pardo e preto ; e si nós cá a tivessemos, seria mui valioza e apreciada para guarnições.

Vê-se outro animal do feitio de uma doninha e de pêlo pardacento, ao qual os selvagens xamam *sariguá* † e como fede muito,o não comem de boa vontade.

Todavia nós outros esfolamos alguns d'estes animaes, e conhecendo que sómente a gordura dos rins lhes dá o máo odor, tiramos-lhes esta viscera, e não deixamos de os comer; pois a carne é tenra e boa.

§ 8 Quanto ao *tatú* ‡ da terra do Brazil, é animal (como os ouriços de cá), que não pode correr tam rapido como o fazem muitos outros, por isso arrasta-se pelas moutas; mas em compensação está armado e coberto de escamas fortes e duras, e bem creio,que um golpe de espada o não ofenderá. Quando o esfolam, ficam as escamas ligadas e seguras na pele, da qual os selvagens fazem cestinhos xamados *caramemo*. Sendo dobrada, direis ser manopla de armadura : a carne é branca e mui saboroza.

Quanto á fórma porém, não vi n'esse paiz nenhum quadrupede similhante na altura das pernas ao que Belon

---

* O autor escreve : —*Agouti*.

† O autor escreve : — *Sarigoy*. É certamente a maritacaca.

‡ O autor escreve:—*Tatou*.

reprezentou em dezenho no fim do terceiro livro das suas observações, e ao qual ele todavia denominou *tatú* do Brazil.

§ 9. Ora, além de todos os sobreditos animaes, que sam os mais uzuaes na alimentação dos nossos Americanos, tambem comem crocodilos, xamados *jacarés*, os quaes teem a grossura da coxa do omem, com proporcional comprimento; mas longe de serem perigozos, ao contrario vi muitas vezes os selvagens trazerem vivos para suas cazas esses jacarés, ao redor dos quaes seos filhos brincavam sem receberem mal algum.

Todavia ouvi os velhos dizerem, que, andando nas matas, sam algumas vezes assaltados, e têem grande dificuldade de defender-se com frexadas contra uma especie de jacarés grandes e monstruozos, os quaes, quando de longe percebem e presentem vir gente, saem dos caniçaes aquaticos, onde fazem o seo covil.

E a tal respeito, além do que Plinio e outros referem dos crocodilos do Nilo no Egipto, diz o autor da *Istoria geral das Indias*, que matou crocodilos n'esse paiz, perto da cidade de Panamá, que tinham mais de 100 pés de comprimento : o que é couza quazi incrivel.

Observei nos jacarés medianos, que vi, que têem a boca mui rasgada, as pernas altas, a cauda não redonda nem despontada, antes xata e aguda na extremidade. Cumpre porém confessar, que não dei bem atenção, si estes anfibios não movem a mandibula superior, como geralmente se crê.

§ 10. Os nossos Americanos tambem apanham lagartos, xamados *teiús* * que não sam verdes como os nossos, mas cinzentos e com a pele aspera como as nossas lagartixas. Embora sejam do comprimento de quatro a cinco pés, e proporcionalmente grossos e de fórma repulsiva á vista, e conservem-se ordinariamente nas margens dos rios e lugares pantanozos como as rans, nem por isso sam mais perigozos do que estas.

E direi mais, que esfolados, destripados, lavados e bem cozinhados, aprezentam carne tam branca, delicada,

---

* O autor escreve:— *Touous.*

tenra e saboroza como o peito do capão, e constituem uma das boas viandas, que comi na America.

Verdade é, que em principio repugnava-me esse manjar; mas depois que o provei,não cessava de pedir lagarto.

§ 11. Tambem os nossos Tupinambás têem certos sapos grandes, os quaes sam moqueados com o couro, intestinos e tripas, e servem-lhes de alimento.

Assim atento o que os nossos medicos ensinam, e o que cada qual de nós crê, a carne, sangue e geralmente todo o corpo do sapo é mortifero; e sem que eu diga couza diversa dos sapos da terra do Brazil, de que acabo de falar, poderá o leitor dahi facilmente concluir, que por cauza da temperatura do paiz (ou talvez por qualquer outra razão que ignoro), taes sapos não sam ruins e venenozos, nem perigozos, como os nossos.

§ 12. Os selvagens tambem comem serpentes tam grossas como um braço de omem,e do comprimento de uma vara de Pariz;* e até vi os mesmos selvagens pegarem e trazerem (como dice que fazem com os crocodilos)uma especie de serpentes rajadas de preto e vermelho, as quaes em caza soltavam uivos no meio das mulheres e crianças, que, em vez de as temerem, as acariciam com as mãos.

Preparam e cozinham em pedaços essas grossas enguias terrestres ; para dizer porém o que sei, é vianda mui insipida e adocicada.

Não lhes faltam outras especies de serpentes, e principalmente nos rios, onde encontram-se serpes compridas, delgadas, e tam verdes como acélga, cuja mordedura é muito venenoza ; mas pela seguinte narração podereis compreender, que além dos teiús, de que acima falei,existe nos bosques outra especie de lagartos grandes que sam mui perigozos.

§ 13. Em certa ocazião dois Francezes e eu cometemos o erro de metermos-nos a caminho para vizitar o paiz, como costumavamos, sem levar selvagens por guia, e nos transviamos nos bosques;e quando ladeavamos profundo vale, ouvimos o ruido e andadura de um bruto, que

---

* O autor diz:— *Anne de Paris*. A *anne de Paris* corresponde a 1 metro e 194 milimetros.

vinha em nossa direcção ; e pensando ser animal silvestre, não paramos, nem damos importancia ao cazo.

Mas de repente,á destra e quazi a trinta passos de distancia, vimos na encosta da montanha um lagarto muito mais volumozo do que o corpo de um omem com o comprimento de seis a sete pés. Parecia revestido de escamas esbranquiçadas, asperas e escabrozas como cascas de ostras: ergueo um dos pés dianteiros, e com cabeça levantada, e olhos sintilantes, parou firme para encarar-nos.

Vendo isto,e não tendo então nenhum de nós arcabuz nem pistola, pois só traziamos espadas, e arco e frexa na mão (armas que não podiam servir-nos contra esse furiozo animal tam fortemente armado), tememos, que si fugissemos, o bruto coresse mais do que nós, nos alcançasse, empolgasse e devorasse. Assombrados como estavamos, olhando uns para os outros, ficamos quedos e immoveis.

Depois este monstruozo e medonho lagarto, abrindo a boca por cauza do grande calor que fazia (pois o sol brilhava e era então quazi meio dia) e soprando tam fortemente, que o ouviamos distintamente, contemplou-nos perto de um quarto de ora, volveo-se de repente e fugio pelo monte acima, fazendo maior barulho e estrepito nas folhas e ramos, por onde passava, do que faria um veado correndo na floresta.

E nós, que raspamos tamanho susto, não tivemos por certo a lembrança de perseguil-o, e louvando a Deos por ter-nos livrado do perigo, proseguimos no passeio.

Pensei depois, seguindo a opinião d'aqueles que dizem, que o lagarto deleita-se com o aspecto do rosto do omem,que o bixo tivera grande prazer de olhar para nós, que aliás tranzidos de medo o contemplavamos.

§ 14. N'esse paiz existe uma alimaria, xamada *jaguára* * pelos selvagens, a qual tem pernas quazi tam altas e é tam veloz na carreira como o galgo ; mas como tem cabelos compridos no mento e a péle linda e mosqueada como a da onça, tambem no mais muito se parece com esta féra.

---

* O autor escreve:— *Ian-ou-are.*

Os selvagens com razão temem muito esta alimaria ; pois vivendo de preza, como o leão, mata-os, despedaça, e come, quando os póde agarrar.

E como os selvagens sam crueis e vingativos contra tudo quanto os prejudica, quando podem apanhar algumas d'essas alimarias nas armadilhas (o que muitas vezes conseguem), não lhes podendo fazer maior mal, as ferem, e golpeam a frexadas, e as deixam assim por muito tempo desfalecer nos fóssos, onde cahiram, antes de as acabar de matar.

E afim de que melhor se entenda como esta alimaria os maltrata, referirei o seguinte :

Em certo dia em que cinco ou seis Francezes e eu passamos para a grande ilha, * os selvagens do lugar advertiram-nos, que nos acautelassemos contra o *jaguára* e diceram, que durante a semana tinha ele comido trez pessoas em uma das aldeias indigenas.

§ 15. Tambem divaga n'essa terra do Brazil grande abundancia de pequenos macacos pretos, que os selvagens xamam *cahi* : e porque vêem muitos para cá, escuzada será qualquer descrição d'eles aqui.

Todavia direi, que vivem nos bosques d'esse paiz, sempre trepados em certas arvores, que produzem um fruto com caroços quazi como as nossas grandes favas, do qual se alimentam. Reunidos ordinariamente em bandos, principalmente no tempo das xuvas, é grande prazer ouvil-os gritar e celebrar o seo sabado n'essas arvores, como cá fazem os gatos nos telhados.

Este animal só traz no ventre um feto ; o filho tem a natural industria de abraçar, e agarrar-se no pescoço do pai ou da mãi, logo que nace : quando sam perseguidos pelos caçadores, saltam de galho em galho e salvam-se por este modo.

Por esta cauza os selvagens não podem facilmente apanhar os individuos novos e velhos, e não têem outro meio de pegal-os, sinão derribando-os das arvores á frexadas ou reboladas, donde caem atordoados e algumas

---

* E' a actual ilha do Governador.

vezes mal feridos. Depois que os curam, e domesticam em caza, os trocam por qualquer mercadoria com os estrangeiros, que por ali viajam.

Digo especialmente domesticados, porque esses macacos, quando sam recem apanhados, sam tam ferozes, que mordendo os dedos, e lacerando com os dentes as mãos dos apreensores, cauzam tamanha dor, que os pacientes os matam a pancadas para livrarem-se da agressão.

§ 16. Tambem existe na terra do Brazil um genero de macacos, que os selvagens xamam *saguim* * iguaes no tamanho ao esquilo e de pêlo ruivo igual ao d'este; quanto á figura têem o focinho, pescoço, rosto, e quazi tudo o mais como o leão; bravio como é, todavia foi o mais lindo animalzinho, que lá vi.

Com efeito si ele fôsse tam forte no tranzito do mar, como é o mono, seria muito mais apreciado; mas é delicadissimo, não póde suportar o balanço do navio no mar, e é tam melindrozo, que com qualquer contrariedade, que se lhe cauze, deixa-se morrer de desgosto.

Entretanto cá na Europa vêem-se alguns d'estes animalejos, e creio ser a tal quadrumano, que Marot alude, quando, introduzindo seo servo Fripèlipes a falar com um certo Sagon, que o censurára, assim se exprime:

> Conbien que Sagon soit un mot,
> Et le nom d'un petit marmot.

§ 17. Ora, embora eu confesse (apezar da minha curiozidade) não ter notado todos os animaes d'essa terra d'America, tam cuidadozamente como eu dezejára, todavia, para finalizar, ainda descreverei dois, os quaes sobre todos os outros sam de fórma estraordinaria e singular.

O maior, xamado *ahi* † pelos selvagens, é do tamanho de um grande cão d'agua, e tem cara de bugio, parecida com rosto umano, ventre pendurado, como o de porca prenhe, pêlo pardo-escuro, como lan de carneiro preto, cauda curtissima, pernas cabeludas, como as do urso, e unhas mui compridas.

---

* O autor escreve: — *Sagouim.*
† O autor escreve: — *Hay.*

E posto que nos matos seja mui feroz, quando é pegado, torna-se facil de amansar. Verdade é, que por cauza das unhas os nossos Tupinambás, sempre nús como andam, não gostam muito de folgar com este quadrupede.

Mas (couza que parecerá fabuloza) ouvi os moradores da terra não só selvagens mas tambem adventicios com longa rezidencia no paiz, dizerem, que ninguem jamais vio este animal comer, quer no campo, quer em caza; de sorte que julgam algumas pessoas, que ele vive de vento.

§ 18 O outro animal, de que tambem quero falar, e ao qual os selvagens xamam *coati*, é da altura de uma lebre grande, tem pêlo curto, reluzente e mosqueado, orelhas pequenas, erectas e pontudas; a cabeça é pouco volumoza, o focinho começa desde os olhos, tem comprimento de mais de um pé, é redondo como um bastão, afina de repente, e é tam grosso em cima como junto da boca (a qual alias é tam diminuta, que apenas caberia a ponta do dêdo minimo); esse focinho, digo, similhante ao bordão ou canudo da gaita de foles, é tal, que não é possivel aver outro mais estravagante, nem de fórma mais monstruoza.

Quando este animal é apanhado, conserva os quatro pés juntos e por este modo cae sempre para um ou para outro lado, ou esparra-se no xão, de sorte que ninguem póde fazel-o ter-se em pé: só come formigas, de que nos bosques ordinariamente se alimenta.

Quazi oito mezes depois de xegarmos á ilha, onde estava Nicoláo de Villegagnon, os selvagens trouxeram-nos um d'estes *coatis*, o qual por cauza da novidade foi por todos nós muito apreciado, como podeis imaginar.

Com efeito sendo assás defeituozo, comparado com os animaes da nossa Europa (como ja dice), muitas vezes pedi a um tal João Gardien, pessoa da nossa comitiva, perito na arte de retratista, para dezenhar este e outros muitos animaes, não só raros, como tambem cá desconhecidos; o que ele todavia, bem a meo pezar, nunca rezolveo executar.

CAPITULO XI

Variedade de aves da America, todas diferentes das nossas; bandos de grandes morcegos, abelhas, moscas, varejas, e outros vermes singulares d'esse paiz.

§ 1. Começarei tambem este capitulo das aves, que em geral os Tupinambás xamam *urá*, * pelas que nos servem de alimento.

Primeiramente direi, que os indigenas têem muita abundancia d'essas galinhas grandes, que nós xamamos galinhas da India, e eles xamam *arinhan-ussû* †, cumprindo acrecentar que os Portuguezes, depois que vizitaram esse paiz, deram-lhes raça das galinhas pequenas comuns, que os indigenas xamam *arinhan-mirim*, e que dantes não conheciam.

Todavia, como em outra ocazião já dice, embora façam cazo das galinhas brancas para tirar as penas, afim de tingil-as de vermelho e com elas ornar o proprio corpo, com tudo quazi não comem umas nem outras.

E como pensam, que os ovos, que eles xamam *arinhan ropia*, sam venenozos, quando nos viam sorvel-os, não só ficavam mui admirados, mas tambem diziam, que, por não termos paciencia para deixal-os xocar, praticavamos a gulodice de comer uma galinha, quando comiamos um ovo.

§ 2. Portanto não dam maior importancia ás suas galinhas, do que ás aves silvestres; por isso as deixam andar pôr onde elas querem, e elas trazem os pintos dos matos e moutas, onde xocaram, de sorte que as mulheres selvagens não têem o trabalho de criar os pintainhos com gemas de ôvo, como entre nós se pratica.

E com efeito as galinhas multiplicam de tal fórma n'esse paiz, que vereis localidades e aldeias das menos frequentadas pelos estrangeiros, onde por uma faca do valor de um *carolus* tereis uma galinha da India, e por um de dois *liards* ‡, ou por cinco ou seis anzóes de pescaria obtereis trez ou quatro galinhas pequenas comuns.

---

* O autor escreve:—*Oura.*
† O autor escreve:—*Arignan-oussú.*
‡ O *liard*, antiga moeda de cobre franceza, equivale a um quarto do soldo (*sou*).

Ora, com estas duas especies de aves domesticas os nossos selvagens alimentam domesticamente adens, a que xamam *upec* ; como porém estes mizeros Tupinambás têem arraigada na cabeça a louca opinião de que, si comessem d'este animal, que anda vagarozamente, isso os impediria de correr, quando fossem expulsos e perseguidos por seos inimigos, abilissimo será quem os persuadir a provar d'ele : pela mesma razão abstêem-se de todos os animaes, que andam com lentidão, e até de peixes, como arraia e outros, que não nadam com rapidez.

§ 3. Quanto a aves silvestres, apanham-se nos bosques algumas do tamanho de capões, de trez especies, que os Brazilienses xamam *jacutinga*, *jacupema e jacuassú*, * os quaes todos têem a plumagem preta e parda ; creio serem especies de faizões, e por isso posso assegurar não ser possivel comer melhor vianda do que a d'estes jacús.

Têem ainda especies excelentes, xamados *mutuns* †, que sam tamanhos como pavões, e com plumagem igual á dos jacús; todavia sam raros, e poucos se encontram.

O *macuco* e o *inambuassú* sam duas especies de perdis do tamanho do pato ; têem o mesmo sabor dos precedentes.

Como estes sam os trez seguintes, a saber : *inambú-mirim*, do mesmo tamanho das nossas perdizes, *pegassú*, da grandeza do pombo-trocaz, e *paiacú*, como a rôla.

§ 4. Deixando por brevidade de falar da caça, que axa-se em grande abundancia nos bosques, nas praias do mar, nas lagôas e nos rios d'agua doce, tratarei das aves, que não sam comuns na alimentação d'essa terra do Brazil.

Entre outras aves duas existem da mesma grandeza ou pouco mais ou menos, a saber mais volumozas do que o corvo, as quaes, como quazi todas as aves da America, têem unhas e bico aduncos, como papagaios, em cujo numero as poderiamos incluir.

Quanto porém á plumagem (como julgareis depois de ouvir-me), não creio podermos axar em todo o mundo aves

---

* O autor escreve:—*Iacoutim, iacoupen, iacououassou.*
† O autor escreve:—*Moutou.*

de mais deslumbrante beleza ; por isso, contemplando-as, somos forçados a magnificar, não a natureza, como fazem os profanos, mas o excelente e admiravel Creador de maravilhas taes.

Para dar pois prova d'isso, direi, que a primeira, a que os selvagens xamam *arara*, tem as penas das azas e da cauda, que mede pé e meio de comprimento, metade tam vermelha como fino escarlate, e metade de côr celeste tam brilhante como o mais fino escarlatim que possa aver ; o resto do corpo é azul, sendo que a nervura de cada pena separa sempre as cores opostas dos dois lados.

Quando esta ave expõe-se ao sol, como ordinariamente sucede, não se fartam olhos umanos de contemplal-a.

A outra ave, xamada *canindé*, tem toda a plumagem do papo em roda do pescoço tão amarela como ouro fino ; o dorso, as azas e a cauda sam de azul tão lindo que mais não é possivel; e quando observamos, que ela reveste-se da côr do ouro por cima, sombreada de roxo, pasmamos de tanta formozura.

§ 5. Os selvagens em suas canções fazem frequente menção d'esta ave, dizendo e repetindo muitas vezes d'este modo : —*Canindé-june, canindé-june, euraouech*, isto é, ave amarela, ave amarela, etc.; pois *june* ou *jup* na sua linguagem significa amarelo.

Embora estas duas aves não sejam domesticas, axam-se todavia mais uzualmente nas grandes arvores existentes no meio das aldeias do que nos bosques, e os nossos Tupinambás as depenam cuidadozamente trez e quatro vezes por anno, e fazem (como alhures dice) mui bonitos vestidos, carapuças, braceletes, guarnições de espadas de páo e outras couzas d'essas lindas penas, com que adornam o seo proprio corpo.

Trouxera eu para França muitas d'essas penas, e sobretudo das grandes caudas, que já dice serem naturalmente matizadas de vermelho e azul celeste ; em meo regresso porém, de passagem por Pariz, um *quidam* da caza real, a quem as mostrei, não cessou de importunarme emquanto as não obteve de mim.

§ 6. Os papagaios n'essa terra do Brazil sam de trez ou quatro especies; os maiores e mais bonitos, que os selvagens xamam *ajurús*,* têem a cabeça rajada de amarelo, vermelho e rôxo, a ponta das azas encarnada, a cauda comprida e amarela, e o resto do corpo verde; poucos podem vir cá; e todavia sam notaveis pela linda plumagem, e quando ensinados sam os que melhor falam, e por consequencia os de maior estimação.

Com efeito, um trugimão prezenteou-me com um d'estes passaros, que ele por espaço de trez annos conservava em seo poder, e pronunciava tam perfeitamente as palavras da lingua selvagem e da franceza, que, não se vendo o papagaio, ninguem distinguia a sua voz da voz do omem.

§ 7. Era porém ainda maior maravilha um papagaio d'esta especie, que certa mulher selvagem possuia em uma aldeia distante duas legoas da nossa ilha; pois esta ave obrava como si tivesse entendimento para compreender e distinguir o que sua dona lhe dizia. Quando passavamos por ali, esta dizia-nos na sua linguagem: Dás-me um pente ou um espelho, para eu fazer já em vossa prezença meo papagaio cantar e dansar? Si para termos tal divertimento davamos o que ela pedia, apenas falava com o passaro, começava ele a saltar na vara em que pouzava, a conversar, assobiar e arremedar os selvagens, quando vam para a guerra, de modo incrivel. Em suma, quando bem parecia á dona, dizia-lhe esta: canta, ele cantava; dansa, ele dansava. Si ao contrario não lhe aprazia ou nada lhe davamos, apenas ela dizia com aspereza ao papagaio —*augé*—isto é, pára, ele aquietava-se, sem proferir palavra, e por mais que lhe dicessemos qualquer couza, não estava mais em nosso poder fazel-o mover nem pé, nem lingua.

Si os antigos Romanos, sabios e ilustrados, faziam suntuozos funeraes ao corvo, que em seos palacios os saudava por seos proprios nomes, e até tiravam a vida a quem o matava, como nos refere Plinio; imaginai agora o

---

* O autor escreve—*Aeourous*.

que fariam eles, si possuissem um papagaio tam perfeitamente ensinado !

Essa mulher selvagem o xamava *xirimbabo*,* isto é, couza que muito amo, e o apreciava tanto que quando perguntavamos, si o queria vender e quanto por ele pedia, respondia por motejo : *Mocauassú*, isto é, uma artilharia ; de sorte que nunca o podemos aver á nossa mão.

§ 8. A segnnda especie de papagaios, xamados *marganaz* pelos selvagens, sam d'aqueles que de lá trazem os viajantes, e que mais comumente vemos em França ; não logram entre eles grande estimação; pois lá sam em tam grande abundancia, como entre nós sam os pombos ; e embora a carne seja algum tanto dura, todavia como tem sabor de perdiz, nós muitas vezes os comiamos, pois os tinhamos com fartura.

A terceira especie de papagaios, xamados *tus* † pelos selvagens, e *moissons* pelos marinheiros normandos, não sam maiores do que os estorninhos; quanto á plumagem porém, têem o corpo todo verde como a pera, excéto a cauda, que é mui comprida e entremeada de amarelo.

Lembrando-me ter alguem dito na sua *Cosmografia*, que os papagaios fazem os seos ninhos pendentes dos ramos das arvores, afim de que as serpentes não lhes comam os ovos, não terminarei este capitulo sobre taes passaros sem dizer ligeiramente, que vi o contrario na terra do Brazil, onde os papagaios fabricam os ninhos redondos e durissimos no ôco das arvores : portanto considero tal asseveração como pêta e conto imaginado pelo autor d'esse livro.

§ 9. As outras aves principaes do paiz dos nossos Americanos sam aquelas que eles xamam *tucano* ‡, de que a outro propozito acima fiz menção. Sam do tamanho do pombo trocaz, e têem toda a plumagem tam negra como a gralha, excéto o papo.

Este, como em outro lugar já dice, tem quazi quatro

* O autor escreve :—*Cherinabané.*
† O autor escreve :—*Tous.*
‡ O autor escreve: *Toucou.*

dedos de comprimento e trez de largura, e é mais amarelo do que o assafrão, e cingido de vermelho por baixo: os selvagens o esfolam, e d'ele servem-se para lhes cobrir e ornar as faces e outras partes do corpo, e costumam trazel-o, quando dansam, e por este motivo o denominam *tucantaburacé*,* isto é, pena de dansar, e muito o apreciam.

Todavia como possuem grande quantidade d'essas penas, não põem dificuldade em as dar e trocar por qualquer mercadoria, que lhes dam os Francezes e Portuguezes, que ali traficam.

Ainda mais: esta ave *tucano* tem o bico mais comprido do que o resto do corpo, com grossura proporcional: sem o equiparar nem o contrapor ao bico do grou, que em nada se lhe compara, cumpre consideral-o não só como o bico dos bicos, mas tambem como o mais descomunal e monstruozo, que podemos encontrar entre todas as aves do universo.

De sorte que não é sem razão, que Belon, tendo obtido um, o aprezentou por singularidade dezenhado no fim do seo terceiro livro das aves; pois embora o não nomêe, o que ali está configurado é sem duvida o bico do nossso tucano.

§ 10. N'essa terra do Brasil vive outra especie de passaro, que é do tamanho do melro, e tambem preto, fóra o peito, que é vermelho como sangue de boi; os selvagens o esfolam, como ao precedente, e xaman esta ave *panon*.

Existe outra especie de ave do tamanho do tordo, que os selvagans xamam *quiampiau*, a qual tem toda a plumagem vermelha como escarlate.

Como singular maravilha e obra prima de pequenhez, não devemos omitir um passarinho, que os selvagens xamam *guanumbi* †, de penas esbranquiçadas e reluzentes, o qual, embora não tenha o corpo maior do que um bezouro ou escaravelho, prima no canto. Este pequenissimo passarinho quazi não se arreda de cima dos pés de milho, que os selvagens xamam *avati*, ou de cima de outros arbustos,

---

* O autor escreve:—*Toucantabouracé*.
† O autor escreve:—*Gonambuch*.

tendo sempre o bico e guela aberta ; e si o não vissemos e ouvissemos, jamais acreditariamos, que de tam diminuto corpo podesse sair canto tam solto e alto, e até direi, tam claro e nitido, que em nada cede ao rouxinol.

§ 11. Como eu não poderia especificar com minudencia todas as aves existentes na terra do Brazil, as quaes não só diversificam nas especies das da nossa Europa, mas tambem aprezentam diferente variedade de cores, como vermelho, encarnado, rôxo, branco, cinzento, matizado de purpura, e outras côres, finalizarei descrevendo uma, que os nossos selvagens (pela razão que adiante direi) têem em tal estimação que muito se penalizariam de lhes cauzar qualquer mal ; e si souberem, que alguem matou alguma d'estas aves, estou certo, que o fariam arrepender-se de tal procedimento.

Esta ave é maior do que o pombo, e de plumagem parda cinzenta ; o misterio porem, em que dezejo tocar, é que, tendo ela a voz penetrante e ainda mais plangente do que a da coruja, os nossos mizeros Tupinambás, que a ouvem assim clamar mais de noite do que de dia, têem no cerebro impressa a idea de serem seos parentes e amigos finados, que enviam estas aves em sinal de bôa fortuna, e sobretudo para os encorajar a portar-se valentemente na guerra contra os inimigos : creem firmemente, que, si observarem o que lhes é indicado n'estes agouros, não só vencerão os inimigos n'este mundo, como tambem, quando morrerem, o que mais importante é, irão suas almas ter com os seos predecessores alem das montanhas para dansar com eles.

§ 12. Em certa noite dormi em uma aldeia xamada Upec pelos Francezes ; e ali á tarde ouvi esses passaros cantarem lamentozamente, e vi os mizeros selvagens atentos em escutal-os. Sabedor da razão de tal procedimento, quiz admoestal-os contra essa alucinação ; mas apenas assim falei-lhes e comecei a rir-me com outro Francez, um ancião, que ali estava, dice-me rudemente : « Cala-te, e não nos embaraces de ouvir as noticias, que os nossos avós agora nos anunciam ; pois quando ouvimos estas aves, ficamos todos contentes, e recebemos novas forças. »

Portanto sem replicar (pois seria trabalho perdido) lembrei-me d'aqueles que acreditam e ensinam, que as almas dos finados, voltando do purgatorio, os vêem advertir dos seos deveres, e pensei, que o que fazem os mizeros e cegos Americanos é mais suportavel nas suas brenhas ; pois embora confessem a imortalidade d'alma, como direi, quando falar da sua religião, longe estam de crer, que as almas voltem depois de separadas dos corpos, e apenas dizem, que estas aves sam seos mensageiros.

Eis quanto eu tinha de dizer acerca das aves da America.

§ 13. N'esse paiz existem morcegos quazi tam grandes como as nossas pequenas gralhas, os quaes entram de noite nas cazas, e si axam alguem dormindo com os pés descobertos, dirigem-se sempre ao dedo maximo, e não deixam de xupar sangue ; e xegam algumas vezes a tirar mais de um pucaro, sem que o paciente o sinta.

De sorte que quando pela manhan despertavamos, ficavamos admirados de vêr a roupa da cama e as adjacencias ensanguentadas ; entretanto os selvagens, quando vêem isso, quer aconteça a uma pessoa das suas, quer a um estrangeiro, apenas riem-se do cazo.

E com efeito eu mesmo fui assim surpreendido, e alem do motejo a que me expunha, acontecia ainda, que por dois ou trez dias só com dificuldade podia calçar-me, por estar ofendida a extremidade mole do dedo maximo do pé, embora não fôsse grande a dôr.

§ 14. Os moradores da costa de Cumana, terra situada a quazi 10 gráos aquem da linha equinocial, sam igualmente molestados por esses grandes e maleficos morcegos, a cujo respeito o escritor da *Istoria geral das Indias* refere um conto jocozo. Diz ele:« Estava em Santafé de Caribici o criado de um frade sofrendo de um pleuriz, e como não encontrou-se a veia para sangral-o, foi deixado por morto ; mas durante a noite veio um morcego, que o mordeo junto ao calcanhar, que axou descoberto, donde tirou sangue para fartar-se ; e como deixasse

* Choucas, diz o original.

a veia aberta, sahio tanto sangue quanto bastou para curar o paciente. »

Ao que acrecento com o istoriador, que foi o morcego excelente e graciozo cirurgião para o pobre doente.

De sorte que não obstante o mal, que recebemos d'esses grandes morcegos d'America, este ultimo exemplo mostra, que longe estam de ser tam nocivos como eram essas aves sinistras, xamadas estrigias pelos Gregos, as quaes, como diz Ovidio, *Fastos liv*. 6, sugavam o sangue dos meninos no berço, por cuja razão depois esse nome foi dado ás feiticeiras.

§ 15. As abelhas d'America não sam similhantes ás nossas de cá, antes parecem-se mais com as pequenas moscas pretas, que temos no estio, principalmente no tempo das uvas.

Fazem o mel e a cera nos bosques em ôcos de páo, produtos que os selvagens sabem aproveitar.

Emquanto estam misturados, xamam a tudo isso *ira-ietic*, pois *ira* é mel e *ietic* é cera ; depois de os separarem, comem o mel, como nós cá praticamos, e quanto a cêra, que é quazi tam preta como o pez, a reunem em rolos da grossura de um braço. Não fazem todavia arxotes ou velas ; pois de noite não uzam de outra luz sinão de madeiras, que dam flama clarissima, e servem-se d'esta cera principalmente para betumar os grossos canudos de cana, em que guardam as suas plumas, afim de as preservar de certa especie de borboletas, que do contrario as estragariam.

§ 16. E afim de que seguidamente eu descreva estes animaculos xamados *aravers* pelos selvagens, direi, que não sam mais corpulentos do que os nossos grilos, e saindo de noite em cardumes buscam o fogo, e não deixam de roer quanta couza encontram. Lançam-se sobre os cabeções e sapatos de marroquim com tal gana que comem a parte esterior, e os donos de taes objetos, ao levantarem-se pela manhan, os axam brancos e roidos; e acontecia, que, si de noite deixavamos galinhas ou outras quaesquer aves assadas e mal guardadas, esses *aravers* as roiam até os ossos, e assim não podiamos ter certeza de axal-as no dia seguinte.

§ 17. Os selvagens tambem sam perseguidos em suas pessoas por outra especie de pequeno insecto xamado *tu*, * o qual vive metido na terra, e em principio não passa do tamanho de uma pequena pulga; mas fixando-se na carne, especialmente debaixo das unhas dos pés e das mãos, ahi, como o oução, próduz subita comixão, si não se tem logo cuidado de arrancal-o.

Penetrando sempre mais, tornar-se-á em pouco tempo do tamanho de uma ervilha, e então não poderá ser extirpado sem grande dór.

E não sam sómente os selvagens, que andam nús e descalsos, que sam atacados e molestados por tal insecto; nós os Francezes tambem, por melhor vestidos e calçados, que andassemos, tinhamos tanta necessidade de acautelar-nos, que, por mais cuidadozo que eu fôsse em revistar-me, tiraram-me de diversos lugares do corpo mais de vinte em um so dia.

Em suma vi pessoas deleixadas em precaver-se por tal modo danificadas por essas traças-pulgas, que não só tinham as mãos, pés e dedos estragados, mas até o sovaco e outras partes moles do corpo estavam cobertas de pequenos relevos como verrugas provenientes d'este mal.

§ 18. Por isso tenho como certo, que é a este pequeno verme, que o istoriador das Indias ocidentaes xama *nigua*; o qual, como ele diz, tambem existe na ilha Espaniola. Eis-aqui o que escreveo: — A *nigua* é como uma pequena pulga, que salta; gosta muito da poeira; só morde nos pés, onde mete-se entre a pele e a carne, e logo põe lendeas em maior quantidade do que poderiamos pensar, atenta a sua pequenhez, e estas produzem outras, e si as deixam sem prevenção alguma, multiplicam-se tanto que se não podem expelir nem remediar sinão com fogo ou ferro; mas si as tiram cedo, cauzam pouco mal.

Alguns Espanhoes (acrecenta o autor) perderam os dedos dos pés, e outros todo o pé.

§ 19. Ora, para remediar o mal, os nossos Americanos esfregam a ponta dos dedos dos pés, e outras partes do corpo, em que os taes vermes buscam aninhar-se, com

* O autor escreve: — *Tou.*

certo oleo avermelhado e espesso, estrahido de um fruto, xamado *couroq*, que é quazi como uma castanha encascada ; o que nós tambem lá faziamos.

E convem dizer, que este unguento é tam soberano para curar xagas, fracturas e quaesquer dores, que sobrevem ao corpo umano, que os nossos selvagens, conhecedores da sua eficacia curativa, o reputam tam preciozo, como alguns individuos de cá consideram o xamado oleo santo.

Por isso o barbeiro do navio, em que regressamos á França, tendo-o experimentado em muitas ocaziões, trouxe dez ou doze potes grandes xeios d'esse oleo e outros tantos de gordura umana, que ajuntára, quando os selvagens cozinhavam e assavam os prizioneiros de guerra, do modo porque direi em lugar oportuno.

§ 20. Os ares d'essa terra do Brazil tambem produzem certa especie de pequenos mosquitos, que os seos abitantes xamam *jetim*, os quaes ferroam tam vivamente, ainda atravez de roupas delgadas, que dir-se-ia serem pontas de agulha.

Por tanto podeis imaginar quam divertido é ver os selvagens nús perseguidos por taes insectos; pois batendo com as mãos nas nadegas, côxas, espaduas, braços e em todo o corpo, dirieis então serem carreiros açoutando os cavalos com seos xicotes.

§ 21. Acrecentarei ainda, que, remexendo a terra, e debaixo das pedras, na região do Brazil, axam-se escorpiões, os quaes, não obstante serem muito menores do que os que se vêem em Provença, comtudo nem por isso deixam de ter ferrões venenozos e letaes, como experimentei. Costuma este animal procurar os objetos claros; por isso aconteceo, que, tendo eu mandado lavar a minha rede, e extendel-a ao ar, ao modo dos selvagens, aparecesse um escorpião, que ocultava-se em uma dobra do pano da rede. Quando quiz deitar-me sem o ter visto, ferroou-me no dedo grande da mão esquerda, que inxou tam rapidamente, que, si não recorresse logo a um dos nossos boticarios, que tinha alguns lacráos mortos em conserva de azeite n'uma garrafinha, e aplicou-me um

sobre o dedo, o veneno ter-se-ia rapidamente espalhado por todo o corpo.

Com efeito não obstante este remedio, alias considerado como o mais poderozo para este mal, o contagio foi tamanho, que por espaço de 24 oras fiquei em tal afiição, que não podia conter-me com a violencia da dôr.

Os selvagens, quando sam mordidos por estes escorpiões, uzam de igual receita, isto é, matal-os e esmagal-os imediatamente sobre a parte ofendida, si os podem apanhar.

§ 22. Ja dice, que os selvagens sam mui vingativos e furiozos contra tudo que os ofende; assim si topam com o pé em alguma pedra, a morderão ás dentadas, como fazem cães enraivecidos; por isso perseguindo os animaes que os danificam, despovoam d'eles o paiz quanto podem.

§ 23. Finalmente existem caranguejos terrestres, que os Tupinambás denominam *ussá*,* e surgem em bandos, como gafanhotos grandes, nas praias do mar e em outros lugares alagados e pantanozos.

Quando xega alguem a estes sitios, vê estes crustaceos fugirem de costas, e salvarem-se com celeridade em buracos que fazem nos troncos e raizes das arvores, donde com dificuldade só os podem tirar depois de nos maltratarem os dedos com suas grandes patas, embora possamos xegar em seco até esses buracos, que têem a abertura superior patente e descoberta.

Sam muito mais magros do que os caranguejos marinhos; e como quazi não têem carne, e exhalam xeiro de raizes do canamo, não têem sabor agradavel.

CAPITULO XII

Alguns peixes mais comuns entre os selvagens da America, e seo modo de pescar

§ 1. Afim de obviar repetições, que evito quanto posso, envio os leitores para o terceiro, quinto e setimo capitulo d'esta istoria, bem como para outros lugares, em

---

* O autor escreve:— *Oussa.*

que fiz menção das baleias, verdadeiros monstros marinhos, dos peixes voadores e de outros de varias especies, e tratarei n'este capitulo principalmente dos mais frequentes entre os nossos Americanos, e dos quaes todavia ainda não falei.

§ 2. Começarei dizendo que os selvagens dam a todos os peixes a denominação generica de *pirá* ; quanto porém ás especies, têem duas qualidades de sargos verdadeiros, a que xamam *curiman** e *parati*, os quaes, quer cozidos, quer assados (sobretudo o segundo) sam excelentes e saborozos.

Estes peixes andam abitualmente em bandos, como sucede cá na Europa, onde os vi no Loire e em outros rios de França subir do mar. Os selvagens, quando os vêem em cardumes compactos, aproximam-se de repente, atiram sobre eles grandes frexas tam certeiras, que em poucos momentos fisgam muitos peixes, os quaes assim feridos não podem ir ao fundo. Então os frexadores os vam apanhar a nado.

A carne d'estes peixes é sobre todas mui friavel ; e quando os selvagens os apanham em grande quantidade, os secam no moquem, esmigalham, e reduzem á farinha.

§ 3. O *camurupim-uassú* † é um peixe mui grande (pois *uassu* em linguagem brazilica significa grande ou volumozo, conforme a acentuação que se lhe dá) do qual os nossos Tupinambás, quando dansam e cantam, fazem menção, dizendo e repetindo muitas vezes d'este modo : *Pirá-uassu a uêh : camurupim-uassu a uêh* etc., etc.,— é mui bom de comer.

Existem outros dois peixes xamados *uára* e *acara-uassú*, que sam quazi da mesma grandeza que o precedente, porém melhores ; e até direi, que o *uára* não é menos delicado do que a nossa truta.

Temos outro peixe xamado *acarapeh* ; é xato, e cozido desprende gordura amarela, que lhe serve de molho. A carne é optima.

Temos tambem o *acara-buten*, peixe viscozo de côr trigueira ou avermelhada, o qual, sendo muito menor do

---

* O autor escreve : *Kurema*.
† O autor escreve : *Camouroupony-ouassou*.

que os supramencionados, não tem gosto agradavel ao paladar.

Outro peixe xamado *pira-ipoxi* * é do comprimento da enguia, e não é bom; *ipoxi* na linguagem indigena quer dizer isto mesmo.

Emquanto ás arraias, que os selvagens pescam no rio de Geneure, e nos mares adjacentes, sam mais amplas do que as que vemos na Normandia, na Bretanha e n'outros lugares cá da Europa, têem dois xifres compridos, cinco ou seis gretas no ventre (parecendo artificiaes), cauda longa e fina; sam timiveis e venenozas.

Um dia apanhamos uma arraia; e na ocazião de metel-a na embarcação picou a perna de um companheiro nosso, e imediatamente tornou-se vermelho e inxado o lugar ofendido.

Eis ahi o que podemos sumariamente dizer a respeito de alguns peixes d'agua salgada da America, cuja multidão aliaz é inumeravel.

Os rios d'agua doce d'esse paiz estam xeios de uma infinidade de peixes medianos e pequenos, que os selvagens geralmente xamam *pirá-mirim* (pois *mirim* no seo idioma quer dizer pequeno); mas apenas descreverei ainda duas especies enormemente disformes.

O primeiro, xamado *tamuatá* pelos selvagens, não tem ordinariamente sinão meio pé de comprimento, tem a cabeça mui grande, isto é, monstruoza em comparação do resto do corpo, duas barbatanas debaixo das guelras, os dentes mais aguçados de que os do lucio, as aréstas penetrantes, e todo o corpo armado de escamas tam rezistentes que não creio que uma cutilada lhes faça móça, como sucede com o *tatú*, ãnimal terrestre, conforme já dice alhures: a carne é mui tenra, boa e saboroza.

Os selvagens denominam *pana-pana* outro peixe, que é de grandeza mediana; quanto porém á fórma tem corpo, cauda, e pele similhante ao precedente, e tam aspera a mesma pele como a do tubarão.

Tem aliás a cabeça tam xata, sarapintada e mal

---

* O autor escreve: *Pirá-ypochi.*

conformada que, estando fóra d'agua, divide-se e separa-se em duas, como si a tivessemos propozitalmente partido, e assim oferece o mais orrendo aspecto de uma cabèça de peixe.

§ 4. Quanto ao modo de pescar dos selvagens, cumpre notar, que já dice, que eles apanham o sargo a frexadas; e isto deve entender-se acerca de todas as outras especies de peixe, que podem distinguir n'agua, convindo observar que omens e mulheres da America todos sabem nadar como cães d'agua para irem buscar n'agua a caça e a pesca; assim tambem os meninos apenas começam a caminhar, metem-se nos rios e nas praias, e mergulham como patinhos.

Para exemplo d'isto referirei brevemente, que, em um domingo pela manhan, passeavamos na plataforma do nosso fortim, quando vimos no mar virar uma canoa de casca de páo (feita como adiante descreverei), na qual estavam mais de trinta individuos selvagens, grandes e pequenos, que vinham vêr-nos.

Pressurozos acudimos com um escaler em socorro dos periclitantes; mas axamos todos rizonhos nadando nas ondas, dizendo-nos um d'eles:—E onde ieis tão apressadamente, vós outros Mairs? (assim xamam os Francezes).

Respondemos:—Vinhamos para salvar-vos, e tirar-vos d'agua.

Ao que replicou:—Na verdade agradecemos a vossa bôa vontade; mas pensaveis, que, por termos cahido no mar, estavamos em perigo de afogar-nos? Pois sem tomar pé, nem xegar á terra, ficariamos oito dias em cima d'agua, como agora vêdes; por tanto temos muito mais medo, que algum peixe grande nos puxe para o fundo do que tememos afundar-nos.

E os outros que nadavam todos como verdadeiros peixes, advertidos pelo companheiro da cauza da nossa vinda repentina, zombavam, e pozeram-se a rir tanto, que os viamos e ouviamos soprar e roncar em cima d'agua, como um bando de golfinhos.

Com efeito embora estivessemos ainda a mais de um quarto de legoa de distancia do fortim, comtudo só quatro

ou cinco quizeram entrar no nosso batel, mais por conversar comnosco do que por temor do perigo.

Observei,que os outros, adiantando-se algumas vezes a nós, não só nadavam tam dezafrontados e galhardos quanto queriam, mas tambem descansavam sobre as aguas, quando bem lhes aprazia.

Submergiram-se algumas rêdes de algodão, viveres e outros objétos, que vinham na canôa, e traziam para nós, mas nem por isso se importaram mais do que nós nos importariamos com a perda de uma maçan ; pois diziam, que em terra tinham couzas iguaes.

§ 5. Sobre este assunto da pesca dos selvagens, não quero omitir a narração do que ouvi um d'eles contar, a saber : que estando em certa ocazião com outros em um d'esses barcos de casca de páo muito amarados, e fazendo aliás tempo calmo, veio um grande peixe, que segurou-o com as garras, e queria ou viral-o, ou meter-se dentro do barco, conforme lhe pareceo.

Vendo isso (dizia ele) cortei-lhe rapidamente a mão com uma fouce, e caindo e ficando a mão no nosso barco, vimos, que ela tinha cinco dedos como a mão de um omem ; e o peixe excitado pela dôr, que sentio, mostrou fóra d'agua cabeça de fórma umana, e soltou pequeno gemido.

Sobre tam estranho conto d'este Americano, deixo o leitor filozofar, e atendendo á comum opinião, que admite no mar todas as especies de animaes terrestres, e especialmente em vista do que escreveram alguns autores sobre os tritões e sereias, julgar si era um tritão, sereia, macaco ou bugio marinho este, cuja mão o selvagem afirmava ter cortado.

Todavia sem condenar a existencia de taes couzas, direi francamente, que durante nove mezes de permanencia no alto mar sem pôr pé em terra sinão uma vez, e durante as navegações costeiras que por vezes fiz, não observei couza igual a isto ; nem vi, no meio de uma infinidade de especies de peixes, que apanhamos, peixe algum que se aproximasse da fizionomia umana.

§ 6. Para terminar o que tinha de dizer a respeito da pescaria dos nossos Tupinambás, cumpre declarar,que

além d'este modo de flexar os peixes, de que tantas vezes tenho falado, eles tambem acomodam espinhas á feição de anzoes, seguindo o seo antigo metodo, fabricam linhas de uma planta xamada *tucum,* * que desfia-se como o canhamo, e é muito mais forte, e com isso pescam de cima das ribanceiras e margens das aguas.

Tambem penetram no mar e rios d'agua doce em jangadas, denominadas *piperis,* e compostas de cinco ou seis páos redondos mais grossos do que o braço de um omem, juntos e bem ligados com vergonteas retorcidas. Sentados n'esta armadilha com as pernas estendidas, dirigem-se para onde querem com um pequeno bastão xato, que lhes serve de remo.

Como estes *piperis* não têem mais de uma braça de comprimento e apenas quazi dois pés de largura, não rezistem a qualquer tormenta, e mal póde cada um suster um omem ; de sorte que quando os nossos selvagens em tempo bom estam nús e separados pescando no mar, direis ao vel-os de longe,que sam macacos ou antes (tão pequenos parecem) rans aquecendo sol em axas de lenha no meio das aguas.

Todavia como estas jangadas, arranjadas como canudos de orgãos, sam assim fabricadas, fluctuam n'agua como uma pranxa grossa, penso, que si cá as construissemos, teriamos meio bom e seguro de passar os rios, os pantanos e lagos d'aguas mortas ou de fraca corrrenteza; junto aos quaes vemo-nos ás vezes bem embaraçados, quando temos pressa de tranzito.

§ 7. Ora, além de quanto fica relatado, acrecentarei, que, quando os selvagens nos viam pescar com redes, que tinhamos trazido, e que eles xamam *pussa-uassú* †, mostravam grande satisfação de ajudar-nos e vêr-nos apanhar tanto peixe de um só jacto, e si por ventura nós os deixavamos manejar as redes,eles por si já sabiam pescar com elas.

---

* O autor escreve :— *Toucon.*
† O autor escreve:—*Puissá-ouassou.*

Depois que ossFrancezes traficam além-mar, os Brazilienses colhem vantagens das mercadorias, que recebem, e muito louvam os traficantes, porque nos tempos passados os indigenas eram obrigados (como já dice) a pôr espinhas de peixe na ponta das suas linhas de pesca em lugar de anzóes, e agora têem a vantagem da gentil invenção d'esses pequenos ganxos de ferro tam adoptados ao mister da pescaria.

Por isso, como alhures dice, os rapazes d'essa terra aprenderam a dizer aos estrangeiros, que andam por lá: —*De agatorem amabe pinda*, isto é: - Tu és bom, da-me anzóes. Pois *agatorem* no seo idioma quer dizer bom, *amabe* dá-me, e *pindá* anzol.

Si não se lhes dá o que pedem, a caniçalha, voltando subitamente o rosto, repete com insistencia:—*De engaipa ajuca*, isto é,—Tu não prestas, devemos matar-te.

§ 8. Sobre este assunto direi, que si quizermos ser primos (como comumente dizemos) quer dos grandes quer dos pequenos, cumpre não negar-lhes nada.

Verdade é, que não sam ingratos, principalmente os velhos, pois, quando nem no obzequio pensamos, lembram-se do donativo, e agradecidos vos retribuirão com alguma couza.

Como quer que seja porém, observei, que os selvagens amam as pessoas alegres, galhofeiras e liberaes,e ao contrario aborrecem os taciturnos, avaros e melancolicos ; portanto posso assegurar aos somiticos, vizionarios e forretas, e aos que comem o pão no saco, como se costuma dizer, que não serão bem vindos entre os nossos Tupinambás, pois estes por natureza detestam tal qualidade de gente.

CAPITULO XIII

Arvores, ervas, raizes e frutos deliciozos, que a terra do Brazil produz

§ 1. Tenho já falado tanto dos animaes quadrupedes como das aves, peixes, reptis e couzas dotadas de vida, movimento e sensibilidade, existentes n'America ; e antes de falar da religião, guerra, policia, e outros modos

de proceder dos nossos selvagens, de que ainda não tratei, descreverei as arvores, ervas, plantas, frutos, raizes, e em suma tudo quanto comummente se diz ter alma vegetativa vivente n'esse paiz.

E porque entre as arvores mais notaveis prezentemente conhecidas entre nós, o páo-brazil (do qual esse paiz tomou o nome por nosso respeito) é uma das mais apreciadas por cauza da tinta, que d'ele se extrae, farei a sua descrição em primeiro lugar.

§ 2. Esta arvore pois, que os selvicolas xamam *arabutan*, * crece ordinariamente e esgalha tanto como o carvalho das nossas florestas, e axam-se algumas tam grossas, que trez omens não abarcariam o tronco.

A respeito de arvores grossas, o escritor da *Istoria geral das Indias ocidentaes* diz, que n'essas regiões foram vistas duas arvores, cujos troncos tinham estraordinaria grossura : um tinha mais de oito braças de circunferencia, e outro mais de dezeseis, de sorte que, diz ele, na primeira arvore, que era tam alta, que ninguem lhe poderia alcançar o cimo com uma pedra atirada pela simples força do braço umano, um cacique, por segurança propria, fabricara sua xoçazinha ; do que riam-se os Espanhoes ás gargalhadas, vendo-o ali pouzado como cegonha. Mencionavam tambem a segunda como couza maravilhoza.

O sobredito autor ainda refere, que existe no paiz de Nicaragua uma arvore xamada *cerba*, a qual engrossa tanto, que quinze omens a não poderiam abarcar.

Voltando ao páo-brazil, direi, que tem a folha como o do buxo, todavia de côr puxando mais para o verde claro, e esta arvore não frutifica.

§ 3. Dezejo aqui fazer menção do modo de carregar os navios com esta mercadoria.

Notae, que tanto por cauza da dureza e consequente dificuldade de cortar essa madeira, como porque não existem cavalos, asnos, nem outros animaes para carregar, carrear, ou arrastar fardos n'esse paiz, é indispensavel, que muitos omens façam este serviço ; si os estrangeiros, que viajam por ali, não fossem ajudados pelos

---

* O autor escreve :—*Araboutan*.

selvagens, não poderiam em um anno carregar qualquer navio mediano.

Os selvagens, mediante alguns vestidos de friza, camizas de pano de linho, xapeos, facas e outras veniagas que se lhes dá, como maxados, cunhas de ferro, e outras ferramentas ministradas por Francezes e outros Europeos, cortam, serram, raxam, toram e desbastam o páo-brazil, e depois o transportam nos ombros nús, e muitas vezes de duas e trez legoas de distancia, por montes e lugares escabrozos até a borda do mar junto aos navios ali ancorados, onde os marinheiros o recebem.

Digo propozitalmente, que os selvagens, depois que os Francezes e Portuguezes frequentam o seo paiz, cortam o páo-brazil ; pois antes, conforme ouvi os velhos dizerem, não tinham industria alguma para derrubar uma arvore, sinão pôr-lhe fogo ao pé.

Ca da Europa pensam muitas pessoas, que os toros redondos, que vêmos nas cazas dos negociantes, sam da grossura das arvores ; mas para mostrar, que taes pessoas enganam-se, observarei já ter dito axarem-se arvores mui grossas, e acrecentarei, que os selvagens desbastam os tóros, e os arredondam, afim de lhes ser mais facil o carreto e o manejo nos navios.

§ 4. Como durante o tempo que estivemos n'esse paiz, fizemos boas fogueiras com o páo-brazil, observei, que não era umido (como a maior parte das outras madeiras), antes era naturalmente sêco ; por isso queimado expede mui pouca ou quazi nenhuma fumaça.

Direi mais, que, indo um dos nossos companheiros lavar nossas camizas, deitou por ignorancia do efeito cinzas de páo-brazil na lixivia ; e em lugar de alvejal-as, tornou-as tam vermelhas, que, não obstante lavarem-se e ensaboarem-se depois, não axamos meio de tirar-lhes a coloração, de maneira que tivemos de as vestir e uzar d'elas com essa tintura.

Si aqueles que mandam de proposito branquear suas camizas ou outras roupas alcatroadas, duvidam d'isto, façam a experiencia ; e para mais brevemente conseguil-o, poderão mandar lustrar os seos coleirinhos, ou grandes

babados (de mais de pé e meio de largura como oje uzam) tingindo-os de verde, si assim lhes aprouver.

§ 5. Os nossos Tupinambás ficam pasmos de vêr os Francezes e outros estrangeiros ter o trabalho de ir buscar o seo *arabutan*, isto é, páo-brazil. Uma vez um velho fez-me esta pergunta : — O que quer dizer virdes vos outros, *Mairs* e *Peros*, isto é, Francezes e Portuguezes, de tam longe buscar lenha para vos aquecer ? Não tendes páo na vossa terra ?

E respondi, que tinhamos, e em grande quantidade, mas não da qualidade dos seos, nem tinhamos páo-brazil, que nós não queimavamos, como ele supunhantes ; o queriamos para fazer tinta, e empregar como eles faziam, uzando d'ela para tingir os seos cordões de algodão, plumas e outras couzas.

Replicou o velho imediatamente : — E porventura precizaes de muito ?

Sim (dice-lhe eu no intuito de interessal-o) ; pois no nosso paiz existem negociantes, que têem mais frizas, panos vermelhos e até (procurando sempre falar-lhe de couzas suas conhecidas) facas, tezouras, espelhos e outras mercadorias, do que nunca vistes por cá ; e tal negociante pòr si só comprará todo o páo-brazil, com que muitos navios voltam carregados do teo paiz.

E o meo selvagem dice :—Ah ! ah ! tu me contas maravilha ! E depois tendo compreendido bem o que eu acabava de dizer, interrogou-me de novo e dice :—Mas esse omem tam rico, de que me falas, não morre ? Sim, sim (dice-lhe eu); morre como os outros.

E como sam grandes discursadores os selvagens e proseguem mui bem em qualquer assunto até o fim, de novo perguntou-me: — E quando ele morre, para quem fica o que ele deixa ? Respondi :—Para seos filhos, si os tem ; na falta d'estes para seos irmãos ou mais proximos parentes.

Na verdade (dice então o velho, que, como julgareis não era nenhum tôlo) agora conheço, que vós outros *Mairs*, isto é, Francezes, sois grandes loucos ; pois è precizo trabalhar tanto em passar o mar, onde sofreis tantos incomodos, como nos dizeis, quando aqui xegaes, para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos

sobrevivem? A terra, que vos nutrio, não é tambem suficiente para nutril-os? Temos (acrecentou ele) paes mães e filhos, aos quaes, amamos e prezamos; mas como estamos certos de que, depois da nossa morte, a terra, que nos nutrio, tambem os nutrirá, por isso descansamos sem o minimo cuidado.

Eis aqui sumariamente o discurso, que ouvi da boca de um pobre selvagem americano.

§ 6. Assim esta nação, que reputamos barbara, zomba desdenhozamente d'aqueles que com perigo de vida passam os mares para ir buscar páo-brazil afim de enriquecer-se; e por mais obtuza que seja, atribuindo maior importancia á natureza e á fertilidade da terra do que nós damos ao poder e providencia de Deos, insurge-se contra esses rapinadores denominados cristãos, de que a terra cá pela Europa está tam repleta, quanto vazia está lá na região dos selvicolas.

Os Tupinambás, como já dice, odeiam mortalmente os avarentos; e prouvera a Deos, que fossem todos os avaros lançados entre os selvagens, que serviriam de demonios e furias para atormentar os nossos insaciaveis abismos, que nunca temem bastante, e só cuidam de sugar o sangue e a substancia alheia.

Precizo era, que eu fizesse esta digressão para vergonha nossa, e para justificação dos selvagens pouco cuidadozos das couzas d'este mundo.

E bem a propozito poderia eu ainda acrecentar o que o istoriador das Indias ocidentaes escreveo acerca de certa nação de selvagens abitadores do Perú. Diz ele, que quando os Espanhoes começaram a navegar para esse paiz, os selvagens, vendo-os barbados, delicados e mimozos, temiam, que os corrompessem, e mudassem os seos antigos costumes, por isso não os queriam receber, e os xamavam *escuma do mar*, gente sem paes, omens sem descanso, que não páram em parte alguma para cultivar a terra e ter o que comer.

§ 7. Continuando agora a falar das arvores d'esta terra da America direi, que axam-se n'ela quatro ou cinco especies de palmeiras, das quaes as mais comuns sam as denominadas *geraú* e *iri* pelos selvagens; e como

nunca vi támaras em nenhuma d'elas, creio, que as não produz.

E' verdade, que o *iri* produz frutos redondos como abrunho, pequenos e reunidos, bem similhantes a um bom caxo de uvas ; e cada penca tem pezo tal que um omem pode levantar e trazer na mão, mas so presta o caroço, que não é maior do que o da cereja.

Entre as folhas superiores das palmeiras novas brota um renovo, que cortavamos para comer, e dizia o senhor Dupont, que sofria de emorroidas, que esse palmito servia de remedio : sobre este ponto reporto-me aos medicos.

§ 8. Outra arvore existe xamada *airi* pelos selvagens, a qual tem as folhas como a palmeira, o caule rodeado de espinhos finos e penetrantes como agulhas, e dá fruto de mediana grandeza, no qual se contém com caroço branco como neve, que aliás náo é comivel.

No meo entender esta arvore é uma especie de ebano ; pois alem de ser preto e servir aos selvagens para fazerem espadas e clavas e pontas de frexas (que descreverei, quando falar das suas guerras), é mui polido e luzente, quando trabalhado em obra, sendo tam pezado que posto n'agua vai ao fundo.

§ 9. Antes de passar adiante, convém dizer, que existem muitas especies de madeiras de côr n'esta terra da America, ignorando eu o nome de todas essas arvores.

Entre elas vi algumas tam amarelas como o buxo ; outras naturalmente violetas, das quaes troxera eu para a França algumas amostras ; outras brancas como o papel ; outras tam vermelhas como o páo-brazil, das quaes os selvagens fazem bastões e arcos.

Existe tambem uma arvore xamada *copahiba*,* a qual parece na forma com a nogueira, sem aliás dar nozes; a taboa, sendo empregada em obras de marcenaria, aprezenta os mesmos veios da nogueira, como observei.

Igualmente existem algumas, que têem as folhas mais espessas que a moeda de tostão ; outras as têem da

---

* O autor escreve:— *Copáu*.

largura de pé e meio ; e ainda existem muitas outras especies, que seria fastidiozo mencionar com miudeza.

§ 10. Cumpre porém dizer, que n'esse paiz existe uma arvore, que dá bonita madeira, a qual recende agradavel xeiro, quando os marceneiros a lavravam ou cepilhavam, e si tomavamos nas mãos cavacos ou fitilhas, sentiamos o verdadeiro odor da roza fresca.

Existe outra ao contrario, denominada *aouai* pelos selvagens, que fede e exhala xeiro de alho tam ativo, que, quando a cortam e põem no fogo, ninguem póde ficar ao pé : esta arvore tem as folhas quazi como as das nossas macieiras.

No demais porém o fruto (algum tanto parecido com a castanha d'agua) e o caroço contido no fruto, é tam venenozo, que quem o comesse sentiria o efeito imediato de verdadeiro veneno.

Todavia como este fruto é aquele de que alhures dice, que os nossos Americanos fazem as campainhas, que põem ao redor das pernas, por essa razão o têem em grandissima estimação.

§ 11. E cumpre aqui notar, que embora esta terra do Brazil produza mui bons e excelentes frutos, como veremos n'este capitulo, todavia muitas arvores existem, que dam frutos formozissimos, e entretanto inaceitaveis ao paladar.

Especialmente nas praias do mar vivem muitos arbustos, que dam frutos quazi similhantes ás nossas nesperas, porém mui perigozos de comer.

Por isso os selvagens, vendo os Francezes e outros estrangeiros aproximar-se d'essas arvores para colher o fruto, dizem-lhes em sua linguagem :— *Ipahi*, isto é, não é bom, advertindo-os assim para acautelarem-se.

O *iuarare* * tem a casca de meio dedo de espessura, é mui agradavel ao paladar, principalmente quando tirada fresca da arvore, e é uma especie de guaiaco, conforme vi afirmarem dois botanicos, que comnosco atravessaram o mar.

Com efeito os selvagens a empregam contra uma

---

* O autor escreve: — *Hiuouaré*.

infermidade por eles xamada *pian*, a qual, como logo direi, é tam perigoza entre eles como entre nós é a bexiga.

§ 12. A arvore xamada *xoane* * pelos selvagens é de grandeza media, tem as folhas verdes similhantes ás do loureiro; dá um fruto do tamanho da cabeça de um menino, e aprezenta a fórma de um ovo de avestruz; todavia não serve para se comer.

Como porém este fruto tem a casca dura, os Tupinambás o conservam inteiro, o perfuram ao comprido e através, e fazem d'ele o instrumento xamado *maracá* (do qual já fiz, e ainda farei menção).

Para fazerem as taças, em que bebem, e outras pequenas vasilhas, de que se servem para outros uzos, escavam esse fruto, e o dividem pelo meio.

§ 13. Continuando a falar das arvores da terra do Brazil, mencionarei uma xamada *sapucaia* † pelos selvagens, que dá um fruto maior do que os dois punhos juntos; é formado á feição de uma taça, na qual encerram-se pequenos caroços como amendoas e quazi do mesmo gosto.

O casco d'este fruto é mui apropriado para fazer vazos; e julgo ser o que xamamos côco da India: estes vazos, quando torneados e ageitados ao feitio conveniente, encastoam-se uzualmente em prata lá na Europa.

Quando estavamos no ultramar, um certo Pedro Bourdon, excelente torneiro, fez mui bonitos vazos e outros utensilios d'esses frutos da sapucaia, e de varias madeiras de côr, e prezenteou com alguns d'eles a Nicoláo de Villegagnon, que muito os apreciava; todavia o pobre omem foi tam mal recompensado, que foi um dos que o verdugo mandou submergir e afogar no mar por cauza do Evangelho, como em lugar competente direi.

§ 14. N'esse paiz existe tambem uma arvore, que crece tam alta como lá na Europa a sorveira, e dá um fruto xamado *cajá* ‡ pelos selvagens, o qual é do tamanho e figura de um ovo de galinha.

---

* O autor escreve:— *Choine*. É certamente o coité.
† O autor escreve:— *Sabaucaié*.
‡ O autor escreve:— *Acaiou*.

Quando esta fruta amadurece, fica mais amarela do que o marmelo, e não só tem bom sabor, como dá um caldo acidulo, aliás agradavel ao paladar. Aquecido este licor constitue refresco tam excelente que não é possivel axar melhor; todavia é assás dificil tirar as frutas das grandes arvores, que as produzem, e quazi não tinhamos outro meio de obtel-as, sinão quando os macacos subiam para comel-as, e as derribavam em grande quantidade.

§ 15. A *pacoveira* * é um arbusto, que geralmente crece de dez a doze pés de altura; mas quanto ao tronco, embora alguns sejam tam grossos como a côxa de um omem, é todavia tam mole que com uma espada bem afiada derribareis e poreis por terra uma d'essas plantas com um só golpe.

Quanto ao fruto, que os selvagens xamam *pacova*, tem mais de meio pé de comprimento, e é de fórma mui similhante ao pepino, sendo amarelo como este, quando maduro. Crecem os frutos sempre 20 ou 25 unidos e juntos em um só caxo, e os nossos Americanos os colhem em grandes pencas, que possam sustentar nas mãos, e assim as trazem para suas cazas.

E' boa essa fruta; e quando xega á madureza, tira-se-lhe a casca como a do figo fresco, e sendo gomoza como este, direis, ao comel-a, que saboreaes um figo.

Por esta razão nós os Francezes davamos a essas pacovas o nome de figos. E' verdade, que tinham gosto mais doce e mais saborozo do que os melhores figos de Marselha; portanto deve a pacova contar-se como um dos bonitos e excelentes frutos d'essa terra do Brazil.

Contam as istorias, que Catão, voltando de Cartago para Roma, trouxera figos de espantoza grandeza; como porém os antigos não mencionam figos iguaes aos de que agora trato, é verosimil, que os figos africanos não seriam da qualidade dos figos americanos.

As folhas da *pacoveira* sam na forma mui similhantes ás do *lapathum aquaticum*; sam porém tam excessivamente grandes, que cada uma tem ordinariamente seis

---

* O autor escreve:— *Pacoaire.*

pés de comprimento e mais de dois de largura; e creio, que na Europa, na Azia, nem n'Africa se axarão folhas tamanhas.

Ouvi um boticario assegurar ter visto uma folha de tussilagem, que tinha uma auna e um quarto de largura, isto é, trez aunas e trez quartos de circunferencia, por ser a folha redonda; mas ainda assim não aproxima-se da nossa *pacoveira*.

E' certo, que as folhas da pacoveira não sam espessas á proporção do tamanho, e antes sam mui delgadas, comtudo estam sempre erectas; e quando o vento é um pouco impetuozo (como frequentemente sucede n'essa terra da America), somente o talo central da folha oferece rezistencia; por isso todas as mais partes aderentes despedaçam-se por tal forma que, si a virdes de longe, julgareis ao primeiro lance de vista serem grandes penas de avestruz, de que estam revestidos os arbustos.

§ 16. Quanto á arvore do algodão, que crece em mediana altura, existem muitas na terra do Brazil; a flor aparece em pequenas campanulas amarelas, como as das aboboras da Europa; mas quando o fruto está formado, tem a configuração aproximada da *feinte des costeaux* das nossas florestas, e quando está maduro, fende-se em quatro partes, e o algodão (que os Americanos xamam *ameni-ju*) sae em frocos ou capulhos, grossos como a péla, no meio dos quaes estam varios caroços pretos mui unidos em forma de rin, da grossura e comprimento de uma fava. As mulheres indigenas preparam mui bem e fiam o algodão para fazer camas do feitio já em outra parte descrito.

§ 17. Embora antigamente não existissem larangeiras nem limoeiros n'essa terra d'America, como ouvi dizer, todavia apenas os Portuguezes plantaram e edificaram nas praias e adjacencias do mar, que frequentavam, essas plantas multiplicaram admiravelmente e produzem laranjas (que os selvagens xamam *morgonia*) doces do tamanho de dois punhos, e limões ainda maiores e em maior abundancia.

§ 18. Acerca da cana de assucar, crece mui bem e em grande quantidade n'esse paiz; todavia nós outros os

Francezes, quando eu lá estava, ainda não tinhamos gente e as couzas necessarias para extrair o assucar (como têem os Portuguezes nos sitios por eles posseados), conforme acima dice no capitulo nono, a propozito das bebidas dos selvagens ; por isso somente faziamos infuzão n'agua para a fazer assucarada, ou então quem queria xupava e bebia o suco.

Sobre este assunto observarei uma couza, de que muitas pessoas talvez se admirem. E é, que não obstante ser o assucar, como todos sabem, de natureza extremamente doce, algumas vezes cortavamos as canas, as deixavamos abolorecer, e depois de assim detioradas, as punhamos de molho n'agua por algum tempo ; e o caldo azedava por tal modo que servia-nos de vinagre.

§ 19. Em certos lugares dos bosques crecem muitas canaranas e taquaras, tam grossas como a perna de um omem, mas, á similhança da pacoveira, têem o tronco tam mole que de um só golpe de espada podemos facilmente derribar um pé ; e quando secam sam tam duras, que os selvagens as lascam em pedaços, e as afeiçoam em fórma de lancetas, ou lingua de serpentes, com que armam e guarnecem as pontas das suas frexas, que, desparadas com violencia, matam qualquer animal silvestre.

E a propozito de canas e canaranas, Calcondilo na sua istoria da guerra dos Turcos refere, que na India oriental existem plantas d'esta especie de tam excessiva grandeza e grossura, que d'elas fazem-se barcas para passagem dos rios, e até diz ele, que carregam bem quarenta moios de trigo, contendo cada moio seis alqueires, segundo a medida dos Gregos.

§ 20. A almecega procede de pequenos arbustos indigenas da terra da America, os quaes com uma infinidade de ervas e flores odoriferas espalham na terra bom e suave aroma.

No lugar, onde estavamos, a saber, debaixo do Capricornio, aparecem grandes trovões, que os selvagens xamam *tupan*, xuvas torrenciaes, e fortes ventanias, todavia não gela, nem neva, nem jamais graniza ; por

consequencia as arvores não sam acometidas nem deterioradas pelo frio e por tempestades, como o sam as plantas na Europa ; por isso o arvoredo está sempre coberto de verde folhagem, e tambem durante o anno inteiro as florestas permanecem verdejantes, como em França se conserva o loureiro.

§ 21. E já que toco n'este objéto, convem dizer, que quando no mez de Dezembro temos aqui os dias mais curtos, e tranzidos de frio sopramos os dedos e temos o caramelo pendente do nariz, é então que os nossos Americanos têem os seos dias mais longos, e sofrem o maximo calor no seo paiz, como eu e meos companheiros de viagem experimentamos ; por isso nos banhavamos no natal para refrescar-nos.

Todavia os dias não sam tam longos, nem tam curtos debaixo dos tropicos, como os temos no nosso clima, conforme o podem compreender os entendidos na esfera ; e assim não só os abitantes dos tropicos têem dias mais iguaes, como tambem as estações ahi sam incomparavelmente muito mais temperadas, embora o contrario d'isso julgassem os antigos.

Eis o que cabia-me dizer a respeito das arvores da terra do Brazil.

§ 22. Quanto ás plantas e ervas, que agora quero mencionar, começarei por aquelas, cujos frutos e efeitos me parecem mais excelentes.

Primeiramente a planta, que produz o fruto xamado *ananás* pelos selvagens, é de figura similhante á espadana, tendo as folhas um pouco concavas, estriadas nas bordas, assimilhando-se muito com as do aloes.

Crece em touceira como grande cardo, e o fruto, que é do tamanho de um melão mediano e do feitio da pinha, sae da planta como as nossas alcaxofras, sem pender nem inclinar-se para um ou outro lado.

Quando esses ananazes amadurecem, ficam de côr amarelo-azulada e têem xeiro da frambroeza tam ativo, que ao longe o sentimos, quando percorremos os bosques, onde eles crecem; si os levamos á boca, oferecem sabor tam doce, que não vemos n'este paiz confeitos que os excedam

em doçura: reputo este fruto como o mais primorozo da America.

Com efeito, quando la estive, expremi um ananás, que deo perto de um copo de suco; e este licor não me pareceo insalubre.

Entretanto as mulheres selvagens nos traziam grandes alcofas, que xamam *panacús*,* xeias de ananazes, de pacovas, de que já falei, e de outras frutas, que aviamos d'elas por um alfinete ou por um espelho.

§ 23. A respeito de plantas oficinaes, que a terra do Brazil produz, uma existe entre outras, que os nossos Tupinambás xamam *petun*. Esta planta aprezenta a fórma da azedeira, pouco mais alta do que esta, e tem folhas mui similhantes e parecidas com as da *consolida maior*.

Esta erva, por cauza da singular virtude a ela atribuida, goza de grande estimação entre os selvagens, e eis aqui como uzam d'ela.

Depois de a colherem, a penduram em pequenas porções, e secam em suas cazas. Feito isto, tomam quatro ou cinco folhas, que envolvem em uma grande folha de palma, dando-lhe o feitio de cartuxo de especiaria; então xegam fogo á ponta mais fina, a acendem e põem a outra ponta na boca para tirar a fumaça, que, não obstante lhes sair pelas ventas e pelos operculos dos labios, todavia os sustenta de tal forma, que passam trez ou quatro dias sem alimentar-se com outra qualquer couza, principalmente si vam á guerra, e si a necessidade obriga-os a essa abstinencia.

Verdade é, que os selvagens tambem uzam do *petun* por outro motivo, qual é o de fazer distilar os umores superfluos do cerebro; por isso não vereis os nossos Brazilienses sem terem o competente cartuxo de erva pendente ao pescoço. Quando conversam têem por garbo sorver a fumaça; a qual, fexada a boca repentinamente, lhes sae pelas ventas e pelos operculos labiaes, como de um turibulo, conforme já fica dito. O xeiro não é dezagradavel.

Entretanto não vi as mulheres uzarem d'esta erva,

---

* O autor escreve:— *Panacous*. Sam cabazes de palha trançada.

nem sei qual a razão d'isso; direi porém, que experimentei a fumaça do *petun*, e conheci, que ela sacia e mitiga a fome.

§ 24. Atualmente cá na Europa denominam *petun* á *nicotiana* ou á erva da rainha; esta porém é bem diversa d'aquela de que falo; pois estas duas plantas nada têem de comum na forma, nem na essencia, com o *petun*. Afirma o autor da *Maison Rustique* (liv. 2 cap. 79), que a *nicotiana*, cujo nome diz ele proceder do senhor Nicot, que primeiro a mandou de Portugal para França, fôra trazida da Florida, distante mais de 1.000 leguas da terra do Brazil, pois toda a zona torrida fica de permeio entre os dois paizes. Acontece tambem, que por mais indagações, que tenha feito em varios jardins, onde gabavam-se de possuir o *petun*, o não vi até agora em nossa França.

Não pense quem de novo nos prezenteou com o seo *angoumoise*, dizendo ser verdadeiro *petun*, que ignoro o que ele escreveo; e si o original da planta por ele mencionada assimilha-se ao dezenho anexo á sua *Cosmografia*, digo acerca d'esse *petun* o mesmo que acerca da *nicotiana*; e n'este cazo não lhe concedo o que ele pretende, a saber, que foi ele o primeiro portador da semente do *petun* á França, onde julgo, que dificilmente poderia esse vegetal vingar por cauza do frio.

Tambem vi alem-mar uma especie de couve a que os selvagens xamam *cajuá*,* e da qual algumas vezes fazem sôpa. Esta planta tem folhas largas e similhantes ás do nenufar, que vegeta nas lagôas do nosso paiz.

§ 25. Alem da mandioca e do aipim, de que as mulheres dos selvagens fabricam farinha, como dice no capitulo nono, existem outras raizes bulbozas xamadas *etic* †, as quaes crecem em tamanha abundancia na terra do Brazil, como no Limosin e na Saboia crecem os rabanetes: é frequente axarem-se tam grossas como os dois

* O autor escreve: — *Caiou-a*.
† O autor escreve: — *Hetich*.

punhos da mão juntos, tendo o comprimento de pé e meio, pouco mais ou menos.

Vendo-as arrancadas fóra da terra, e considerando a similhança d'elas,julgamos ao primeiro lance de vista, que sam todas da mesma especie; existe porém grande diferença ; pois cozinhadas umas tornam-se rôxas como certas partinacas do nosso paiz, outras ficam amarelas, como marmelos ,e outras esbranquiçadas ; portanto julgo aver trez especies.

Como quer que seja porém, posso assegurar, que, sendo assadas no borralho, principalmente as que amarelecem, não sam menos saborozas do que as nossas melhores peras.

As folhas alastram pelo xão como a *hedera terrestris*, e sam mui similhantes ás do pepino ou ás dos maiores espinafres, que se encontram por cá, embora não sejam tam verdes ; pois emquanto á côr puxa mais para a *vitis alba.*

Como estas plantas não dam semente, as mulheres selvagens,empenhadas em propagal-as,apenas (obra maravilhoza, na agricultura) as cortam em pequenos pedaços, como aqui praticamos com a cenoura para fazer salada, e os semeam pelos campos; e d'este modo no fim de algum tempo obtêem (obra espantoza d'agricultura) tantas raizes de *etic* quantos pedacinhos semearam.

Todavia é o melhor maná d'esta terra do Brazil, e quando percorremos o paiz, quazi não vemos outra couza; creio por isso, que na maior parte rebenta sem trabalho algum do omem.

Os selvagens tambem possuem uma especie de fruta xamada *manobi*. As plantas crecem na terra, como trufas, ligam-se entre si por meio de delgados filamentos ; a fruta tem caroço do tamanho da avelan, cujo sabor imita.

E' de côr parda, e a casca não é mais dura do que a vagem da ervilha ; dizer agora porem, si tem folhas e pevides, confesso não o ter bem observado, nem me recordo, embora por muitas vezes tivesse comido tal fruta.

§ 26. Existe tambem abundancia de pimentão, de que os nossos comerciantes somente servem-se para a tinturaria; mas os selvagens o pilam e maxucam com sal,

que sabem optimamente fabricar, retendo agua do mar em fossos. A essa mistura xamam *ionquet* e d'ela uzam como nós uzamos do sal em nossas mezas; sem todavia praticar como nós com a carne, peixe ou outras viandas, salgando os pedaços antes de meter na boca, pois eles tomam primeiro o bocado em separado, depois tiram com dois dedos de cada vez uma porção d'esse *ionquet*, e engolem para dar sabor á comida.

Finalmente crece n'esse paiz uma especie de favas grossas como um dedo polegar, as quaes os selvagens xamam *comanda-uassú*, * e vegetam pequenas ervilhas brancas e pardas xamadas *comanda-mirim*.

Crecem tambem limões redondos denominados *morugans* †, mui doces e suaves ao paladar.

§ 27. Eis aqui não tudo quanto se poderia dizer das arvores, ervas, e frutos d'essa terra do Brazil, mas tudo quanto observei durante quazi um ano de minha estadia ali.

Direi em concluzão, que, não existem n'America quadrupedes, aves, peixes, nem outros animaes em tudo e por tudo similhantes aos animaes da Europa, como acima declarei; que tambem não vi arvores, ervas, nem frutas, que não divergissem das nossas, excéto trez ervas, a saber, a beldroega, o mangericão, e o féto, que vivem em diversos lugares, como tudo cuidadozamente observei nas digressões, que fiz pelos bosques e campos d'esse paiz.

Por isso quando a imagem d'esse novo mundo, que Deos me permitio vêr, aprezenta-se ante meos olhos, e contemplo a serenidade do ar, a densidade dos animaes, a variedade das aves, a formozura das arvores e das ervas, a excelencia das frutas, e em geral as riquezas, com que decora-se essa terra do Brazil, imediatamente acode-me á lembrança esta exclamação do profeta contida no salmo 104:

> O' seigneur Dieu, que tes œuvres divers
> Sont merveilleux par le mond univers:
> O' que tu as tout fait par grand sagesse!
> Bref, la terre est pleine de ta largesse.

---

* O autor escreve:— *Commanda-ouassou.*

† O autor escreve:— *Maurougans.*

Felizes pois seriam os povos de tal terra, si conhecessem o autor creador de todas essas couzas ; como porém assim não sucede, vou tratar das materias,que nos devem mostrar quam longe d'isso estam.

CAPITULO XIV

Guerra, combates e bravura dos selvagens

§ 1. Os nossos Tupinambás seguem o costume de todos os outros selvagens, que abitam esta quarta parte do mundo, a qual estende-se por mais de 2.000 legoas em latitude, desde o estreito de Magalhães, que fica aos 50 gráos, na direcção do polo antartico, até as terras novas, que jazem quazi 60 gráos aquem do nosso polo artico ; por isso sustentam guerra mortal com varias nações d'esse paiz ; todavia os seos mais proximos e mais encarniçados inimigos sam os indigenas xamados Maracajás, e os Portuguezes,aos quaes xamam *Peros*, e dam o titulo de aliados dos seos adversarios. Os Maracajás, retribuindo este sentimento, não odeiam somente aos Tupinambás, mas tambem aos Francezes, confederados d'estes ultimos.

Estes barbaros não fazem guerra entre si para conquistar paizes e terras uns dos outros, pois cada um d'eles tem mais terreno do que preciza; ainda menos pretendem os vencedores enriquecer com despojos, resgates e armas dos vencidos ; não é nada d'isso, digo eu, que os move.

Eles mesmos confessam não serem impelidos por outro incentivo sinão o de vingar paes e amigos, que no tempo preterito foram prezos e comidos do modo porque diremos no seguinte capitulo ; e sam tam encarniçados uns contra os outros, que quem cae em poder do inimigo deve esperar sem remissão alguma ser tratado da mesma fórma, isto é, morto e comido.

§ 2. Declarada a guerra entre quaesquer d'essas nações, alegam todos,que,visto dever o inimigo, paciente da injuria, sentil-a para sempre, é covardia deixar o

prezo escapar, quando está a mercê do vencedor; seos odios sam por tal sorte inveterados, que conservam-se perpetuamente irreconciliaveis.

Podemos por isso dizer, que Machiavel e os seos dicipulos (dos quaes a França por infelicidade sua agora está repleta) sam verdadeiros imitadores de barbaras crueldades. Estes ateos, contra a doutrina cristan, ensinam e praticam, que os novos serviços jámais devem preterir as antigas injnrias, isto é, que os omens, dotados de indole diabolica, não devem perdoar uns aos outros; e assim bem mostram, que seos corações sam mais tredos e malignos do que os dos proprios tigres.

§ 3. Ora, conforme observei, é este o modo, porque os Tupinambás procedem para reunirem-se afim de irem á guerra. Embora não reconheçam reis nem principes entre si, por consequencia sejam quazi tam magnatas uns como outros, todavia ensinou-lhes a natureza a mesma couza praticada entre os Lacedemonios, e é, que os velhos, aos quaes xamam *peorerupixé*, * por cauza da experiencia do passado, devem ser respeitados e obedecidos em cada aldeia, quando se oferece ocazião. Os velhos perambulando, ou sentados em suas camas de algodão suspensas no ar, exortam os companheiros d'esta ou similhante maneira:

Nossos predecessores (dizem eles, falando uns após outros sem interromper-se) não só combateram valentemente, mas tambem subjugaram, mataram e comeram muitos inimigos, deixando-nos assim onrozos exemplos; e como nós, fracos e cobardes, permanecemos sempre em caza? Será precizo, para vergonha e confuzão nossa, que agora os nossos inimigos tenham o rigorozo dever de vir procurar-nos no nosso lar, quando outr'ora a nossa nação era por tal modo temida e respeitada de todas as outras nações, que de nenhuma sofria rezistencia? Nossa cobardia permitirá aos Maracajás, e aos *Peros-engaipa*, isto é, que estas duas nações aliadas, que nada valem, invistam contra nós?»

Depois o orador, que assim fala, bate com as mãos nos ombros e nas nadegas, e exclama:— *Erima*, *erima*,

---

* O autor escrve:—*Peorereaupicheh.*

Tupinambá, curumim uassú, tan, tan, etc.* Isto é:—Não, não, gentes da minha nação, poderozos e fortissimos mancebos, não é assim, que devemos proceder; antes dispondo-nos para buscar o inimigo, cumpre, que todos nós morramos e sejamos devorados, ou que vinguemos nossos paes. »

Acabada assim a arenga dos velhos (que ás vezes dura mais de seis oras) os ouvintes, que tudo escutam atentos e não perdem uma palavra, sentem-se animados, fazem, como diz o rifão, das tripas coração, e depois de percorrerem pressurozos as aldeias, congregam-se em grande numero em lugar dezignado. Antes poém de marxarem os nossos Tupinambás para a batalha, cumpre saber quaes sam as suas armas.

§ 4. Mencionaremos primeiramente os seos tacapes, isto é, espadas ou clavas feitas umas de madeira vermelha, outras de madeira preta, ordinariamente do comprimento de cinco a seis pés; e quanto a sua fórma, sam redondas ou ovaes na extremidade com largura de quazi dois palmos. Estes tacapes têem a espessura de mais de uma polegada no meio, e sam trabalhados nas bordas com tanta perfeição, que, por serem de madeira dura e pezada como buxo, cortam quazi como maxado; e opino, que dois dos nossos mais destros espadaxins de cá teriam bem dificuldade de aver-se com um dos nossos Tupinambás, si enraivecido empunhasse o tacape.

Em segundo logar indicaremos seos arcos, que xamam *orapás,*† feitos das ditas madeiras pretas, e sam muito mais compridos e mais fortes do que os que cá temos, de tal sorte que um omem dos nossos não os póde brandear, e menos atirar com eles; o que aliás pode fazer um dos rapazes indigenas de nove ou dez annos de idade.

As cordas dos arcos sam feitas de uma planta xamada *tucum* pelos selvagens, as quaes, embora sejam assás delgadas, sam todavia tam fortes que um cavalo com elas poderia puxar qualquer vehiculo.

---

* O autor escreve:— *Erima, erima, Tououpinambaoults, conomi ouasson, tan, tan.*

† O autor escreve:—*Orapats.*

Quanto ás suas frexas, têem estas quazi uma braça de comprimento, e compõem-se de trez peças, a saber: a parte média de caniço e as outras duas de madeira preta, juntas e ligadas com fitas de cascas de arvore tam acertadamente, como não é possivel adaptal-as melhor. Cada uma tem duas penas com um pé de comprimento, as quaes sam perfeitamente ligadas e ageitadas com fio de algodão na falta do uzo da cola.

Na ponta de umas frexas põem ossos ponteagudos, na de outras um pedaço de caniço seco e duro e acerado com a forma delanceta, e algumas vezes encaixam o ferrão da cauda da arraia, que, como alhures já dice, é mui venenozo.

Depois que os Francezes e Portuguezes frequentam esse paiz os selvagens, á imitação d'estes estrangeiros, põem nas frexas uma ponta de prego por não terem arpéo proprio.

§ 5. Já dice como os indigenas manejam déstramente as suas espadas; mas quanto ao arco, aqueles que os viram em exercicio d'essa arma dirão comigo, que sem braçaes, e antes com os braços nús, o envergam e atiram tam dezembaraçados, tam rapidamente, que não desagrada aos Inglezes (considerados aliás optimos frexeiros) verem estes selvicolas, tendo molhos de frexas na mão, com qne seguram o arco, despedirem mais depressa uma duzia de setas do que os mesmos Inglezes disparavam seis tiros.

Finalmente têem rodelas feitas do couro seco e da parte mais espessa do dorso de um animal, que xamam *tapirussú* (do qual acima falei), e sam largas, xatas e redondas, como o fundo de um tamboril d'Alemanha.

E' verdade, que, quando brigam, não cobrem-se com elas, como cá os nossos soldados praticam com as suas; mas servem-lhes apenas para no combate amparar os golpes das frexas inimigas.

Em suma sam estas as armas, que os nossos Americanos possuem; não cobrem o corpo com couza alguma. e ao contrario (afóra barretes, braceletes, e curtos vestuarios de penas, com que eu dice, que ornam o corpo) si tivessem vestida uma simples camiza, quando entram em combate, julgariam, que isso os embaraçaria de agir, e se despojariam d'ela.

Para completar o que devo dizer sobre este objéto, acrescentarei, que, si damos aos indigenas espadas afiadas (como dei de mimo uma das minhas a um bom velho), apenas as empolgam, tiram as bainhas, como praticam com os estojos das facas, que lhes dam, tendo mais prazer em vel-as logo reluzir, ou em cortar os ramos das arvores, do que em conserval-as para combater.

Na verdade essas espadas em suas mãos seriam mais perigozas, si eles as manejassem, como eu dice saberem manejar os seos tacapes.

§ 6. Além d'isso temos levado para la porção de arcabuzes de pouco preço para negociar com os selvagens; e vi, que eles sabem servir-se de taes armas tam convenientemente que, estando trez a atirar com uma escopeta, um segurava, outro apontava, e outro punha fogo ; e como carregassem e enxessem o cano até á boca, si tivesse avido a explozão, e lhes não tivessemos dado a polvora com metade de carvão moido, é certo, que com perigo de vida tudo teria arrebentado em suas mãos.

Devo acrecentar, que em principio admiravam-se os selvagens, quando ouviam o son da nossa artilharia e os tiros de arcabuz, que disparavamos ; e quando nos viam derribar uma ave de cima de qalquer arvore, ou algum animal silvestre nos campos, não vendo a bala sair, nem aparecer no trajecto, isto ainda mais os esbabacava ; mas depois que conheceram o artificio, diziam (como aliás é verdade), que com os seos arcos mais depressa despediriam cinco ou seis frexas do que nós carregamos e disparamos um só tiro de arcabuz, e começaram a perder o pavor.

Si dicerem : Isto é certo ; porém o arcabuz faz muito maior estrago — eu respondo a esta objeção, que embora nos revistamos de cabeções de péle de bufalo, saias de malha ou outras armas, ainda as mais rezistentes, os nossos selvagens, fortes e robustos como sam, atiram com tal impeto, que traspassariam o corpo de um omem com um jacto de frexa, como outro qualquer fará com um tiro de arcabuz.

Será mais oportuno expor este assunto, quando adiante falar dos seos combates, e para não confundir as materias vou pôr os nossos Tupinambás em campo e de marxa contra os seos inimígos.

§ 8. Reunem-se eles pois pelo modo porque expuz, em numero de oito ou dez mil omens, aos quaes agregam-se muitas mulheres, não para combater, mas apenas para carregar as camas de algodão (redes de dormir), farinhas, e outros viveres, e depois que os velhos, que, por já terem matado e comido mais inimigos, sam por seos companheiros nomeados xefes e condutores, pôem-se todos a caminho sob a direção dos mesmos xefes.

Na marxa não observam ordem nem categorias; acontece todavia, que, si andam por terra, os mais valentes vam sempre na frente, e marxam todos unidos, sendo couza quazi incrivel ver acomodar-se tamanha multidão de gente sem apozentador, nem alguem, que pelo general ordene pouzo: sem confuzão os vereis sempre prontos para marxar ao primeiro sinal.

Tanto no acto da sahida do seo paiz, como na ocazião da partida de cada lugar, onde param e demoram-se, aparecem sempre varios individuos, que, armados de cornetas, a que xamam *inubia*, da grossura e comprimento de metade de um dardo, mas com quazi pé e meio de largura na extremidade inferior, como um oboé, troam no meio das tropas afim de as advirtir e alvoroçar.

Alguns trazem pifanos e gaitas feitas de ossos dos braços e pernas dos inimigos, que mataram e comeram, e com taes instrumentos não cessam em caminho de tocar, para incitar o bando guerreiro a fazer outro tanto com os adversarios, contra os quaes se dirigem.

§ 9. Si vam por agua (como fazem muitas vezes), beiram sempre a costa, e não penetram muito no mar, mantendo-se nas suas barcas, xamadas *igara*, * feitas de uma só casca de arvore, propozitalmente arrancada de cima abaixo para esse fim ; e todavia sam tam grandes, que 40 ou 50 pessoas podem caber dentro de cada uma d'elas.

Vogam assim todos em pé ao seo modo com um remo xato nas duas pontas, o qual seguram no meio: essas barcas (xatas como sam) não calam n'agua mais do que calaria uma taboa, e sam muí faceis de dirigir e manejar.

---

* O autor escreve:—*Ygat.*

Verdade é, que não poderiam suportar mar alto e agitado, e menos a tormenta; mas quando em tempo calmo os nossos selvagens vam á guerra, vereis algumas vezes mais de 60 canoas formando todas uma frota, as quaes, seguindo proximas umas das outras, correm tam rapidas, que em poucos momentos as perdemos de vista.

Eis pois os exercitos terrestres e navaes dos nossos Tupinambás nos campos e no mar.

§ 10. Ora, assim vam ordinariamente a 25 e 30 legoas de distancia buscar o inimigo, e quando aproximam-se d'este, eis aqui as primeiras astucias e estratagemas de guerra, de que uzam para surpreendel-o.

Os mais abeis e valentes, deixando os companheiros com as mulheres a uma ou duas jornadas atraz de si, aproximam-se cautelozamente para emboscar-se nas florestas, e sam tam afeitos em surpreender seos inimigos, que ficam assim escondidos ás vezes mais de 24 óras.

Si os adversarios saem descuidados, sam todos agarrados, omens, mulheres e meninos ; e levados pelos apreensores em regresso para as suas terras, ahi sam todos os prizioneiros mortos, depois espostejados para o moquem, e finalmente comidos.

Estas surprezas sam tanto mais faceis, quanto além de não serem fexadas as suas aldeias (pois não possuem cidades), as suas cazas não têem portas, sendo aliás as as mesmas cazas pela maior parte do comprimento de 80 a 120 passos, e abertas em varios lugares ; pois apenas colocam algumas folhas de palmeira, ou d'essa grande planta xamada *pindá* como anteparo nas suas portas.

Bem verdade é, que em roda de algumas aldeias fronteiras dos inimigos, os mais belicozos infincam troncos de palmeiras com cinco a seis pés de altura, e na entrada dos caminhos tortuozos colocam estrepes agudos á flor da terra, de sorte que si os assaltantes tentam entrar de noite (como costumam fazer), os de dentro da aldeia, conhecedores dos desvios por onde podem passar sem ofensa alguma, saem e rexaçam os agressores de tal modo que, ou estes queiram fugir ou combater, sempre ficam alguns cahidos, porque ferem os pés, e os apreensores os aproveitam nas grelhas.

§ 11. Si porém os inimigos presentem os adversarios, os dois exercitos encontram-se, e ninguem crê quam terrivel e cruel é o combate. Como já fui espectador, posso falar com exatidão.

Eu e outro Francez, arrostando o perigo de sermos agarrados e imediatamente mortos e comidos pelos Maracajás, e excitados pela curiozídade, acompanhamos em certa ocazião os nossos selvagens em numero de quazi 4.000 omens em uma escaramuça, que fizeram na praia do mar, e vimos esses barbaros combater com tal furia que gente alucinada e insana não poderia fazer peior.

Apenas os nossos Tupinambás, na distancia de quazi meio quarto de legoa, avistaram os inimigos, começaram a gritar por tal forma que nem os nossos caçadores de lobos fazem tanto barulho; e comovido o ar com essa gritaria e clamor, ainda quando os ceos trovejassem, não o teriamos ouvido.

A proporção que aproximavam-se, redobravam os gritos, soavam as cornetas, levantavam os contendores os braços em sinal de ameaça, e mostravam uns aos outros os ossos dos prizioneiros, que tinham comido, e os dentes enfiados em coleiras, que alguns traziam pendentes do pescoço com mais de duas braças de comprimento: orrivel era o conspecto d'essa gente.

§ 12. Ao reunirem-se porém foi ainda peior; pois apenas estiveram a 200 ou 300 passos uns dos outros, saudaram-se com medonhos tiros de frexas, e desde o começo d'essa escaramuça verieis uma infinidade de sétas voar nos ares tam densas como moscas esvoaçando em torvelinho.

Si alguem era ferido, como foram muitos, depois de arrancarem com extrema coragem as setas do corpo, as quebravam, e como cães raivozos mordiam os pedaços; mas nem por isso deixavam todos de voltar ao combate.

Sobre isto convem notar, que esses Americanos sam tam encarniçados em suas guerras, que, emquanto podem mover braços e pernas, combatem constantemente sem recuar nem voltar costas.

Quando travaram peleja, alçavam com ambas as mãos as espadas e clavas de páo, e descarregavam taes golpes, que, si acertavam na cabeça do inimigo, não só

o derribavam, mas o matavam, como entre nós os magarefes abatem os bois.

§ 13. Não declaro, si os combatentes estavam bem ou mal montados, porque suponho, que o leitor se recordará já ter eu dito, que os selvagens não possuem cavalos, nem outras montarias; todos estavam e andam sempre bem a pé e sem lança.

Emquanto estive ali na terra do Brazil, sempre dezejei, que os nossos selvagens vissem cavalos; mas então ainda maior foi o meo dezejo de ter um bucefalo debaixo de minhas pernas.

Acredito, que si eles vissem um dos nossos gendarmes bem montado e armado de pistola em punho, fazendo o cavalo pular e genetear, ao ver sair fogo de um lado e de outro a furia do omen e do cavalo, pensariam logo ser algum *anhanga* *, isto é, o diabo, conforme a sua linguagem.

Todavia a este respeito escreveo alguem couza notavel, e é, que comquanto Atabalipa, grande rei do Perú, submetido em nossos tempos por Francisco Pizarro, nunca tivesse visto cavalos, aconteceo, que o capitão espanhol, que primeiro foi ter com ele, fez por gentileza e para cauzar admiração aos indios, voltear o seo ginete até xegar perto da pessoa de Atabalipa, o qual permaneceo tranquilo, e embora lhe saltassem no rosto alguns respingos da escuma do freio, não deo demonstrações de medo; mandou porém matar os vassalos, que tinham fugido diante do cavalo: couza (diz o istoriador) que espantou aos seos e maravilhou aos nossos.

§ 14. Volto agora ao meo propozito, e si perguntardes: — O que fizestes tu e o teo companheiro durante esta peleja? Não combatieis com selvagens?

Não disfarçarei couza alguma, e respondo, que, contentes por termos praticado esta grande loucura de arriscar-nos assim entre barbaros, em cuja retaguarda ficavamos, tinhamos sómente o prazer de apreciar as peripecias do cazo.

---

* O autor escreve—*Aygnan*.

E entretanto direi, que muitas vezes vi regimentos de infantaria e de cavalaria nos paizes europeos, todavia nunca tive tanto contentamento em meo espirito de ver as companhias de infantes com seos elmos dourados e armas reluzentes, quanto prazer senti então ao ver esses selvagens combater.

Pois além da diversão de vel-os saltar, assobiar e manejar com destreza e rapidez para os lados e para a frente, cauzava maravilhozo encanto o espetaculo de tantas frexas com seos grandes frócos de plumas vermelhas, azues, verdes, encarnadas e de outras côres que voavam nos ares por entre os raios do sol, que as faziam reluzir ; sendo igualmente aprazivel ver os roupões, bonés, braceletes e outros adereços feitos d'essas penas naturaes e singelas, de que se revestiam os selvagens.

§ 15. Ora, tendo a peleja durado quazi trez óras, e avendo de uma e outra parte muitos feridos e mortos, os nossos Tupinambás finalmente ficaram vitoriozos, e fizeram mais de trinta prizioneiros Maracajás, entre omens e mulheres, que trouxeram para as suas terras.

Nós, os dois Francezes, não fizemos outra couza (como já dice) sinão ter empunhadas as nossas espadas dezembainhadas e dar alguns tiros de pistola para o ar, afim de encorajar a nossa gente ; todavia não podiamos cauzar maior prazer aos selvagens do que ir á guerra com eles, como tanto dezejavam; por isso os velhos das aldeias, que frequentavamos, cada vez mais nos estimavam.

Os prizioneiros, pois colocados no centro dos aprizionadores e de alguns dos omens mais fortes e robustos, foram, para maior segurança, reunidos e amarrados, e nós voltamos para o nosso rio de Geneure, em cujos arredores abitavam os nossos selvagens.

Nós porém estavamos a doze ou quinze legoas de distancia do dito rio; por tanto não precizareis perguntar, si na passagem pelas aldeias dos nossos aliados vinham estes encontrar-nos : dansando, pulando e batendo palmas nos afagavam e aplaudiam.

Em concluzão quando xegamos em frente da nossa ilha : meo companheiro e eu passamos em uma barca para o fortim, e os selvagens foram cada um para as suas aldeias da terra firme.

§ 16. Entretanto, passados dias, alguns dos nossos Tupinambás, que tinham prizioneiros em caza, vieram vizitar-nos na ilha ; e por mais solicitados e rogados que fossem pelos trugimões para vendel-os, advertindo que os comprariamos, apenas podemos conseguir o resgate de parte d'esses prizioneiros.

Todavia era isso mui contra a vontade dos possuidores, como reconheci pela compra de uma mulher e de um seo filho de idade de perto de dois annos, os quaes custaram quazi trez francos em mercadorias; pois dizia-me o vendedor:— Não sei o que será de óra em diante ; por quanto depois que *Paicolá* (entendendo por este nome Nicoláo de Villegagnon) veio para cá, já não comemos metade dos nossos inimigos.

Pretendia rezervar o rapazinho para mim ; porém Nicoláo de Villegagnon mandou restituir a minha mercadoria, e quiz tudo para si; e sucedeo, que,quando eu dizia á mãe, que no meo regresso para aqui o traria comigo, respondeo ela, que tinha esperança de que o filho,quando crecesse, poderia fugir, e procurar os Maracajás para vingal-os ; e assim antes preferia a possibilidade de vel-o comido pelos Tupinambás do que afastal-o para longe de si. Tam arraigado é no coração d'essa gente o sentimento de vingança !

Quazi quatro mezes depois da nossa xegada a esse paiz, como já dice, escolhemos dentre 40 ou 50 escravos, empregados nos trabalhos do nosso fortim, e comprados aos selvagens nossos aliados, dez rapazes, que nos navios em regresso enviamos para a França ao rei Enrique Segundo, então reinante.

CAPITULO XV

Como os Americanos tratam os seos prizioneiros de guerra, e ceremonias observadas na ocazião de matal-os e de comel-os.

§ 1. Resta agora saber como os prizioneiros de guerra sam tratados no paiz inimigo.

Apenas ahi xegam, não somente sam alimentados com as melhores viandas, que se podem encontrar, mas

tambem concedem-se mulheres (e não maridos ás mulheres), e o aprizionador não duvida dar a propria filha ou irman ao prizioneiro em cazamento, conforme este quizer, tratando-o bem e satisfazendo-lhe todas as necessidades.

Não marcam termo prefixo para a vitimação, antes si conhecem serem os omens bons caçadores ou bons pescadores, e as mulheres idoneas para tratar dos jardins (roças) ou apanhar ostras, os conservam por mais ou menos tempo, e depois de os engordarem finalmente os matam e comem, praticadas as seguintes ceremonias.

§ 2. Todas as aldeias circumvizinhas d'aquela em que está o prizioneiro sam avizadas do dia da execução, e logo começam a xegar de todas as partes omens, mulheres e meninos, e consomem toda a manhan em dansar, beber, e *cauinar*.

O mesmo prizioneiro, que não ignora, que a assembléa reune-se por sua cauza, e que ele vai ser morto dentro de poucas óras, depois de enfeitado de penas, longe de aprezentar se pezarozo, ao contrario, saltando e bebendo, mostra-se como um dos mais alegres convivas.

Ora, depois de ter com os demais comido e cantado durante seis ou sete oras, dois ou trez dos mais considerados do bando agarram o prizioneiro e o amarram pela cintura com cordas de algodão, ou cordas feitas de embira de uma arvore xamada *vuire*, simillhante á nossa tilia, sem que ele faça rezistencia alguma; deixam-lhe os braços livres, e assim o fazem passear pela aldeia em procissão durante alguns momentos.

§ 3. Pensaes porém, que com isto o prizioneiro ficaria cabisbaixo, como entre nós fariam os criminozos?

Tal não faz: pois ao contrario com audacia e incrivel segurança, jacta-se das suas proezas passadas, e diz aos que o seguram amarrado :—Eu mesmo, valente como sou, já amarrei e sufoquei vossos paes. » E exaltando-se cada vez mais com fero aspecto, volta-se para ambos os lados e diz a um :—Comi teo pai, a outro :—Matei e moqueei teos irmãos,—e acrecenta :—Em suma comi tantos omens e mulheres, isto é, filhos de vós outros Tupinambás, que capturei na guerra, cujos nomes não poderei

dizer, e não duvideis, que para vingar a minha morte, os Maracajás da nação, a que pertenço, não comam ainda daqui em diante tantos quantos possam agarrar.

Finalmente depois de ter estado assim exposto ás vistas de todos, os dois selvagens, que o conservam amarrado, afastam-se d'ele, um para a direita e outro para a esquerda, quazi trez braças, segurando cada um em cada ponta da corda, ambas de igual comprimento, e esticam com tal firmeza que o prizioneiro, seguro pela cintura, como dice, fica parado e não póde ir nem vir para um ou outro lado. Então trazem-lhe pedras e cacos de potes ; depois os dois seguradores das cordas, receiozos de serem feridos, cobrem-se com rodelas de couro de tapirussú, de que já falei, e dizem-lhe : —Vinga-te antes de morrer.

Começa o prizioneiro a atirar projetís e investir rijo e forte contra quantos ali estam reunidos ao redor d'ele, algumas vezes em numero de trez ou quatro mil pessoas. Desnecessario é perguntar, si a vitima escolhe individuo contra quem arremete.

§ 4. Com efeito, estando em uma aldeia xamada Sariguá *, vi um prizioneiro, que d'este modo deo tam forte pedrada na perna de uma mulher, que supuz avel-a quebrado.

Ora, consumidas as pedras e tudo quanto ele, abaixando-se, póde apanhar junto de si incluzive torrões, o guerreiro dezignado para dar o golpe, que permanece retirado do concurso do dia, sae então de uma caza com uma grande espada de páo na mão, ricamente decorado com bonitas e excelentes plumas, e tambem com um barrete e outros ornatos no corpo, aproxima-se do prizioneiro, e dirige-lhe ordinariamente estas palavras :— Não és da nação dos Maracajás, que é nossa inimiga ? Não tens morto e comido nossos pais e amigos?

O prizioneiro, mais altaneiro que nunca, responde no seo idioma (pois os Maracajás e os Tupiniquins entendem-se reciprocamente):—*Pa xe tan tan ajuca atupave*†, isto é:—Sim, sou mui valente, e na verdade matei e comi muitos. »

---

* O autor escreve:—*Sarigoy*
† O autor escreve—*Pa che tan tan aiouca atoupave.*

Depois para excitar maior indignação dos inimigos, põe as mãos na cabeça, e exclama :—Oh ! eu não sou fingido : oh ! quam ouzado fui em assaltar e forçar os vossos, a tantos dos quaes matei e comi !

E assim outras similhantes couzas vae dizendo. E por esta cauza o contendor, que lhe fica em frente prestes a matal-o, dirá:—Tu agora estás em nosso poder, e serás já morto por mim, depois moqueado e comido por todos nós.

E tam rezoluto a morrer por sua nação, como Atilio Regulo foi constante em sofrer a morte por sua republica romana, a vitima responde ainda : — Pois bem, meos parentes me vingarãõ.

Embora estas nações barbaras assás temam a morte natural, todavia os seos prizioneiros julgam-se felizes de morrer assim publicamente no meio dos seos inimigos, e não mostram o minimo pezar ; para mostrar o que citarei um exemplo.

§ 5. Em certo dia inopinadamente axei-me em uma aldeia da ilha grande xamada Piranijú,* onde estava uma mulher prizioneira prestes a ser morta do modo ja descrito.

Aproximei-me d'ela e para acomodar-me á sua linguagem dice-lhe, que se encomendasse a Tupan, pois Tupan não quer dizer Deos entre os selvicolas, mas sim trovão, e que orasse como, eu lhe ensinasse. Ela em resposta, meneando a cabeça e motejando de mim, dice:— O que me darás para que eu faça o que dizes?

Ao que lhe repliquei :—Pobre coitada, já não precizas de nada n'este mundo, e como crês n'alma imortal (o que todos os selvagens confessam, como no capitulo seguinte direi), pensa no que lhe sucederá depois da tua morte.

Ela porém novamente rio-se e foi morta, sucumbindo pela fórmula do barbaro sacrificio.

§ 6. Continua o coloquio entre varias contestações, falando muitas vezes um e outro; então o campeão, predisposto para praticar a morte, levanta a clava de madeira com ambas as mãos e com a rodela da ponta descarrega tam violenta pancada na cabeça do mizero

---

* O autor escreve:— *Pirani-iou.*

prizioneiro, que o vi com o primeiro golpe cair redondamente morto, sem mover braço ou perna, como os magarefes abatem os nossos bois.

E' verdade, que, estendidas, as vitimas em terra, as vemos estrebuxar e estremecer por cauza do sangue e dos nervos, que se contraem; mas como quer que seja os executores da operação ordinariamente batem com tal destreza na testa, ou escolhem a nuca com tal precizão que não pricizam repetir o golpe para tirar a vida, sem sair da vitima quazi sangue algum.

E' modo uzual de falar n'esse paiz dizer:—*Quebro-te a cabeça* *, por isso os Francezes constantemente empregavam esta frazeologia dos indigenas americanos em substituição da fraze:—*Arrebento-te* †, de que costumam entre nós uzar os soldados e pessoas rixozas, quando brigam.

§ 7. Ora, apenas o prizioneiro é assim morto, a mulher, si a tem (pois já dice, que a concedem a alguns), coloca-se junto ao cadaver e levanta curto pranto; digo propozitalmente curto pranto, por que essa mulher, imitando o crocodilo, que mata o omem, e xora junto d'ele antes de comel-o, lamenta-se e derrama fingidas lagrimas sobre o marido morto; mas si poder, será a primeira que d'ele comerá.

Feito isto as outras mulheres e principalmente as velhas (as quaes, mais gulozas de carne umana do que as moças, solicitam constantemente os possuidores de prizioneiros para os despaxar brevemente) aprezentam-se com agua quente já pronta, esfregam e escaldam o corpo morto de forma que arrancam-lhe a epiderme e o tornam tam branco como os cozinheiros fazem com os leitões, que preparam para assar.

Depois d'isto o dono do prizioneiro com alguns coadjutores tomam o mizero corpo, o abrem, e o espostejam tam rapidamente, que nenhum carniceiro da nossa terra poderá mais depressa esquartejar um carneiro.

---

* Je te casseray la teste.

† Je te creveray.

Então (oh! crueza mais que prodigioza) assim como os nossos caçadores depois de apanharem um veado dão encarne aos cães circunstantes, assim tambem esses barbaros pegam os filhos uns após outros, e com o sangue do inimigo lhes esfregam o corpo, os braços, e as pernas, afim de os estimular e tornar mais encarniçados.

§ 8. Depois que os cristãos frequentam esse paiz, os selvagens cortam e retalham o corpo dos prizioneiros e dos animaes e outras viandas com facas e ferramentas, que lhes dam os estrangeiros. Antoriormente porém não tinham outro meio de o fazer sinão com pedras aguçadas, que preparavam para esse uzo, conforme ouvi os velhos dizerem.

Ora, todas as peças do corpo e as mesmas tripas, depois de bem lavadas, sam imediatamente postas no moquen, junto aos quaes, emquanto tudo se assa ao seo modo, as mulheres velhas (as quaes, apetecem gulozamente a carne umana como já dice) estam todas reunidas para recolher a gordura, que escorre pelas varas d'essas grandes e altas grelhas de madeira, e exortam os omens a proceder de modo que elas tenham sempre taes viandas, lambem os dedos e dizem:—*Iguatú*, isto é, está muito bom.

Eis pois como os selvagens Americanos cozinham a carne dos seos prizioneiros de guerra, aliás *moqueam*, que é um modo de assar por nós desconhecido. Isto eu testimunhei.

Como já no capitulo decimo dos animaes, falando assás longamente do tapirussú, expliquei a fórma do *moquem*, peço aos leitores, que, afim de obviar repetições, recorram a esse capitulo para formar melhor idéa da couza.

§ 9. Entretanto aqui refutarei o erro d'aqueles que, como podemos vêr em suas cartas universaes, não só nos reprezentaram e pintaram os selvagens da terra do Brazil, que sam os de que agora falo, assando a carne umana em espetos, como fazemos com as postas de carneiros e outras viandas, mas tambem fingiram, que com grandes cutelos as cortavam em bancos, as penduravam, e expunham os pedaços á amostra, como os carniceiros aqui fazem com a carne dos bois.

Estas couzas não sam mais verdadeiras do que os contos de Rabelais a respeito de Panurgio, que escapulio do espeto, lardeado e semi-cozido; portanto facil é julgar, que os escritores de taes cartas sam pessoas ignorantes, que nunca tiveram conhecimento das couzas, que noticiam.

Em confirmação do que acrecentarei, que o modo porque os Brazilienses cozinham a carne dos seos prizioneiros, ao menos emquanto estive entre eles, é como fica esposto; e por tal sorte ignoravam o nosso modo de assar, que em certo dia, em que alguns meos companheiros e eu n'uma aldeia faziamos em um espeto de páo voltear uma galinha da India e outras aves, eles riam-se e zombavam de nós, não querendo crer que, assim movidas constantemente, pudessem as mesmas aves ficar assadas, e só acreditaram, quando a experiencia lhes mostrou o contrario.

§ 10. Voltando ao meo assunto direi, que quando a carne de um prizioneiro ou de muitos (pois ás vezes em só um dia matam dois e trez) está assim cozida, todos os assistentes ao funesto sacrificio reunem-se de novo ao redor dos moquens, nos quaes, com olhaduras e esgarres ferocissimos, contemplam as postas de carne e membros dos inimigos: por maior que seja o numero dos assistentes, cada qual, antes de sair dali, terá o seo pedaço, si é possivel.

Entretanto não fazem isso, como aliás poderiamos julgar, por consideração ao alimento; pois embora confessem todos ser essa carne umana maravilhozamente bôa e delicada, acontece todavia, que a sua principal intenção, perseguindo e roendo assim os mortos até os ossos, é cauzarem temor e espanto aos vivos; move-os a vingança e não a gula (salvo o que especialmente dice das mulheres velhas, que sam apaixonadas da carne umana). Com efeito, para satisfazer essa coragem ferina, devoram tudo quanto axam no corpo dos prizioneiros, desde a ponta dos dedos dos pés até o nariz e o cocuruto da cabeça, excéto os miolos, em que não tocam.

§ 11. Os nossos Tupinambás conservam as caveiras em tulhas nas aldeias, como por cá vemos os restos mortaes dos finados nos cemiterios. A primeira couza que fazem, quando os Francezes os vam vèr e vizitar, é contar-lhes

as suas valentias, e mostrar-lhes como troféos essas caveiras assim descarnadas, dizendo que o mesmo farão a todos os seos inimigos.

Mui cuidadozamente guardam quer os ossos mais grossos das coxas e dos braços para fazer pifanos e flautas (como dice no precedente capitulo), e tambem os dentes, que arrancam e enfiam á maneira de padre-nosso, e os trazem enrolados ao pescoço.

O autor da *Istoria da India*, falando dos abitantes da ilha de Zamba, diz, que estes selvagens pregam nas portas de suas cazas as cabeças das vitimas, que mataram e sacrificaram, e por mais bazofia trazem tambem os dentes pendurados no pescoço.

§ 12. Quanto ao executor ou executores de taes omicidios, reputam o acto por gloria e grande onra; e logo no dia em que praticam a façanha, retirados e sós, fazem nos peitos, braços, coxas, barriga das pernas e outras partes do corpo incizões sangrentas ; e para que estas perdurem toda a vida, esfregam os gilvazes com certa mistura de pó negro, que jámais se extingue : de sorte que tanto mais retalhados sam, quanto mais se conhece terem morto muitos prizioneiros ; consequentemente sam pelos outros considerados valentes.

Para vos dar melhor idéa da couza, de novo aqui dezenhei a figura de um selvagem assim retalhado, junto ao qual está outro selvagem atirando com arco.

Si no fim de tam singular tragedia acontece ficarem gravidas as mulheres concedidas aos prizioneiros, os selvagens matadores dos paes, alegando que taes filhos procedem de semente dos seos inimigos (couza orrivel de ouvir e ainda mais de vêr), os comem apenas nacidos, ou si assim lhes apraz, os deixam ficar taludos para então comel-os.

§ 13 Estes barbaros não limitam o seo extremo deleite em exterminar, quanto assim lhes é possivel, a raça d'aqueles contra quem mantiveram guerra (pois os Maracajás dam igual tratamento aos Tupinambás, quando os apanham) ; eles tambem exultam de prazer, vendo os estrangeiros, seos aliados, praticar a mesma couza.

De sorte que quando os selvagens nos aprezentavam essa carne umana dos seos prizioneiros para comermos, si recuzavamos, como eu e muitos outros dos nossos sempre faziamos, não esquecidos, graças a Deos, da nossa fé, parecia-lhes por isso, que não lhes eramos bastante leaes.

Por isso com grande pezar meo, sou forçado a recordar aqui,que alguns trugimões da Normandia,que tinham estado n'esse paiz por oito ou nove annos, acomodando-se aos uzos bestiaes, passam vida de ateos,e não só poluiamse com toda a sorte de impudicicias e obscenidades com as mulheres e raparigas, mas tambem excediam os selvagens em dezumanidade, e jactavam-se de aver morto e comido prizioneiros, conforme ouvi dizer.

No meo tempo um rapazote de quazi treze annos de idade * já poluia-se com mulheres.

§ 14 Continuo a descrever a maldade dos Tupinambás para com os inimigos. Durante a nossa estadia ali aconteceo lembrarem-se taes barbaros, que na grande ilha, de que já falei, existia uma aldeia abitada por Maracajás, seos inimigos, que aliás tinham se rendido,quando começou a guerra, a saber, averia quazi vinte annos ; embora, digo, desde esse tempo os tivessem sempre deixado viver em paz no meio d'eles, todavia em certa ocazião, em que bebiam *cauim*, entre reciprocas excitações, rezolveram saquear tudo, alegando ser essa gente decendente de inimigos mortaes, como acabei de dizer.

Em uma noite pondo em pratica a sua rezolução, apanharam a pobre gente desprevenida, e fizeram tal carnificina e tal estrago, que cauzava profunda lastima ouvir as vitimas clamar.

Muitos dentre os nossos Francezes, advertidos quazi á meia noite, partiram bem armados, e dirigiram-se em uma barca com grande pressa para a sobredita aldeia, que distava quatro ou cinco legoas do nosso fortim.

§ 15. Antes porém de xegarem ali os auxiliantes, os selvagens, enraivecidos e encarniçados, já tinham feito a preza,e lançado fogo ás cazas para obrigar a sair d'elas as pessoas, muitas das quaes mataram, e ja poucas restavam.

* No original está :—*Un garçon aagé d'environ trois ans.*

Ouvi alguns dos nossos afirmar, em seo regresso, que não só tinham visto espostejados e carbonizados nos moquens omens e mulheres, mas tambem meninos de mama assados inteiros.

Alguns individuos corajozos, que tinham se lançado ao mar com o favor das trevas da noite, salvaram-se a nado, e vieram-se nos aprezentar na nossa ilha ; do que certificados os nossos selvagens alguns dias depois, mostravam-se descontentes, e murmuravam contra nós por conservarmos em nosso poder esses infelizes.

Todavia depois de aplacados com donativo de mercadorias, parte por força, parte por vontade, os deixaram como escravos em nosso poder.

§ 16. Em outra ocazião, quatro ou cinco Francezes e eu estavamos em uma aldeia da mesma ilha grande, xamada *Piranijú*. Estava ahi um prizioneiro, mancebo formozo e robusto, metido em ferros adquiridos pelos selvagens por negocio com os cristãos ; aproximou-se de nós o prizioneiro, e dice-nos em linguagem portugueza (pois dois da nossa comitiva, que falavam espanhol, o entenderam bem), que tinha estado em Portugal, era cristão, tinha sido batizado, e xamava-se Antonio.

Embora o mancebo fosse Maracajá de nação, tinha todavia com a sua estada em outro paiz perdido o barbarismo ; por isso deo a entender, que dezejava libertar-se das mãos dos seos inimigos.

Era dever nosso salval-o de tal situação, si podessemos, tanto mais quanto nos moviam á compaixão a qualidade de cristão e o nome de Antonio ; por isso um companheiro nosso, que entendia o espanhol, e era serralheiro de profissão, dice-lhe, que na seguinte manhan lhe traria uma lima para limar os ferros ; e portanto que apenas ficasse livre, e sem estorvo algum, emquanto com conversas entretivemos os seos algozes, se escondesse na praia do mar em certas moitas que indicamos, onde, no nosso regresso, o iriamos buscar para leval-o na nossa barca, e tambem lhe dicemos, que combinariamos com os seos dententores, afim de poder conserval-o no nosso fortim.

§ 17. O pobre omem satisfeitissimo com o meio inculcado, e agradecendo o esperado favor, prometeo fazer tudo quanto lhe tinhamos aconselhado. A turba dos selvagens porém, embora não tivesse entendido o nosso coloquio, desconfiou todavia, que nós queriamos arrancar de suas mãos o prizioneiro; e apenas sahimos da aldeia, xamaram com toda a pressa unicamente os vizinhos mais proximos para espectadores da morte dos seos prizioneiros, e imediatamente a victima foi sacrificada.

D'este modo quando no dia seguinte, sob pretesto de irmos buscar farinha e outros viveres, voltamos á aldeia, levando a lima, e perguntamos aos selvagens pelo lugar, onde estava o prizioneiro, que no dia anterior tinhamos visto, levaram-nos a uma caza, onde vimos os pedaços do corpo do podre Antonio postos no *moquem*; e porque conhecessem, que nos tinham enganado, mostrando-nos a cabeça, deram grandes gargalhadas.

§ 18. Em certo dia os nossos selvagens surpreenderam dois Portuguezes em um pequeno cazebre de barro, onde estes viviam nos bosques, perto da sua fortaleza denominada Morpion. Os agredidos defenderam-se valentemente desde a manhan até a tarde, e depois de esgotadas as munições de arcabuz e as setas das béstas, sahiram ambos de espada na mão, com que fizeram tal estrago nos assaltantes, que muitos foram mortos e outros feridos; comtudo os selvagens, cada vez mais obstinados na intenção de antes ficarem todos espedaçados do que retirarem-se vencidos, tanto insistiram que por fim agarraram e conduziram prizioneiros os dois Portuguezes, de cujos despojos um selvagem vendeo-me algumas vestimentas de couro, assim como tambem um dos nossos trugimões obteve uma salva de prata, que os mesmos selvagens tinham roubado com outras couzas da caza, que fora forçada; e por ignorarem o valor de tal objéto, este apenas custou duas facas ao comprador.

Regressando para as suas aldeias, os selvagens, arrancadas as barbas dos dois Portuguezes por ignominia, depois os mataram cruelmente; e como esses pobres omens assim flagelados e percutidos pela dôr queixavam-se, os barbaros vencedores, zombando das

vitimas, diziam:—Como pois sucede, que vos tenhaes tam valentemente defendido e agora, quando deveis morrer com onra, mostraes não terdes mais coragem do que as mulheres ?

E d'esta maneira foram mortos e comidos ao modo selvatico.

§ 19. Poderia ainda aduzir outros iguaes exemplos a respeito da crueldade dos selvagens para com os seos inimigos, si me não parecesse, que quanto tenho dito basta para cauzar orror, e arripiar aos leitores os cabelos da cabeça. Todavia quantos lerem tam orriveis couzas, diariamente praticadas entre as nações barbaras da terra do Brazil, reflitam tambem no que se faz por cá entre nós ; pois si em bôa e san consiencia considerarmos a materia, diremos, que sam mais crueis do que os selvagens, de que falo, os nossos grandes uzurarios, que, sugando o sangue e o tutano, conseguintemente comem vivos viuvas, orfãos e outras pessoas mizeraveis, a quem melhor seria cortar a garganta de um só golpe do que esgotal-as lentamente.

Eis aqui porque dice o profeta, que taes individuos esfolam a pele, comem a carne, quebram e espedaçam os ossos do povo de Deos, como si os aferventassem na caldeira.

§ 20. Ainda mais : si quizermos xegar á ação real de mastigar e comer (no sentido proprio da palavra) a carne umana, não axamos nas nossas regiões de cá, e até entre os mesmos condecorados com o titulo de cristãos, quer na Italia, quer alhures, alguns que, não contentes de trucidar cruelmente os seos inimigos, só saciaram a sua colera, devorando-lhes o figado e o coração?

Refiro-me á istoria. E sem ir mais longe, o que vêmos em França (sou Francez e peza-me dizel-o) durante a sanguinoza tragedia, que começou em Pariz a 24 de Agosto de 1572 ?

Não acuzo aos que não foram cauza ; mas entre outros actos de orrenda recordação, perpetrados então por todo o reino, não é sabido, que foi publicamente vendida ao maior lançador a gordura dos corpos umanos, que de modo mais barbaro e mais cruel do que o dos selvagens foram trucidados em Lião, depois de tirados do rio Saona?

O figado, coração e outras partes do corpo de alguns individuos foram comidos pelos furiozos assassinos, de que se ororizam os infernos.

Depois de mizerandamente morto um fulano Coração de Rei (*Cœur de Roi*), confessor da religião reformada na cidade de Auxerre, os perpetradores d'este assassinato não lhe cortaram o coração em pedaços, não os expozeram á venda a creaturas odientas, e finalmente não os comeram assados em grelhas para saciar a raiva, como mastins?

§ 21. Existem ainda vivas milhares de pessoas, que testimunharam essas couzas dantes nunca ouvidas entre quaesquer povos ; e os livros já impressos as atestaram á posteridade.

Depois d'esta execravel carniceria do povo francez, reconhecendo alguem, cujo nome protesto ignorar, que a maldade excedia a todas quantas eram sabidas, para as expressar, compoz os seguintes versos :

Riez Pharaon,
Achab, Neron,
Herodes aussi :
Votre barbarie
Est ensevelie
Par ce faict icy.

De ora em diante pois não abominemos tanto a crueza dos selvagens antropofagos, isto é, comedores de omens ; por quanto existem individuos taes ou antes mais detestaveis e peiores no meio de nós do que aqueles que só investem contra nações suas inimigas, como vimos, quando estas aliás mergulham-se no sangue dos seos parentes, vizinhos e compatriotas ; e nem é precizo ir fóra do nosso paiz, ou xegarmos á America para vêr couzas tam monstruozas e extraordinarias.

CAPITULO XVI

O que podemos xamar religião entre os selvagens Americanos ; erros em que os mantêem certos trapaceiros, que entre eles vivem, xamados carahibas ; grande ignorancia de Deos, em que andam mergulhados.

§ 1. Embora a sentença de Cicero, a saber, que não existe povo tam bruto, nem nação tam barbara e selvagem, que não tenha idéa da existencia de alguma divindade, seja aceita e recebida por todos como maxima indubitavel, todavia quando atentamente considero nos nossos Tupinambás da America, vejo-me algo embaraçado na aplicação d'essa maxima a similhante gente.

Pois além de não terem conhecimento algum do unico e verdadeiro Deos, sam taes, que não confessam, nem adoram deozes celestiaes nem terrestres, nada obstante o costume de todos os antigos pagões, que tiveram a pluralidade de deozes, e a despeito da opinião dos idólatras de oje, incluzive os indios do Perú, terra firme e distante quazi 500 legoas, sacrificadores ao sol e á lua.

Não têem ritual, nem lugar determinado de reunião para praticar qualquer serviço ordinario, por isso não oram em fórma religioza em publico ou em particular por couza alguma.

Ignorantes da creação do mundo, não distinguem os dias por denominações, nem fazem diferença entre uns e outros, bem como não contam semanas, mezes, nem annos; apenas calculam e assinalam o tempo por luas.

§ 2. Quanto á escritura, quer santa quer profana, não só desconhecem o que ela seja, mas não possuem caracteres para significar couza alguma ; o que ainda maior importancia tem.

Quando xeguei ao seo paiz, e comecei a aprender a sua linguagem, escrevia algumas sentenças, e depois as lia em prezença d'eles. Julgavam ser isso feitiçaria, e diziam uns aos outros : —Não é maravilha, que quem ontem não sabia dizer uma só palavra em nosso idioma, seja agora entendido por nós, em virtude d'esse papel, que tem, e o faz falar assim ?

Esta opinião é a mesma dos selvagens da ilha Espaniola, que foram os primeiros a emitil-a ; pois o autor da istoria d'estes insulares diz, que os indios, conhecendo que os Espanhoes, sem se verem nem falarem, e apenas mandando cartas de um a outro lugar, entendiam-se, acreditavam ou que os Espanhóes tinham o don da proficia, ou que as missivas falavam, e acrecenta o mesmo autor:—De maneira que os selvagens, temerozos de serem descobertos e surpreendidos em qualquer falta, continham-se no dever, e não ouzavam mais mentir nem furtar aos Espanhoes.

Portanto digo, que, para quem quizesse aqui amplificar esta materia, aprezenta-se bonito assunto, tanto para louvar e exaltar a arte da escritura, como para mostrar quanto as nações, que abitam essas trez partes do mundo, Europa, Azia e Africa, devem louvar a Deos pela superioridade sobre os selvagens d'esta quarta parte xamada America; pois quando estes não podem comunicar couza alguma sinão por via da palavra, nós ao contrario temos a vantagem de não mover-nos de um logar, e podermos por meio da escritura e das letras, que enviamos, declarar os nossos segredos a quantas pessoas nos apraz, embora estejam estas mesmas pessoas nas extremidades do mundo.

Assim além das siencias que aprendemos nos livros, que os selvagens certamente não possuem, acontece ainda, que a invenção da escritura, que nós temos, e de que eles estam inteiramente privados, deve ser posta na ordem dos singulares dons, que os omens de cá receberam de Deos.

§ 3. Para voltar agora aos nossos Tupinambás, proseguirei dizendo, que, quando conversavamos com taes selvagens, e vinha a couza a propozito, lhe diziamos, que acreditavamos em um só Deos soberano, creador do mundo, o qual fez o céo e a terra com todas as couzas n'ele contidas, governa e tambem dispõe de tudo como lhe apraz.

Quando nos ouviam recordar esse artigo, olhavam uns para os outros, empregando esta intergeição de espanto:—*Teh*! que lhes é abitual, e significava a sua admiração.

Quando ouvem o trovão, a que xamam *Tupan* *, ficam muito assustados, como adiante mais extensamente direi, e por isso de acordo com a sua rudeza aproveitamos a ocazião para dizer-lhes, que era Deos, de que lhe falavamos, quem assim fazia tremer o ceo e a terra para mostrar a sua grandeza e poder.

A sua pronta resposta a isto era, que, si ele assim os intimidava, então não valia nada.

Eis aqui o deploravel estado, em que vive essa mizera gente.

Como então (dirá alguem) pode suceder, que esses Americanos vivam quaes brutos animaes, sem religião alguma?

Certamente pouco diferem do bruto, como já dice, e penso, que na terra não existe nação alguma, que mais afastada viva de qualquer idéa religioza.

Entrando em materia, começo por declarar, que reconheci, que alguma luz ainda lhes restava, no meio das espessas trevas da ignorancia, em que se conservam, e digo antes de tudo, que não so crêem na imortalidade da alma, mas tambem firmemente acreditam, que, depois da morte dos corpos, as almas que viveram virtuozamente, isto é, na conformidade das idéas barbaras, que vingaram-se bem, e comeram muitos inimigos, vam para além de altas montanhas, onde dansam em formozos jardins com as almas dos seos avós (sam os campos Elizeos dos poetas) ; ao contrario as almas dos cobardes, e das pessoas somenas, que não se importaram da defensão da patria, vam com Anhanga †, nome dado ao diabo na sua linguagem, pelo qual, dizem, sam constantemente atormentadas.

§ 4. A este respeito cumpre notar, que essa pobre gente, durante a vida, é afligida por esse espirito maligno, a que tambem xamam *kaegerre*, e quando nos falavam, como muitas vezes prezenciei, sentindo-se atormentados e clamando subitamente como enraivados, diziam: — Ah! defendei-nos de *Anhanga*, que nos espanca. » E diziam, que realmente o viam, ora em forma de quadrupede, ora de ave, ora de qualquer outra estranha figura.

---

* O autor escreve: — *Toupan*.

† O autor escreve: — *Aygnan*.

Admiravam-se muito, quando lhes diziamos, que não eramos assaltados pelo espirito máo, e que essa izenção vinha do Deos, de quem tanto lhes falavamos, o qual, por ser sem comparação muito mais forte do que *Anhanga*, prohibia, que este nos molestasse e nos fizesse mal; por isso acontecia algumas vezes, que eles, sentindo-se vexados, prometiam crer na divindade como nós, mas conforme o proverbio, que diz, que passado o perigo, zomba-se do santo, apenas viam-se livres, não recordavam-se mais das promessas.

Entretanto para mostrar, que o alegado sofrimento não é brinco infantil, como se diz, eu muitas vezes os vi por tal modo apreensivos d'essa furia infernal, que quando se recordavam do que já tinham padecido, batendo com as mãos nas coxas e em estado de verdadeira aflição, com suores na fronte, queixando-se a mim ou a qualquer outra pessoa da nossa comitiva, diziam :—*Mair atu-assap, acequeiei anhanga atupané* *, isto é, Francez, meo amigo, (ou meo perfeito aliado) temo o diabo (ou o espirito maligno) mais do que tudo.

Si porventura aquele a quem se dirigiam lhes dizia :—*Nacequeiei Anhanga*, isto é, eu não o temo, eles deplorando a sua condição respondiam :—Ah ! quão felizes seriamos, si fôssemos prezervados do mal como vós. » Ao que replicavamos :—E' precizo confiar como nós n'aquele que é mais forte e mais poderozo do que o diabo.

Mas embora algumas vezes, vendo o mal proximo ou já realizado, protestassem crêr, tudo isso depois se lhes varria da lembrança, como já dice.

§ 5. Ora, antes de passar adiante, acrecentarei em referencia ao assunto da crença dos nossos Brazilienses americanos sobre a alma imortal, que o istoriador das Indias ocidentaes diz, que os selvagens da cidade de Cusco, capital do Perú, e os das circumvizinhanças professam igualmente a imortalidade da alma, e o que mais é, creem na resurreição dos corpos, não obstante a maxima sempre aceita geralmente pelos teologos, a saber, que todos os filozofos pagãos, e outros gentios barbaros tinham ignorado e negado a resurreição da carne. E eis o exemplo por ele citado.

---

* O autor escreve:—*Mair atou-assap, acequeiey aygnan atoupané.*

Os indios (diz ele) vendo que os Espanhoes, quando abriam os sepulcros para apossar-se do ouro e das riquezas ali existentes, atiravam para aqui e para ali os ossos dos mortos, pediam que os não espalhassem assim, afim de que isto os não impedisse de resuscitar; pois (acrecenta, falando dos selvagens d'esse paiz) crêem na resurreição dos corpos e na imortalidade da alma.

Outro autor profano tambem afirma, que em tempos idos certa nação pagan acreditava n'este artigo, e exprime-se d'este modo:—Depois que Julio Cezar venceo Ariovisto e os Germanos, que eram omens extraordinariamente grandes e mui valorozos, eles investiam intrepidamente, e não temiam a morte, esperando resucitar.

Isto quiz eu expressamente narrar aqui, afim de que entendam todos, que, si os mais endiabrados atêos, de que a nossa terra agora está coberta, têem de comum com os Tupinambás o quererem fazer crer, aliás de modo mais estranho e bestial do que os selvagens, que não existe Deos; ao menos estes lhes ensinam, que existem diabos para atormentar, ainda cá n'este mundo, aos que negam Deos e o seo poder.

§ 6. Si replicarem, que não existem outros diabos além dos máos afectos dos omens, como alguns pretenderam sustentar, e que portanto é loucura persuadirem-se os selvagens de couzas fantasticas, eu responderei, que, si atendermos ao que já dice, e é mui verdade, a saber, que os Americanos sam real e vizivelmente atormentados pelos espiritos malignos, facil será julgar com quanto dezacerto é isto atribuido ás paixões umanas; pois por mais violentas que estas sejam, como afligiriam os omens d'este modo?

Deixo de falar da experiencia, que temos por cá d'essas couzas; e si não fosse lançar perolas aos porcos, que agora repilo, poderia alegar o que dice o Evangelho de tantos endemoniados, que foram curados pelo filho de Deos.

Demais como esses atêos negam todos os principios, e sam por isso indignos de se lhes alegar o que as Escrituras santas tam magnificamente dizem da imortalidade da alma, eu ainda lhes anteporei os nossos pobres Brazilienses, os quaes na sua cegueira ensinam, que no omem não só existe

um espirito, que não morre com o corpo, mas tambem que, separado d'este, fica sugeito á felicidade ou infelicidade perpetua.

E quanto ao terceiro ponto relativo a resurreição da carne, bem que esses cães se capacitem, que, quando o corpo morre, jamais se levanta, eu lhes oponho os indios do Perú ; os quaes no meio da sua falsa religião, sem terem aliás outro criterio, além do senso natural para desmentir estes entes execrandos, erguer-se-ão como juizes contra eles.

E porque, como já dice, sam peiores do que o prios diabos, os quaes, conforme diz Santo Iago, crêem na existencia de um Deos, e o temem, faço-lhes ainda mui grande onra em dar-lhes esses barbaros por doutores. Sem falar mais por ora de tam abominaveis creaturas, eu as envio diretamente ao inferno, onde colherãõ o fruto dos seos monstruozos erros.

§ 7. Assim para voltar ao meo objéto principal, que é proseguir no que podemos xamar religião entre os selvagens da America, digo antes de tudo, qne, si bem examinarmos o assunto, veremos, que, em vez de ficarem tranquilos os selvicolas, quando ouvem o trovão, sam por irrezistivel potencia constrangidos a tremer ; e daqui poderemos coligir, que não só verifica-se n'eles a sentença de Cicero, por mim já citada, afirmando não existir povo algum falto da noção da existencia da divindade, mas tambem que o temor d'aquele a quem não querem conhecer os torna completamente inescuzaveis.

Quando o apostolo dice, que Deos, permitindo outr'ora aos gentios diversas vias, beneficiando entretanto a todos com a xuva do céo, e dando fertilizadoras estações, nunca ficára sem testimunho, isto assás demonstra, que, si os omens não conhecem o seo creador, procede o fato da sua propria malicia.

E para mais os convencer diz em outro lugar, que aquilo que é invizivel em Deos, vê-se na creação do mundo.

Embora os nossos Americanos o não confessem de boca, sucede todavia estarem por si mesmos convencidos da existencia de alguma divindade ; por tanto concluo,

que não serão escuzados do pecado, quando não podem alegar ignorancia.

Além do que já dice acerca da imortalidade da alma, em que acreditam, do trovão, com que se aterram, e dos diabos e espiritos malignos, que os espancam e atormentam (que sam os trez pontos, que cumpre antes de tudo notar) mostrarei ainda em quarto lugar como esta semente de religião (si todavia as praticas dos selvagens merecem este titulo) brota e não póde extinguir-se n'eles, não obstante as obscuras trevas em que vivem submersos.

§ 8. Proseguindo n'esta materia cumpre saber, que os selvagens admitem certos falsos profetas xamados *carahibas*, os quaes, andam de aldeia em aldeia, como os tiradores de ladainha no papado, e fazem crer, que comunicam-se com os espiritos, e que por esse meio não só podem dar força a quem lhes apraz, como vencer e suplantar os inimigos, quando vam á guerra; igualmente persuadem terem a virtude de fazer crecer e engrossar as raizes e os frutos, que a terra do Brazil produz, como alhures já dice.

Ouvi trugimões da Normandia por muito tempo rezidentes n'esse paiz dizerem, que os nossos Tupinambás costumam reunir-se com grande solenidade de trez em trez ou de quatro em quatro annos, e como axei-me em uma d'essas reuniões, sem o pensar, como vereis, eis o que com verdade posso dizer.

Em ocazião em que eu e outro Francez xamado Tiago Roussau, com um trugimão, percorriamos esse paiz, dormimos em certa noite n'uma aldeia xamada Cotina, e quando pela madrugada seguiamos caminho, vimos os selvagens dos sitios vizinhos xegarem de todas as partes, com os quaes os moradores d'esta aldeia, saindo de suas cazas, ajuntaram-se e foram imediatamente para uma grande praça reunidos em numero de 500 ou 600.

Paramos então, e voltamos para saber com que fim reunia-se esta assembléa, quando vimos os selvicolas de subito separarem-se em trez bandos, a saber, todos os omens ficaram em uma caza, as mulheres em outra, e os meninos em outra.

E como vi dez ou dôze dos taes senhores *carahibas*, que estavam entre os omens, suspeitei, que fariam alguma couza extraordinaria, e pedi instantemente aos meos companheiros para demorar-nos ali a fim de vermos esse misterio; no que consentiram.

§ 9. Os *carahibas*, antes de separarem-se das mulheres e meninos, prohibiram-lhes severamente, que não saissem das cazas, para onde iam, devendo de lá escutar atentamente, quando os ouvissem cantar, e tambem ordenaram, que nos conservassemos encerrados no apozento, em que estavam as mulheres.

Quando almoçavamos, sem sabermos ainda o que pretendiam os selvagens fazer, começamos a ouvir na caza, onde estavam os omens (a qual não distava talvez trinta passos d'aquela em que estavamos) um surdo murmurio, como recitação de rezas devotas; o que ouvido pelas mulheres, que eram em numero de quazi 200, puzeram-se todas de pé, e atentas ajuntaram-se em um só feixe.

Depois os omens pouco a pouco levantaram a voz, e mui distintamente os ouvimos cantar todos reunidos, e repetir esta intergeição de encorajamento:—*Hê, hê, hê, hê*. Ficamos espantados, quando as mulheres, respondendo do seo lado com voz tremula, e repetindo esta mesma intergeição:—*Hê, hê, hê, hê*, começaram a gritar por espaço de mais de um quarto d'ora, de tal modo que não sabiamos o que fizessemos.

Elas assim urravam, saltavam com grande violencia, agitavam as mamas e escumavam pela boca, e algumas cahiam desmaiadas como os pacientes da gota coral; por isso não posso deixar de crer, que o diabo lhes entrasse no corpo, e elas de repente se tornassem possessas.

Tambem viamos os meninos agitados e torturados da mesma fórma no apozento, em que estavam separados, e que ficava mui perto de nós; e embora por mais de seis mezes já eu frequentasse os selvagens, e já estivesse um tanto acostumado no meio d'eles, direi sem desfarçar couza alguma, que tive medo, e ignorando o exito do estranho cazo, dezejei antes axar-me no nosso fortim.

§ 10. Cessando o ruido e urros confuzos, os omens fizeram pequena pauza, e ficando então as mulheres e meninos todos calados e quietos, os ouvimos de novo cantar, resoando vozes com tão maravilhoza armonia, que, já acalmado do susto e ouvindo sons doces e graciozos, não me devem perguntar, si dezejei ver tudo de perto.

Quando porém quiz sair para aproximar-me, não só as mulheres me obstaram, mas tambem o nosso trugimão dice, que vivia n'esse paiz por seis ou sete annos, e nunca se atrevera a estar no meio dos selvagens por ocazião d'estas festas; acrecentando que, si eu ali fosse, não obraria prudentemente, pois correria perigo.

Ezitei por um momento; todavia como interrogado o trugimão não me dava razão suficiente do seo dito, e eu confiava na amizade dos bons velhos moradores da aldeia, na qual anteriormente eu estivera por quatro ou cinco vezes, arrisquei-me a sair, parte por força, parte por vontade.

Aproximei-me pois do lugar, donde eu ouvia a cantilena: e como acontece serem as cazas dos selvagens mui compridas, arredondadas na parte superior como as latadas dos nossos jardins, e cobertas de ramos, cujas pontas tocam no sólo, abri com as mãos um buraco na coberta para ver a couza á minha vontade.

Fazendo isto, dei sinal com o dedo aos dois Francezes, que me observavam; e eles, com o meo exemplo, animaram-se, aproximaram-se sem embaraço nem dificuldade, e todos nós trez entramos na caza.

Vendo pois que os selvagens (em contrario do que pensava o trugimão) não se espantavam comnosco, antes conservavam os respectivos lugares e ordem de modo admiravel, e continuavam com as suas cantorias, acomodamosnos mui bem em um lado da caza e os contemplamos com toda a satisfação.

§ 11. Quando acima falei das suas dansas nas ocaziões de beberronias e *cauinagens*, prometi mencionar tambem outra maneira de dansarem, afim de melhormente retratar os selvagens; e eis aqui o entono, gestos e garbo, que aprezentam.

Unidos uns aos outros, soltas as mãos, fixos no mesmo lugar, formados em roda, curvados para a frente,

suspendendo algum tanto o corpo, movendo sómente a perna e o pé direito, tendo cada um a mão direita nos quadris e o braço e a mão esquerda pendentes, assim cantavam e dansavam.

Em razão do numero das pessoas, formavam trez rodas, no meio de cada uma das quaes estavam trez ou quatro dos taes *carahibas*, ricamente adornados de roupas, carapuças e braceletes feitos de lindas penas naturaes, novas e de diversas côres; tinham em cada mão um maracá, que faziam resoar em todo aquele ambito. Estes maracás sam campainhas feitas de certo fruto, maior do que o ovo do avestruz, e destinadas a esse uzo.

Não poderei dar melhor idéa dos taes carahibas no estado em que então se axavam do que comparando-os com esses esmoleres devotos, tocadores de guizos, que enganam a nossa pobre gente, e andam de lugar em lugar com relicarios de Santo Antonio e São Bernardo e outros similhantes instrumentos de idolatria.

Além da prezente descrição, quiz dar idéa da couza, aprezentando o seguinte dezenho * do dansarino tocador de maracá.

Os carahibas, avançando e saltando para diante, e depois recuando para traz, não se mantinham sempre no mesmo lugar, como faziam os outros assistentes ; e observei, que eles muitas vezes tomavam uma vara de madeira, do comprimento de quatro ou cinco pés, na extretremidade da qual avia certa porção de erva *petun*, já mencionada em outra parte, seca e aceza, voltava-se para todos os lados, e soprando a fumaça sobre os outros selvagens, dizia : — Para que vençaes os vossos inimigos, recebei o espirito da força.

E isto repetiram por muitas vezes os autuciozos carahibas.

§ 12. Ora estas ceremonias duraram perto de duas óras, e esses 500 ou 600 omens selvagens nunca cessaram de dansar e cantar, avendo tal melodia, que aqueles que os não ouviram não creriam jamais, que eles combinassem tam perfeito acôrdo, visto não saberem muzica.

---

* Falta aqui o dezenho, que não reproduzimos.

E com efeito no começo d'esta algazarra, estando eu na caza das mulheres, como dice, sofri algum susto ; mas então tive em compensação tanta alegria, que fiquei absorto, ouvindo acordãos tam armonicos de tamanha multidão, sobre tudo pela cadencia do estribilho da balata, em cada copla da qual todos, prolongando a voz, diziam : — *Heu, heuaú, heura, heuraura, heur, heura, ouêh.* Quando d'isso me recordo, palpita-me o coração, e parece-me ainda estar ouvindo tudo.

Quando quizeram terminar, bateram com o pé direito no xão com mais força, e depois de cada um cuspir para a frente, todos unanimemente, com voz rouca, pronunciaram duas ou trez vezes :—*Hê, hua, hua, hua.* E assim findaram.

§ 13. E como então eu ainda não entendia bem a linguagem dos selvagens, e tinham eles dito muitas couzas, que eu não comprehendêra, pedi ao trugimão para me as esclarecer.

Dice-me, que primeiramente insistiram muito em lamentar os seos avós mortos, celebrados como valentes; mas por fim consolavam-se; porque depois da morte esperavam ir ter com os finados além de altas montanhas, onde dansariam e se regozijariam no meio d'esses seos avoengos.

Tinham depois ameaçado, que, a todo o trance, como afiançavam os seos carahibas, prenderiam e comeriam os Goitacazes, * nação inimiga, e selvagens tam valentes, que os Tupinambás nunca os puderam submeter, como atraz fica dito.

Finalmente tinham em suas canções intrometido e celebrado, que as aguas em certa época tinham trasbordado por tal fórma, que cobriram toda a terra, afogando todos os omens do mundo, excéto os seos avós, que salvaram-se nas mais altas arvores do seo paiz : e este ultimo ponto, que entre eles é a couza que mais os aproxima da Escritura Santa, muitas vezes depois os ouvi repetir.

Com efeito verosimil é, que de paes a filhos ouvissem contar alguma couza do diluvio universal e do tempo de

---

* O autor escreve:—*Ouetacas.*

Noé, e tinham corrompido e transformado a verdade em mentira, como costumam os omens; acrecendo que, privados de toda a especie de escritura, como acima vimos, lhes é dificil conservar a noticia das couzas com toda a pureza; por isso adicionaram essa fabula, como fazem os poetas, de se terem seos avós salvado nas arvores.

§ 14. Voltando aos nossos *carahibas*, cabe dizer, que n'esse dia foram bem recebidos por todos os selvagens, que os trataram magnificamente com as melhores viandas que tinham, sem esqecer-se de fazel-os, na forma costumada, beber e *cauinar*, e tambam eu e dois Francezes, meos companheiros, que inopinadamente axamos-nos n'esta confraria de bacanaes, como já dice, tivemos por essa cauza boa xira com os nossos *mussacás*,* isto é, bons paes de familia, que dam comida aos passageiros.

Além de tudo quanto acima fica exposto, convém dizer, que, passados os dias solenes, nos quaes os nossos Tupinambás de trez em trez annos, ou de quatro em quatro annos e algumas vezes depois de maior espaço praticam essas macaquices os carahibas vam de aldeia em aldeia, e enfeitam com as mais bonitas penas, que encontram em cada familia, trez ou quatro bagatelas xamadas maracás, ou quantas bem lhes parece. Assim adornados os maracás, infincam no vão a parte maior do páo que os atravessa, os dispõem em linha no meio das cazas, e ordenam depois, que lhes dêem comida e bebida.

De sorte que esses embusteiros fazem crer aos outros pobres idiotas, que esses frutos, especies de cabaça, assim cavadas, enfeitadas e consagradas comem e bebem de noite; e como cada dono de caza acredita n'isso, não deixa de pôr junto aos seos maracás farinha, carne e peixe, e tambem a bebida xamada *cauim*.

§ 15. Ordinariamente os deixam assim infincados no sólo por quinze dias ou trez semanas, sempre servidos da mesma fórma; e depois de praticadas estas bruxarias formam opinião tam extravagante sobre esses maracás, que lhes atribuem santidade, e trazendo-os quazi sempre empunhados na mão, dizem, que, quando os fazem soar repetidas vezes, algum espirito lhes vem falar.

---

* O autor escreve: —*Moussacats*.

E estam encasquetados d'esse erro por tal fórma que, si, passando por suas cazas e compridos apozentos, viamos carnes bôas oferecidas a esses maracás, as tomavamos e comiamos, como muitas vezes fizemos, julgavam os nossos Americanos, que isso nos cauzaria desgraças, e não se consideravam menos ofendidos do que se reputam os supersticiozos e sucessores dos sacerdotes do Baal de vêr tomar as oferendas consagradas aos seos bonifrates, das quaes entretanto, com dezonra de Deos, alimentam-se gorda e ociozamente com as suas marafonas e bastardos.

O que mais é: si aproveitavamos a ocazião de advertil-os dos seos erros, e diziamos, que os carahibas não só os enganavam, quando os faziam acreditar, que os maracás comiam e bebiam, mas tambem os iludiam, quando falsamente se gabavam de serem eles que faziam os frutos e raizes crecer e engrossar, pois quem tudo isso fazia era o Deos, em quem nós criamos, e que anunciavamos; isto valia tanto como si por cá falassemos contra o papa, ou dicessemos em Pariz, que a reliquia de Santa Genoveva não faz xover.

Assim esses trapaceiros carahibas não nos aborreciam menos do que os falsos profetas de Jezabel (receiozos de perder seos gordos nacos) odiavam ao verdadeiro servo de Deos Elias, quando descobria os seos abuzos; e começando por ocultar-se de nós, temiam vir ou dormir nas aldeias, onde sabiam, que estavamos.

§ 16. Os nossos Tupinambás, conforme o que dice no principio d'este capitulo, e nada obstante as ceremonias por eles praticadas, não adoram com a genuflexão ou outros meios externos aos seos carahibas, nem aos seos maracás, nem a quaesquer creaturas, e menos as suplicam e invocam; todavia para continuar a dizer quanto entre eles observei em materia de religião, citarei ainda um exemplo.

Achava-me em outra ocazião com alguns meos patricios em uma aldeia xamada *Ocarentin*, distante duas legoas de *Cotina*, de que já fiz menção, e quando ceavamos no meio de uma praça, os selvagens do lugar reuniram-se para contemplar-nos e não para comer, pois, si querem onrar a algum personagem, não comem com ele.

Os selvagens, orgulhozos de ver-nos na sua aldeia, davam-nos todas as possiveis demonstrações de amizade, e tendo cada um na mão um osso do focinho de certo peixe do comprimento de dois ou trez pés, formado á feição de serra, estavam em roda de nós como nossa guarda de arxeiros, para afugentar os meninos, aos quaes diziam na sua linguagem: — Miunçalha, retirae-vos, pois não sois dignos de aproximar-vos d'esta gente.

Toda essa turba não interrompeo uma só palavra da nossa conversação, e deixou-nos ceiar em paz; mas um velho, que observára termos orado a Deos no começo e no fim da refeição, perguntou-nos:—O que significa este procedimento, que acabaes de ter, tirando por duas vezes o xapéo sem proferir palavra alguma, excéto um que falava, quando todos os mais estavam calados? A quem dirigia-se o que ele dizia? Dirigia-se a vós, que estaes prezentes, ou a alguem que axa-se auzente?

§ 17. Aproveitamos a ocazião, que tam a propozito se nos aprezentava, para falar-lhes da verdadeira religião, convindo acrecentar, que essa aldeia de Ocarentin é das maiores e mais povoadas d'esse paiz; e como parecia-me vêr esses selvagens mais bem dispostos e mais atentos em escutar-nos do que de costume, pedi ao nosso trugimão para ajudar-me a dar-lhes a entender o que eu ia dizer.

Depois de dizer em resposta á pergunta do velho, que era a Deos, a quem tinhamos dirigido as nossas preces, e que embora ninguem o visse, todavia tinha ele ouvido tudo perfeitamente, e conhecia o que pensavamos e tinhamos no coração, comecei a falar da creação do mundo, e sobretudo insisti no ponto de fazer os selvagens bem compreenderem, que, si Deos tinha feito o omem excelente sobre todas as outras creaturas, era para que o mesmo omem glorificasse ainda mais o seo creador; acrecentando que como o serviamos, ele prezervava-nos de perigo, quando atravessavamos os mares, nos quaes, para ir buscal-os, andavamos ordinarimente quatro ou cinco mezes sem pôr pé em terra.

N'esta ocazião inculcamos, que não temiamos, como eles, ser atormentados por Anhanga n'esta vida nem na

outra ; e assim dizia-lhes eu, que si eles quizessem converter-se dos erros, em que os seos carahibas mentirozos e enganadores os mantinham, e deixar a barbaria de comer a carne dos seos inimigos, teriam as mesmas graças, que por experiencia conheciam, que nós gozavamos.

Em suma para dar-lhes noções da perdição do omem, e preparal-os para receber Jezus Cristo, aprezentavamos sempre comparações de couzas d'eles conhecidas,e empregamos mais de duas óras n'esta materia da creação, acerca da qual por brevidade não farei aqui mais longo discurso.

§ 18. Ora, todos com grande admiração prestavam ouvidos e escutavam atentamente; de modo que findo o pasmo do que tinham ouvido, apareceo outro velho, que tomou a palavra e dice:— Certamente tendes dito maravilhas, e couzas mui bonitas, que nunca tinhamos ouvido; todavia a vossa arenga faz-me recordar o que muitas vezes ouvimos os nossos avós repetir, isto é, que desde muito tempo e desde certo numero de luas, que não podemos conservar na memoria, um Mair, isto é, Francez ou estrangeiro, vestido e barbado, como alguns de vós, veio a este paiz, e para os persuadir á obediencia do vosso Deos,falou-lhes a mesma linguagem, que agora nos dirigis; mas, conforme ouvimos de paes a filhos, nossos avós o não acreditaram.

Partindo este, veio outro, que, em sinal de maldição, deo-lhes a espada, com que depois d'isso nos matamos uns aos outros, de maneira que estamos em longa posse do seo uzo, e si agora deixassemos o nosso costume, dezistissimos d'ele, todas as nações nossas vizinhas zombariam de nós. A isto replicamos com grande vehemencia, que não deveriam eles importar-se com o motejo dos outros, pois ao contrario, si quizessem, como nós, adorar e servir ao verdadeiro Deos do céo e da terra, que anunciavamos, derrotariam e venceriam a todos os inimigos,que agora os viessem tacar.

Em suma pela eficacia que Deos então outorgou ás nossas palavras,os Tupinambás ficaram tam abalados, que não só muitos prometeram d'ora em diante viver como ensinavamos e não comer mais carne dos seos inimigos ;

mas tambem logo depois d'esse coloquio, o qual durou muito tempo, como já dice, ajoelharam-se comnosco, e um dos nossos companheiros, dando graças a Deos,fez a prece em alta voz no meio d'essa turba, a quem o trugimão depois explicou tudo.

§ 19. Concluido isto, eles nos fizeram deitar,na forma do seo costume, em leitos de algodão suspensos no ar ; antes porém de dormirmos, os ouvimos todos reunidos cantar, que para vingar-se dos inimigos, cada vez mais precizo se tornava agarral-os e comel-os, como antes sempre praticavam.

Eis aqui a inconstancia d'esse mizero povo, insigne exemplo da natureza corrompida do omem.

Penso todavia, que, si Nicoláo de Villegagnon se não rebelasse contra a religião reformada, e tivessemos ficado por muito tempo n'esse paiz, teriamos atrahido e xamado alguns d'esses selvagens a Jezus Christo.

Ora, acredito pelo que nos diceram ter sabido dos seos antepassados, que avia muitos centenares de annos um Mair, isto é, omem da nossa nação, (sem discutir si seria Francez ou Alemão), tinha estado na sua terra, e lhes anunciára o verdadeiro Deos ; talvez fosse algum dos apostolos.

Com efeito, ponho de parte livros fabulozos, e pondero, que, além da palavra de Deos e do que se tem escrito sobre as viagens e peregrinações d'esses varões santos, Niceforo, referindo a istoria de São Mateos, expressamente diz, que este apostolo pregou o Evangelho no paiz dos Canibaes, que comem gente, povo não mui afastado dos Brazilienses Americanos.

Considero porém muito melhor fundamento a passagem de São Paulo, constante do salmo 19, a saber : —A sua voz percorreo toda a terra e suas palavras xegaram ás extremidades do mundo. » Alguns bons expozitores referem esta passagem aos apostolos ; e atendendo que eles perlustraram varios paizes longinquos por nós desconhecidos ; pergunto eu, que incongruencia averia em crer, que um ou muitos tenham estado na terra d'esses barbaros ?

Isto até serviria de farol e geral expozição exigida por alguns autores para a sentença de Jezus Christo, quando declarou, que o Evangelho seria pregado em todo o mundo.

Não quero afirmar o contrario em relação ao tempo dos apostolos ; assegurarei todavia, como já acima mostrei n'esta istoria, que vi e ouvi em nossos dias anunciar o Evangelho até aos antipodas ; de sorte que, além de ser assim rezolvida a objeção formulada contra essa passagem, ainda daqui rezultará serem os selvagens menos escuzaveis no dia final.

§ 20. Quanto a outra assersão dos nossos Americanos, quando dizem, que os seos predecessores não quizeram acreditar n'aquele que lhes quiz ensinar o bom caminho, e veio outro, que por cauza d'essa recuza os amaldiçoou e deo-lhes espada, com que ainda matam-se todos os dias, lemos no *Apocalipse*, que ao personagem, que estava montado no cavalo branco, que, na opinião de certos exegetas, significa perseguição por fogo e guerra, foi dado poder de tirar a paz da terra, para que se matassem uns aos outros, sendo lhe tambem dada uma grande espada.

Eis o testo, que na letra muito aproxima-se da asserção e da pratica dos nossos Tupinambás ; todavia receiando transtornar o seo verdadeiro sentido, e para que se não julgue, que busco as couzas de mui longe, deixarei a outros a devida aplicação.

Entretanto recordando-me ainda de um exemplo, que poderá mostrar, que essas nações selvagens, abitadoras da terra do Brazil, seriam assás doceis para aceitar o conhecimento de Deos, si tomassemos o trabalho de as doutrinar, eu aqui o aprezento.

§ 21. Com o fim de ir buscar viveres e outras couzas necessarias, passei um dia da nossa ilha para a terra firme, acompanhado por dois selvagens Tupiniquins * e por outro da nação xamada Oneanen, sua aliada, o qual com sua mulher viera vizitar os amigos e voltava para a sua terra.

---

* O autor escreve—*Tupinenquins*.

Atravessava eu com eles uma grande floresta, contemplando arvores diversissimas, ervas verdejantes e flores odoriferas, e ouvindo o canto de infinidade de aves, que gorgeavam no meio do bosque, onde então resplandecia o sol. Assim digo, eu via-me como convidado a louvar a Deos por todas essas couzas, e tendo aliás o coração alegre, comecei em voz alta a cantar o psalmo 104: Exulta, exulta, minha alma. etc.; que repeti todo.

Os trez selvagens e a mulher, que vinham atraz de mim, tiveram tamanho prazer (isto é, quanto ao son, porque quanto ao sentido nada percebiam), que, quando acabei, o *Oneanen* comovido de alegria, com face rizonha, avançou para mim e dice :—Na verdade cantaste maravilhozamente bem, o teo canto estridente fez-me recordar do cantar de uma nação nossa vizinha, e muito contente fiquei de ouvil-o. Mas (dice-me ele) nós entendemos a sua linguagem, não a tua ; portanto rogo-te,que nos digas de que trata a tua cantiga.

Como era eu o unico Francez ali prezente e so devia encontrar dois patricios no lugar, onde ia dormir, expliquei, como pude, que não só eu tinha louvado a Deos em geral, na formozura e governo das suas creaturas, mas tambem o tinha em particular aplaudido como o unico creador dos omens e de todos os animaes, e unico motor do crecimento das arvores, frutos e plantas espalhas pelo mundo inteiro : expliquei mais, que a canção, que eu acabava de entoar, era ditada pelo espirito d'esse Deos magnifico,cujo nome eu tinha celebrado, e fôra primeiramente cantada, avia mais de 10.000 luas (pois assim os selvagens contam o tempo) por um dos nossos grandes profetas, o qual a deixára á posteridade para ter o mesmo uzo.

§ 22. Repito ainda aqui, que os selvagens não interrompem discurso, e sam mui atentos ao que se lhes diz. O meo interlocutor e os companheiros caminharam por espaço de mais de meia óra, ouvindo o meo discurso, e proferindo a costumada intergeição exclamativa :—*Teh!* e depois diceram : — Oh ! como vós os *Mairs* (isto é, Françezes) sois felizes por saberdes tantos segredos ocultos a nós, entes mesquinhos, pobres e mizeraveis !

E como para agradar-me, dizendo: — Toma lá, porque cantas bem» fez-me dadiva de um agoti, que trazia, isto é, de um pequeno animal, que com outros descrevi no capitulo decimo.

Para melhor provar, que estas nações da America, por mais barbaras e crueis que sejam para com seos inimigos, nam sam tão ferozes, que não atendam ao que se lhes diz com boas razões, entendi dever ainda fazer esta digressão.

Com efeito quanto á indole dos omens sustento, que discorrem melhor do que o fazem a mor parte dos camponios e outras pessoas cá da Europa, gente aliás reputada como abil.

§ 23. Resta agora finalmente tocar na questão, que poderia sucitar-se n'esta materia, de que trato, a saber, donde procedem estes selvagens.

Sobre isto digo antes de tudo, que bem certo é, decenderem de um dos trez filhos de Noé; afirmar porém de qual d'eles, creio ser dificilimo, quer pela Escritura Santa, quer pelas istorias profanas.

Verdade é, que Moizés, fazendo menção dos filhos de Jafet, diz, que as ilhas foram abitadas por eles; mas (conforme todos explicam) o escritor ebrêo falou das terras da Grecia, Galia, Italia, e outras regiões nossas, que o mar separa da Judéa, e por isso sam consideradas ilhas por Moizés: e assim não existiria fundado motivo para abranger a America, nem as terras, adjacentes a ela.

Dizer tambem que venham de Sem, do qual procede a geração bemdita e os Judeos, aliás corrompidos por tal fórma que com justiça fôram regeitados por Deos, em razão de diversas cauzas, que poderiamos alegar, ninguem o fará, conforme creio.

§ 24. Quanto ao que concerne á beatitude e felicidade eterna (que cremos e esperamos unicamente por Jezus Cristo), constituem os selvagens um povo maldito e dezamparado de Deos, não obstante as imperfeitas noções e sentimentos, que têem da vida futura; e nem existe outro povo igual; pois a respeito da vida terrena já mostrei, e mostrarei ainda, que, quando os abitadores da

Europa mostram-se avidos dos bens mundanos, os selvagens ao contrario os desprezam e vivem alegremente izentos de cuidados.

Parece, que a opinião mais provavel acerca da sua origem é, que decendem de Cam; e eis a meo vêr a conjectura mais verosimil, que podemos formar.

Atesta a Escritura Santa, que quando Jozué penetrou na terra de Canaan, e começou a ocupal-a, conforme a promessa de Deos feita a ele e aos patriarcas, e conforme a ordem especialmente a ele dada, os povos abitadores d'essa região intimidaram-se por tal fórma, que perderam toda a coragem. Assim poderia acontecer (o que digo sob correção), que os avós e antepassados dos nossos Americanos, expelidos de varias partes da terra de Canaan pelos filhos de Israel, tivessem embarcado em navios entregues á discrição do mar, e arrojados pelos ventos, fossem aportar ás terras da America.

Com efeito o autor espanhol da *Istoria geral das Indias*, varão versadissimo nas bôas siencias, é de opinião, que os indios do Perú, terra contigua ao Brazil, de que agora falo, sam decendentes de Cam, e sucederam-lhe na maldição lançada por Deos; couza, como acabo de dizer, que eu tambem tinha meditado e escrito nas memorias, que fiz da prezente istoria, mais de dezeseis annos antes de ter visto o seo livro.

Todavia como poderiam levantar-se objeções, sobre isto, e eu não queira aqui decidir couza diversa, deixarei cada um crêr no que lhe aprouver.

§ 25. Como quer que seja porem, por minha parte reputo rezolvido, que essa pobre gente decende da raça corrompida de Adam; e considerando-a aliás balda e destituida de todo o bom sentimento de Deos, não basta isso para que se abale a minha fé, a qual, graças a Deos, é firme e segura.

Menos dahi concluo com os atêos e epicuristas, ou que não existe Deos, ou então que ele não se importa com os omens; pois bem pelo contrario reconheço claramente a diferença existente entre as pessoas, que sam iluminadas pelo Espirito Santo e Escritura Santa, e os

individuos que sam abandonados aos seos sentidos e deixados á sua cegueira ; por isso confio muito mais na segurança da verdade de Deos.

CAPITULO XVII

Cazamento, poligamia, e gráos de parentesco observado pelos selvagens, e tratamento das suas crianças.

§ 1. Acerca do cazamento dos nossos Americanos cumpre dizer, que eles observam tam sómente estes trez gráos de parentesco, a saber, ninguem toma em cazamento a propria mãe, nem a irman, nem a filha; quanto ao tio porém, caza-se com a sobrinha, e em todos os demais gráos de consaguinidade não existe impedimento.

Emquanto ás ceremonias, não praticam outra além do seguinte: quem quer ter mulher, ou seja viuva ou seja donzela, indaga da vontade d'esta, e depois dirige-se ao pae, e na falta d'este ao mais proximo parente, e pergunta, si lhe quer dar a pessoa pedida em cazamento.

Si lhe respondem, que sim, desde então, sem lavrar contrato (pois ali os notarios não têem lucros), leva a noiva comsigo como sua mulher.

Si ao contrario lhe a recuzam, sem mais formalidades o pretendente desterra-se.

§ 2. Notae porém, que a poligamia, isto é, a pluraralidade das mulheres, quando é cabivel, é permitida aos omens ter tantas quantas lhes apraz, e aqueles que maior numero de mulheres têem sam considerados mais valentes e ouzados, convertendo-se assim o vicio em virtude. Alguns vi, que tinham oito, cuja enumeração ordinariamente fazia em seo louvor.

E' admiravel, que n'esta multidão de mulheres aja uma sempre mais amada do marido, e nem por isso as outras têem ciumes, nem murmuram, ou ao menos não dam demonstrações d'isso; de sorte que vivem juntas em paz, ocupadas todas no arranjo das cazas, no tecimento de redes de algodão, limpeza das ortas, e plantação de raizes.

E quando não fôsse prohibido por Deos ter mais de uma mulher, deixo a cada um dos meos leitores considerar, si seria possivel, que as mulheres européas se acommodassem com esse sistema matrimonial.

Melhor seria por certo condenar um omem ás galés do que metel-o no meio d'esse certame de altercações e rixas; pois seria indubitavelmente testimunha do que aconteceo a Jacob por ter tomado Lia e Rachel em cazamento, não obstante serem irmans.

Como porém poderiam as nossas damas permanecer muito unidas, si tam sómente o preceito imposto por Deos á mulher de ajudar e socorrer ao marido a constitue especie de demonio familiar na propria caza?

Dizendo isto, não pretendo censurar aquelas que fazem o contrario, isto é, que prestam o obzequio e obediencia, que por direito devem aos maridos; aliás praticando elas assim o seo dever, eu as julgo tam dignas de louvor, quanto considero as outras merecedoras de vituperio.

§ 3. Voltando ao cazamento dos nossos Americanos cabe dizer, que o adulterio por parte das mulheres cauza-lhes tal orror, que, si a mulher cazada entrega-se a outro omem além do marido, este póde matal-a ou pelo menos repudial-a, e despedil-a com ignominia, regendo-se apenas pela lei natural.

E' certo, que os paes, antes de cazar as filhas, não põem duvida em prostituil-as com qualquer varão. Antes da nossa estada na terra braziliense os trugimões de Normandia tinham abuzado das raparigas em muitas aldeias, como atraz declarei, mas nem por isso elas ficavam infamadas, e si cazavam, tinham todo o zelo em não claudicar, sob pena de serem mortas, ou ignominiozamente despedidas, como já dice.

Direi mais, que as pessoas nubeis quer mancebos, quer donzelas d'essa terra, não sam tam entregues á devassidão, como poderiamos supor em vista da região calida, em que abitam, e não obstante o conceito formado dos orientaes; e prouvéra a Deos, que por cá tambem não reinasse a impudicicia: todavia para não aprezental-os como gente mais onesta do que sam, cumpre saber, que, quando

despeitados uns com os outros, apelidam-se *tivira*, isto é, sodomita; e podemos conjeturar (pois nada afirmo), que entre eles exista esse abominavel pecado.

§ 4. Quando uma mulher está gravida, não deixa aliás de cuidar do seo labor ordinario, evitando apenas carregar fardos pezados.

Na verdade as mulheres dos nossos Tupinambás trabalham incomparavelmente mais do que os omens; pois excéto o trabalho de cortarem e roçarem o mato para as ortas, o que sempre fazem pela manhan, e nunca em alto dia, quazi não fazem outra couza além de irem á guerra, á caça e á pesca e fabricarem espadas de páo, arcos, frexas, vestuarios de pena, e outras couzas, que já tenho especificado, e com que adornam o corpo.

Quanto ao parto, eis o que posso dizer com verdade, por ter prezenciado.

Pernoitando eu e outro Francez em certa ocazião em uma aldeia, quazi á meia noite ouvimos uma mulher gritar, e pensamos ser a fera carniceira xamada *jaguara*, destruidora dos selvagens, como já dice, que a queria devorar.

De pronto acudimos, e vimos não ser isso; verificamos porém, que as dores do parto obrigavam a parturiente a gritar por este modo.

Vi então o pai receber a criança nos braços, e depois amarrar o cordão umbilical e cortal-o com os dentes.

Em seguida, servindo sempre de parteira, esmagou e comprimio com o dedo polegar o nariz do filho, como entre os selvagens praticam todos os pais. As nossas parteiras pelo contrario apertam o nariz dos recem-nacidos para dar-lhes maior beleza, afilando-os, quando os selvagens reputam mais formozo o nariz xato.

§ 5. Apenas o menino sae do ventre materno é bem lavado, e logo pintado com côres pretas e vermelhas pelo pae, o qual sem enfaxal-o, deita-o em um leito de algodão suspenso no ar. Si é maxo, faz-lhe uma pequena espada de páo, um arco pequeno, e frexas curtas preparadas com penas de papagaio; depois pondo tudo isso junto ao menino, e beijando-o com rosto rizonho lhe diz:—Meo filho, quando creceres, sejas déstro nas armas, forte, valente, e belicozo para te vingares dos teos inimigos.

Emquanto ao nome, o pai do menino, que vi nacer, o denominou *Oropacen*, isto é, arco e corda ; pois esta palavra compõe-se de *oropá*, que significa arco, e de *cen*, que significa corda do arco.

E eis como praticam com todas as crianças, ás quaes, como por cá fazemos com os caxorros e outros brutos, dam indiferentemente nomes de couzas, que lhes sam conhecidas, bem como *Sariguê*, que é um animal quadrupede, *Arinhan*, galinha, *Arabutan*, páo-brazil, *Pindôba*, especie de arbusto grande, e outros similhantes.

§ 6. A alimentação das crianças consiste em certas farinhas mastigadas e carnes mui tenras, com o leite da mãe, a qual apenas demora-se no leito um ou dois dias. Depois coloca o filho pendente ao pescoço em uma cinta de pano de algodão expressamente feita para isso, e vae tratar da órta e de quaesquer outros negocios.

O que digo não é para derogar o costume das nossas damas, as quaes, por cauza dos máos ares do paiz, ficam na cama quazi sempre quinze dias ou trez semanas; e além d'isso na maior parte sam tam delicadas, que, sem padecerem molestia, que as impeça de amamentar os filhos, como fazem as mulheres americanas, sam tam dezumanas, que logo os entregam a pessoa estranha, mandando-os para longe, onde morrem sem que as mães o saibam, e si se criam, só os têem junto a si depois de grandezinhos, afim de lhes servirem de entretenimento.

Si algumas damas milindrozas julgarem, que as ofendo em comparal-as com as mulheres selvagens, cujo trato rural (dir-me-ão) em nada se iguala com os seos corpos franzinos e delicados, contentar-me-ei em adoçar esse amargor, enviando-as para a escola dos brutos animaes, os quaes, desde os passarinhos, lhes ensinam esta lição, que é ter cada especie o cuidado e o trabalho de criar a sua progenie.

Mas afim de prevenir as replicas, que poderiam opor, direi, que essas damas não serão mais delicadas do que o foi outr'ora certa rainha de França, a qual, impelida pela afeição maternal, como leio na istoria, ao saber que seo filho mamára em outra mulher, ficou tam enciumada que não

socegou emquanto não fez a criança vomitar o leite sugado de tetas diversas da de sua propria mãe.

§ 7. Ora voltando ao assunto declaro, que geralmente na Europa consideramos, que, si os meninos em sua fraqueza da primeira infancia não forem apertados e enfaxados, ficarão aleijados e terão pernas tortas ; cumpre porém dizer, que isso absolutamente se não verifica com os meninos dos nossos Americanos, pois desde o nacimento conservam-se em pé ou deitados sem enfaxamento, e todavia não é possivel vêr crianças caminhar e andar mais dezempenadas do que fazem os filhos dos selvagens, como tudo já tenho exposto.

Admitindo porém ser em parte cauza d'isto a benignidade e bôa temperatura do ar d'esse paiz, concordo, que no inverno convem termos ca os meninos enroupados, cobertos e bem apertados nos berços, porque do contrario não poderiam rezistir ao frio; mas no estio e nas estações temperadas, principalmente quando não gela, parece-me (todavia sob correção) pela experiencia que tenho, que melhor seria deixar os meninos dezembaraçados espernearem á vontade em leitos convenientemente feitos, donde não pudessem cair, do que tel-os constrangidos.

Com efeito penso, que muito prejudica a essas pequenas e tenras creaturas estarem durante grandes calores aquecidas e semi-assadas n'esses cueiros, onde as conservam como no inverno.

Todavia afim de que se não diga, que intrometo-me em muitas couzas, deixo aos paes, mães e amas, nossas patricias, governarem seos filhos, acrecentando ao que já dice dos meninos da America, que embora as mulheres d'esse paiz não tenham panos para limpar a trazeira dos filhos, nem sirvam-se de folhas de arvores e outras plantas, de que aliás têem grande abundancia, todavia sam tam pixozas, que sómente com pauzinhos quebrados em fórma de pequenas cavilhas os limpam com tanto aceio, que nunca os vereis emporcalhados.

Fazendo digressão sobre materia imunda, quero apenas dizer agora, que os meninos selvagens, quando crecem, ordinariamente mijam no meio das cazas, as quaes todavia não exalam fedor, por cauza dos fogos acendidos em varios

lugares e por serem areiadas : os escrementos os meninos vam deitar longe das cazas.

§ 8. Os selvagens cuidam de todos os filhos, que aliás sam numerozissimos. Não diremos, que entre os Brazilienses encontre-se um pae com 600 filhos, como vemos escrito de um rei das Molucas, que tivera esse numero de filhos ; o que reputamos sucesso prodigiozo.

Os filhos varões sam mais estimados do que as femeas por cauza da guerra ; pois entre os selvagens só omens combatem, e só eles têem especialmente a seo cargo a vingança contra os inimigos.

Agora si me perguntarem, que condição os selvagens conferem aos filhos e o que lhes ensinam,quando grandes, respondo, que nos capitulos 8,14 e 15,e em outros lugares d'esta istoria falei da sua indole,guerras e modo de comer os inimigos, e mostrei ao que aplicam-se ; por onde era facil julgar, que não possuem colegios nem outro meio de aprender as siencias onestas, e menos ainda as artes liberaes; por isso grandes e pequenos têem a ocupação ordinaria de caçadores e guerreiros, como verdadeiros successores de Lamech, Nemrod e Ezaú, e tambem a de matadores e comedores de gente.

§ 9. Continuando a falar do cazamento dos Tupinambás, tanto quanto o permite a decencía, afirmo em contrario do que outros imaginaram, que os omens guardam entre si a onestidade natural, nunca copulam publicamente com suas mulheres, e n'isto sam preferiveis a esse torpe filozofo cinico, que, apanhado no acto genezico, não envergonhou-se,dizendo que plantava um omem.Tambem sam inconparavelmente mais infames do que os selvagens esses bodes fedorentos, que nos nossos dias vemos não ocultar-se para praticar obsenidades.

Estanceamos n'esse paiz por espaço de quazi um anno, e n'esse tempo vizitamos frequentemente os selvagens, mas nunca divulgamos nas mulheres os sinaes da menstruação.

Penso, que elas os afastam e empregam modo de purgar-se diverso do das mulheres européas ; pois vi raparigas, na idade de doze e quatoze annos, cujas mães ou parentas as punham com os pés juntos sobre uma pedra

lioz, faziam incizões sangrentas com um dente de animal afiado como faca, desde o sovaco, decendo pelas costelas e côxas, até o joelho : de sorte que essas raparigas, com grandes dores, sangravam assim por certo espaço de tempo ; e penso, que logo em principio empregam este remedio para obviar, que se lhes vejam as impurezas, como fica dito.

Si os medicos, ou outros mais doutos do que eu em taes materias objétarem dizendo : — como poderemos combinar teres dito serem mui prolificas as mulheres cazadas, si, cessando a menstruação, não podem conceber nem procrear ; e si alegarem, digo, que taes couzas não podem acordar-se entre si, responderei, que não é minha intenção rezolver esta questão, nem adiantar aqui qualquer discussão.

§ 10. No fim do capitulo 8 refutei o que alguns individuos escreveram, e outros pensaram, sobre a nudez das mulheres e raparigas selvagens, crendo que nuas excitam mais os omens á concupicencia do que andando vestidas ; tambem ahi declarei outros pontos concernentes á alimentação, costumes, e maneira de viver dos meninos americanos : para suprir pois a falta de mais ampla dedução, que o leitor aqui dezeje n'esta materia, convem recorrer ao sobredito capitulo, si assim lhe aprouver.

CAPITULO XVIII

O que podemos xamar leis e policia entre os selvagens ; como tratam e recebem umanamente os amigos vizitantes ; prantos e festivos discursos das mulheres por ocazião da xegada e boa vinda dos vizitantes.

§ 1. Os selvagens com sua policia se mantêem e vivem com tanta paz e socego, que é couza quazi incrivel; e se não pode dizer sem cauzar vergonha a esses individuos, que consideram as leis divinas e umanas como simples meios de satisfação da sua indole, por mais corruta que seja.

Falo todavia de cada nação de persi, ou das que sam confederadas ; pois quanto aos inimigos, já vimos em lugar competente como sam mal tratados.

Si entretanto acontece alguns individuos brigarem (o que tam raro é, que, durante quazi um anno de assistencia entre eles, só duas vezes os vi debaterem-se), os outros não procuram separal-os, nem apazigual-os ; antes pelo contrario si os contendores buscam furar os olhos uns dos outros, os circunstantes os deixam agir sem dar palavra.

Todavia si alguem é ferido por outrem e o ofensor é prezo, recebe dos parentes proximos do ofendido igual ofensa no mesmo lugar do corpo ; e si segue-se morte ou si o ofendido morre imediatamente, os parentes do defunto tiram a vida ao assassino.

Assim para dizer tudo em uma palavra : é vida por vida, olho por olho, dente por dente etc. Isto porém sucede mui raramente entre os selvagens, como fica dito.

§ 2. Os imoveis d'este povo consistem em cazas, e em excelentes terras muito mais amplas do que as necessarias para sua subzistencia, como já dice. Em algumas aldeias moram na mesma caza 500 a 600 pessoas, e as vezes mais, ocupando cada familia lugar distinto para o marido com sua mulher e filhos, embora as cazas não tenham separações, que impeção de ver-se de uma a outra extremidade. Ordinariamente as cazas têem mais de 60 passos de comprimento.

Cumpre notar (couza singularissima n'esse povo), que os Brazilienses não persistem ordinariamente sinão cinco ou seis mezes em um lugar. Assim carregam grossos pedaços de madeira e grandes palmeiras de pindoba,* com que construem e cobrem as suas cazas, e repetidamento mudam de uns para outros lugares as aldeias, as quaes todavia conservam sempre os mesmos antigos nomes ; de maneira que ás vezes as axavamos afastadas um quarto ou meia legoa do ponto, onde antes estiveramos.

---

* O autor escreve :—*Pindo*.

Como pois os seos tabernaculos sam faceis de transportar, somos induzidos a crer, que não possuem palacios altaneiros, como alguem escreveo terem os indios do Perú cazas de madeira bem edificadas, com salas do comprimento de 150 passos e de largura de 80. Tambem devemos supor, que ninguem d'essa nação dos Tupinambás, de que falo, começa moradia ou edificio, que não possa vêr acabar, e vêr fazer e refazer mais de vinte vezes na sua vida, si por ventura xegar á idade viril.

§ 3. Si lhes perguntaes, porque tam frequentemente removem as suas moradias, não têem outra resposta sinão dizer, que, mudando de ares, passam melhor, e que, si fizessem o contrario do que fizeram seos avós, morreriam depressa.

A respeito de campos e terras, cada pai de familia tem tambem algumas geiras separadas, que escolhe ou quer para sua comodidade, e para fazer suas roças, e plantar mandioca e outras raizes; mas quanto á divizão de eranças e pleitos para firmar limites e separar terras, deixam esse cuidado aos erdeiros avarentos e demandistas cá da Europa.

§ 4. Quanto aos seos trastes, já em varios lugares d'esta istoria tenho dito quaes sam; mas para não deixar em esquecimento quanto sei pertencer á economia dos nossos selvagens, quero desde já declarar aqui o método observado pelas mulheres na fiação do algodão. Tambem declararei o modo de que se servem para fazer cordões e outras couzas e especialmente leitos de algodão (redes de dormir). Eis como procedem.

Depois de tirarem os cazulos, em que se cria o capuxo, o estendem com os dedos, sem aliás o cardar, como acima dice, descrevendo a planta produtora do algodão, e reunem em pequenos acervos junto de si, no xão ou sobre qualquer objeto; e porque não uzam de rocas, como as mulheres européas, o seo fuzo consiste em um páo redondo, da grossura de um dedo e do comprimento de quazi um pé, com um trinxo de madeira da mesma grossura n'ele atravessado: ligam o algodão na parte mais comprida do dito páo, e depois rodando-o nas côxas e soltando-o da mão, como fazem as fiandeiras com as maçarocas, volteando

assim esse rôlo como uma grande carrapeta no meio da caza ou em qualquer outro lugar, fórmam não só fios grosseiros para fazer leitos (redes), mas tambem fios delgadissimos e bem torcidos.

Trouxe eu para França uma porção d'esse fio, do qual mandei alcoxoar um gibão de pano branco, e todos que o viam o julgavam feito de brilhante sêda.

§ 5. Para fabricar os leitos de algodão, que os selvagens xamam *inis*, as mulheres têem teares de madeira, os quaes não são orizontaes, como os dos nossos tecelões, nem têem tantos machinismos, mas sam perpendiculares e levantados até a altura d'elas. Depois de urdirem a seo modo, começam a tecer as redes pela parte inferior do tear: umas sam á maneira de renda ou de redes de pescar, e outras de teçume apertado, como brim grosso. Estas redes sam pela maior parte do comprimento de quatro, cinco ou seis pés, e da largura de uma braça mais ou menos ; têem duas argolas ou dois punhos tambem feitos de algodão, nos quaes os selvagens atam cordas para amarral-as e suspendel-as no ar em páos fronteiros expressamente infincados para isso em suas cazas.

Quando vam á guerra ou andam em caçadas nos bosques, ou estam em pescarias á beira-mar, ou á margem dos rios, suspendem entre duas arvores as suas redes para dormir.

§ 6. E para dizer tudo sobre esta materia acrecentarei, que, quando esses leitos de algodão ficam sujos, ou pela fumaça dos fogos, que constantemente fazem nas cazas, onde estam suspensas, ou seja por outra qualquer cauza, as mulheres americanas colhem nos matos certo fruto silvestre da fórma da abobara liza, porém muito mais volumozo, de maneira que mal podemos trazer um na mão : depois o cortam em pedaços, maxucam na agua em qualquer vazilha de barro, batem com paozinhos, e formam tamanha quantidade de escuma, que lhes servem de sabão para lavar as redes, que ficam tam alvas como neve ou pano de pizoeiro.

No demais refiro-me aos que o experimentaram para dizerem, si taes leitos não dam comodo mais agradavel, do que as camas comuns, principalmente no verão, e si foi

sem razão, que eu dice na istoria de Sancerre ser em tempo de guerra muito mais facil suspender lençoes d'este modo no corpo das guardas para descanso de parte dos soldados, que dormem, emquanto outros velam, do que acostumal-os a espojar-se em cima de enxergões, nos quaes sujam os vestidos, enxem-se de piolhos, e quando levantam-se para fazer o serviço, têem as costelas magoadas pelas armas, que trazem sempre á cinta, como as tivemos estando sitiados n'essa cidade de Sancerre, onde por espaço de um anno, quazi sem intervalo algum, o inimigo não afastou-se das nossas portas.

§ 7. Darei agora o sumario dos outros trastes dos nossos americanos. As mulheres a quem incumbe todo o encargo do trabalho domestico, fabricam muitos potes e grandes vazilhas de barro para fazer e conservar a bebida do *cauim*, e tambem panelas redondas e ovaes, frigideiras medianas e pequenas, pratos e outra especie de vazo de barro, que não é bem liza por fóra, mas é tam perfeitamente polida no interior, e tam completamente vidrada com certo licor branco, que endurece, que não é possivel aos nossos oleiros de cá prepararem melhor as suas louças de barro.

Estas mulheres diluem certas tintas pardacentas idoneas para isso, e fazem com pinceis infinidade de pequenos enfeites, como ramagens, lavores eroticos, e outras galanterias no interior d'essas vazilhas de barro, principalmente n'aquelas em que guardam farinha e outros mantimentos, de sorte que sam servidos com aceio, e direi, mais decentemente do que os que por cá uzam de vazilhas de madeira.

E' verdade, que n'essas pinturas americanas nota-se um defeito, e é, que feito a pincel o que lhes vem á fantazia, si depois pedis a taes pintoras para fazer couza igual, não imitarão a primeira obra, porque não tem outro modelo, dezenho, nem lapis sinão o requinte do seo cerebro, que vagueia livre; por isso jámais vereis duas pinturas similhantes.

§ 8. Além d'isso, os nossos selvagens têem cabaças e outros frutos grossos e ôcos, de que fazem taças para beber xamadas *cuia*,* bem como outros pequenos vazos, de que

* O autor escreve:—*Coui*.

se servem para diversos uzos, como em outro lugar já mencionei: tambem possuem certa especie de grandes cestas e pequenas alcofas feitas e tecidas com muita delicadeza, umas de junco e outras de ervas flexiveis, como vime ou palha de trigo. A estas cestas ou alcofas xamam *panacuns*, e n'eles guardam farinha e outras couzas.

Quanto ás suas armas, vestuarios de penas, instrumento xamado *maracá* e outros utensilios, os não menciono aqui por brevidade, e porque já em outro lugar os descrevi.

Eis aqui as cazas dos nossos selvagens construidas e mobiliadas; é tempo agora de irmos vel-as como domicilio.

§ 9. Para tomar esta materia de mais alto, direi, que os nossos Tupinambás recebem mui benignamente os estrangeiros amigos, que os vam vizitar; todavia como os Francezes e outros conterraneos nossos não entendem a linguagem d'estes selvagens, ficam em principio absortos no meio d'eles.

Eu os vizitei pela primeira vez trez semanas depois da nossa xegada á ilha de Villegagnon, quando um trugimão levou-me comsigo a trez ou quatro aldeias da terra firme.

Xegamos á primeira aldeia xamada *Jaburaci** em linguagem indigena, e denominada *Pepin* pelos Francezes, em razão de um navio que ali outr'ora carregára, e cujo mestre tinha esse nome. Esta aldeia apenas distava duas legoas do nosso fortim, e quando ali entrei, vi-me repentinamente rodeado de selvagens, que me perguntavam: *Marapê-dererê, marapê-dererê*, isto é:—Como te xamas, como te xamas? E eu entendia d'isto tanto como do grego: nada comprehendia.

Finalmente um d'eles pegou no meo xapeo e poz na cabeça; outro agarrou na minha espada e cinto, e cingio no seo corpo nu; outro tirou-me o cazaco, e o vestio; todos, digo, aturdiam-me os ouvidos com enorme gritaria, e começaram a discorrer pela aldeia com os meos trajes, que julguei perdidos. No meio d'essa confuzão nem sabia onde estava.

---

* O autor escreve:—*Yabouraci*.

Este meo enleio porém provinha da ignorancia, em que me axava do seo modo de proceder, como depois por muitas vezes mostrou-me a experiencia ; pois praticando do mesmo modo com todos os vizitantes, e principalmente com aqueles a quem nunca viram, depois de terem-se divertido com os trastes alheios, os trazem e restituem tudo aos seos donos.

§ 11. O trugimão me advertira, que os selvagens dezejariam sobretudo saber o meo nome ; mas dizer-lhes *Pierre*, *Guillaume ou Jean*, seria inutil, pois não poderiam pronunciar nem reter na memoria taes nomes, como de fato, em vez de dizerem *Jean*, diziam *Nian*. Portanto era precizo sugeitar-me a nomear alguma couza, que eles conhecessem ; e vindo a proposito que o meo sobrenome *Leri* significasse ostra na linguagem dos selvagens, como me explicou o trugimão, eu lhes dice, que xamava-me *Leri ussú*, isto é, ostra grande.

Com isto mostraram se mui satisfeitos, e uzando da costumada exclamação *Teh!* começaram a rir, e diziam : — Na verdade eis um bonito nome, e ainda não tinhamos visto *Mair*, isto é, Francez, que assim se xamasse.

Em verdade posso com segurança dizer, que nunca Circe metamorfozeou um omem em ostra tam linda, nem descreteou tam acertadamente com Ulisses, como eu o fiz com os selvagens de então por diante.

E convêm notar, que têem tam bôa memoria, que apenas alguem lhe diz o seo nome, ainda quando passem cem annos sem vêr a pessoa, não o esquecerão jámais.

§ 11. Adiante referirei outras ceremonias, que observam na recepção dos amigos, que os vam vizitar. Mas por ora proseguirei na relação de parte das couzas notaveis acontecidas na minha primeira viagem entre os Tupinambás, dizendo que eu e o trugimão n'esse mesmo dia passamos adiante, e fomos dormir em outra aldeia xamada *Euramíri*, que os Francezes denominam Goset por cauza de um trugimão assim xamado e ali assistente.

Quando xegamos ao pôr do sol, axamos os selvagens dansando e acabando de beber *cauím* de um prizioneiro, que tinham morto, ainda não avia seis horas, cujos destroços vimos no moquem.

Não pergunteis, si com este inicio fiquei assombrado, vendo similhante tragedia ; todavia isto nada foi em comparação do medo, que logo depois sofri, como vereis.

Entramos n'uma caza d'esta aldeia, onde, conforme o costume da terra, sentamo-nos cada um em seo leito de algodão suspenso no ar. Depois as mulheres carpiram pelo modo porque logo direi, e o velho dono da caza fez a sua arenga pela nossa bôa vinda : então o trugimão, para quem esse procedimento dos selvagens não era novo, e que aliás tambem gostava de beber e *cauinar*, como os indigenas, sem dizer-me palavra, nem fazer-me advertencia alguma, seguio para a turba dos dansadores, e deixou-me ali em companhia de poucas pessoas. Como eu estava fatigado, e só dezejava descanso, depois de ter comido alguma farinha de raizes e outros mantimentos, que nos aprezentaram, inclinei-me, e deitei-me no leito de algodão, em que estava sentado.

§ 12. Mas por cauza da bulha que os selvagens, faziam aos meos ouvidos, dansando e assobiando toda a noite, emquanto comiam o prizioneiro, conservei-me vigilante ; entretanto um dos convivas trouxe na mão um pé da vitima assado e moqueado, aproximou-se de mim, perguntou-me si eu queria comer, como depois vim a saber, pois então não o entendia. Isto cauzou-me tal medo, que desnessario é indagar, si perdi toda a vontade de dormir.

Pensei com efeito, que esse acto de aprezentação da carne umana, que o selvagem comia, significava uma ameaça, pretendendo o mesmo selvagem dizer-me e dar-me a entender, que brevemente eu tambem seria preparado para o festim ; e como uma suspeita produz outra, suspeitei logo, que o trugimão por deliberada traição tinha-me abandonado e entregue nas mãos dos barbaros indigenas.

Si eu visse alguma abertura, por onde pudesse sair e escapulir dali, teria fugido. Vendo-me porém por todos os lados cercado por individuos, cujas intenções eu ignorava (pois não pensavam em fazer-me maleficio algum, como sabereis), acreditava firmemente e esperava ser brevemente comido ; por isso durante toda a noite invoquei a Deos com todo o fervor do meo coração. Deixo aos que

compreenderem bem o que eu digo, e colocarem-se em meo logar, que avaliem quam longa pareceo-me essa noite.

§ 13. Ora amanhecendo o dia, o trugimão, que em outras cazas da aldeia tinha por toda a noite patuscado com os galhofeiros selvagens, veio ter comigo, e vendo-me não só palido e desfigurado, como me dice, mas tambem quazi febril, perguntou-me, si estava incomodado, e si não tinha descançado bem ; ao que ainda estupefacto, como estava, respondi encolerizado, que longe estivera de dormir, e que ele era um máo omem por ter-me deixado no meio de gente, a quem eu não entendia ; e ainda xeio de sustos, pedi para sairmos dali sem demora alguma.

Dice-me ele então, que eu não tivesse medo, e que não era a nós que os selvagens apeteciam : depois relatou tudo aos selvagens, os quaes, satisfeitos com a minha bôa vinda, e por quererem agradar-me, não tinham-se arredado de junto de mim durante toda a noite.

Diceram, que não tinham por fórma alguma percecebido, que eu tivesse medo d'eles, e estavam penalizados do que me sucedera ; e como sam galhofeiros, dezataram em rizadas, considerando terem-me involuntariamente cauzado tamanha tribulação.

O trugimão e eu fomos dali a outras aldeias ; e contentando-me com referir, para exemplo, o que aconteceome na minha primeira viagem entre os selvagens, proseguirei em generalidades.

§ 14. As ceremonias, que os Tupinambás observam na recepção dos amigos, que os vam vizitar, sam estas :

Apenas o viajante xega á caza do *mussacá* (isto é, bom pae de familia, que dá comida aos passageiros), a quem escolheo como ospedeiro, senta-se em um leito de algodão suspenso no ar (rede), e ahi fica por algum tempo sem proferir palavra.

E' costume todo o vizitante escolher em cada aldeia um amigo, a cuja caza deve logo dirigir-se, sob pena de o descontentar.

Depois vêm as mulheres, rodeiam o leito, e acocoradas no xão com as mãos sobre os olhos, pranteam a boa vinda do ospede prezente, e dizem mil couzas em seo

louvor, como por exemplo : — Tomastes tanto trabalho para vir ver-nos. E's bom. E's valente.

E si é Francez ou qualquer outro estrangeiro europeo, acrecentaráõ : — Tu nos trouxestes couzas mui bonitas, que não temos cá n'esta terra.

Em suma estas mulheres, derramando grossas lagrimas, dirão muitas palavras similhantes de aplauzo e lizonja, como já referi.

Si o recem-vindo, que está no leito suspenso quer corresponder, mostra-se plangente ; si não quer devéras xorar ao menos dando suspiros, cumpre fingil-o : o que vi fazerem alguns dos da nossa nação, os quaes, ouvindo as lamurias d'essas mulheres selvagens junto d'eles, procuravam imital-as.

§ 15. Feita assim a primeira saudação festiva por essas mulheres americanas, o *mussacá*, isto é, o velho dono da caza, que,tambem por sua parte ocupado em fazer frexas ou outra qualquer couza (como vereis no dezenho junto) permanecerá por um quarto de óra sem parecer avistar-vos (carinho bem diverso das nossas mezuras, abraços, beijos, e apertos de mão na xegada dos amigos).

Depois dirige-se para vós e dirá antes de tudo :— *Erê jubê* ? isto é, vieste ? E depois :—Como estás ? O que dezejas ? etc.*

A isto cabe responder o que vereis no seguinte coloquio formulado em linguagem brazilica.

Feito isto, vos perguntará, si quereis comer. Si responderdes, que sim, mandará depressa aprontar e trazer em bonita vazilha de barro farinha da que comem em vez de pão, veações, aves, peixes e outras viandas, que tiver ; como porém os selvagens não têem mezas, bancos, nem cadeiras, o serviço far-se-á em xão razo diante de vossos pés.

Quanto á bebida, si quereis *cauim*, e o tem feito, vos dará tambem.

Depois de terem as mulheres pranteado junto ao viajante, lhe trarão frutas ou qualquer insignificante mimo de couzas da terra, afim de obterem pentes, espelhos ou missangas, que lhes damos para enfeitar os braços.

---

* O autor escreve —*Eré ioube*.

§ 16. Quando alguem quer dormir na aldeia, onde xega, o velho manda logo armar bonita rede branca; embora não faça frio n'esse paiz, manda tambem acender trez ou quatro pequenas fogueiras ao redor da rede, por cauza da umidade, e conforme o costume dos selvagens. Estas fogueiras durante a noite sam repetidas vezes acezas com pequenos abanos xamados *tatapecuá**, feitos á similhança das ventarolas com que as nossas damas anteparam o rosto junto ao fogo, afim de que o calor lhes não estrague as faces.

Tratando de policia dos selvagens, vim a falar do fogo, a que xamam *tata*, xamando a fumaça *tatatim*; por isso devo agora declarar a primoroza invenção por nós desconhecida, e por eles uzada, de fazerem fogo, quando lhes apraz; couza não menos maravilhoza do que a pedra de Escocia, que, conforme o testimunho do escritor das singularidades d'este paiz, tem a propriedade de inflamar a estopa ou a palha pelo simples contacto e sem artificio algum.

Sam mui amantes do fogo, e não param em lugar algum sem tel-o, principalmente de noite, quando temem extraordinariamente ser surprendidos pelo Anhanga, isto é, pelo espirito maligno, o qual, como alhures tenho dito, frequentemente os espanca e atormenta.

Quer andem em caçadas no mato, quer á margem dos rios e lagos nas ocaziões de pescaria, quer em excursões nos campos, não servem-se, como nós, da pedra e do fuzil, cujo uzo ignoram, mas possuem no seo paiz duas especies de madeira, uma das quaes é quazi tam mole, como si estivesse apodrecida, outra pelo contrario tam rija como a de que os nossos cozinheiros fazem lardeadeiras. Quando querem acender fogo, as empregam do seguinte modo.

§ 16. Depois de terem preparado e despontado como fuzo um páo d'esta ultima qualidade, do comprimento de quazi um pé, colocam a ponta no centro da outra peça de madeira, que dice ser muito mole, a qual deitam no xão, ou põem sobre um tronco ou trave grossa, depois rodam

---

* O autor escreve—*Tatapecoua*.

com rapidez o páo despontado entre as palmas das mãos, como si quizessem furar ou traspassar a peça inferior. Acontece, que com o violento e rapido movimento das duas peças de madeira, uma das quaes fica assim intrometida na outra, não só dezenvolve-se fumaça, mas tambem tal calor, que pondo-se ali algodão, ou folhas secas de arvores dividamente preparadas (como costumamos fazer com pano queimado ou qualquer outra isca para encostar ao fuzil) o fogo pega perfeitamente, e asseguro aos que me quizerem crer, que eu mesmo fiz fogo por esse modo.

Entretanto não quero com isso dizer e menos crer ou fazer crer o que alguem mencionou em seos escritos, a saber, que os selvagens da America, que sam os mesmos de que agora falo, secavam suas carnes ao fumo antes d'essa invenção de produzirem fogo.

§ 18. Como tenho por veracissima esta maxima de fizica convertida em proverbio, a saber, que não existe fogo sem fumaça, por isso considero não ser bom naturalista quem nos quer fazer crer, que existe fumaça sem fogo.

Falo da fumaça, que pode curar carnes, como aquela de que trata o indicado inventor ; e si ele queria falar dos vapores e exalações, embora lhe concedamos, que as aja calidas, todavia não poderiam secar a carne ou peixe, antes pelo contrario os tomaria enxarcados e umidos : a resposta pois será, que isso é zombar da gente.

E como este autor, na sua *Cosmografia*, bem como em outros lugares, queixa-se muito e repetidas vezes d'aqueles que não falam ao seo sabor das materias por eles expostas, e diz assim procederem por não lerem atentamente os seos escritos, rogo aos leitores, que notem bem a passagem escolastica, a que me refiro, da sua nova fumaça quente e granuloza, que envio ao seo cerebro vazio.

§ 19. Volto a falar do tratamento, com que os selvagens obzequiam aos seos vizitantes.

Depois que os ospedes bebem, comem, e descansam, ou dormem em suas cazas, pelo modo porque já expuz, si sam onrados, ordinariamente dam aos omens facas ou tezouras, ou pinças de arrancar barba ; ás mulheres dam pentes e espelhos, e aos meninos distribuem anzóes de pescaria.

Si afinal dezejam negociar viveres ou outras couzas, que os selvagens têem, perguntam quanto querem; e entregue o que é convencionado, podem levar o objéto procurado e retirar-se.

§ 20. E porque não existem cavalos, asnos nem outros animaes de carga n'esse paiz, como já dice, o modo ordinario de transporte é andar a pé, si os viandantes estrangeiros cansam, mostram uma faca, ou outra qualquer couza aos selvagens, e estes, dispostos a agradar aos seos amigos, oferecem-se para carregal-os.

Quando andei n'America alguns selvagens avia, que para nos carregarem metiam a cabeça entre as nossas coxas e nos suspendiam nos ombros, deixando as nossas pernas cahir-lhes sobre a barriga, e assim nos transportavam por mais de uma boa legua sem descansar.

E si por ventura algumas vezes os queriamos deter para descansarem, zombavam de nós, dizendo em sua linguagem: — Pois julgaes, que somos mulheres ou tam cobardes e fracos de animo que desfaleçámos debaixo do pezo? Um d'eles que trazia-me ao pesco, dice-me uma vez: — Eu te carregarei um dia inteiro sem parar. Por isso nós, montados n'essas cavalgaduras de dois pé, riamos ás gargalhadas, e vendo-os lestos com os aplauzos, fazer das tripas coração, como diz o rifão, lhes diziamos: Vamos, vamos.

§ 21. Quanto á caridade natural, os selvagens a exercitam, prezenteando-se diariamente uns aos outros, e distribuindo as veações, peixes, frutas, e outros bens, que possuem no seo paiz; e de tal modo prezam esta virtude, que um selvagem, para assim dizer, morrerá de vergonha, si visse o proximo ou o vizinho junto a si sofrer falta do que ele tem, uzando da mesma liberdade para com os estrangeiros, seos aliados, como experimentei.

Para exemplo d'isto referirei, que em certa ocazião dois Francezes e eu, transviados nos bosques, pensamos ser devorados por um grande e medonho lagarto, como referi no capitulo 10. Depois de andarmos perdidos por espaço de dois dias e uma noite e sofrermos muita fome, finalmente fomos ter a uma aldeia xamada *Pano*, onde outr'ora tinhamos estado, e ahi fomos recebidos pelos

selvagens d'esse lugar, com tal agazalho que melhor não era possivel.

Antes de tudo ouviram-nos contar os males, porque tinhamos passado, e o perigo em que nos axaramos, não só de ser devorados pelos animaes ferozes, mas tambem de ser agarrados e comidos pelos Maracajás, nossos inimigos e seos, de cujas terras, sem querermos, nos tinhamos assás aproximado; e por que, digo, no tranzito por lugar dezerto os espinhos nos tinham arranhado orrivelmente, os selvagens, vendo-nos em tal estado, demonstraram-nos tanta compaixão, quam longe estam da umanidade d'essa gente, que aliás denominamos barbara, as recepções formalisticas d'aqueles dentre nós, que para consolação dos aflitos apenas têem palavras vans.

§ 22. Passando aos fatos, trouxeram agua limpida, que foram buscar de propozito, e começaram (o que nos recordou o costume dos antigos) a lavar os pés e pernas de nós trez os Francezes, que estavamos cada um em rede separada. Logo que xegamoss mandaram os velhos trazer-nos comida, determinaram ás mulheres, que com toda a pressa fizessem farinha mole, que eu gostava de comer, como gósto do miolo de pão branco quente, como alhures dice. Vendo-nos refrigerados, serviram-nos então de muito bôa carne de veações, de aves, de peixes e de saborozas frutas, de que nunca sentem falta.

Quando sobreveio a tarde, o velho nosso ospedeiro mandou retirar todos os meninos de junto de nós, para descançarmos mais á vontade; e na seguinte manhan dice-nos: *Atono assats*, isto é, bom aliado, dormiste bem esta noite?

E sendo-lhe respondido que sim, e muito bem, dice ele: — Descançae mais, meos filhos, pois ontem á tarde bem vi, que estaveis muito cansados.

§ 23. Emfim é dificil expressar a bôa pitança, que nos foi então servida pelos selvagens, os quaes na verdade para dizer tudo em uma palavra, fizeram n'esta ocazião o que diz São Lucas nos *Actos dos Apostolos* terem os barbaros da ilha de Malta praticado com São Paulo e seos companheiros, depois de escapos do naufragio, de que ali se faz menção.

Ora, como não andavamos n'esse paiz sem trazer um saco de couro com mercadorias, que nos serviam como dinheiro para tratar com esse povo, ao partirmos dali damos o que nos aprouve, a saber, facas, tezouras, e pinças, aos bons velhos, pentes, espelhos, braceletes e missangas ás mulheres, e anzoes de pesca aos rapazes, como já muitas vezes tenho dito ser costume.

§ 24. Afim de melhor dar a entender quanto cazo fazem d'estas couzas, referirei, que, estando eu em certo dia n'uma aldeia, o meo *mussacá*, isto é, o individuo que me tinha recebido em sua caza, pedio- me para mostrar-lhe o que eu tinha no meo *caramemo*, isto é, saco de couro; depois do que mandou trazer uma grande e bonita vazilha de barro, na qual arranjei toda a minha fazenda. Admirou-se de vêr tudo isso, e xamando de repente todos os outros selvagens, dice: — Peço-vos, meos amigos, que considereis um pouco no personagem, que tenho em minha caza; pois si ele tantas riquezas tem, não devemos confessar, que é um grande senhor?

E entretanto rindo-me para um companheiro, que ali comigo estava, dice, que tudo isso, que o selvagem tanto apreciava, rezumia-se em cinco ou seis facas encabadas de diversas fórmas, outros tantos pentes, dois ou trez espelhos grandes, e outras miudezas, que nem dois tostões valeriam em Pariz.

Prezam eles sobretudo as pessoas liberaes, como já alhures tenho dito; e querendo eu ainda exaltar-me mais do que ele o fizera, dei-lhe publica e gratuitamente, perante todos os circunstantes, a maior e mais bonita das minhas facas; da qual fez ele tanto apreço, quanto em nossa França faria alguem, a quem se fizesse mimo de um trancelim de ouro do valor de 100 escudos.

§ 25. Si perguntardes agora mais alguma couza sobre vizitas aos selvagens da America, dos quaes prezentemente me ocupo, a saber, si estavamos seguros entre eles, respondo, que assim como odeiam mortalmente os seos inimigos, aos quaes, quando os agarram, matam e comem sem remissão, como sabeis, assim tambem amam tam vivasmente aos seos amigos e confederados, que, quando não têem motivos de desgosto, não duvidam deixar-se cortar

em cem mil pedaços para os defender. Eramos amigos e confederados dos Tupinambás; por tanto gozavamos de plena segurança no meio d'eles.

Fiava-me d'eles; e como os experimentei, considerava-me então mais seguro no meio d'esse povo, que apelidamos selvagem, do que me considerarei em varios lugares da nossa França com Francezes desleaes e degenerados: falo d'aqueles que sam taes, pois quanto á gente onesta, de que aliás o reino não está vazio, muito me pezaria de ofender o seo melindre.

§ 26. Todavia afim de dizer o *pro* e o *contra* do que conheci, vivendo entre os Americanos, relatarei ainda um fato com aparencias de supremo perigo, em que axei-me entre eles.

Em certo dia encontramos-nos inopinadamente seis Francezes na linda aldeia d'*Ocarantin*, da qual varias vezes tenho falado, distante dez ou doze legoas do nosso fortim, e rezolvemos ahi dormir. Dividimos-nos em duas partidas de trez e trez para adquirir galinhas da India, e outras couzas para a nossa ceia.

Aconteceo, que fui eu um dos extraviados, quando procurava aves na aldeia para comprar. Apareceo então um d'esses rapazes francezes, que em principio eu dice termos trazido no navio *Rosee* para aprender a lingua indigena, o qual permanecia n'essa aldeia, e dice-me:— Eis ali um bonito pato da India, matae, e ficareis quite pagando-o.

Não tive duvida em realizar o conselho; pois muitas vezes tinhamos morto galinhas em outras aldeias; com o que os selvagens se não zangavam, contentando-se com algumas facas. Depois apanhei o pato morto, e fui para uma caza, onde quazi todos os selvagens do lugar estavam reunidos para *cauinar*.

Perguntando ali de quem era o pato, afim de paga-lo, apareceo um velho, o qual com muito má carranca dice-me — E' meo! « O que queres que te dê pelo pato? dice eu. E ele respondeo: — Uma faca.

Quiz imediatamente dar uma faca; e quando a vio, dice:—Quero uma mais bonita». E sem replicar aprezentei outra; mas ele dice, que não queria esta.

O que queres pois, que te dê? dice eu. Uma foice »: dice ele.

Além de ser preço excessivo n'esse paiz, dar uma foice por um pato, acontecia, que eu ali não tinha tal instrumento ; por isso dice-lhe então, que se contentasse com a segunda faca aprezentada, pois outra couza não daria.

§ 27. Mas o trugimão, que melhor conhecia o seo modo de proceder (embora n'esta ocazião, como direi, enganou-se como eu) dice-me, que o indigena estava muito zangado, e que convinha, fosse como fosse, arranjar uma foice.

Pedi ao rapaz, de quem falei, uma foice emprestada, e quando a quiz dar ao selvagem, fez nova recuza, como d'antes recusara as duas facas ; de sorte que enfadando-me com isso, dice-lhe pela terceira vez :—O que queres pois de mim?

Ao que furiozo replicou, que queria matar-me, como eu matára o seo pato : pois (dice ele) como aquele pato fôra de seo irmão já falecido, o estimava mais do que todas as outras couzas, que possuia.

E com efeito o meo bronco interlocutor sahio e foi buscar uma espada, aliás clava de grossa madeira de cinco a seis pés de comprimento, e voltou rapidamente sobre mim, continuando sempre a dizer, que queria matar-me.

Quem pois ficou assombrado, fui eu : todavia como n'este gentio ninguem deve meter o rabo entre as pernas, como vulgarmente se diz, nem parecer mofino, convinha mostrar-me destemido.

O trugimão, que estava sentado n'uma rede de algodão entre mim e o brigador, advertia-me do que eu não entendia, e dice-me : — De espada em punho e arco e frexas na mão, significae-lhe, que tem de aver-se comvosco ; pois sois forte e valente, e não vos deixareis matar tam facilmente como ele pensa.

Em suma fazendo boa cara e máo jogo, como se costuma dizer, depois de muitos outros ditos. que trocamos eu e o selvagem, sem que os outros selvagens prezentes tratassem de acomodar-nos (conforme o que dice no principio d'este capitulo), o meo agressor, ebrio como estava

pelo *cauim* bebido durante todo o dia, foi dormir e cozinhar a bebedeira: e eu e o trugimão fomos cêar e comer o pato com os nossos companheiros, que nos esperavam na parte superior da aldeia, e ignoravam a nossa contenda.

§ 28. Ora, bem sabiam os Tupinambás, que já tinham os Portuguezes por inimigos como o exito o demonstrou, e que, si matassem um Francez, guerra irreconciliavel lhes seria declarada e ficariam para sempre privados das mercadorias; assim tudo quanto o meo contendor fizera fôra por mero gracejo.

Com efeito despertando quazi trez óras depois, mandou-me dizer por outro selvagem, que eu era seo filho, e que tudo quanto fizera comigo era sómente para experimentar-me e reconhecer por meo porte, si combateria bem contra os Portuguezes e os Maracajás, nossos inimigos comuns.

Por meo lado porém quiz tirar-lhe todo o motivo de repetir o mesmo fato comigo ou com qualquer outro dos nossos patricios, e significar-lhe não serem agradaveis taes brinquedos; por isso não só mandei dizer-lhe, que não queria saber d'ele, nem queria pae, que me experimentasse com espada na mão, mas tambem no dia seguiute entrei na caza, onde ele estava, e para dar-lhe melhor lição e mostrar, que similhante gracejo me dezagradava, dei facas e anzoes de pesca a todos os outros ali prezentes e o exclui da distribuição.

Podemos pois coligir, quer d'este exemplo, quer do outro já referido na minha primeira viagem entre os selvagens, quando por ignorancia dos costumes supuz axarme em perigo, que é sempre verdadeiro e certo tudo quanto afirmei da sua lealdade para com os amigos, a saber, que muito se molestam, quando lhes cauzam desgostos.

§ 29. Concluindo esta materia, acrecentarei, que os velhos sobretudo a quem nos tempos passados faltavam maxados, foices e facas, que agora axam tam convenientes para cortar madeiras, e fazer arcos e frexas, não só tratam mui bem os Francezes, que os vizitam, mas tambem exortam aos mancebos para praticarem o mesmo no futuro.

CAPITULO XIX

Como os selvagens tratam-se nas suas molestias; lugar das suas sepulturas e funeraes, e prantos levantados junto aos seos defuntos.

§ 1. Para concluzão do que tenho de dizer sobre os nossos selvagens da America, explicarei como procedem em suas molestias e nos seos ultimos dias, isto é, quando aproximam-se da morte natural.

Si acontece cair doente algum d'eles, depois de mostrar e fazer conhecer onde sente o mal, ou nos braços ou nas pernas, ou em qualquer outra parte do corpo, é esse lugar xupado com a boca por algum amigo, e algumas vezes por uma especie de embusteiros, que entre eles vivem com o nome de *pagé*, que equivale a barbeiro ou medico (diverso dos *carahibas*, de que falei, quando tratei de sua religião). Estes pagés fazem crer não só que lhes arrancam as molestias, mas tambem que lhes prolongam a vida.

§ 2. Além das febres e doenças dos nossos Americanos, a que não sam tam sujeitos, como nós o somos cá na Europa, em razão da benigna temperatura do paiz, conforme já referi, sofrem uma molestia incuravel xamada *pian*, a qual ordinariamente se adquire, e provem da lassivia; todavia observei meninos cobertos d'ela, como os vêmos por cá cobertos da variola.

Este contagio converte-se em pustulas mais grossas do que o dedo polegar, as quaes espalham-se por todo corpo e até pelo rosto. Os individuos, que as padecem, ficam com as marcas d'elas por todo a vida, como cá sucede aos galicados, e cancerozos em rezultado de torpezas e impudicicia.

Com efeito vi n'esse paiz um trugimão, natural de Rouen, que, tendo-se xafurdado em toda a sorte de obcenidades com as mulheres e raparigas selvagens, recebera tam amplo e bem merecido salario, que o seo corpo e rosto estavam cobertos e desfigurados por esses

pians, como si fôra verdadeiro leprozo, em quem as cicatrizes se imprimem por tal fórma que impossivel é jámais dezaparecerem : por isso esta molestia é a mais perigoza da terra do Brazil.

§ 3. Voltando ao meo primeiro propozito, direi, que os Americanos têm por costume, empregando nos doentes o tratamento da sucção da boca, nada darem a quem está no leito, si acazo não péde, ainda quando passasse um mez sem comer, e por mais grave que seja a doença os que estam bons de saude nem por isso deixam de beber, cabriolar, cantar, fazendo bulha em roda do mizero paciente; o qual por sua parte sabe, que nada lucraria agastando-se por isso, e antes quer ter atordoados os ouvidos do que proferir palavra alguma.

Todavia si acontece morrer o doente, e si este é bom pae de familia, converte-se a cantarola em subito pranto, fazem taes lamentações, que si nos axarmos em alguma aldeia, onde aja defunto, e ahi tenhamos de pernoitar, ninguem espere poder dormir durante a noite.

E' principalmente admiravel ouvir as mulheres, as quaes reunidas fazem lamentações e dialogos, gritando tanto e tam alto, que dirieis ser uivos de cães e de lobos.

Umas arrastando a voz dirão :—Morreo quem era tam valente e tantos prizioneiros nos deo a comer.

Outras rompendo no mesmo ton responderão : —Oh ! como era bom caçador e excelente pescador.

Dirá outra no meio d'elas :—Ah ! que bravo matador de Portuguezes e Maracajás, dos quaes tam galhardo nos vingava.

Assim no meio taes lamentações, excitam-se todas para levantar maior prantina, abraçando-se umas com outras pelas costas, como vereis no dezenho anexo ; e emquanto o cadaver está prezente não cessão de fazer longa ladainha dos seos louvores, expondo e relatando tudo quanto em vida o defunto dice e praticou.

§ 4. As mulheres de Bearn, conforme dizem, fazendo do vicio virtude no pranto que levantam em prezença do corpo dos maridos falecidos, cantam : —*La mi amon, la mi amon, cara rident, œil de splendon : cama*

leugé, bel dansandon : lo mé balen, lo m'es burbat : mati depes : fort tard au lheit.

Quer dizer : — Meo amor, meo amor, cara rizonha, olhos luzentes, perna ligeira, bom dansador, omem valente, meo madrugador, cedo de pé, tarde na cama.

E dizem alguns que as mulheres da Gascunha acrecentam,: — *Vere vere : ô le bet renegadon, ô le bet iongadon qu'here.*

O que significa : — Ah ! Ah ! que lindo arrenegado, e que lindo jogador era ele !

Assim fazem os nossos pobres Americanos, os quaes ao estribilho de cada estancia acrecentam sempre : — Morreo, morreo, aquele que agora carpimos.

E os omens respondendo, dizem : — Ah ! é verdade, não o veremos mais sinão quando formos para além das montanhas, onde, como nos ensinam os nossos carahibas, dansaremos com ele.

E a isto acrecentam muitas outras couzas.

§ 5. Ora, estas lamurias duram ordinariamente meio dia, pois quazi nunca conservam por mais tempo insepultos os cadaveres.

Depois de aberta a cova, não comprida, como sam as nossas, porém redonda e profunda como um tonel de vinho, curvam o corpo, logo depois do obito e amarram os braços rodeando as pernas, e o enterram quazi em pé.

Si o finado è algum velho estimado, como já dice, sepulta-se na propria caza, envolvido no seo leito de algodão (rêde), e com ele enterram colares, plumas e outros objétos, com que andava, quando vivia.

A este respeito poderiamos alegar muitos exemplos dos antigos, que uzavam couza similhante : assim Jozefo nos diz, que depozitaram-se certas couzas no tumulo de David ; e varios istoriadores profanos testificam a respeito de varios personagens, que depois de falecidos foram adornados com joias preciozissimas, que apodreceram com os cadaveres.

Para não irmos mais longe dos nossos Americanos direi, que os indios do Perú, terra contigua aos selvagens brazilienses, enterram com os seos reis e caciques grande quantidade de ouro e pedras preciozas, como atraz declarei.

§ 6. Muitos dos primeiros Espanhoes, que foram a esse paiz, ficaram riquissimos, buscando os despojos dos cadáveres nos tumulos e nas cavernas, onde os podiam encontrar.

De modo que bem podemos aplicar a estes avarentos o qui diz Plutarco da rainha Semiramis, que mandara gravar na pedra da sua sepultura, a saber, por fóra o seguinte (traduzido em francez):

Quiconque soit le roi de pecune indigent,
Ce tombeau ouvert prenne autant qu'il veut d'argent

Quem abrio o sepulcro pensava axar valioza preza, mas em vez d'isso vio dentro este letreiro:

Si tu n'estoit meschant insatiable d'or,
Jamais n'eusses fouillé des corps morts le thrésor

§ 7. Volto aos nossos Tupinambás, dizendo que depois que os Francezes se relacionaram com eles, já não enterram abitualmente com os seos defuntos couzas de valor, como dantes costumavam fazer; o que porém é muito peior, como ides ouvir, é manterem a mais extravagante superstição, que podemos imaginar.

Crêem firmemente, que si *Anhanga*, isto é, o diabo na sua linguagem, não axar outras viandas, preparadas junto á sepultura, dezenterrará e comerá o defunto; por isso não só na primeira noite depois de sepultado o cadaver, como fica dito, põem sobre a cova, grandes alguidares de barro xeios de farinha, aves, peixes e outras viandas bem assadas com a bebida xamada *cauim*, mas tambem continuavam a prestar este serviço verdadeiramente diabolico, emquanto o corpo não apodrece.

Do qual erro era-nos bem dificil advertil-os, porquanto os trugimões da Normandia, que nos tinham precedido n'esse paiz, imitando aos sacerdotes de Baal, de que fala a Escritura, tiravam de noite essas viandas excelentes; e assim os entretinham e confirmavam em tal crença de modo que, embora por experiencia mostrassemos, que as couzas ali depozitadas na vespera no dia seguinte ali permaneciam, apenas a mui poucos podemos persuadir o contrario.

§ 8. Assim podemos dizer, que este delirio dos selvagens não é mui diferente da insania dos rabinos, doutores judaicos, nem da vezania de Pauzanias.

Sustentam os rabinos, que o corpo morto fica em poder de um diabo, que eles xamam Zabel ou Azazel, o qual dizem ser denominado no Levitico principe do dezerto; e para confirmar este erro torcem a passagem da Escritura, onde se diz á serpente:—Tú comerás terra por todo o tempo da tua vida.

Dizem eles, que o nosso corpo é creado do limo e do pó da terra, que é a carne da serpente; por tanto fica-lhe sugeito até transformar-se em natureza espiritual.

Pauzanias tambem fala de outro diabo xamado Eurinomo, do qual diceram os interpretes dos Delfios, que devorava a carne dos mortos, e só deixava os ossos; o que em suma redunda no mesmo erro dos nossos Americanos, como acima dice.

§ 9. Finalmente já mostramos no capitulo precedente o modo pelo qual os selvagens renovam e transferem as suas aldeias de uns para outros lugares, e quanto ás sepulturas dos seos finados, eles colocam pequenas cobertura do arbusto xamado *pindoba*, e assim não só os tranzeuntes reconhecem esta fórma de cemiterio, mas tambem as mulheres, quando andam nos bosques e por ali passam, si se recordam dos finados maridos, fazem as costumadas xoradeiras, gritando de tal modo que sam ouvidas na distancia de meia legoa.

E como acompanhei os selvagens até o sepulchro, deixando as mulheres prantear até fartarem-se, rematarei aqui o discurso sobre o procedimento d'essa gente relativamente aos seos defuntos: todavia poderão os leitores ainda vêr alguma couza no seguinte coloquio, que compuz, no tempo em que estive na America, com o adjutorio de um trugimão, o qual bem o podia explicar, não só por ter ali estado sete ou oito annos e entender perfeitamente a linguagem da gente do paiz, mas tambem porque a tinha estudado proveitozamente, confrontando-a com o idioma grego, do qual, como os entendedores já terão podido observar, esta nação dos Tupinambás tem algumas palavras.

CAPITULO XX

Coloquio da entrada ou xegada na terra do Brazil entre a gente indigena xamada Tupinambás ou Tupiniquins em linguagem selvagem e franceza. *

§ 1. TUPINAMBÁ. *Eré-ioubé.* Vieste.

FRANCEZ : Sim, vim.

T. *Teh! auge-ny-po.* Muito bem.

T. *Mara-pe-dereré?* Como te xamas?

L. *Lery oussou.* Ostra grande.

T. *Ere-iacassopienc?* Deixaste teo paiz para vir morar aqui?

F. *Pa.* Sim.

T. *Eori deretani ouani repiac.* Vem ver o lugar, onde deves morar.

F. *Augé-bé.* Muito bem.

T. *I-endé-repiac? Aout i-euderépiac aouté ehérare.*

---

* As palavras indigenas vam escritas com a ortografia da pronunciação franceza. Si tivessemos de exprimir a pronuncia com a ortografia portugueza, fariamos alterações graficas, que desfigurariam o tipo original do autor.

Quem conhecer o idioma indigena verá, que muitos vocabulos estam estropiados pela pronuncia figurada pelo autor; e cada qual poderá restabelecel-os e escrevel-os conforme os escrevem os escritores nacionaes entendidos no mesmo idioma.

O autor escreve, por exemplo, *Arasatuve,* Kariauc, Tapiroussou, Toucouar-oussou-tuve, Tupen, os quaes entre nós escrevem-se : — *Araçatiba,* Carioca, Tapirussú, Taquarussutuba, Tupan, etc.

A reprezentação grafica da pronuncia dos vocabulos brazilicos entre os escritores patrios não é identica, e mostra quam diversamente percebiam a linguagem dos nossos indigenas os primeiros exploradores, que com eles se relacionaram e os ouviram falar. Não temos oje meio de verificar qual a verdadeira e exata pronunciação das palavras tupicas ou guaranis, porque já não temos quem as profira com a dição primitiva; pois faltam individuos que falem a lingua dos aborigines, como estes a falavam nos tempos do descobrimento do Brazil.

Não admira, que no idioma dos indigenas americanos encontremos variedade na escrituração das palavras, quando das linguas vivas nenhuma tem sistema uniforme de pronunciação e ortografia.

O testo francez correspondente ás palavras do dialogo acima vae vertido em portuguez. Quem dezejar conhecer o mesmo testo francez, o axará na obra original de João de Leri, que agora damos traduzida.

Teh! ouéreté kernois Lery-ousson yemèen! Ah pois veio para cá, meo filho, lembrando-se de nós.

T. *Eréron dé carameino?* Trouxeste as tuas caixas? Entendem por isto quaesquer outras vazilhas de guardar fato, que alguem possa ter.

F. *Pa arout.* Sim; eu as trouxe.

T. *Mobouy?* Quantas?

Poderemos por palavras exprimir quantas tivermos até o numero de 5, nomeando-as assim:

Augé-pé 1, *mocouein* 2, *mossaput* 3, *oiocondic* 4, *ecoinbo* 5.

Si tiveres duas, bastará nomear quatro ou cinco. Bastará dizer *mocouein* por trez e quatro.

Similhantemente si tens quatro dirás *oiocondic*.

E assim por diante; mas si passar o numero de 5, deves mostrar pelos teos dedos e pelos dedos das pessoas prezentes para completar o numero, que quizeres significar. Pois não têem outro modo de contar.

T. *Maé péréro t, de caramémo poupé?* Que couza trazes dentro das tuas caixas?

F. *A-aub.* Vestimentas.

T. *Mara-vaé?* De que qualidade ou côr?

F. *Sobouy-été*, azul. *Pirenc*, vermelho. *Ioup*, amarelo. *Son*, preto. *Sobouy-masson*, verde. *Pirienc*, de muitas côres. *Pagassou-aue*, rôxo. *Tin*, branco. E entende-se de camizas.

T. *Mae-pamo?* O que mais?

F. *A cang aubé-roupé.* Xapeos.

T. *Seta-pé?* Muitos?

F. *Icatoupané.* Tantos que não podemos contar.

T. *Ai-pogno?* E' tudo?

F. *Erimen.* Não, de modo nenhum.

T. *Esse non bat.* Nomeio tudo.

F. *Coromo.* Espera um pouco.

T. *Nein.* Ora, sus.

F. *Mocap* ou *mororocap.* Arma de fogo, como arcubús grande ou pequeno; pois *mocap* significa toda a especie de arma de fogo, quer canhões de navio, quer outros quaesquer.

Parece algumas vezes, que pronunciam *Bocap* (com *b*), e seria bom escrever esta palavra com *M B*.

Mocap-coui é polvora, ou póde fogo, e tambem falca, polvarinho, etc.

T. *Mara-vaé?* Quaes sam?

F. *Tapiroussou-alc.* Xifre de boi.

T. *Augé-gaton-tegué.* Muito bem dito.

Máe pé sepouyt rem? O que daremos por isto?

F. *Arouri.* Apenas os trouxe. Como si dicesse: Não tenho pressa em desfazer-me d'isto. Como dando a entender ser bom.

T. *Hé!* E' uma intergeição, que costumam proferir quando pensam no que se lhes diz, querendo replicar de bôa vontade. Todavia calam-se, afim de não parecerem importunos.

F. *Arrou itaygapen.* Trouxe espadas de ferro.

T. *Naoepiac-icho pené?* Não as verei?

F. *Bégoé irem.* Dia de descanso.

T. *Néréroupé guya-pat?* Não trouxestes inxós.

F. *Arrout.* Trouxe.

T. *Igatou-pé?* Sam bonitas?

F. *Guiapav-eté.* Sam inxós excelentes.

T. *Aua-pomoquem?* Quem as fez?

F. *Pagé ouassou remymogneu.* Quem as fez foi aquele que sabeis, que assim se xama?

T. *Augé-terah.* E faz muito bem.

T. *Acepiah mo men.* Ah! Eu as veria de bôa vontade.

F. *Karanmoussee.* Em outra ocazião.

T. *Tacépiah taugé.* Queria ver agora.

F. *Embereingué.* Espere ainda.

T. *Eréroupè itaxé amo.* Trouxestes facas?

F. *Aroureta.* Trouxe com abundancia.

T. *Cecouarantin vaé.* Sam facas de cabo fendido.

F. *En-eu non ivetin.* De cabo branco.

Ivèpép. Navalhas.

Taxe miri. Facas pequenas.

Pinda. Anzoes.

Montemonton. Facões.

Arroua. Espelhos.

Knap. Pentes.

Mourobouy eté. Colares ou braceletes azues.

Cepiah yponyéum. Não temos costume de vêr. Sam os mais bonitos que temos visto depois que começaram a vir cá.

T. *Easo ia-voh de caramcmo t'acepiah dè maè*. Abre a tua caixa para eu vêr as tuas fazendas.

F. *Aimossaénen*. Não posso. *Acepiah-ouca iren desne*. Mostrarei, quando eu vier aqui.

T. *Narour ichop' iremmae desnem?* Não te trago fazenda algumas vezes ?

§ 2. F. *Mae pererou potat*. O que queres trazer ?

T. *Sceh de*. Não sei, mas tu ?

Mae perei potat ? O que queres tu ?

F. *Soo*. Quadrupedes.

Ourá. Aves.

Pirá. Peixe.

Ouy. Farinha.

Ietio. Nabo.

Commenda-ouassou. Favas grandes.

Commenda-miri. Favas pequenas.

Morgonia-ouassou. Laranjas e limões.

Maé tironen. Todas ou muitas couzas.

T. *Mara-vaé soo ereiusceh*? De que qualidade de quadrupede queres comer ?

F. *Nacepiah que von gonacuré*. Não quero dos d'este paiz.

T. *Aa sienon desne*. Eu os nomearei.

F. *Nein*. Ora, la.

T. *Tapiroussou*. Animal assim chamado por eles, semi-asno, semi-vaca.

Seouassou. Especie de veado e corsa.

Taiassú. Javali do paiz.

Agouti. Animal avermelhado do tamanho de um bacorinho de trez semanas.

Pague. E' um animal do tamanho de um leitão de mez, raiado de branco e preto.

Tapiti. Especie de lebre.

F. *Esse non ooca y chesne*. Nomêe as aves.

T. *Iacou*. E' ave do tamanho do capão, similhante á galinha de Guiné, e da qual existem trez especies, a

saber: *iacoutin*, *iacoupem* e *iacou-ouassou*; sam de mui bom sabor, e tam apreciaveis como outras aves.

Moutou. Pavão selvagem, de que existem duas especies, pretos e pardos, tendo o corpo da grandeza do pavão europeo (ave rara).

Mocacouà. E' uma especie de perdiz grande, tendo corpo maior do que o capão.

Inambou-oassú. E' uma perdiz grande, do tamanho da acima nomeada.

Inambou. E' uma perdiz quazi do tamanho das nossas em França.

Pegassou. Rôla do paiz.

Paicacu. Outra especie de rôla menor.

§ 3. F. *Seta pepira senaé*? Existem muitos peixes bons?

T. *Nan*. Temos alguns.

Kurema. Barbo.

Parati. Especie de barbo.

Acara-oassou. Outro peixe grande assim xamado.

Acara-pep. Peixe xato ainda mais delicado, e assim xamado.

Acara-bouten. Outro peixe de côr trigueira e de menor tamanho.

Acara-miri. Peixe de tamanho mui pequeno, víve n'agua doce e é saborozo.

O*uara*. Peixe grande de bom sabor.

Kamouroupoui-ouassou. Certo peixe grande.

§ 4. F. *Mamo pe deretam*. Onde é tua caza?

T. Aqui o selvagem nomêa o logar da sua moradia: —*Kariauh*, *Ora-ouassou-onée*, *Iaueu-ur assic*, *Piracan i-o-pen*, *Eircisa*, *Itanen*, *Taracouir-apan*, *Sarapo-u*.

Sam estas as aldeias ao longo da praia entrando no rio de *Geneure* do lado da mão esquerda, declaradas por seo proprio nome; e não sei, que tenham tradução a significação d'estes nomes.

Keriú, *Acara-u*, *Kouroumouré*, *Ita ané*, *Ioirarouen*, que sam as praias do dito rio do lado da mão direita.

As maiores aldeias na terra firme, quer de um quer de outro lado, sam: *Taucouaroussou-tuve*, *Oca-rentin*, *Sapopem*, *Nouroucuve*, *Arasa-tuve*, *Usu-portuve*, e muitas

outras, de cuja gente teremos mais amplo conhecimento pelo trato d'ela, bem como poderiamos julgar dos pais de familia frustraneamente xamados reis, e moradores n'essas mesmas aldeias, si os conhecessemos.

F. *Mobouy-pé, tapicha gaton heuou* ? Quantas aldeias grandes existem por cá ?

T. *Seta-gue*. Existem muitas.

F. *Essenon auge pequoube ychesne*. Nomêa algumas.

T. *N'âu*. E' uma palavra para xamar a atenção da pessoa a quem queremos dizer alguma couza.

E apirau i-ioup. E' nome dado a um omem, com a cabeça semi-calva, e que quazi não tem cabelos ; careca.

F. *Mamo-pè se tam* ? Onde é sua caza ?

T. *Kariauh-bé*. Na aldeia assim denominada ou xamada, que é nome de um pequeno rio, de que a aldeia tira a sua denominação, em razão de estar situada mui perto d'ele, e signfica caza dos *Karios*, composto de *Karios* e *auq*, que significa caza, e tirando *os* e acrecentando *auq* fará *Kariauh*. *Bé* é artigo do ablativo, que significa o lugar, pelo qual se pergunta e para onde se vae ou se quer ir.

Mosseu y gerre. Significa guardador de remedio; ou a quem pertence o remedio ; e uzam d'essa expressão, quando querem xamar uma mulher feiticeira, ou que está possessa do espirito máo ; pois *mosseu* é remedio ; e *gerra* é pertenças.

T. *Ourauh-oussou au areutin*: grande penaxo da aldeia xamada Desestorts.

F. *Tau-couar-oussac-tuve gonare*, etc. N'essa aldeia existe um lugar, onde tiram-se bambus mui grossos.

T. *Ouacau*: principal d'esse lugar, isto é, seo cabeça.

Souar-oussou: isto é, folha que cae da arvore.

Morgonia-ouassou : assim xama-se um limão grande ou laranja.

Mae-du: que está xamuscado pelo fogo de alguma couza.

Maraca-ouassou: campainha grande ou sino.

Mae-uocep : couza que vae saindo da terra ou de qualquer lugar.

Karianpiare: caminho para ir aos Karios.

Sam estes os nomes dos principaes do rio de *Geneure* e dos seos arredores.

§ 5. T. *Che ropup-gatou, derour ari.* Estou muito contente por teres vindo.

Nein tereico, pai Nicolas irou. Ora, fale com o senhór Nicoláo.

Nere roupe déré miceco? Não trouxeste tua mulher?

F. *Arrout iran chereco angernie.* Eu a trarei, quando os meos negocios estiverem arranjados.

T. *Marapè d'érécoran?* O que tens de fazer?

F. *Cher auc-ouam.* Minha caza póde ficar.

Mara-vae-auc? Que especie de caza?

F. *Seth, daè ehèréco-rem couap rengue.* Não sei ainda o que devo fazer.

T. *Nèin tèreie ouap dèrècorem.* Ora pois, pensa no que tens de fazer.

F. *Peretan repiac-iree.* Depois que eu tiver visto vosso paiz e vossa moradia.

T. *Nereico-icho-pe deauen a irom?* Não te averás com a tua gente, isto é, os do teo paiz?

F. *Marà amo-pè?* Porque perguntas?

T. *Aipo-gué.* Direi a razão.

Che pontoupagué-déri. Estou assim incomodado, como dizendo: Bem queria saber.

F. *Nèn pé amotareum pè orèroubicheh?* Não aborreceis o nosso principal, isto é, o nosso velho?

T. *Erymen.* De modo nenhum.

Séré cogaton pouy eùm-eié mo. Si não fosse couza de que se devesse acatar; dever-se-ia dizer:

Sécouaè aponan-é engatouresme y potèré cogaton. E' costume de bom pai respeitar o que ama.

§ 6. T. *Neresco-icho pirem-ouarini?* Não irás á guerra futura.

F. *Asso irénué.* Irei para o futuro.

Marapé peronagérè? Que nome têem os vossos inimigos?

T. *Touaiat* ou *Margaiat.* E' uma nação, que fala como os Tupinambas, e com os quaes os Portuguezes se relacionam.

Ouétaca. Sam verdadeiros selvagens, que vivem entre o rio de Macahé e da Parahiba.*

Ouéauem. Sam selvagens, ainda mais barbaros, que vivem nos bosques e nas montanhas.

Caraia. Sam gentios de mais nobre aspecto e mais abastados de bens, quer em viveres quer em outros generos, do que os supra nomeados.

Karios. Sam outros gentios, que abitam além dos *Tonaire*, para o lado do Rio da Prata, os quaes usam de mesma linguagem que os *Touòup*. *Toupinenquin*.

Existe diferença na linguagem da terra entre as nações acima nomeadas.

Toüoupinambaoults, Toupinenquin, Touaiaire, Teureuminon e Karios falam a mesma linguagem, ou pelo menos pouca diferença existe entre eles tanto nas expressões como no mais.

Os Karaias têem outras expressões, e diverso modo de falar.

Os Ouetacas diferem quer na linguagem quer nos vocabulos de uma e outra parte.

Os Oneanens tambem uzam de expressões diversas e de outro modo de falar.

§ 7. T. *Teh oivac poeireca a' paau ué, iendésné*. A gente busca a um e outro para o nosso bem.

Esta palavra *iendésné* é um dual, de que os Gregos uzam, quando falam de duas couzas. Todavia aqui é tomado por esse modo de falar.

Ty ierobah apoau ari. Ficamos ufanos da gente que nos busca.

Apoan ae mae gevre, iendesne. Essa gente existe para nosso bem. E' quem nos dá dos seos bens.

Ty réco-gaton indesne. Defendamos bem, e a tratemos de modo que ela esteja contente comnosco.

Iporenc eté-amreco iendesne. Eis uma couza bonita, que se nos oferece.

Ty maran gaton apoau-apé. Sejamos por este povo aqui.

---

* O autor escreve:—*Maoh-hé* e *Parai*.

Ty momouron, mé mac gerre iendesne. Não façamos injuria a pessoas que nos dam dos seos bens.

Ty poih apoaué iendesne. Damos-lhes bens para viver.

Ty porraca apoaué. Trabalhemos para fazer prezas para eles.

Esta palavra *yporraca* é especialmente empregada nas pescarias; mas uzam d'ela em qualquer outro artificio de apanhar quadrupedes ou aves.

Tyrrout maé tyronam ani apè. Tragamos todas as couzas que podermos aver.

Ty re com remoich-meiendé-maé recoussaué. Não tratemos mal aqueles que nos trazem seos bens.

Pe-poironc auu-mecharaire-oueh. Não sejaes máos, meos filhos.

Ta pere coihmaé. Afim de que tenhaes bens.

Toerecoih perairé amo. E vossos filhos tenham.

Ny recoih ienderamouyn maè ponaire. Não temos bens de nossos avós.

Opap cheramouyn maè ponaire aitih. Desperdicei tudo quanto meo avô me deixou.

Apoan maè ry oi ierobiah. Fico ufano com os bens que essa gente me traz.

Ienderamouyn remiè piac potategue aouaire. Isto quereriam nossos avós ter visto, mas nunca viram.

Teh! oip ot arhètè ienderamouyn recohiare ete iendesme. Ora, tudo vae bem; e coube-nos melhor sorte do que a nossos avós.

Iende porrau oussou vocare. Isto nos tira a tristeza.

Iende-co ouassou gerre. Quem nos faz ter grandes ortas (roças).

En sassi piram, ienderè memy non apê. Não faz mal ás nossas criancinhas, quando as tonsuramos.

Entendo esse diminutivo creancinhas como filhos dos nossos filhos.

Tyre coih apouan, ienderoua gerre-ari. Levemos estes comnosco contra os nossos inimigos.

Toere coih mocop ò mae-ae. E tenham arcabuzes, que vieram com eles.

Mara-mo senten goton-enin amo? Porque não serão fortes?

Meme-tae morerobiarem. E' uma nação, que não tem medo.

Ty senenc aponau, maram iende iron. Experimentemos a sua força estando comnosco.

Meure-tae moreroar roupiare. Sam eles que destroçam os que vencem os outros, a saber, os Portuguezes.

Agne he oueh. Como se dicessem : E' verdade tudo o que digo.

Nein-tyamoneta iendere cassoriri. Conversemos com aqueles que nos procuram.

Querem os selvagens falar de nós em bom sentido, como a fraze o inculca.

F. *Nein-che atam-assaire.* Ora pois, meo aliado.

Sobre este ponto porem cumpre notar, que as palavras *atour-assap* e *coton-assap* diferem de sentido ; pois a primeira expressão significa perfeita aliança entre si e entre eles e nós, de que rezulta serem comuns os bens entre uns e outros.

Todavia os dezignados pela primeira expresão não podem receber a filha nem a irman do seo aliado. O segundo modo de exprimir a aliança consiste n'um meio passageiro de xamarem-se uns aos outros por nomes diversos dos nomes proprios, como: minha perna, meo olho, minha orelha, e outros similhantes.

§ 8. T. *Maé resse iende moneta?* De que falaremos nós?

F. *Séeh mae tirouen resse.* De muitas e diversas couzas.

T. *Mara-pieu y vah reré?* Como se xama o céo?

F. Céo.

T. *Cyh-rengne tassenouh maetironen desne.*

F. *Auge-bè.* E' bem dito.

T. *Mac.* Céo.

Couarassi. Sol.

Iasce. Lua.

Iassi tata ouassou. A grande estrela da manhan e da tarde, que comumente xamamos Lucifer.

Iassi-tata-miri. Sam todas as demais estrelas pequenas.

Uboụy. E' a Terra.
Paranan. O mar.
Uh-été. E' agua doce.
Uh-een. Agua salgada.
Uh-een buhe. Agua que os marinheiros mais frequentemente xamam *sommaque*.

Ita é propriamente tomado por pedra, e tambem por toda a especie de metal e fundamento de edificio, como *aoh-ita*, pilar da caza.
Iapurr-ita. Frente de caza.
Iura-ita. Traves grossas da caza.
Igourahon y bouirah. Toda a especie e qualidade de madeira.

Ourapat. Arco. Embora seja nome composto de *ybouirah*, que significa madeira, e *apat*, que significa ganxo, ou parte, todavia pronunciam *orapat* por sincope.
Arre. Ar.
Arraip. Máos ares.
Amen. Xuva.
Amen-poyton. Tempo disposto e prestes a xuver.
Toupen. Trovão.
Toupen-verap. E' o relampago que o precede.
Ibuoytin. Nuvens, ou nevoeiro.
Ibue-tare. Montanhas.
Guum. Campos ou terra plana, onde não existem montanhas.

Taue. Aldeias.
Auc. Caza.
Uh-ecouap. Rio ou agua corrente.
Uh-paon. Ilha cercada d'agua.
Kaa. E' toda a especie de mato e floresta.
Kaa-paon. E' um bosque no meio de um campo.
Kaa onau. Couza creada nos bosques.
Kaa gerre. E' um espirito maligno, que constantemente os prejudica nos seos negocios.

Igat. Barquinha de casca de páo, com capacidade para conter 30 ou 40 omens de guerra.
Tambem toma-se por embarcação, a que xamam *Yguerossou*.

Puissa-ouassou. E' uma bolsa para apanhar peixe.

Inguea. E' uma canoa grande para apanhar peixe.

Inquei, diminutivo. Canoa que serve, quando as aguas transbordam do seo curso.

Nomognot maè tasse nom dessue. Não noméa outras couzas.

§ 9. *Emourbeon deretam ichesne*: Fala-me do teo paiz e da tua moradia.

F. *Augé-bé derengueé pourendoup*. E' bem dito: inquire primeiramente.

T. *Ia-eh mèrape deretani-ere*. Concordo n'isto. Que nome tem o teo paiz e a tua moradia?

F. *Rouen*; assim xama-se a minha cidade.

T. *Tan-ouscou-pe-ouim?* E' aldeia grande?

Os selvagens não fazem diferança entre cidade e aldeia em razão do seo costume, pois não possuem cidades.

F. *Pa*. Sim.

T. *Moboü-pe-reroupichah-gatou?* Quantos senhores tendes?

F. *Auge-pé*. Um somente.

T. *Marape-sere:* Como se xama?

F. Enrique.

Foi no tempo do rei Enrique Segundo, que fizemos esta viagem.

T. *Tere-porrem*. Eis um nome bonito.

Mara-pe peron pichau-eta-enin? Porque não tendes muitos senhores?

F. *Moroéré chih-gué*. Não temos mais de um.

Ore ramouin-aué. Desde o tempo dos nossos avós.

T. *Mara pieuc-pee?* Quem sois vos outros?

F. *Oroicogné*. Estamos contentes assim.

Oree-maè gerre. Nos somos os que temos riquezas.

T. *Epé noeré-coih*? *peronpichah-maè*? E vosso principe tem muita riqueza?

F. *Oerecoig*. Tem muita, muita:

Oree-mae-gerre-ahepé. Tudo o que temos está debaixo de suas ordens.

T. *Oraini-pe ogèpé?* Vai á guerra?

F. *Pa*. Sim.

T. *Mobouy-tane-pe-ionca ny maé* ? Quantas cidades ou aldeias tendes?

F. *Seta-gaton.* Tantas que não posso dizer.

T. *Nirèsce mouih-icho-pene* ? Não as nomearás?

F. *Ipoicopouy.* Seria mui longo, ou prolixo.

T. *Iporrenc-pe-peretani* ? O lugar, d'onde sois, é bonito?

F. *Iporren-gaton.* E' muito bonito.

T. *Eugaya-pe-per-auce* ? Vossas cazas sam assim? Isto é, como as nossas.

F. *Oicoe gaton.* Tem muita diferença.

F. *Mara-vae*? Como sam?

F. *Ita-gepe.* Sam todas de pedra.

F. *Youroussou-pe* ? Sam grandes?

F. *Touroussou-gatou* ? Sam muito grandes?

F. *Vaton-gaton-pé* ? Sam muito grandes? A saber, altas.

F. *Mahono.* Muito.

Esta palavra exprime mais do que *muito*, pois a empregam na significação de couza maravilhoza.

T. *Eugaya-pe-pet aut ynim* ? O interior é assim? a saber, como das d'eles.

T. *Erymen.* De modo nenhum.

§ 10. T. *Esce non de rete renondau eta ichesne.* Nomêa as couzas pertencentes ao corpo.

F. *Escendu.* Escuta.

T. *Yeh*! Estou pronto.

F. *Che-acan.* Minha cabeça.
Dea-can. Tua cabeça.
Y-acan. Sua cabeça.
Ore-acan. Nossa cabeça.
Pé-acan. Vossa cabeça.
Anat-can. Suas cabeças.

Para melhor compreender de passagem estes pronomes declarei sómente as pessoas quer do singular quer do plural.

Primeiramente *che* é a primeira pessoa do singular, que serve em todos os modos de falar quer primitivos, quer derivados, possessivos ou não. E as outras pessoas tambem.

Chè-anè. Minha cabeça, ou meos cabelos.
Chè-vona. Meo rosto,
Chè-membi. Minhas orelhas.
Chè-sshua. Minha testa.
Chè-ressa. Meos olhos.
Chè-tin. Meo nariz.
Chè-iourou. Minha boca.
Chè-retoupané. Minhas faces
Chè-redmina. Meo queixo.
Chè-redmina-ané. Minha barba.
Chè-ape-con. Minha lingua.
Chè-ram. Meos dentes.
Chè-aiouré. Meo colo, ou minha garganta.
Chè-poca. Meos peitos.
Chè-rocapé. Minha dianteira em geral.
Chè-atouconpé. Minhas costas.
Chè-pouy-assoo. Meo espinhaço.
Chè-rousbouy. Meos rins.
Chè-reniré. Minhas nadegas.
Chè-innanpouy. Meos ombros.
Chè-inna. Meos braços.
Chè-papouy. Meo punho.
Chè-po. Minha mão.
Chè-ponen. Meos dedos.
Chè-puyac. Meo estomago, ou figado.
Chè-reguie. Meo ventre.
Chè-pourou-assen. Meo umbigo.
Chè-cam. Minhas mamas.
Chè-oup. Minhas côxas.
Chè-roduponam. Meos joelhos.
Chè-porace. Meos cotovelos.
Chè-redemen. Minhas pernas.
Chè-pouy Meos pés.
Chè-pussempé. As unhas dos meos pés.
Chè-ponampe. As unhas das minhas mãos.
Chè-gui eneg. Meo coração e pulmão.
Chè-eucg. Minha alma, ou meo pensamento.
Chè-eucg-gouere. Minha alma, depois de sahida do corpo.

Nomes das partes do corpo, que por decencia se não declaram. *Cheren-couen*, *chè-rementien*, *chè-rapoupit*.

Por brevidade não darei mais explicações.

E' de notar, que não deveremos nomear a maior parte das couzas, quer as já escritas, quer outras, sem acrecentar o pronome, tanto na primeira como na segunda e terceira pessoa, tanto no singular como no plural.

E para melhor compreensão apontarei separatim :

Singular : *Chè*, eu. *Dè*, tu. *Ahé*, ele.

Plural : *Oree*, nós. *Pêe*, vós. *Au-aé*, eles.

Quanto á terceira pessoa *ahè* é masculino, e para o feminino e neutro emprega-se *aé* sem aspiração.

E no plural *au-aé* serve para os dois generos, tanto masculino como feminino, e por consequencia póde ser comun.

§ 11. Couzas pertencentes ao arranjo domestico e á cozinha :

Emi redu tata. Acende o fogo.

Emo-goep-tata. Apaga o fogo.

Erout-che-rata-rem. Traga com que acender o meo fogo.

Emogip-pira. Vae cozinhar o peixe.

Essessit. Assa-o.

Emoui. Aferventa-o.

Fa vecu ouy amo. Fáze farinha.

Emogip caouin-amo. Faze o vinho ou potagem assim xamada.

Coein-upé. Vai á fonte.

Erout vichesne. Traze-me agua.

Chè-renni-auge-pe. Dá-me de beber.

Guere me che-renuyon-recoap. Vem dar-me de comer.

Taie poch. Eu lavo ao minhas mãos.

Tae-iourouh-eh. Eu lavo a minha boca.

Chè-embouassi. Tenho fome.

Nam chè iouron-eh. Não tenho vontade de comer.

Ehe-usseh. Tenho sede.

Che-reaic. Tenho calor; eu suo.

Che-rou. Tenho frio.

Che-racoup. Estou com febre,

Che-carouc-assi. Estou triste. Embora *carouc* signifique vespera ou tarde.

Aicotene. Estou incomodado, por qualquer negocio que seja.

Chè porora oussoup. Sou tratado incomodamente, ou sou mizeravelmente tratado.

Chèroemp. Estou alegre.

Aicome mouoh. Sou objéto de zombaria, ou zombam de mim.

Aico-gaton. Estou a meo gosto.

Chè-remiac-oussou. Meo escravo.

Chère miboye. Meo servo.

Chè-roiac. Aqueles que estam abaixo de mim, sam para me servir.

Chè pora cassare. Meos pescadores de peixes e de mariscos.

Chè-maé. Meos bens, minhas mercadorias, alfaias, ou qualquer couza que me pertença.

Chè-remig-mognen. E do meo gosto.

Chèrere-couarré. Minha guarda.

Chè-roubichac. Aquele que é maior do que eu. Aqueles a quem xamamos rei, duque ou principe.

Moussacat. E' o pai de familia, que é bom e dá de comer aos viandantes, quer estrangeiros quer patricios.

Querre-muhau. Poderozo na guerra e valente em praticar façanhas.

Teuten. O que é forte em aparencia na guerra ou fóra d'ela.

§ 12. Da parentela:

Chè roup. Meo pai.

Chè-requeyt. Meo irmão mais velho.

Chè-rebure. Meo filho mais moço, caçula.

Chè-renadire. Minha irman.

Chè-rure. Filho de minha irman, sobrinho.

Chè-aiché. Minha tia.

Ai, mãe. Tambem se diz *chè-fi,* minha mãi, e mais frequentemente falando d'ela.

Chè-süt. Companheira de minha mãi, que é mulher de meo pai, como minha mãi.

Chè-raut. Minha filha.

Chè-reme mynon. Filhos de meos filhos e de minhas filhas, netos.

Convem notar, que vulgarmente tratam o tio por pai, e similhantemente o pai xama a seos sobrinhos e sobrinhas meo filho e minha filha.

§ 13. A palavra que na nossa lingua os gramaticos qualificam e xamam verbo, na lingua brazilica é *guengane*, que equivale a locução ou modo de falar. E para melhor inteligencia aprezentarei alguns exemplos.

Primeiramente. Singular indicativo ou demonstrativo *aico*, eu sou; *ereico*, tu és ; *oico*, ele é.

Plural: *Oroico*, nós somos; *peico*, vos sois; *aurae-ico*, eles sam.

A terceira pessoa do singular e do plural sam similhantes, mas no plural acrecenta-se *au ae*, pronome que significa *eles*, como é claro.

No tempo passado imperfeito, e não inteiramente transacto, pois póde ainda ser o que então era, o singular rezolve-se pelo adverbio *aquoémé*, isto é, n'esse tempo.

Assim : *aico aquoémé*, eu era então; *ereico-aquoémé,* tu eras então ; *oico-aquoèmé*, ele era então.

Plural imperfeito: *Oroico-aquoémé*, nós eramos então; *peico-aquoémé*, vós ereis então; *auraé-oico-aquoémé*, eles eram então.

Quanto ao tempo perfeitamente passado, e totalmente tranzacto. Singular: toma-se o verbo *oico* como antes, e se acrecentará o adverbio *aquoé-memé*, que equivale ao tempo findo e perfeitamente passado sem mais esperança de sermos do modo porque eramos ao tempo da ação.

Exemplo: *Assavoussou-gaton-aquoé mené:* Eu amei perfeitamente n'esse tempo ; *quovénen-gaton-tegné*, mas agora absolutamente não. Como antes ele devia ligar-se á minha amizade durante o tempo em que lhe tinha amizade. Pois ninguem pode voltar a ela.

Quanto ao tempo vindouro que xamamos futuro : *aico iren*, eu serei no porvir.

E assim indo por diante as outras pessoas tanto no singular como no plural.

Quanto ao determinativo, que se xama imperativo: *oico*, sê tu; *toico*, seja ele ; *toroico*, sejamos nós ; *tapeico*, sêde vós; *aurae-toico,* sejam eles.

E quanto ao futuro, basta acrecentar *iren;* como já

fica explicado; e quanto ao prezente do imperativo, convem dizer *tangé*, que equivale a agora, atualmente.

Quanto á simpatia e afeição que temos a alguma couza, a que xamamos optativo : *Aico-mo men*, oh ! quam bem estaria eu. E segue como já fica dito.

Quanto á couza que pretendemos juntar, e xamamos conjuntivo, rezolve-se com o adverbio *iron*, que significa aquilo que dezejamos juntar. Exemplo : *Taïco de iron*, eu seja comtigo. E assim nos cazos similhantes.

O participio é tirado do verbo : *chè recoruré*, estando eu. Este participio não póde ser bem entendido só, sem se lhe acrecentar no singalar o pronome *ahe* e *aé* ; e similhantemente no plural é *ore*, *peè*, *au*, *aé*.

O tempo indefinido d'este verbo póde ser tomado por infinitivo ; mas quazi nunca uzam d'ele.

Conjugação do verbo *aiout*. Exemplo do indicativo ou demonstrativo no tempo prezente. Na nossa lingua franceza é duplo, e assim tem fórma diversa para exprimir o prezente do passado.

Numero singular : *Aiout*, eu venho, ou eu vim ; *ereiout*, tu vens, ou tu vieste ; *oout*, ele vem, ou ele veio.

Numero plural : *Ore iout*, vos vindes, ou viesteis ; *au ae o out*, eles vêem, ou eles vieram.

Quanto aos demais tempos, deve se tomar sómente os adverbios acima declarados ; pois nenhum verbo se conjuga por outra fórma, que se não rezolva por um adverbio, tanto no preterito, prezente, imperfeito, e plusquamperfeito indefinido, como no futuro ou tempo vindouro.

Exemplo do preterito imperfeito, que não está totalmente acabado : *Aiout agnomène*, eu vinha então.

Exemplo do preterito perfeito, e totalmente acabado : *Aiout agnoèmènè*, eu vim, ou tinha vindo, ou fui vindo n'esse tempo. *Aiout dimaè nè*, vae muito tempo que eu vim.

Estes tempos podem ser mais ou menos indefinidos, conforme as circunstancias de quem fala.

Exemplo do futuro ou tempo vindouro. *Aiout irau nè*, eu virei em algum dia. Tambem podemos dizer *irau* sem acrecentar *nè*, como o exigir a fraze no modo de falar.

Cumpre notar, que, acrecentando os adverbios, convem repetir as pessoas, como no prezente do indicativo ou demonstrativo.

Exemplo do imperativo ou determinantivo.

Numero singular. *Eori*, vem. Só tem a segunda pessoa: *Eyot*, pois n'esta lingua não se póde mandar a terceira pessoa, que não vemos, mas póde-se dizer: *Emot-out*, faze-o vir; *pe-ori*, vinde; *pe-iot*, vinde.

Os sons escritos *eiot* e *pe-iot* têem sentido identico, mas o primeiro *eiot* é mais decente para dizer-se entre os omens, entretanto que o ultimo *pe-iot* é comumente empregado para xamar os animaes e aves, que os selvagens criam.

Exemplo do optativo, embora pareça mandar pedindo, ou ordenando.

Singular. *Aiout-mo*, eu queria vir, ou viria de bôa vontade. Seguem-se as pessoas como na conjugação do indicativo. Tem tempo futuro, acrecentando o adverbio como acima está exemplificado.

Exemplo do conjuntivo. *Ta-iout*, eu venha. Para melhor enxer a significação acrecenta-se a palavra *nein*, que é adverbio para exortar, mandar, incitar, ou rogar.

Não conheço indicativo n'este verbo; mas d'ele forma-se o participio *touume*, vindo.

Exemplo. *Chè-rourmé-assoua-nitin*. *Che-remiereco-ponére*. O que significa: Vindo, encontrei o que outr'ora guardei.

Senoyt-pe. Sanguesuga.

Inuby-a. Buzina de madeira, de que os selvagens se servem como corneta.

§ 14. No demais afim de que não só aqueles com quem na ida e na vinda atravessei o mar, mas tambem aqueles que me viram n'America (muitos dos quaes ainda vivem) e até os marinheiros e outros, que viajaram e estanciaram por algum tempo no rio de Geneure ou Guanabara, sob o tropico de Capricornio, julguem melhor e mais prontamente dos discursos, que acima tenho feito, a respeito das couzas por mim observadas n'esse paiz, quero ainda, particularmente em bem d'eles, adicionar a este coloquio o catalogo de 22 aldeias, onde estive comunicando familiarmente com os selvagens americanos.

Primeiramente mencionarei as que estam do lado esquerdo de quem entra no dito rio, e sam :

1. *Keriauc.*

2. *Jabarici.* Os Francezes xamam esta segunda aldeia *Pepin* por cauza de um navio, que ali carregou uma vez, e cujo mestre tinha esse nome.

3. *Euramyry.* Os Francezes a xamaram *Gosset* por cauza de um trugimão, que tinha esse nome e ali estivera.

4. *Pira-ouassou.*

5. *Sapopem.*

6. *Ocarentin*, bonita aldeia.

7. *Oura suassou-onée.*

8. *Tentimen.*

9. *Cotina.*

10. *Pano.*

11. *Sarigoy.*

12. Uma xamada *Pedra* pelos Francezes, em razão de um pequeno roxedo, quazi do feitio de uma mó de moinho, que assinalava no bosque a entrada do caminho que la ia ter.

13. Outra xamada *Upec* pelos Francezes, porque avia ali muito caniço da India, a que os selvagens dam esse nome.

14. Item uma que denominamos Aldeia das Flexas, porque da primeira vez que ali fomos pelo mato atiramos muitas flexas sobre um páo seco grosso e alto, as quaes ali permaneceram cravadas, e assim o fizemos para depois mais fácilmente axarmos o caminho.

As do lado direito sam :

15. *Keri-u.*

16. *Acara-u.*

17. *Morgouia-ouassou.*

As da ilha grande sam :

18. *Pindo-oussou.*

19. *Corouque.*

20. *Pirauuou.*

21. E outra, cujo nome me escapou da lembrança, entre *Pindo-oussu* e *Pirauuou*, na qual em certa ocazião ajudei a resgatar alguns prizioneiros.

22. Depois outra entre *Corouque* e *Pindo-oussu*, da qual me esqueci o nome.

Em outro logar ja dice como sam essas aldeias, e o feitio das cazas.

CAPITULO XXI

Nossa partida da terra do Brazil, xamada America, e tambem naufragios e primeiros perigos, de que escapamos no nosso regresso por mar.

§ 1. Para bem compreender o motivo da nossa partida da terra do Brazil, cumpre trazer á memoria o que eu dice no fim do capitulo 6, a saber, que depois de estarmos oito dias na ilha, onde permanecia Nicoláo de Villegagnon, ele, incitado por sua rebeldia contra a religião reformada, arrogando autoridade sobre nós, e não podendo domar-nos pela força, coagio-nos a sair dali; retiramos-nos por isso para a terra firme e buscamos o lado esquerdo ao entrar no rio de Ganabara, tambem xamado Geneure, na distancia de meia legoa do fortim de Coligni situado na dita ilha, fixando-nos no lugar que xamamos Olaria (Briqueterie), onde estivemos quazi dois mezes em cazinholas, que os operarios francezes tinham construido para abrigo seo, quando iam á pescaria, ou iam tratar de quaesquer outros negocios.

Durante esse tempo os senhores de Lachapelle e Boissi, que tinhamos deixado com Nicoláo Villegagnon, o abandonaram pela mesma cauza, pela qual o tinhamos feito, a saber, porque ele tinha voltado costas ao Evangelho, vieram reunir-se á nossa companhia, e foram compreendidos no ajuste das 600 libras tornezas e viveres do paiz, que tinhamos prometido pagar e fornecer, como fizemos, ao mestre do navio, em que atravessamos o mar.

§ 2. Na fórma do que em outra parte prometi, cumpre, que eu, antes de proseguir, declare já como

Nicoláo de Villegagnon portou-se para comnosco por ocazião da nossa partida da America.

Constituindo-se vice-rei d'esse paiz, todos os maritimos francezes, que por ali viajavam, não ouzavam fazer couza alguma sem o seo consentimento. Emquanto o navio em que regressamos, estava ancorado no porto d'esse rio de Geneure, onde carregava para partir, não só Nicoláo de Villegagon mandou-nos licença assinada de seo punho, mas tambem escreveo uma carta ao mestre do dito navio, pela qual lhe declarava, que por cauza d'ele não opozesse dificuldade em transportar-nos.

Ahi dizia ele dolozamente: — Pois assim como alegrei-me com a sua vinda, pensando encontrar o que buscava, assim tambem fico contente, que eles voltem, visto não estarem de acordo comigo.

Sob este especiozo pretesto tinha traçado a traição, que ouvireis; e foi, que, dando a esse mestre de navio uma pequena caixa envolta em pano encerado (por cauza do mar) contendo cartas dirigidas a varios personagens, incluira tambem um processo formado contra nós e sem siencia nossa, com ordem expressa ao primeiro juiz, a quem fosse entregue em França, para prender-nos e fazer-nos queimar como ereticos, que ele dizia sermos.

D'esta sorte em recompensa dos serviços, que lhe tinhamos prestado, ele selava e firmava a nossa licença com esta deslealdade, a qual todavia Deos por sua admiravel providencia converteo em alivio nosso, e confuzão do traidor, como adiante se verá.

§ 3. Ora, depois que este navio, que denominava-se *Jacques*, carregou de páo-brazil, pimentão, algodão, bugios, saguins, papagaios e outras couzas raras da terra, com que a maior parte dos passageiros tinham-se premunido, embarcamos em regresso para a Europa a 4 de Janeiro de 1558, dia da natividade.

Antes porém de encetarmos a viagem, afim de dar melhor a entender, que Nicoláo de Villegaignon é a cauza unica de não se terem os Francezes antecipado e permanecido n'esse paiz, não devo esquecer-me de dizer, que um tal Fariban de Rouan, que era o capitão do navio, empreendeo a sua viagem, por solicitação de varios personagens

notaveis, adeptos da religião reformada no reino de França, com o propozito de vir explorar a terra e escolher sitio para morar; e declarou-nos, que n'esse anno se ouvéra deliberado a passar 700 a 800 pessoas em grandes urcas * de Flandres para começar a povoação do lugar, onde estavamos, si não fôra a rebeldia de Nicoláo de Villegagnon.

Com efeito creio firmemente, que si isso não tivesse acontecido, e si Nicoláo de Villegagnon se tivesse mantido fiel, estariam ali mais de 10.000 Francezes, os quaes além da bôa defeza, que prestariam á nossa ilha e ao nosso fortim contra os Portuguezes, que jamais o teriam podido tomar, como o fizeram depois do nosso regresso, possuiriam agora sob a obediencia do rei estensa região na terra do Brazil, a qual n'este cazo com toda a razão poderia continuar a xamar-se França antartica.

§ 4. Volto agora ao meo assunto. Como o navio mercante, em que regressamos, era de mediana capacidade, o mestre d'ele, xamado Martim Boudouin, do Havre de Grace, tinha apenas 25 marinheiros e mais 15 individuos da nossa companhia, formando tudo o numero total de 45 pessoas; e logo no mesmo dia 4 de Janeiro levantamos ancora, e pondo-nos sob a proteção de Deos, começamos a navegar n'esse grande e impetuozo mar Oceano do ocidente.

Não o fizemos todavia sem grandes temores e apreensões; pois, por cauza dos trabalhos passados na ida, muitos dentre nós, encontrando ali meios de servir a Deos, como dezejavamos, e tambem tendo experimentado a bondade e fertilidade da terra, não teriam deliberado regressar á França, onde as dificuldades eram então, e ainda sam incomparavelmente muito maiores, tanto em referencia á religião como a respeito das couzas concernentes a esta vida, si por ventura os não movêra o máo tratamento recebido de Nicoláo de Villegagnon.

Assim dizendo adeos á America, aqui confesso pelo que me respeita, que amei, e ainda amo a minha patria;

* Especie de embarcação olandeza.

todavia vejo a pouca e quazi nenhuma fidelidade, que alhĩ encontramos, e o que peior é, as deslealdades de que uzam uns para com os outros, bem como que tudo entre nós agora está italianizado e só consiste em dissimulações e palavras vans; por isso lamento muitas vezes não axar-me entre os selvagens, nos quaes, como amplamente demonstrei n'esta istoria, reconheci mais franqueza do que em muitos patricios nossos, os quaes para a propria condenação trazem o rotulo de cristãos.

§ 5. Ora no começo da nossa navegação era-nos precizo dobrar os grandes baixos, isto é, uma ponta de areia e pedras, avançada quazi trinta legoas pelo mar e assás temida dos marinheiros; e porque o vento servia mal para afastar-nos de terra sem costeal-a, como convinha, estivemos a ponto de arribar.

Todavia depois de andarmos vagando por espaço de sete a oito dias, e sermos atirados para um e outro lado por esse máo vento, que não nos adiantava a marxa, sucedeo, quazi á meia noite (mal muito peior do que os precedentes), que, fazendo os marinheiros o quarto do costume, abrisse agua na popa do navio, e embora ali se conservassem por muito tempo, até contarem mais de 4.000 zonxaduras (os que frequentam o mar Oceano com os Normandos compreendem bem este termo), não poderam esgotar nem estancar a agua.

Depois de cansados de tocar a bomba, o contra-mestre para verificar d'onde provinha a agua, deceo pela escotilha do navio, e não só o axou aberto em varios pontos, mas tambem já tam xeio d'agua (entrando sempre com violencia) que com o pezo já não governava, e começava a afundar pouco a pouco.

§ 6. Assim ninguem deve perguntar, si o fato cauzou estremo assombro a todos nós, quando fômos despertados e soubemos do perigo, que corriamos; e na verdade parecia tam evidente, que a todo o instante nos submergiriamos, que muitos, perdida toda a esperança de salvação, ja faziam conta de morrer e ir ao fundo.

Todavia quiz Deos, que alguns passageiros, em cujo numero entrei eu, rezolutos a prolongar a vida, quanto podessem, tomassem tal coragem, que com duas bombas

sustentaram o navio até meio-dia, isto é, perto de doze oras, durante as quaes a agua entrou no navio com tanta abundancia, que, ainda sem descanso de um minuto, não o podemos esgotar com as ditas duas bombas ; e porque a agua enxarcára o páo-brazil, de que o navio ia carregado, corria pelos canaes tam vermelha como sangue de boi.

§ 7. Durante esta diligencia requerida pela necessidade, empregavamos todo o esforço para volvermos á terra dos selvagens, a qual não distava muito, e a avistamos quazi pelas onze oras do mesmo dia ; e deliberados a salvar-nos, si podessemos, dirigimos-nos para o cabo fronteiro.

Entretanto os marinheiros e o carpinteiro, que estavam debaixo do convés, procurando os rombos e as fendas por onde entrava agua, que tam violenta nos salteava, tanto trabalharam com toucinho, xumbo, panos e outras couzas, largamente empregadas, que entupiram os buracos mais perigozos ; de sorte que quando ja não podiamos mais, fomos um pouco aliviados do nosso trabalho.

Todavia depois que o carpinteiro revistou bem o navio, dice, que este era muito velho e carcomido dos vermes, e não tinha rezistencia para fazer a viagem, que empreendiamos, e foi seo parecer, que voltassemos ao ponto, d'onde vinhamos, para ali esperarmos a vinda de outro navio de França, ou que fizessemos navio novo : o que foi muito debatido.

§ 8. Objetava porem o mestre, que bem via, que, si voltasse para terra, os marinheiros o abandonariam, e que preferia (tam pouco assizado era) arriscar a vida a perder assim o seo navio e mercadorias, e concluio no propozito de proseguir na sua derrota apezar do perigo manifesto.

Dice, que, si o senhor Dupont e demais passageiros, que estavam sob o seo governo, queriam regressar ao Brazil, lhes daria uma barca ; ao que o senhor Dupont imediatamente respondeo, que estava rezolvido a seguir para França, e por isso aconselhava a todos os seos camaradas a fazer a mesma couza.

Então manifestou o mestre, que, alem do perigo da navegação, ele previa, que estariamos no mar por muito tempo, e que não avia bastantes viveres no navio para alimentar a todos que n'ele estavam; por isso seis companheiros, considerando por um lado o naufragio, e por outro a fome, que se nos antolhava, deliberamos voltar á terra dos selvagens, da qual apenas distavamos nove ou déz legoas.

§ 9. E com efeito para realizar este dezignio pozemos apressadamente o nosso fato na barca, que nos foi dada, com alguma farinha de mandioca e bebidas. Quando nos despedimos dos nossos companheiros, um d'eles, penalizado pela minha partida, e impelido por singular afeição da amizade, que me votava, estendeo-me a mão para a barca, onde eu estava, e dice-me:—Peço-vos, que fiqueis comnosco; pois embora não saibamos si poderemos aportar em França, comtudo mais esperança temos de salvar-nos do lado do Perú, ou em alguma ilha, que possamos encontrar, do que si retrocedermos para Nicoláo de Villegagnon, o qual, como podeis imaginar, jamais vos deixará aqui em socego.

O tempo não permitia longos discursos, e atentas estas observações deixei na barca parte da minha bagagem, subi aceleradamente para o navio, e d'este modo fui prezervado do perigo, que meo amigo previra, como vereis.

Quanto aos outros cinco, cujos nomes convem aqui especificar, a saber, Pedro Bourdon, João Bordel, Mateos Verneuil, André Lafon, e Tiago Leballeur, despediram-se xorozos de nós e voltaram para a terra do Brazil, onde aportaram com grande dificuldade; e voltando a ter com Nicoláo de Villegagnon, este mandou matar os trez primeiros por cauza da confissão do Evangelho, como no fim d'esta istoria direi.

§ 10. Assim preparados e dando vélas ao vento, buscamos novamente o mar n'esse velho e máo navio, no qual como em verdadeiro sepulcro, esperavamos mais a morte do que a vida.

E com efeito, além de passarmos os ditos baixos com muita dificuldade, tivemos continuas tormentas durante

todo o mez de Janeiro, e o nosso navio não cessava de fazer grande quantidade d'agua ; si não estivessemos sempre prontos para tocar a bomba, teriamos, para assim dizer, perecido cem vezes no dia. Assim por muito tempo navegámos entre tormentos sucessivos. Depois de toda essa fadiga, estavamos afastados de terra firme mais de 200 leguas, quando avistamos uma ilha dezabitada, redonda como uma torre, a qual, no meo entender, teria meia legoa de circuito.

Quando a costeavamos e a deixavamos á esquerda, vimos, que a ilha era xeia de arvoredo verdejante n'este mez de Janeiro, e tambem observamos, que d'ela sahia multidão de aves, muitas das quaes vinham pouzar nos mastros do nosso navio, e deixavam-se apanhar á mão ; de sorte que vendo isto assim de longe dirieis ser um pombal.

Esvoaçavam passaros pretos, pardos, esbranquiçados e de outras côres, os quaes no vôo pareciam volumozos; mas quando apanhados e depenados, não aprezentavam mais carne do que um pardal.

§ 11. Na distancia de quazi duas legoas, á mão direita, divulgamos roxêdos levantados sobre o mar tam pontudos como sinos; o que incutia-nos grande temor de aver alguns á flôr d'agua, contra os quaes fôsse o nosso navio roçar, sendo nós obrigados a estancal-o, si tal acontecesse.

Durante toda a nossa viagem de cinco mezes, que passamos no mar em regresso, não vimos outra terra além d'estas ilhotas, as quaes os nossos mestres e pilotos não axaram ainda assinaladas nas suas cartas maritimas; e possivel é não terem jamais sido descobertas.

§ 12. No fim do mez de Fevereiro tinhamos xegado a 3 gráos da linha equinocial, pois perto de sete semanas tinham-se passado sem avermos feito a terça parte do caminho, e entretanto os nossos viveres diminuiam assás, por isso estivemos em deliberação, si deviamos arribar ao cabo de São-Roque, abitado por certos selvagens, dos quaes, conforme diziam alguns dos nossos companheiros, não avia meio de obter refrescos.

Foi a maioria dos consultores de parecer, que, para poupar os viveres, era preferivel matar parte dos bugios

e papagaios que traziamos e seguir avante; o que foi executado.

§ 13. Ja declarei no capitulo 4 as aflições e trabalhos, que tivemos na ida, ao aproximar-nos do equador; mas vendo por experiencia que sam menores os embaraços voltando do lado do polo antartico para cá (o que mui bem sabem todos os que passaram a zona torrida), acrecentarei aqui o que me parece dever naturalmente cauzar taes dificuldades.

Supondo pois que esta linha equinocial, tirada de léste a oéste, seja como o dorso e espinhaço do mundo para aqueles que viajam do norte para o sul, e reciprocamente (pois bem sei, que não existe alto nem baixo em uma bola considerada em si) digo. que para xegar ahi de uma e outra parte, não basta somente o trabalho de subir a esta sumidade do mundo, mas tambem sucede, que as correntes maritimas, que podem vir dos dois lados sem alias as percebermos no meio de tamanho abismo das aguas, e tambem os ventos inconstantes que saem d'esse ponto, como de seo centro, e sopram em sentido oposto, repelem os navios em viagem de tal sorte que estas trez couzas, no meo entender, fazem com que o equador seja assim de dificil accésso; e o que me confirma n'esta minha opinião é, que, quando na ida xegamos a quazi um gráo alem da linha equinocial, ou no regresso um gráo aquem d'ela, os marinheiros jubilozos por terem, para assim dizer, transposto este salto, agouram bem da viagem, e exortam-se a regalar-se com refrescos, isto é, com tudo aquilo que tinham sempre cuidadozamente guardado na incerteza de poderem ou não passar além.

De maneira que quando os navios estam no declivio do globo, como si corresse para baixo, não sam impedidos do modo porque o fóram na subida.

§ 14. Acrecente-se a isto, que todos os mares communicam-se uns com os outros, sem que pelo admiravel poder e providencia de Deos cubram a terra, embora eles sejam mais altos e fundamentados n'ela, antes apenas as dividem em muitas ilhas e parcelas, as quaes igualmente considero estarem conjuntas e como ligadas por meio de raizes, si assim podemos falar, lançadas na profundeza e

interior dos abismos: este grandiozo montão d'aguas, está assim suspenso com a terra girando sobre dois quicios (os quaes imagino nos dois quadrangulos opostos aos dos pólos, de sorte que os quatro formam dois cruzeiros em roda e em semi-circulo, que volteam toda a esfera) em perpetuo movimento, como o demonstram as maıés e o fluxo e refluxo do mar; e como esse movimento geral tem seo ponto de partida debaixo da linha equinocial, é certo, que, quando o emisferio das aguas meridionaes, em relação a nós, avança, volvendo-se até as estremidades e limites, que lhe sam prescritos, o emisferio setentrional recúa outro tanto; por isso aqueles que estam no meio e na cintura da bola, sam sacudidos e agitados como si estivessem sobre algum ponto culminante ou alça, que constantemente abaixa e ficam d'este modo impedidos de avançar.

A tudo isto acrecento o que já apontei em outro lugar, a saber, que a intemperança do ar, e as calmarias, que frequentes reinam no equador, prejudicam-nos assás, e forçam-nos a permanecer por muito tempo nas suas proximidades e perto d'ele sem o podermos atingir.

§ 15. Eis sumariamente e de passagem o meo parecer sobre esta importante materia, que aliás julgo tam questionavel, que só a póde bem compreender quem creou esta grande machina redonda composta de agua e terra, e miracalozamente a sustem suspensa nos ares; por isso estou certo que nenhum omem, por mais sabio que seja, poderá discorrer em contrario sem estar sugeito á correção.

Na verdade poderiamos com aparente razão contraditar a maior parte dos argumentos, que formalizam nas escolas, e não sam aliás inuteis para aguçar as inteligencias; devendo-se todavia considerar tudo isso como couza secundaria e não como razão suprema, como pretendem os atêos.

Em concluzão nada absolutamente creio a este respeito sinão o que dizem as santas Escrituras; pois como elas procedem do espirito d'aquele de quem toda a verdade depende, tenho por unica indubitavel a autoridade d'elas.

§ 16. Proseguimos em nosso caminho e tendo-nos pouco a pouco e com dificuldade aproximado do equador,

o nosso piloto alguns dias depois tomou altura no astrolabio, e assegurou, que estavamos exatamente n'essa zona e cintura do mundo no dia equinocial, em que o sol ahi entrava, a saber a 11 de Março;* o qué dice nos ele por obzequio e como couza poucas vezes acontecida a outros navios.

Daqui já se vê, que n'este lugar tinhamos o sol no zenit e em linha vertical sobre a cabeça; e deixo cada qual julgar quam extremo e intenso calor sofriamos então.

Em outras estações o sol, correndo alternadamente de um e outro lado para os tropicos, desvia-se e afasta-se d'essa linha; portanto impossivel é axar-se em parte alguma do mundo, quer no mar, quer em terra, onde faça mais calor do que no equador; e fico, para assim dizer, mais que maravilhado do que dice alguem, que reputo digno de fé, e escreveo acerca de certos Espanhoes. Refere esse escritor, que, passando taes individuos em certa região do Peru, ficaram surpreendidos de ver nevar sob a linha equinocial, e com grande fadiga e trabalho atravessaram montanhas situadas debaixo d'essa linha cobertas de neve, experimentando ahi frio tam violento que muitos d'eles ficaram enregelados.

§ 17. Não vejo fundamento na comun opinião dos filozofos, a saber, que a neve forma-se na região media do ar, si atendermos, que o sol, dando perpetuamente aprumo n'esta linha equinocial e sendo portanto o ar sempre calido, não póde naturalmente sofrer, e menos congelar a neve; e nem a respeito de similhante clima se me póde objetar a altura das montanhas e a frialdade da lua, salvo a correção dos doutos.

Portanto concluo de minha parte, que este cazo é extraordinario e constitue excéção na regra de filozofia; assim creio, que não temos solução mais certa para esta questão sinão a que o proprio Deos aprezentou a Job, quando, para mostrar que os omens, por mais subtis que sejam, não xegariam a compreender todas as suas magnificentissimas obras, e menos a perfeição d'elas, dice

---

* Ja observamos em nota anterior cair atualmente o equinocio em 21 de Março em razão da reforma gregoriana do calendario cristão.

entre outras couzas: — Entraste nos tezouros da neve? Viste tambem os tezouros do granizo?

Como si o Eterno, esse grande e excelentissimo obreiro, dicesse ao seo servo Job: — Em que celeiro tenho eu essas couzas, conforme o teo endendimento? Darias a razão d'isso? Não, de certo; não te é possivel, pois não és bastante sabio.

§ 18. Voltando agora ao meo assunto, direi, que depois que o vento sudoéste impelio-nos e tirou-nos d'esses grandes calores, no meio dos quaes eramos assados como no purgatorio, avançamos e começamos novamente a ver o nosso pólo artico, cuja elevação tinhamos perdido, avia mais de um anno.

Para evitar porém prolixidade, envio os leitores aos discursos já feitos anteriormente, quando tratei das couzas notaveis, que vimos na ida, e não reitero aqui o que já referi, quer sobre os peixes voadores, quer sobre outros peixes monstruozos e sarapintados de diversas especies, que se encontram na zona torrida.

Assim para proseguir na narração dos estremos perigos, de que Deos nos livrou no mar durante a viagem de regresso, direi, que foi um d'eles a contenda entre o nosso contra-mestre e o nosso piloto, sucitada porque nem um nem outro, por mutuo despeito, desempenham os deveres de seo cargo.

A 26 de Março o dito piloto fazia o seo quarto, isto é, vigiando por trez óras, conservava levantadas e abertas todas as vélas, sem acautelar-se contra *un grain*, isto é, um furacão, que se preparava, e deixou cair sobre as vélas (que deveria ter com antecedencia mandado ferrar) com tal impeto que derriou o navio sobre o costado a ponto de mergulhar os cestos de gavea e a ponta dos mastros, e atirou ao mar os cabos, copoeiras das aves e todos os mais objétos, que não estavam bem amarrados, os quaes perderam-se, e pouco faltou para virarmos de crena.

Todavia depois de cortadas a toda pressa as enxarcias e escotas da vela grande o navio aprumou-se pouco a pouco; mas, como quer que seja, o tivemos por perdido, e bem podemos dizer, que só por milagre o vimos salvo.

Entretanto nem por isso os dois cauzadores do mal quizeram conciliar-se, não obstante os rogos de todos; pois ao contrario, apenas passou o perigo, a sua ação de graças foi engalfinharem-se e baterem-se com tal furia, que julgamos, que se matàssem na luta.

§ 19. Ainda tivemos novo perigo. Alguns dias depois correo o mar calmo; e o carpinteiro e outros marinheiros, durante essa tranquilidade, pensaram em aliviarnos e livrar-nos do trabalho, em que lidavamos de dia e de noite, tocando a bomba; por isso procuraram no porão do navio os buracos, por onde entrava agua, e sucedeo, que, mexendo em um d'eles, que tentavam concertar no fundo do navio perto da quilha, despegou-se uma peça de madeira de quazi um pé em quadro, por onde a agua entrou em tanta quantidade e com tal rapidez, que obrigou os marinheiros a deixar o lugar, abandonando o carpinteiro, e subindo para o convez, onde estavamos, e sem poderem referir o fato, gritavam: — Estamos perdidos, estamos perdidos!

Pelo que vendo o capitão, mestre e piloto evidente perigo, trataram de dezamarrar e pôr ao mar com toda a pressa a barca, e mandaram alijar os toldos do navio, que nos abrigavam, e grande quantidade de páo-brazil e outras mercadorias no valor de 1.000 francos, deliberados a deixar o navio e salvar-se na barca. O piloto, temendo que o grande numero de pessoas, que arrojavam-se na barca, fizesse carga excessiva, saltou n'ela com um grande cutelo na mão, e dice, que cortaria os braços do primeiro que pretendesse entrar.

Assim vendo-nos dezamparados á mercê das ondas, conforme nos parecia, lembramos-nos do primeiro naufragio, de que Deos nos livrára; e rezolvidos a morrer e a viver, empregamos todas as forças em esgotar a agua afim de sustentar e impedir o navio de afundar-se: tanto trabalhamos que a agua não nos superou.

§ 20. Nem todos foram corajozos, pois a maior parte dos marinheiros, só entretidos em beber áfarta, e todos dezatinados, temiam por tal modo a morte, que não se importavam com couza alguma.

Estou certo, que si os rabelistas, * escarnecedores e desprezadores de Deos, que em terra e sentados á meza tagarelam e motejam ordinariamente dos naufragios e perigos, em que muitas vezes axam-se no mar os viajantes, aqui estivessem, os seos gracejos se transmudariam em pavorozo assombro; por isso não duvido, que muitos d'aqueles que lerem isto e os demais perigos de que já fiz e ainda farei menção, e pelos quaes passamos n'esta viagem, dirão conforme o proverbio: — Ah ! quanto é bom plantar couves, e quanto melhor é ouvir discorrer sobre o mar e os selvagens do que ir vel-os!

Oh ! quam sabio era Diogenes em apreciar aqueles que, tendo deliberado navegar, todavia não navegavam !

Entretanto ainda não estava tudo acabado; e porque, quando isto nos aconteceo, estavamos a mais de 1.000 legoas do porto, que buscavamos, ainda tivemos de sofrer muitos outros males e passamos por grande fome, a que muitos sucumbiram, como adiante vereis ; todavia eis aqui como nos livramos do prezente perigo.

O nosso carpinteiro, mancebo animozo, não abandonara o porão do navio, como os marinheiros, antes pelo contrario meteo o seo capote de marujo no grande buraco que se abrira, e conservou-se com ambos os pés em cima d'ele para rezistir ao impulso d'agua, a qual, como depois nos dice, muitas vezes o arredou com a sua impetuozidade. N'esta pozição gritou quanto pôde para os que, amedrontados, estavam no convez, pedindo que lhe levassem roupas, redes de algodão, e outras couzas proprias para impedir a entrada d'agua, quanto fôsse possivel, emquanto ele concertava a peça, que se tinha levantado ; e sendo assim socorrido, fômos salvos por esforço seo.

§ 21. Depois d'isto tivemos ventos tam insconstantes, que o nosso navio era impelido e corria ora para léste, ora para oéste (que não era o nosso caminho, pois buscavamos o sul), e o nosso piloto, aliás pouco entendido no seo oficio, não soube mais dirigir o rumo, e assim navegamos incertos até sob o tropico de Cancer.

---

* Sectarios do escritor satirico Francisco Rebelais. O autor emprega a expressão *rabelistes*.

N'essa paragem, por espaço de quazi quinze dias, andamos por entre ervas, que fluctuavam no mar, tam espessas e em tamanha quantidade que, si as não tivessemos cortardo a maxado para abrir caminho ao navio, que com dificuldade as rompia, creio, que ali ficariamos detidos.

E porque essa relva tornava o mar algo turvo, ocorreo-nos a idéa de estarmos em lagoas lamacentas, e conjeturamos, que deveriamos estar perto de ilhas ; mas não obstante lançarmos a sonda com mais de 50 braças de corda, não axamos fundo nem margem, e ainda menos descobrimos terra alguma ; a respeito do que, citarei o que o istoriador indiano escreveo sobre este objéto.

Ele diz :—Cristovão Colombo na primeira viagem que fez para o descobrimento das Indias, que foi no anno de 1492, refrescou em uma das ilhas das Canarias, e depois de ter singrado por muito dias encontrou tanta relva que parecia verdadeiro prado ; o que incutio-lhe medo, embora nenhum perigo ouvésse.

Ora, para descrever estas ervas marinhas, de que fiz menção, cumpre dizer, que elas ligam-se entre si por longos filamentos como *hedera terrestris,* fluctuando no mar sem raizes, tendo as folhas mui similhantes ás da arruda dos jardins, baga redonda e não maior do que a do zimbro ; sam de côr alvacenta ou esbranquiçada como feno seco ; no demais, tanto quanto observamos, não offerecem perigo ao tacto, como sucede com certas imundices vermelhas, que varias vezes vi no mar, com o feitio de crista de galo, as quaes eram tam venenozas e pestilenciaes, que apenas as tocavamos, a mão ficava rubra e inxada.

§ 22. Tendo agora falado da sonda, da qual muitas vezes ouvi referir contos, que parecem extrahidos do livro das rócas *, a saber, que os navegantes a deitam ao fundo do mar e trazem na extremidade d'ela terra, por meio da qual conhecem a região, onde se axam, cabe-me declarar, que isto é falso em relação ao mar do ocidente, e vou dizer o que vi, e para o que serve a sonda.

* O autor diz :—*Livre des quinouilles.*

A sonda é um aparelho de xumbo do feitio do páo meião do jogo da malha, com que os rapazes ordinariamente folgam nas praças e nos jardins. Furado na extremidade despontada, os marinheiros passam e amarram a corda necessaria, e põem sebo ou outra qualquer gordura na extremidade inferior.

Quando se aproximam do porto ou julgam estar em sitio, onde possam ancorar, a soltam e deixam correr para baixo ; e quando a suspendem, si vêem cascalho pegado e seguro n'essa gordura, sinal é de aver bom fundo ; mas si pelo contrario nada traz, concluem ser lama ou pedra, onde a ancora não póde agarrar e prender, e vam sondar adiante.

Foi o que eu quiz dizer de passagem para reparar o sobredito erro; pois além de testimunharem todos aqueles que têem estado no grande mar Oceano ser absolutamente impossivel axar-lhe fundo, ainda quando, para assim dizer, dispuzessemos de toda a cordoalha do mundo, é certo, que, quando venta, somos forçados a andar sem pauza de dia e de noite, e em tempo calmo a fluctuar e parar de repente, porque os navios não podem andar a remo como as galés; donde se vê, digo, que, sendo insondaveis esses pégos e abismos, é pêta dizer-se, que a sonda traz terra para conhecermos em que situação nos axamos.

Por tanto si isto acontece em outros mares, como no Meditarraneo, ou em terra, tranzitando nos dezertos da Africa, onde tambem o viajante dirige-se pelas estrelas e pela bussola, conforme vemos escrito, não o contesto ; mas em relação ao mar do ocidente, sustento ser verdade o que acabo de dizer.

§ 23. Sahimos d'esse mar relvozo ; e como temiamos ser ali encontrados por piratas, não só assestamos quatro ou cinco peças de artilharia de ferro, que estavam no nosso navio, mas tambem para defender-nos em cazo de necessidade preparamos alcanzias e outras munições belicas que tinhamos.

Todavia por cauza d'isso eis que novo perigo sobreveio : pois quando o nosso artilheiro secava a polvora em uma panela de ferro, deixou-a por tanto tempo no fogo que ela encandeceo, a polvora inflamou-se, e a

flama correo de uma a outra estremidade do navio por tal fórma, que estragou velas e maçame, e por pouco não pegou fogo na gordura e breo, de que o navio estava untado e alcatroado, com risco de sermos todos queimados no meio das aguas.

Com efeito um grumete e mais dois marujos ficaram tam maltratados das queimaduras, que um d'eles morreo poucos dias depois.

Por minha parte, si eu não tivesse tam rapidamente levado ao rosto o meo boné de bordo, teria ficado com a face ofendida ou queimada ; mas tendo-me assim abrigado livrei-me de ter a ponta das orelhas e os cabelos xamuscados ; e isto aconteceo-nos talvez aos 15 de Abril.

§ 24. Tomemos folego aqui, e eis-nos até agora, por graça de Deos, não só escapos dos naufragios e das ondas, em que por muitas vezes julguei ficarmos submergidos, como estaes infôrmados, mas tambem livres do fogo que quazi nos devora.

CAPITULO XXII

Fome estrema; tormentas e outros perigos, de que Deos prezervou-nos em nosso regresso á França.

§ 1. Ora, depois que todas as sobreditas couzas aconteceram, sahimos das brazas e cahimos na lavareda, como se costuma dizer.

Ainda distavamos da França mais de 500 legoas, quando a nossa provizão ordinaria de bolaxa e outros viveres e bebidas, que ja era pouca, foi subitamente reduzida á metade.

O retardamento da viagem não proveio sómente do máo tempo e ventos contrarios, que tivemos ; pois, como ja dice, o piloto por não ter dirigido bem a derrota, enganou-se por tal forma que quando nos dice, que nos aproximavamos do cabo Finisterra (que jaz na costa de

Espanha), estavamos ainda n'altura das ilhas dos Açores, * que ficam a mais de 300 legoas do dito cabo.

Este erro pois em materia de navegação deo cauza a que no fim do mez de Abril estivessemos inteiramente desfalcados de todos os viveres ; de sorte que por ultimo já se sacudia e varria o paiol, isto é, o cubiculo caiado e engessado, onde guarda-se a bolaxa nos navios, no qual axavam-se mais vermes e bostas de ratos do que migalhas de pão; que todavia repartiamos ás colheradas, e mandavamos fazer papa, a qual era tam preta e amarga como fuligem ; por onde podeis avaliar, si teria agradavel paladar.

Aqueles que ainda tinham bugios e papagaios (pois muitos já anteriormente tinham comido os seos) para ensinal-os a dizer palavras, que ainda não sabiam, os conservaram no gabinete da memoria, e os entregaram para servir de alimentação.

Em suma desde principio do mez de Maio todos os viveres ordinarios faltaram entre nós, e morrendo dois marinheiros de idrofobia da fome, foram sepultados no mar, conforme o estilo maritimo.

§ 2. Durante a fome a tormenta continuou de dia e de noite por espaço de trez semanas ; e por cauza do mar levantado e agitadissimo não só fomos obrigados a ferrar todas as vélas e amarrar o leme, mas tambem, por não podermos dirigir o navio, foi precizo entregal-o á discrição das ondas e dos ventos ; de maneira que isto impedio-nos em todo esse tempo, e com grande detrimento nosso, de poder pescar um só peixe.

Emfim eis-nos de novo expostos á repentina e orroroza fome, assaltados d'agua por dentro, e atormentados das vagas por fóra.

Como aqueles que não têm andado no mar, principalmente em tal emergencia, apenas viram metade do mundo, cumpre aqui repetir, que com razão dice o salmista a respeito dos marinheiros, que eles, fluctuando, subindo e

---

* O autor escreve : — *Essores.*

decendo em tam terrivel elemento, e subzistindo no meio da morte, viam realmente os maravilhas do Eterno.

Entretanto não pergunteis, si os marinheiros papistas, vendo-se em tal estremidade, prometiam, si conseguissem xegar á terra, oferecer a São Nicoláo uma imagem de cera do tamanho de um omem, e faziam outros estupendos votos ; mas isto era gritar por Baal, que nada ouvia.

Nós outros aliás julgavamos muito melhor recorrer a aquele, cujo auxilio tantas vezes tinhamos experimentado, como o unico, que, sustentando-nos extraordinariamente durante a fome, podia mandar ao mar, e aplacar a tempestade, a ele por isso, e não a outros, nos dirigiamos.

§ 3. Ora, estavamos já tam magros e debilitadss que apenas podiamos suster-nos de pé para fazer as manobras do navio ; todavia a necessidade no meio d'esta asperrima fome sugeria a cada um pensar e refletir com madureza sobre o modo porque podesse enxer o ventre. Lembraram-se alguns de cortar pedaços de rodelas feitas de couro do animal xamado tapirussú, já mencionado n'esta istoria, e os fizeram fever n'agua, imaginando poder comel-os d'este modo ; esta receita porém não aproveitou.

Por este motivo outros, que por seo lado tambem buscavam todas as invenções, de que podiam lembrar-se para remediar a fome, puzeram pedaços d'essas rodelas de couro nas brazas, e depois de as tostarem, rasparam com faca a parte queimada ; o que deo tam bom rezultado que aqueles, que comiam essa raspagem, declaravam parecer torresmos de toucinho.

Assim feito o ensaio, quem tinha rodelas logo as aprezentava ; e porque eram tam duras como couro seco de boi, foram todas cortadas em pedaços com fouces e outras ferramentas ; e aqueles, que traziam pedaços em azelhas de seos pequenos sacos de pano, não lhes davam menos importancia do que entre nós os grandes uzurarios cá em terra dam ás suas bolsas rexeadas de escudos.

§ 4. Assim como Flavio Jozefo diz, que os sitiados na cidade de Jeruzalem alimentaram-se com as correias e couro dos seos broqueis, assim tambem entre nós alguns xegaram a comer suas gravatas de marroquim e a sola dos

sapatos ;e os pagens e grumetes do navio, apertados pela furia da fome, comeram todos os xavelhos das lanternas, de que sempre existe grande numero nas embarcações, e quantas vélas de sebo puderam apanhar.

Não obstante porem a nossa debilidade, precizo era com supremo esforço estarmos constantemente tocando a bomba, sob pena de irmos ao fundo, e bebermos mais do que tinhamos para comer.

§ 5. Aos 5 dias de Maio, ao pôr do sol, vimos rutilar e voar no espaço aereo um grande clarão de fogo, que produzio tal reverbero nas vélas do nosso navio, que julgamos terem-se elas incendiado ; todavia sem danificar-nos, passou em um momento.

Si me perguntarem donde podia isso proceder, responderei, que a razão será tanto mais dificil de dar, quanto estando nós na altura das terras novas, onde se pesca o bacalháo, e do Canadá, regiões onde ordinariamente faz estremo frio, não podemos dizer, que o fenomeno proviesse das exalações calidas existentes no ar.

E afim de que sofressemos por todos os modos, fomos n'essas paragens batidos pelo vento de nordeste, quazi o verdadeiro nordeste,* o qual cauzou-nos tal frio, que durante mais de quinze dias não tivemos alivio.

§ 6. Aos 12 do dito mez de Maio, conforme a minha lembrança o nosso artilheiro, ao qual, antes de desfalecer, vi comer as tripas cruas de um papagaio, por fim morreo de fome, e foi, como os precedentes finados da mesma molestia, lançado e sepultado no mar; e a sua falta quanto ao seo encargo foi tam indiferente, que, si fossemos assaltados, em vez de defender-nos, dezejariamos antes ser aprezados e levados por qualquer pirata que nos désse de comer ; tam extenuados nos axavamos!

Como porém aprouve a Deos afligir-nos em toda a prolongação da nossa viagem de regresso, vimos apenas um navio, do qual nem nos podemos aproximar, quando o avistamos, por não nos permitir a nossa fraqueza aparelhar e erguer as velas.

---

* O testo diz:—*Fresque droite bise.*

Ora, faltando totalmente as rodelas, de que falei, todos os couros até da cobertura dos bahús, com tudo quanto em nosso navio axou-se capaz de alimentar, pensavamos ter xegado ao termo da nossa viagem.

§ 7. Mas a necessidade, inventora de todas as artes, despertou no animo de alguns caçar os ratos e ratazanas, os quaes mortos de fome, porque tinhamos-lhes tirado as migalhas e todas as demais couzas, que poderiam roer, corriam pelo navio em grande numero; foram tam perseguidos por meio de toda a sorte de ratoeiras ideadas pelo genio inventivo de cada um, e tam espreitados por olhos vigilantes como gatos, ainda quando sahiam de noite ao clarão da lua, que, por mais escondidos que estivessem, apenas algum escaparia vivo, como suponho.

Com efeito quando alguem apanhava um rato, julgava possuir couza mais valioza do que um boi em terra. Vi venderem cada peça por dois, trez até quatro escudos; e mais notavel é que tendo o nosso barbeiro apanhado dois de uma vez, um dos companheiros ofereceo-lhe, que, si lhe quizesse ceder um, no primeiro porto, a que xegassemos, vestil-o-ia dos pés até á cabeça; o que todavia o barbeiro não quiz aceitar, preferindo a vida ao vestuario.

Em suma tivemos de cozinhar ratos n'agua salgada com intestinos e tripas; e quem podia apanhar estas viceras, dava-lhes mais apreço do que ordinariamente damos em terra aos lombos do carneiro.

§ 8. Para mostrar, que então nada perdiamos, citarei entre outras couzas notaveis o seguinte.

O nosso contra-mestre apanhou um grande rato; e para cozinhal-o cortou-lhe as quatro patas brancas, as quaes deixou no convés; e logo um *quidam* as apanhou, apressadamente as foi assar nas brazas, e as comeo, dizendo nunca ter provado aza de perdiz mais saboroza.

E para tudo dizer em uma palavra, o que em tamanha penuria não teriamos comido ou antes devorado?

Pois em verdade para saciar-nos dezejariamos ossos velhos e outras iguaes imundices, que os cães carregam para os monturos; nem duvideis, que, si tivessemos ervas verdes, ou feno ou folhas de arvores, que aliás em terra poderiamos obter, nós as comeriamos como brutos animaes.

§ 9. N'isto não consiste tudo: pois no espaço de trez semanas, porque durou esta rigoroza fome, não tivemos noticias de vinho nem de agua doce, que desde muito tempo era racionada, nem já nosrestava para beber sinão um pequeno tonel de *cistre*: em consequencia do que os mestres e guardiães o poupavam, e regravam tanto, que ainda quando algum monarca estivesse comnosco n'este navio no meio de tamanha necessidade, não teria maior porção do que outro qualquer, a saber, um pequeno copo por dia.

Como eramos mais vexados pela sêde do que pela fome, não só quando xuvia estendiamos lençóes com uma bala de ferro no centro para distilar a agua da xuva, que d'este modo recolhiamosem vazilhas,mastambem apanhavamos a agua, que escorria do convés; e embora esta agua fosse mais turva pelo alcatrão e sugidade dos pés do que a que corre nas ruas, nem por isso a deixavamos de beber.

§ 10. Em concluzão direi, que embora a fome que no anno de 1573 sofremos durante o cerco de Sancerre, deva ser colocada na ordem das mais terriveis de que jamais tenhamos ouvido falar, como se póde ver na istoria que imprimi d'esse cerco ; todavia não faltou agua nem vinho, não obstante ser mais longa, como ali notei ; e posso dizer,que ela não foi tam rigoroza como a fome de que aqui se trata ; pois ao menos em Sancerre tinhamos algumas raizes, ervas bravias, rebentos de videira, e outras couzas, que em terra podiamos axar.

Aprouve a Deos abençoar as creações, e ainda aquelas que não entram no uzo comun da alimentação dos omens, como péles, pergaminhos e outras iguaes mercearias, cujo catalogo fiz, e de que vivemos n'esse assedio ; e como experimentei, que isso tem valor em cazo de necessidade, devo declarar, que, si eu estivesse assediado em qualquer praça por amor de uma bôa cauza, não me renderia com temor da fome emquanto tivesse cabeções de couro de bufalo, vestuarios de camurça e couzas similhantes, em que existe suco ou umidade.

No mar porém, na viagem de que falo, estivemos reduzidos á estremidade de só termos páo-brazil, madeira

seca e sem umidade, e todavia muitos companheiros, urgidos pela mizeria, a mascavam na falta de outra couza : de sorte que o senhor Dupont, nosso condutor, mastigando um pedaço d'essa madeira em certa ocazião, diceme, soltando grande suspiro :—Ah ! de Leri, meo amigo, tenho em França uma partida de 4.000 francos ; e prouvéra a Deos podesse eu dal-a para ter um pão grosseiro e um copo de vinho.

Quanto ao mestre Pedro Richier, atualmente ministro da palavra de Deos na Roxéla, dirá esse bom omem, que por debilidade esteve durante a viagem estendido a fio comprido no seo pequeno belixe, sem poder erguer a cabeça para orar a Deos, a quem, apezar de prostrado como estava, fervorozamente invocava.

§ 11. Ora antes de terminar este assunto, direi aqui de passagem ter não só observado nos outros, mas tambem sentido em mim, durante essas duas rigorozissimas fomes, porque passei, e de que ninguem escapava, que, quando os corpos se extenuam, a natureza desfalece, os sentidos se alienam, e o animo dezaparece : isto não só torna as pessoas ferozes, mas tambem produz certa colera, que bem podemos denominar uma especie de raiva; de sorte que mui acertada é a comun opinião, quando diz :—*Fulano enraivece de fome*, querendo assim significar que alguem sofre falta de alimento.

Como a experiencia faz mais compreensiveis os fatos, não foi sem razão, que Deos na sua lei, ameaçando seo povo de mandar-lhe a fome, si o não obedecesse, diz expressamente, que fará com que o omem tenro e delicado, isto é, de indole alias benigna e branda, e antes de esfomeado infenso a atos crueis, se desnaturará por forma tal, que, encarando o proximo e até a propria espoza e filhos, apetecerá comer-lhes as carnes.

Entre exemplos por mim citados na istoria de Sancerre, de pais e mãis, que comeram os proprios filhos, como de soldados, que provando a carne de corpos umanos, mortos na guerra, depois confessaram, que, si a aflição continuasse, estavam deliberados a investir contra os vivos, posso assegurar, alem d'essas couzas prodigiozas, que durante a nossa fome no mar andavamos tam

pezarozos, que, si nos não contivesse o temor de Deos, não poderiamos falar uns com outros sem nos agastarmos; e o que peior era (e Deos nos queira perdoar) sem lançar olhadelas e esgares acompanhados de má dispozição tocante á esse acto barbaro.

§ 12. Ora, proseguindo na expozição do final da nossa viagem, cabe dizer, que iamos sempre em declinação, e a 15 e 16 de Maio morreram dois marinheiros, que finaram-se da idrofobia da fome.

Imaginaram alguns d'entre os nossos companheiros, que, atento o prolongado tempo que sem vêr terra vagavamos no mar, deviamos estar, para assim dizer, em novo diluvio, e os vimos lançar-se n'agua como alimentação dos peixes; então já não esperavamos outra couza sinão ir logo após eles.

Entretanto não obstante este padecimento e inexprimivel fome, durante a qual, como já dice, foram comidos todos os bugios e papagaios, que traziamos, eu pude todavia até então guardar cuidadozamente um papapaio, que tinha, tam grande como um pato, bom falador e de linda plumagem, e porque muito dezejava conserval-o para prezentear ao senhor almirante, o tive por cinco a seis dias escondido, sem poder dar-lhe comida alguma; mas tanto urgio a necessidade, e tal foi o receio de me o furtarem de noite, que passou pela sorte dos outros.

Lançadas fóra somente as penas, o corpo, tripas, pés, unhas e o bico adunco serviram para mim e alguns amigos meos irmos vivendo por trez ou quatro dias; todavia grandissimo foi o meo pezar, quando avistamos terra cinco dias depois de o ter morto; e como esta especie de aves passa bem sem beber agua, bastariam trez nózes para alimental-a por todo esse tempo.

§ 13. Mas para que (dirá alguem), sem particularizar aqui o teo papagaio, com o qual nos não importamos, nos conservarás sempre suspensos a respeito dos teos padecimentos? Duraram por muito tempo todos esses generos de aflições? Nunca teriam fim na vida ou na morte?

Ah! eles findaram; pois Deos, que sustenta os nossos corpos com outras couzas além do pão e da carne, apontou o porto com a mão, e permitio por sua graça,

que aos 24 dias do mez de Maio de 1558 tivessemos vista de terras da baixa Bretanha, quando todos nós, estendidos no convéz, já quazi não podiamos mover braços nem pernas.

Por muitas vezes tinhamos sido enganados pelo piloto, que em vez de terra nos mostrára nuvens, que se desvaneciam no ar; por isso embora o marinheiro, que estava de vigia no cesto grande de gavea, gritasse por duas ou trez vezes:—Terra! Terra! pensamos ser gracejo; mas sendo o vento propicio e aprôando ao ponto divulgado, logo depois certificamos-nos ser na realidade terra firme.

§ 14. Emfim para consolação de tudo quanto acima tenho exposto a respeito das nossas aflições, para melhor explicar a angustioza estremidade, em que nos axavamos, e quando já não tinhamos recurso em tamanha necessidade, Deus apiedou-se de nós e acudio-nos.

Rendemos-lhe graças por nosso proximo livramento; depois do que dice-nos o mestre do navio, em alta vóz, que, si continuassemos ainda por um dia n'esse estado, tinha deliberado e rezolvido, não lançar sortes, como em tal mizeria praticam comandantes de barcos, mas, sem dizer palavra, matar a um de nós para servir de alimento aos outros; o que nenhum susto me cauzou em relação á minha pessoa; porque embora não ouvésse em nenhum de nós a bordo farta gordura, todavia não seria eu o escolhido, si por ventura não quizessem comer sómente péle e ossos.

§ 15. Ora, como os nossos marinheiros tinham deliberado descarregar e vender o seo páo-brazil na Roxéla, quando estavamos a duas ou trez legoas da terra da Bretanha, o mestre do navio com o senhor Dupont e algumas outras pessoas deixaram-nos fundeados, e foram n'um escaler a um lugar vizinho xamado Hodierne, afim de comprar viveres; e como dois companheiros nossos tambem se meteram n'esse escaler, dei-lhes dinheiro para trazerem-me refrescos: mas eles apenas viram-se em terra, pensando estar a fome encerrada no navio, abandonaram as malas e fatos deixados a bordo, e protestaram não pôr mais pés ahi; e com efeito seguiram róta batida, e nunca mais os vi.

§ 16. Em quanto estivemos ali ancorados, aproximaram-se alguns pescadores, aos quaes pedimos viveres; mas eles, julgando que nós zombavamos, ou que com esse pretesto queriamos incomodal-os, quizeram immediatamente retirar-se.

Forçados pela necessidade, fomos mais ligeiros do que os pescadores, e arrojamos-nos com tal impeto no batel, que pensaram logo ser saqueados; todavia sem lhes tirarmos couza alguma contra vontade, e não axando do-que buscavamos sinão alguns pedaços de pão negro, um mizeravel apareceo, que, não obstante a penuria em que lhe mostravamos estar, em vez de compadecer-se de nós, não teve duvida em receber de mim dois totões por um pequeno pedaço, que então em terra não valeria um vintem. *

Ora, voltando a nossa gente com pão, vinho e outras provizões, não deixamos mofar nem azedar, como podeis imaginar.

§ 17. Pensavamos sempre em ir á Roxéla, e tinhamos navegado duas ou trez legoas, quando fomos advertidos pela gente de um navio, que comunicou-se comnosco, de que certos piratas assolavam toda a estensão d'esta costa.

Pelo que considerando que, depois de tamanhos perigos, de que Deos, por sua infinita graça, nos salvára, seria tental-o e procurar nosso infortnnio, arriscando-nos em azares novos, logo no mesmo dia 26 de Maio, sem demorarmos-nos em tomar terra, entramos na linda e espaçoza enseada de Blavet, paiz da Bretanha, aonde tambem xegava grande numero de navios de guerra, que regressavam de viagem a diversos paizes; e dando tiros de artilharia e fazendo as fanfarrices costumadas na entrada dos portos de mar, rejubilavam-se de suas vitorias.

§ 18. Entre outros navios avia um de São-Maló, cujos marinheiros tinham pouco antes capturado e conduziam um navio espanhol, que voltava do Perú, carregado de boas mercadorias avaliadas em mais de 60.000 ducados.

Isto já estava divulgado por toda França, e muitos

* O autor emprega as expressões:—*Deux reales* e *un liard*.

negociantes parizienses, lionezes e outros aviam xegado a este lugar para as comprar; e sucedendo axarem-se alguns d'eles perto do nosso navio, quando saltavamos em terra, nã só deram-nos o braço para ajudarem a suster-nos, em razão da nossa debilidade, como tambem, sabendo dos nossos sofrimentos de fome, acertadamente nos exortaram a absternos de comer com demazia, e uzar em principio pouco a pouco de caldos de galinha bem cozida, de leite de cabra, e de outras couzas proprias para nos alargar as tripas, que tinhamos assás comprimidas.

Com efeito aqueles que acreditaram no conselho, deram-se bem ; mas quanto aos nossos marinheiros, que logo no primeiro dia quizeram fartar-se, de vinte escapos da fome, mais de metade, creio eu, empanzinaram e morreram subitamente por comerem com excesso.

Quanto porém a nós outros quinze passageiros, que, como dice no principio do capitulo precedente, tinhamos embarcado na terra do Brazil, n'este navio, para regressar á França, não morreo nenhum no mar nem em terra.

§ 19. Bem certo é, que apenas tinhamos salvo a péle e os ossos ; e si olhasseis para nós, dirieis, que eramos cadaveres dezenterrados. Apenas respiramos o ar da terra, ficamos possuidos de tal desgosto e aborrecemos por tal fórma os alimentos, que, falando particularmente de mim, quando xeguei á caza, e senti o xeiro de vinho, que me ofereciam em uma taça, cahi de costas sobre um bahú, e pensaram os circunstantes, que eu ali expiraria, atenta a minha fraqueza.

Todavia não me fez isto grande mal. Por mais de dezenove mezes não me tinha deitado á franceza, como oje se diz ; e como puzeram-me em um leito, aconteceo, que contra a opinião d'aqueles que dizem, que, quando estamos acostumados a deitar-nos em cama dura, não podemos muito tempo depois repouzar em colxão macio, eu dormi tam profundamente d'esta primeira vez, que só despertei no dia seguinte ao nacer do sol.

§ 20. Depois de nos demorarmos trez ou quatro dias em Blavet, fômos para Hanebon, pequena cidade distante dali duas legoas, onde durante quinze dias de estada nos tratamos de acordo com o conselho dos medicos.

Por melhor regimen, que podessemos ter, quazi todos inxaram desde a planta dos pés até o cocuruto da cabeça; e apenas eu e mais dois ou trez inxamos da cintura para baixo sómente.

Além d'isso todos tivemos um fluxo de ventre, e tal desmanxo de estomago, que impossivel era conservar qualquer couza em nosso organismo, salvo certa receita, que nos ensinaram, a saber, suco de *hedera terrestris* e arroz bem cozido, o qual, tirado do fogo, devia ser abafado na panela com panos velhos, devendo-se depois tomar gemas de óvos e misturar tudo em um prato no rescaldo.

Comendo isso com uma colhér, como caldo, ficamos logo fortificados; e creio, que sem este recurso, que Deos nos sucitou, em poucos dias o mal nos teria arrebatado.

§ 21. Eis em suma qual foi a nossa viagem, a qual na verdade não se reputará entre as menores, si considerarmos, que navegamos quazi 73 gráos, redundando tudo isso em perto de 2.000 legoas francezas, na direção do norte a sul:

Mas para dar a onra, a quem pertence, o que é ela em comparação da que fez o insigne piloto espanhol João Sebastião del Cano, o qual circundou o globo, isto é, volteou toda a redondeza do universo (o que julgo não ter omem algum jamais feito antes d'ele), e estando de regresso em Espanha, mandou, com toda a razão, pintar o mundo com suas armas, em torno das quaes pôz esta diviza: *Primus me circumdedisti*, isto é, fôste o primeiro que me rodeaste.

§ 22. Ora, para completar a parte final da nossa redenção, cumpre dizer, que parecia devermos com este golpe estar izentos de todos os males ; mas não teriamos evitado a propria ruina, si aquele que tantas vezes prezervou-nos dos naufragios, tormentas, aspera fome e outras mizerias, de que foramos assaltados no mar, não dirigisse em terra os nossos negocios.

Pois Nicoláo de Villegagnon, na ocazião do nosso embarque de regresso, sem que o soubessemos, como já fica notado, entregou ao mestre do navio, em que voltavamos (que tambem o ignorava), um processo, que fizera e organizára contra nós, com ordem expressa ao primeiro

juiz, a quem fôsse aprezentado em França, não só de prender-nos, mas tambem de mandar matar-nos e queimar como ereticos, que ele dizia sermos.

Aconteceo, que o senhor Dupont, nosso xefe, tinha conhecimento com algumas pessoas da justiça territorial afeiçoadas á religião, que professamos; e aberta a caixa coberta de panno encerado em que estavam o processo, e muitas cartas dirigidas a varias pessoas, foram entregues processo e cartas. Viram então essas mesmas pessoas o que lhes era ordenado, e longe estiveram de tratar-nos como dezejava o nosso perseguidor, pois bem pelo contrario obzequiaram-nos com bôa meza, oferece-ram aos nossos companheiros necessitados recursos, e emprestaram dinheiro ao senhor Dupont e a outros.

Eis como Deos, que surpreende os astuciozos em suas machinações, não só livrou-nos por meio d'essas boas pessoas do perigo, em que nos colocára a rebeldia de Nicoláo de Villegagnon, mas tambem, o que é de maior valor, permitio, que a traição urdida contra nós assim se descobrisse para confuzão do traidor, voltando-se tudo em nosso favor.

§ 23. Depois de recebermos este novo beneficio da mão de quem, como já dice, tanto no mar como em terra mostrou-se nosso protetor, os nossos marinheiros partiram d'esta cidade de Hanebon com o fim de irem para a sua terra da Normandia; e nós, para sairmos dentre esses Bretões bretonizados, cuja linguagem entendiamos menos do que a dos selvagens americanos, dentre os quaes vinhamos, apressamos-nos em vir para a cidade de Nantes, da qual apenas distavamos 32 legoas.

Entretanto não corriamos na posta; e como em razão da nossa debilidade não tinhamos forças para dirigir os cavalos, em que montavamos, nem suportar o trote, cada um de nós tinha um omem para guiar a montaria pela brida.

E porque n'esse começo era-nos precizo como que renovar os corpos, não só apeteciamos tudo quanto nos vinha á fantazia, como dizem, que comumente sucede ás mulheras gravidas, de que citaria exemplos extravagantes, si não temesse enfadar o leitor, mas tambem alguns

aborreceram o vinho por modo tal, que passaram mais de um mez sem poder sentir-lhe o xeiro, e menos beber.

§ 24. Por cumulo de nossas mizerias, quando xegamos a Nantes, pareciamos ter os sentidos completamente transtornados, e passamos quazi oito dias com as ouças tam duras, e com a vista tam obscurecida, que pensei ficar surdo e cego.

Todavia excelentes doutores medicos e outros notaveis personagens, que repetidamente nos vizitavam em nossas cazas, tiveram tal cuidado de nós, e nos socorreram tam benignos, que, quanto a mim especialmente, não me restou mal algum, e antes pelo contrario, passado quazi um mez, eu ouvia tam claro como nunca, e jamais tive vista mais perfeita.

E' verdade, que em relação ao estomago, depois sempre o tive mui fraco e debilitado ; e dando-se repetição do mal, no fim de quazi quatro annos, durante o cerco e a fome de Sancerre, como tantas vezes tenho declarado, posso dizer, que sentirei as suas consequencias por toda a minha vida. Assim depois de recuperarmos por um pouco as nossas forças em Nantes, aonde fomos mui bem tratados, como já dice, cada um de nós deliberou seguir para onde quizesse.

§ 25. Só resta agora para dar fim á prezente istoria saber qual a sorte dos nossos cinco companheiros, que, como acima ficou dito, voltaram para a terra do Brazil, depois do primeiro naufragio, de que estivemos ameaçados : e eis aqui por que meio soubemos do cazo.

Pessoas fidedignas, que deixamos n'esse paiz, donde voltaram quazi quatro mezes depois de nós, encontraram o senhor Dupont em Pariz, e asseguraram não só que, com grande pezar seo, tinham sido espectadores da sena do afogamento de trez d'eles no fortim de Coligni ordenado por Nicoláo de Villegagnon por cauza do Evangelho, a saber Pedro Bourdon, João Bordel, e Mateos Verneuil, mas tambem que tinham trazido por escrito tanto a sua confissão de fé, como todo o processo contra eles feito por Nicoláo de Villegagnon, e o entregaram ao dito senhor Dupont; o qual processo eu obtive logo depois.

Vendo assim que, emquanto rezistiamos ás ondas e tempestades do mar, esses fieis servos de Jezus Cristo suportavam tormentos e a morte cruel, que lhes infligia Nicoláo de Villegagnon ; lembrando-me que da nossa companhia só eu (como vimos em lugar competente) sahira da lanxa, em que estava prestes para regressar com eles ; tendo materia para dar graças a Deos por esta minha salvação individual, julgo-me mais obrigado que todos os outros a cuidar, que a confissão de fé d'esses trez bons personagens seja registrada no catalogo d'aqueles que em nosso tempo constantemente afrontaram a morte em testimunho do Evangelho; por isso a entreguei logo n'esse mesmo anno de 1558 ao impressor João Crespin ; o qual com a narração das dificuldades, que padeceram para aportar na terra dos selvagens depois que nos deixaram, a inserio no livro dos martires, ao qual envio o leitor. Si não fôra a sobredita razão, não faria menção aqui d'esta circunstancia.

Todavia direi ainda, que foi Nicoláo de Villegagnon quem primeiro derramou sangue dos filhos de Deos n'esse paiz novamente conhecido ; e assim por cauza d'esse acto alguem com inteira justiça o denominou *Caim da America*.

§ 26. Para satisfazer aqueles que quizerem perguntar o que lhe sucedeo, e qual foi o seo fim, direi, que o deixamos aclimado n'esse paiz no fortim de Coligni, e depois nada indaguei a seo respeito, nem ouvi dizer d'ele outra couza, sinão que, quando regressou á França, depois de aver infamado o mais possivel, quer de palavra quer por escrito, aos sectarios da religião evangelica, morreo afinal revestido da sua antiga péle, em uma commenda da ordem de Malta, que fica perto de São João de Nemours.

Por via de um seo sobrinho, a quem vi com ele no dito fortim de Coligni, soube, que o tio deo tam má direção aos seos negocios, quer durante a molestia quer antes d'ela, e foi tam indisposto contra os parentes, que, sem estes darem motivo algum, nada aproveitaram dos seos bens, nem na vida nem depois da morte d'esse omem.

§ 27. Em concluzão : si não só em geral mas tambem em particular fui livre de toda a sorte de perigos, e

de tantos ameaços de morte, como n'esta istoria tenho mostrado, não poderei dizer com essa santa mulher, mãi de Samuel, que eu experimentei ser o Eterno quem faz viver e faz morrer ? quem faz decer á tumba e surgir d'ela ? Certamente que sim.

Boas razões persuadem, que o omem aqui vive para o dia de oje ; e si isto pertencesse á prezente materia, ainda acrecentaria, que por sua infinita bondade Deos salvou-me de muitas outras angustias, por que passei.

Finalmente ahi fica relatado quanto observei tanto no mar indo e vindo da terra do Brazil xamada America, como entre os selvagens abitantes do mesmo paiz, o qual, pelos motivos já por mim amplamente expendidos, bem póde denominar-se mundo novo a nosso respeito.

Todavia bem sei, que, tendo assunto tam excelente, não tratei as materias, de que me ocupei, com o estilo e gravidade, que convinha ; e entre outras couzas confesso ainda n'esta segunda edição ter algumas vezes amplificado muito um objeto, que devia ser rezumido, e ao contrario caindo em estremidade oposta toquei mui brevemente em outros, que deviam ser com mais largueza deduzidos.

§ 28. Peço de novo aos leitores, que supram os meos defeitos de linguagem; e considerando quam penoza e dura foi a tarefa do relator d'esta istoria, recebam em compensação a minha boa vontade e o meo afecto.

Agora, ao rei dos seculos, immortal e invizivel, a Deos, unico sabio, tributemos onra e gloria eternamente. Amen.

FIM

NOTA

N'esta tradução segui o testo da edição de Pariz de 1880 anotado por Paulo Gafarel.

A primeira edição d'esta obra apareceu em 1578 com o seguinte titulo: —*Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil, autrement dite Amerique, contenant la navigation et choses remarquables, vues sur mer par l'auteur: le comportement de Villegagnon en ce pais la, les mœurs et façon de vivre estranges des sauvages ameriquains: avec un colloque de leur langage, ensemble la description de plusieurs animaux, herbes et autres choses singulières; et de tout inconnues par deça: dont on vera les sommaires dans les chapitres au commencement du livre. Le tout recueilli par Jean de Léry, natif de la Margelle, terre de Sainct-Sene, au duché de Bourgogne. A la Rochelle, par Antoine Chuppin.* 1578.

Em 1580 foi publicada em Genebra segunda edição correcta e aumentada, a qual servió para a referida edição de Pariz de 1880.

Seguiram-se varias outras edições d'esta obra, que teve duas traduções latinas.

A primeira, publicada em 1586, tem por titulo:—*Historia navigationis in Brasiliam, quœ et América dicitur.* Genevæ etc.

A segunda, impressa em 1592 na coleção de viagens de Teodoro de Bri, tem por titulo:—*Navigatio in Brasiliam Americœ, qua auctoris navigatio, quœ memoriœ prodenda in mari viderit, Brasiliensium victus et mores a nostris valde alieni, animalia etiam, arbores, herbœ et reliqua singularia a nostris penitus incognita describantur: adiectus insuper dialogus, eorum lingua conscriptus; a Joanne Lerio Burgundo gallice primum scripta, deinde latinitate donata.*